3 1761 07043302 4

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/asmodernasideias01brag

AS MODERNAS IDEIAS

NA

LITTERATURA PORTUGUEZA

POR

THEOPHILO BRAGA

Com um Estudo sobre Theophilo Braga
e a sua Obra

POR

TEIXEIRA BASTOS

VOLUME I

PORTO

Livraria Internacional de Ernesto Chardron

CASA EDITORA

LUGAN & GENELIOUX, Successores

1892

Todos os direitos reservados

PQ
2050
D7
1892
V.1

PRELIMINAR

Quando publicámos em 1880 a *Historia do Romantismo em Portugal* (Garrett, Herculano e Castilho) não pudémos, pela extensão d'esse trabalho (520 paginas) completar o estudo da corrente litteraria que terminava logicamente na phase do *Ultra-Romantismo* e na sua *Dissolução critica.* Fômos comtudo colligindo os factos, á espera de uma occasião favoravel ou condições de publicidade, para coordenal-os.

Na falta de uma ideia fundamental, de uma doutrina philosophica que dirigisse a idealisação dos escriptores da segunda geração romantica, pro-

curámos na marcha politica do meio social os caracteres reflectidos nas obras litterarias: á simulação das fórmulas do liberalismo correspondia o convencionalismo rhetorico sentimental, que encobria pela exageração uma arte inexpressiva. Diz Renan: «Uma obra não tem valor senão no seu quadro, e o quadro de toda a obra é a sua época». E quando na Europa o regimen revolucionario reapparecia sob a fórma socialista destruindo o conservantismo das Cartas outorgadas, appareceu simultaneamente uma *Litteratura de combate,* que dissolveu o Ultra-Romantismo, procurando inspirar-se na realidade natural e social. Mas a dissolução critica do Ultra-Romantismo nas principaes litteraturas modernas, e evidentemente em Portugal, não provocou uma renovação definitiva das creações estheticas por falta de uma concepção synthetica positiva sobre o mundo, as sociedades e o homem. Essa falta é commum á politica e á moral, dando-se geralmente um conflicto permanente de absurdos de que a imprensa faz alarde com a denominação *fin de siècle.* Nas Litteraturas,

a falta de uma concepção philosophica e por isso de um destino social, manifesta-se por uma cultura exclusiva da expressão ou *parnasismo,* ou pela confusão dos recursos da arte com os da sciencia, ou n'uma deploravel amotinação dos sentidos, ou na preoccupação de uma originalidade de allucinação, em que triumpham as mediocridades. Comte considera o genio philosophico e o genio poetico de uma natureza intellectual completamente identica, ambos destinados a exercer uma missão synthetica social. N'este intuito, todas as mediocridades são fatalmente nocivas, e é por isso que a critica tem de ser implacavel.

AS MODERNAS IDEIAS

NA

LITTERATURA PORTUGUEZA

INTRODUCÇÃO

A dissolução do Romantismo e a depressão do espirito nacional

Para julgar com segurança a marcha das Litteraturas modernas, ou mesmo qualquer época em particular das manifestações artisticas, é preciso ter em vista, que na prolongada revolução que vem desde o fim do seculo XII ao XIX seculo, a Europa tem realisado a sua reorganisação á custa dos esforços *intellectuaes* e de *crises sociaes,* deixando a presidencia do *sentimento* em uma subalternidade indifferente, ao acaso das emoções individuaes, ficando assim as Litteraturas sem influencia sobre o conjuncto das relações humanas. É por isso que vemos na época da grande actividade mental da Renascença, a idealisação artistica regressar á imitação das fórmas classicas do polytheismo greco-romano incompativeis com as novas concepções do espirito critico; é assim, que depois da Revolução franceza, quando a Europa re-

modéla as suas instituições, os poetas e artistas se apaixonam pelas creações estheticas rudimentares da Edade-média, reproduzindo-as sem relação com a edade moderna sob o nome de Romantismo. A falta de relação natural entre o sentimento e as opiniões philosophicas e politicas do seculo XIX, accusada nas Litteraturas, vinha muito de longe, e caracterisava a prolongada crise da historia de cinco seculos de lucta para a transformação dos poderes espiritual e temporal na sociedade moderna. Nenhum talento, por mais poderoso, podia supprir pela sua originalidade esta situação inferior do sentimento, dando-lhe a supremacia synthetica para realisar o accordo dos espiritos. Póde-se dizer, que o seculo XIX, apesar dos seus altos progressos moraes, intellectuaes e economicos, ainda não tem esboçadas as fórmas da Litteratura tendendo á idealisação do estado normal da consciencia; os maiores genios desbaratam as suas forças consagrando as situações anarchicas dos ultimos momentos da crise revolucionaria que termina.

Esta subalternidade persistente do sentimento é que explica essa ideia verdadeira, embora crúa, de Barante, ao caracterisar a Litteratura: «Em logar de dispôr dos costumes e das opiniões de um povo, as Letras são antes uma resultante d'elles, de que dependem immediatamente; não se póde mudar a fórma ou o espirito de um governo, os habitos da sociedade, em uma palavra, as relações dos homens entre si, sem que, e seguidamente, a Litteratura não experimente uma mudança correspondente». No periodo de dissolução do regimen catholico-feudal, a Arte da Edade-média cooperou n'essa

obra revolucionaria pela esculptura grotesca da ornamentação das Cathedraes, pelos poemas satyricos do *Renard* e dos Fabliaux, pelas farças e *soties,* em que entravam os Reis e os Papas, os mysterios da religião e as hierarchias sociaes. Esta acção negativa tornou-se preponderante, quando a influencia dos jurisconsultos cessou diante da dictadura monarchica; nas Litteraturas manifesta-se o genero *picaresco,* e as grandes satyras apoderam-se apesar de transitorias das fórmas da arte. Contra a força bruta dos poderes que reagem contra a propria dissolução, eram impotentes os argumentos da metaphysica, e por isso no seculo XVIII os litteratos, entendendo sob esta designação os poetas e os philosophos, Voltaire e Rousseau, bem como d'Holbach e Diderot, continuaram essa obra de demolição do resto do regimen catholico feudal, cuja extrema crise foi a Revolução franceza.

A intervenção dos ideologos e metaphysicos na transição revolucionaria, adoptando as ficções politicas do parlamentarismo inglez, e exercendo um dominio directo e doutrinario sobre os negocios publicos, é conhecida pelo nome de *Pedantocracia,* com que Stuart Mill designou esse imperio dos falladores sem convicções, e que Augusto Comte acceitou como altamente significativo da interinidade das Cartas constitucionaes outorgadas pelo absolutismo. A transformação constitucional portugueza devida a ideologos como Silvestre Pinheiro Ferreira, e a jurisconsultos e litteratos, foi posta em pratica por homens de lettras, poetas e jornalistas, como Garrett, Herculano, José Estevão, acabando por cahir completamente na exploração de uma mesquinha *Pedantocracia,* de que

Rebello da Silva, Mendes Leal, Andrade Corvo e outros foram os representantes inconscientes sahidos da anarchia mental do jornalismo para a anarchia politica do constitucionalismo.

Ao organisar um quadro da Litteratura contemporanea em Portugal, importa definir a ideia geral dominante, máo grado a inconsequencia e falta de plano dos escriptores que pertencem a uma época de desorientação commum. Brandis, o celebre critico dinamarquez, ao historiar *A Litteratura no seculo XIX e as suas correntes principaes,* baseou a sua observação nas relações do meio social como actuando nas concepções e no ideal dos escriptores. As crises de transformação politica, moral e scientifica, imprimiram uma feição particular ás creações estheticas d'este seculo; por esta comprehensão viemos a determinar de um modo nitido o trabalho das *Modernas ideias na Litteratura portugueza.* É uma historia da acção reflexa do meio social na Litteratura d'esta pequena nacionalidade, que desde a implantação do regimen liberal procurou acompanhar o movimento intellectual europeu.

De 1824 a 1847, acompanhámos com a imitação das *Cartas outorgadas* o sentimentalismo dos *Romanticos;* de 1847 a 1865 entrámos francamente na falsificação do parlamentarismo, e a emphatica rhetorica politica serviu-se com o estylo dos litteratos, que encobriam a falta de sentimento ou aspiração com o exaggero de uma emoção ficticia e violenta com que se caracterisa essa phase do *Ultra-Romantismo;* porém, desde 1865 reflectiu-se na Litteratura portugueza a aspiração de um novo ideal

politico e philosophico, accentuando-se na *Eschola de Coimbra* a tentativa para uma relação natural entre a Litteratura e as profundas modificações do meio social. Muitos dos nossos escriptores modernos, poetas, romancistas, criticos, não podem ser julgados por um processo psychologico sobre as manifestações do seu talento; é preciso completar esse exame pela dependencia do meio social contra o qual reagiram, ou a que passivamente se adaptaram. Diz a talentosa Barbe Gendre, caracterisando este processo critico: «por muito habil que seja a mão que emprega o escapello, esta autopsia psychica é muitas vezes impotente para dar conta da natureza de um talento, do problema de um destino, para explicar muita contradicção perturbadora. N'estas investigações tão conscienciosamente feitas, os julgadores — desprezam a acção do meio social e moral, acção tanto mais potente, que ella se exerce sobre sêres vibrantes, que se chamam poetas. — O que fórma em summa o caracter de um escriptor, o que determina as tendencias do espirito e as manifestações particulares do seu genio, são as condições do seu meio e do seu tempo, é a atmosphera moral que elle respira. As grandes correntes da vida do seu seculo arrastam-no máo grado seu, umas vezes para margens afortunadas e luminosas, outras vezes para algum escolho nú e desolado» [1]. Muitas d'estas correntes sociaes do nosso seculo é que suscitaram os escriptores que vieram a actuar no meio nacional, como vemos nos

[1] *Études sociales*, pag. 317.

epigones do *Romantismo* portuguez, em Garrett e Herculano; pela relação de um meio politico viciado e deprimente, produzido pela intervenção armada de 1847, é que se vê como a decadencia do nascente espirito nacional produziu a chata geração dos *Ultra-romanticos*. Por ultimo, ao imperio pleno das mediocridades devia seguir-se uma geração de protesto, manifestando-se em politica pela democracia, e proclamando a necessidade de uma renovação esthetica, scientifica e philosophica. Convem esboçar a largos traços os contornos do meio social portuguez.

§. I

Relação do Regimen constitucional parlamentar com o Romantismo

Toda a historia moderna de Portugal se deduz com a mais rigorosa logica do movimento revolucionario de 1820, e este facto capital d'onde derivam as nossas instituições actuaes acha-se tratado pelo snr. Oliveira Martins na sua *Historia de Portugal* em duas paginas como se fosse uma emoção impotente de alguns patriotas platonicos. No partido constitucional da *Carta outorgada*, isto é, dos que só acceitam a liberdade civil e politica como uma generosa concessão da monarchia absoluta, foi sempre doutrina corrente o amesquinhar a revolução de 1820, que ousára negar a soberania absoluta ou da graça divina para fazer derivar todos os poderes da soberania unica e exclusiva da vontade nacional. Na desconsi-

deração systematica da revolução de 1820, Oliveira Martins apoia-se na opinião de Alexandre Herculano, neto de um antigo empregado do paço da Ajuda e elle proprio valido do paço, a favor do qual votou no parlamento uma suspensão das garantias nacionaes; por certo os motivos de um tal juizo não são os mesmos nos dois escriptores, podendo explicar-se no ultimo pela razão da indole recopilativa do seu trabalho, que procura no tropel dos factos contemporaneos as opiniões feitas de reconhecidas auctoridades. Em um outro politico e ministro constitucional da *Carta outorgada,* Antonio de Serpa, tambem encontramos um superior desdem para os revolucionarios de 1820, no magro livro *Alexandre Herculano e o seu tempo;* ali descreve-os como phantasticos utopistas aliás boas pessoas, de casaca preta e de gravata branca, engulindo depois estas ironias dizendo — que elles libertaram Portugal da dupla ignominia de feitoria ingleza a que estava reduzido pelo protectorado feroz de Beresford, e de colonia do Brazil, pela fixação do governo imbecil de D. João VI na côrte do Rio de Janeiro d'onde mandava para a abandonada metropole os seus decretos paternaes. Seria possivel fazer mais, tendo a força militar nas mãos dos inglezes, tendo o poder executivo no Brazil, tendo a diplomacia conspirado em todas as côrtes da Europa a pedirem ás potencias uma intervenção armada em Portugal, tendo a nobreza desconfiada com todo o seu perstigio e dominio territorial, tendo um exercito de frades brutalisando quotidianamente o povo, confundindo-lhe no espirito a noção de liberdade com a de atheismo? O que Rienzi foi para a revolução de Roma,

foram-no para Portugal os homens de 1820; conseguiram pela força das ideias e de subito o que não temos fixado em meio seculo de luctas. Comprehendido esse facto da Revolução de 1820, em que pela primeira vez se revelou a classe média, de advogados, jurisconsultos e coroneis, deixando estupefactos o clero e a nobreza das antigas ordens, toda a historia contemporanea, na sua inextricavel meada, se desfia, logicamente colhida ás mãos essa ponta. Começando a historia moderna em 1826, pela morte de D. João VI, e pelas luctas emergentes da falta de indicações do absolutismo para a successão, os factos subsequentes não têm nexo, amontoam-se, contradizem-se, as forças esgotam-se, os individuos cáem desalentados pelas decepções, e no meio de catastrophes, de desterros, enforcamentos, cêrcos, revoluções populares, juntas revolucionarias, intervenções armadas do estrangeiro pedidas pelos Braganças, parece-nos a nação uma grande casa de doidos, exemplificando essa cathegoria de allucinações que Esquirol attribue ás alterações politicas. Essa agitação, que abalou tantas vezes a sociedade portugueza em 1828, em 1831, em 1836, 1842, 1846 e 1847, que devorou tantas individualidades, que decepou tantas boas vontades, que quebrou moralmente homens como Mousinho da Silveira, Agostinho José Freire, Passos Manoel, Passos José, Costa Cabral, Alexandre Herculano, e outros tantos, não sendo explicada pela historia, torna-se um supplicio da roda, e faz-nos crêr que o Constitucionalismo em Portugal é um Molock que devora os seus proprios crentes. Mas todos esses movimentos resultaram de um impulso inicial; e todas essas decepções

provieram do choque do interesse partidario ligado ás vantagens pessoaes de uma dynastia, arremessada de encontro á corrente evolutiva da emancipação nacional. É esta a unica luz da historia moderna de Portugal, e o que a torna uma fecundissima lição; a sua logica terrivel não desalenta, insurge e ensina-nos a fazer justiça, e a formular as necessidades de uma pequena nacionalidade com futuro. Estabeleçamos essa deducção de toda a nossa historia moderna.

A nação portugueza abandonada pela casa reinante á invasão napoleonica, e submettida pelo covarde monarcha ao protectorado inglez, mais devastador do que as hostes francezas, reassumiu a sua independencia pela revolução consciente e justa de 1820, entrando immediatamente na via do direito pelas côrtes constituintes e codigo politico de 1822. Na Europa, submettida á colligação do absolutismo da *Santa Alliança dos Reis contra os Povos,* preponderava o principio, de que nenhuma liberdade politica poderia ser reconhecida se ella não derivasse de uma concessão ou outorga de favor da realeza absoluta. Pelo seu lado os publicistas laboraram no absurdo dos dois absolutos politicos, e acceitaram como meio de harmonisal-os entre si a creação de um partido médio; os dois absolutos são, da parte da realeza o julgar-se independente da vontade dos povos, o exercer o quero, posso e mando por derivação immediata de Deus, e o transmittir como direito individual essa herança da soberania em uma familia dynastica, irresponsavel e sagrada, acima do direito commum, e mantendo-se n'esse gozo pelo exercito, pelas Bastilhas e pela dissolu-

ção cesarista; emfim, a formula *L'état c'est moi*, resume praticamente o absolutismo monarchico. Mas um tal estado de cousas tinha de provocar uma profunda reacção, e pela intensidade da repressão secular se avalia a extensão do movimento revolucionario; assim se propagou a noção do absolutismo revolucionario, isto é, de que nenhum progresso poderia ser realisado nas instituições senão á custa de um abalo social. A estes dois absurdos metaphysicos da ordem e do progresso incompativeis, veiu como remedio o sophisma do partido médio ou das Cartas constitucionaes, o regimen parlamentar, em que se conseguiu um accordo nos absurdos por meio de um systema de falsificação das garantias politicas. Portanto a historia moderna de Portugal não é mais do que a narrativa do moroso processo de implantação do systema constitucional representativo, dos complicados sophismas e reacções periodicas da nação contra o absolutismo mascarado da realeza, designado na linguagem jornalista como intrigas da camarilha e vontade do paço. Fez-se, por uma necessidade inilludivel do tempo, a constituição de 1822, em vez de se fundar uma republica, porque a nação abandonada pelo rei, tinha por um movimento legitimo reassumido a sua independencia.

As instituições não subsistem isoladas; uma republica portugueza, com a organisação feudal dos morgados e theocratica das ordens monasticas, com a visinhança da Hespanha, com a omnipotencia da Santa Alliança e a avidez da Inglaterra, seria o ludibrio de um momento, e talvez o motivo da reducção de Portugal á situação deploravel da Polonia. Foi por isso que D. João VI não

se incommodou com o movimento revolucionario, e que antes de jurar a Constituição de 1822, pediu secretamente pelos seus embaixadores uma intervenção armada contra Portugal; mas a Constituição, que formulou o principio da soberania nacional, garantia a religião catholica como a exclusiva da nação, e mantinha a hereditariedade soberana na familia dos Braganças. Os acontecimentos precipitaram-se; o principe D. Pedro, insurreccionava-se desmembrando o Brazil de Portugal, servindo assim os interesses mercantis da Inglaterra, que nos annullava como potencia colonial, e servindo os seus interesses de familia, vinculando esse grande estado a um novo ramo dynastico bragantino. D. João VI teve de regressar á pressa para Portugal, e de se apresentar ao congresso para jurar a Constituição de 1822, e ficar de dentro; seguiu a velha maxima do despotismo austriaco, submetter-se a tempo para dominar depois.

Effectivamente, pouco depois de jurar a Constituição, em 1823 dá o golpe de estado da Villafrancada, dissolvendo as côrtes e abolindo a constituição, que lhe estava confiada. O infante D. Miguel tornou-se n'esta crise de infamias o instrumento do absolutismo monarchico, porque não reconhecia á nação o direito de legislar para si, e já em 2 de junho de 1822 attentára contra a existencia do parlamento; em 27 de maio de 1823 projecta um novo attentado, ao qual se liga o golpe de estado absolutista de D. João VI em 5 de junho d'esse anno, em que foi assassinada a liberdade portugueza e em que começou a primeira emigração. D. João VI fazia-se suppôr entre dois partidos extremos, o absolutismo, repre-

sentado por seu filho D. Miguel, instrumento dos apostolicos de Hespanha, e o radicalismo, representado pela Constituição de 1822, onde a nação consignára a sua soberania. No golpe de estado de 1823 satisfazia em parte á pressão do absolutismo prejurando a Constituição que lhe fôra confiada, avocando a soberania á sua pessoa; e illudia as exigencias da liberdade promettendo a *outorga* de uma Carta, isto é, de liberdades publicas mas concedidas de seu motu proprio, generosidade e clemencia para com os subditos rebeldes. As cousas, pela situação de Hespanha, conservaram-se n'este estado ambiguo; D. Miguel attentando contra o pae, em 30 de abril de 1824, e em 25 de outubro do mesmo anno, até que D. João VI, reconhecendo em 1825, por tratado de 15 de novembro, a desmembração de Portugal e a emancipação do Brazil sob a rebellião do principe D. Pedro, morre mysteriosamente em 10 de março de 1826. A pretendida Carta outorgada não chegou a ser concedida, e o novo imperador do Brazil, reconhecendo a importancia do partido médio, manda do Brazil uma Carta constitucional, para ser jurada pelo clero, nobreza e povo, e na qual o fito exclusivo foi perpetuar a soberania em sua filha Maria da Gloria.

Em volta d'esta Carta *outorgada,* de 29 de abril de 1826, é que se concentra toda a historia contemporanea de Portugal, nas suas continuadas catastrophes e decadencia; é a fortaleza de Ilion, em roda da qual combatem gregos e troyanos. Esse combate apresenta dois aspectos singulares; de 1826 a 1834, é o absolutismo que entra em campanha com todas as suas forças, e o par-

tido médio fortalece-se com a adhesão dos liberaes sinceros de 1820, que não podendo agora proclamar a independencia da nação, sacrificam-se á causa dynastica de D. Pedro ou da filha d'elle, pela força das circumstancias. Desde 1830 que começou na Europa a corrente liberal, e a lucta em volta da Carta *outorgada* toma um novo aspecto; a tradição de 20, os partidarios da soberania nacional, reapparecem na revolução de setembro de 1836, e successivamente nos movimentos populares, que o cartismo desilludido engrossa em 1847 e 1851, sendo a nação submettida pela traição da intervenção armada de 1847 ao vilissimo statu quo, da convenção de Gramido. Como persistiu apesar de todos estes movimentos em uma espantosa immobilidade a Carta constitucional de 1826, conservando-se ainda hoje mumificada? Porque não está ahi o interesse da nação mas o de uma familia dynastica, que sob os sophismas da carta exerce um verdadeiro poder absoluto, que não deixa por fórma alguma limitar. *O rei é o unico que tem força,* dizia o renegado tribuno de 1847.

A primeira campanha contra a carta *outorgada,* como dissemos é a absolutista; encerra a historia dos bandos miguelistas de 1826 sob a direcção do Marquez de Chaves e a occupação de quasi toda a provincia de Traz-os-Montes, e a proclamação de D. Miguel rei absoluto em 26 de novembro d'esse anno, máo grado o juramento de fidelidade do infante em Vienna de Austria, e dos esponsaes com a sobrinha Maria da Gloria. As ambições de familia debatem-se primeiramente com intervenções estrangeiras, e só depois que D. Miguel torna a faltar

aos seus compromissos, dissolvendo o parlamento em 13 de março de 1828, proclamando-se rei legitimo e absoluto de Portugal em 25 de junho, e creando as Alçadas em 4 de julho, fazendo funccionar as forcas, o cacete, os carceres e o confisco, é que começa a segunda emigração, sem esperança, nem pensamento politico. Tratava-se de fugir ao cannibalismo, de salvar a pelle; milhares de pessoas mendigaram pelo estrangeiro, tolhidas na sua acção de resistencia pelo governo inglez, que as não deixava concentrarem-se na ilha Terceira. Só depois que D. Pedro se viu forçado a abdicar a corôa imperial do Brazil, em 7 de abril de 1831, é que se apresenta na Europa para aproveitar esse elemento de resistencia nacional, indeciso se combaterá para rehaver o throno para si ou para a filha.

O cêrco da ilha Terceira, o desembarque do Mindello, o cêrco do Porto, até á batalha da Asseiceira em 16 de maio de 1834, e o triumpho definitivo de D. Pedro reconhecido na convenção de Evora Monte, são esta complicada illiada do absolutismo, morto em Portugal, porque tambem cahira na Europa, e do liberalismo nascente, illudido por D. Pedro com o sophisma constitucional da carta outorgada, e explorado em exclusiva vantagem dynastica. Aqui a falta de plano e o desalento correspondem ao ludibrio da dynastia contra os sacrificios dos liberaes; D. Pedro fica em dictadura, considerando a lucta dolorosa de um povo para readquirir a liberdade como conducente ao fim unico da *restauração* da sua carta outorgada!

Aqui começa uma segunda e nova face da lucta; o

liberalismo quer a affirmação clara do seu triumpho, reclama uma constituinte, para legislar uma nova constituição. Mas por esta via legitima a dynastia dos Braganças tinha de submetter-se a uma lei commum, perdia o reconhecimento da nação ao acto generoso da outorga de garantias politicas, e a realeza tornava-se uma magistratura. Prevaleceu o principio da *restauração* da Carta, abrindo-se as côrtes ordinarias, e explorando com o terror dos bandos absolutistas a nação e os homens sinceros, que se acharam sob o nome de *Cartismo* ao serviço do poder pessoal de D. Maria II. Todos os politicos d'este meio seculo de constitucionalismo não fizeram senão captar o favor pessoal do paço, e mentir á nação conservando-a sob os sophismas d'essa carta outorgada. Esta immobilidade conseguiu-se á custa de dois movimentos, que ainda hoje se repetem com a tremenda logica do crime, a *intimidação* pelas perseguições politicas, (exemplo dos Cabraes) e a *corrupção* pelos empregos, (exemplo, Fonseca Magalhães e Fontes Pereira de Mello).

Os homens que viam claro no meio d'este ludibrio, acharam-se insensivelmente do lado da revolução e apoiados por um movimento espontaneo de resistencia; foi assim que Manoel da Silva Passos em 1836, se achou feito momentaneamente dictador, e restabelecendo a Constituição de 1822 com o principio saudavel da *soberania nacional*. Este periodo historico, que termina pelas traições do paço, e pela reacção crúa do cartismo em 1842, acha-se lucidamente tratado nos *Traços de Historia contemporanea* do snr. Antonio Teixeira de Macedo, um livro que deixa o espirito em revolta. O casamento de

D. Maria II com um principe allemão vem introduzir na politica portugueza um *poder occulto,* que manobrava habilmente os sophismas da carta; os espiritos sinceros insurgiram-se, e o paço foi surprehendido pela revolução de Setembro a que se submetteu depois da tremenda scena passada entre D. Maria II e Passos Manoel, entre os insultos de D. Fernando ao *Rei-Passos* e as ameaças do embaixador inglez. O paço seguiu a velha maxima de Kaunitz — submetteu-se para vir a subjugar, o que aconteceu em 1842 quando Costa Cabral foi revolucionar como ministro a guarnição do Porto para fazer essa repressão violenta chamada a *restauração* da Carta. Costa Cabral pertencera em tempo aos clubs jacobinos; trocando a causa nacional pelas honrarias do paço, quiz affirmar a sua adhesão á dynastia por um regimen de intimidação.

Esta situação dos homens publicos era geralmente deploravel, porque, não tendo força moral sobre a nação, recorriam a cada instante á suspensão de garantias; uns, como Saldanha, tinham adherido ao golpe de estado contra a constituição de 1820, e depois de se declararem constitucionaes, como elle e Palmella, abandonam indignamente o Porto á alçada miguelina de 1828, depois de terem levantado o grito a favor da Carta outorgada. Quando era preciso atraiçoar a nação ou espadeirar o povo em beneficio da rainha, lá estavam Saldanha, o duque da Terceira, Sá da Bandeira e Loulé; o embaixador inglez explicando as luctas contra o regimen cabralino e a formação de juntas revolucionarias de 1844 a 1847, diz que todos brigavam para alcançarem o favori-

tismo do paço. Não convinha a esses altos personagens que fundaram o constitucionalismo pela restauração do ultimo acto do poder absoluto, que se entrasse no direito commum, que devia começar por uma Constituinte; todos elles estavam incursos em dura penalidade, porque se haviam apropriado dos bens nacionaes, já a titulo de compensações, já de indemnisações.

Sit pro ratione voluntas, era a divisa dos mandões, systema seguido até ao fim da vida por Saldanha, que por uma portaria se apropriou do livro rarissimo *Tirant il Blanch*, de Martorell, a joia mais rica da Bibliotheca publica do Porto. No opusculo sobre o *Portugal contemporaneo*, traz o snr. Rodrigues de Freitas mais factos d'esta natureza: «em 12 de julho de 1834 o duque da Terceira expoz a D. Pedro IV, que eram parte integrante do seu morgado o convento e cêrca de Nossa Senhora dos Anjos, de Sobralinho de Alverca; requeria, pois, que lhe entregassem isto tudo; que os titulos se achavam no archivo do convento. A 16 de julho, ou quatro dias depois, era ordenado ao prefeito da Extremadura que entregasse ao duque a cêrca e o convento! Simples e galante! E isto sem mais provas... que o requerimento! Pelo menos não havia mais nada no processo!» (*Op. cit.*, pag. 33). E n'esta mesma pagina: «Quando se extinguiram os conventos e se recolheram as alfaias d'elles, entregaram-se a D. Maria II as pratas que pertenceram á casa de Nossa Senhora das Necessidades. O mesmo succedeu á prata do convento de Santa Maria, ordem de S. Francisco, provincia da Arrabida. Porque se fez isto? Ignoro. A admiravel Custodia de Belem foi in-

devidamente entregue á casa real; deu-se em troca de prata do palacio da Bemposta, e avaliou-se para isto aquella Custodia em 3:648$000 reis; etc.» (*Ibid.*) Como fazer entrar toda esta gente no direito? Ao descontentamento geral respondeu-se com ministerios de resistencia, e por qualquer cousa, suspensão de garantias; a organisação administrativa tornou-se um braço da dictadura, produzindo-se espontaneamente o movimento popular das provincias do norte em 1846 sob o nome de *Maria da Fonte*. O paço teve medo da profundidade d'esse movimento e submetteu-se, para depois se impôr com mais despotismo; Costa Cabral foi substituido por Palmella, que perante a nação afivelava a mascara de cartista sincero.

Logo porém, que Costa Cabral se assegurou da *intervenção armada* da Hespanha, e o paço da cooperação de Inglaterra, D. Maria II, de accordo com o seu primeiro ministro Duque de Palmella, deu o golpe de estado de 6 de outubro. Surge então o movimento revolucionario do Porto dirigido por José Passos, e conhecido com o nome da *Patuléa;* levantam-se Juntas revolucionarias em quasi todas as provincias, e o proprio Loulé, aparentado com o paço, publíca uma proclamação com a destituição de D. Maria II. Foi n'esta lucta do paço contra a nação, que deram as suas provas de confiança os Fontes, os Mendes Leal, os Serpas, emfim todos esses politicos da primeira e segunda regeneração que têm cooperado para a nossa insondavel decadencia. As traições dos chefes, como em Torres Vedras e no Alto do Viso, e o pedido da *intervenção armada* á Hespanha

e Inglaterra, mataram a resistencia da nação, mantendo a rainha no seu poder discricionario. Para alliciarem a favor do paço a parte conservadora da nação e os gabinetes estrangeiros, attribuiam o movimento de 1847 a uma revolução miguelista, que pretendia restaurar o absolutismo.

A nação ficou assassinada e nunca mais se moveu, desde que o exercito commandado por Mendes Vigo e a esquadra ingleza quebraram a resistencia d'este pequeno povo e ultrajaram a sua justiça. Um unico homem existiu em Portugal, que formulou com clareza um protesto severo contra tamanho attentado; foi José Felix Henriques Nogueira, tão prematuramente fallecido. O movimento de 1851, conhecido pelo nome de Regeneração, foi um acto reflexo, um descontentamento de Saldanha aproveitado pelo governo inglez, que por esse meio reagia contra as medidas aduaneiras de Costa Cabral. Até 1851 a nação jazera fóra da Europa, sem commercio, sem telegraphos e interiormente sem estradas; Rodrigo da Fonseca Magalhães foi o chefe intellectual d'este primeiro periodo, em que o joven Fontes, recommendado aos louvores da imprensa por bilhetes particulares de D. Maria II, fez a sua aprendizagem. Fonseca Magalhães oppoz ao regimen de *intimidação* dos Cabraes o regimen da *corrupção,* desmoralisando os partidos pelos raptos parlamentares, pela compra dos deputados, pela empregomania. A segunda regeneração, que começa com a morte de Rodrigo, seguiu o mesmo processo, mas sob a fórma financial; fizeram-se emprestimos bancarios, creou-se divida fundada, emittiu-se papel moeda com o titulo de

inscripções negociaveis com a consignação do rendimento das alfandegas de Lisboa e Porto, generalisou-se o interesse burguez dos juros, começou o credito do jogo de fundos, multiplicaram-se os bancos, até se chegar ás sociedades anonymas, e á lamentavel banca-rota de 1876. Os amigos enriqueceram, e as estradas e vias-ferreas não foram introduzidas em Portugal por um pensamento politico da segunda regeneração, mas por alliciação de especuladores estrangeiros como o astuto Salamanca, e outros, que vieram explorar esta pobre terra no seu lado industrial, como os banqueiros inglezes nos exploravam pelo lado financeiro.

A synthese politica da Regeneração consistiu em mascarar o poder pessoal da dynastia dos Braganças com o simulacro das fórmulas constitucionaes; o seu chefe só tinha partido quando lhe estava confiado o poder executivo para dispôr a seu talante da riqueza e dos cargos publicos; quando abandonava o poder com uma compacta maioria parlamentar, e o increpavam por essa deserção, respondia, que «não tinha por que dar contas a ninguem; — *recebo as pastas da mão de sua magestade, a ella as entrego quando o entendo*». Por isto se vê que a nação não existe senão como materia collectavel. Pelo seu lado o partido progressista, rebentão do partido historico, que era já um resto do partido setembrista, illudiu durante annos a nação promettendo-lhe uma constituinte; a sua vida governativa foi um acervo de contradicções, chegando a votar uma desmembração de territorio. Em duas palavras se recapitula a historia moderna de Portugal: todos os partidos, todos os gover-

nos, todos os homens publicos não têm feito mais do que sacrificarem a nação ao arbitrio monarchico, obstando a que se fundem instituições directamente emanadas da vontade nacional, e empregando todos os meios de violencia ou de cavilação para conservarem a Carta *outorgada* de 1826, producto atrazado da época da Santa Alliança, impondo-nos por irrisão perante a Europa uma soberania por *graça de Deus*.

É em volta d'este sophisma que se tem esgotado a seiva da vida portugueza, e só pelo accidente casual da eliminação dos velhos militares e politicos da emigração, que governaram este paiz á solta na mais desenfreada irresponsabilidade, é que a monarchia se vae achando isolada, acercando-se de velhos renegados do campo miguelista e do campo setembrista.

A força da evolução na sua lenta continuidade opéra de um modo que excede nos resultados a violencia dos cataclysmos e das revoluções. O tempo trabalha como um factor de todas as transformações na ordem dos phenomenos cosmologicos, biologicos e moraes. Este simples facto estabelecido pela observação scientifica, tem applicações tão geraes, que attingem a importancia de uma concepção philosophica; é por isso que o evolucionismo, sendo apenas um dado experimental e um meio racional para o encadeamento das causas, para muitos espiritos converte-se em um systema de philosophia.

Na longa apathia moral em que se vae atrophiando a nacionalidade portugueza, por causa da immobilidade politica em que a têm mantido os homens que fundaram o falso systema monarchico-representativo, a força da evo-

lução fez até hoje mais do que todos os conflictos doutrinarios, do que todas as pugnas de interesses, do que a intervenção discricionaria das individualidades preponderantes. A falta de ideias, da parte dos nossos governantes, conservou este paiz na esterilidade, em um boçal fetichismo monarchico por uma dynastia que, desde o seu principio, cooperou ininterruptamente para a nossa decadencia; mas a acção do tempo foi eliminando essas deploraveis individualidades, de modo que a geração nova vae encontrando diante de si o caminho franco para a reorganisação pela democracia d'esta nação decahida. Se percorrermos os necrologios dos jornaes d'estes ultimos vinte annos, encontramos uma longa série dos vultos proeminentes do constitucionalismo, sustentaculos do mentido systema representativo, os quaes, já septuagenarios e esgotados, foram desfilando n'esta dança da morte, deixando aos novos o legado de revocarem á vida uma nação que elles sangraram até á lividez em beneficio de uma familia privilegiada.

Porque não repetir os seus nomes? Nos arraiaes monarchicos faltam os omnipotentes chefes, Saldanha, Terceira, Palmella, Loulé, Aguiar, Sá da Bandeira, Rodrigo da Fonseca, José Jorge Loureiro, Avila e Bolama, Bispo de Vizeu, Costa Cabral, Sampaio, Fontes, Braamcamp, Corvo. Os que se apresentam a substituil-os, não têm fé publica, nem fé monarchica, exhaurem-se nos expedientes de occasião, e são os instrumentos inconscientes do mal estar social que determinará uma crise profunda de transformação.

Apesar dos seus erros, crimes, mentiras, torpezas, vio-

lencias e traições, se o systema constitucional implantado entre nós em 1826 e restaurado em 1834, se manteve na immobilidade, é porque uma geração de homens ou pela boa fé, ou pelos seus sacrificios, ou pelas ambições pessoaes o defenderam e o impozeram por todos os meios á vontade da nação. Esses homens honraram-se a si mesmos com titulos byzantinos, fizeram-se duques, ajuntaram medalhas sobre o peito, apossaram-se dos altos cargos rendosos, dispozeram da riqueza publica como sua, traficaram nas emprezas industriaes e nos emprestimos financeiros, e quando lhes conveiu, reagiram contra a nação, esmagando-a nas suas legitimas reclamações, a ponto de chamarem contra Portugal o exercito hespanhol em 1847.

Não era possivel fazer ouvir palavras de doutrina no meio d'esta saturnal do Constitucionalismo, e o homem que ousou declarar em 1851, que Portugal precisava de um bom governo e que era tempo de nos reorganisarmos pela Republica, esse homem morreu mysteriosamente n'esse mesmo anno e fez-se um silencio absoluto em volta do seu nome. Começou então essa phase da vida constitucional chamada Regeneração, cujos quarenta annos de acção produziram esta dissolução dos caracteres iniciada por Fonseca Magalhães e que é a base do poder dos que governam segundo lhes faz arranjo.

Todos os systemas, por mais criminosos e absurdos, dominam, logo que tenham homens dedicados ou pelo enthusiasmo ou pelo egoismo do interesse. O segundo Imperio francez impoz-se á Europa, e o mediocre Napoleão III teve a importancia de alto politico emquanto foi

o automato de Morny, de Persigny, de Waleuski, emfim, d'essa cohorte que fez da França durante quasi vinte annos a sua *curée*. Um dia, porém, o segundo Imperio desmorona-se como um castello de cartas, e a Europa ficou corrida, envergonhada de ter admirado a sombra de um Cesar nullo; o tempo tinha minado este edificio da infamia e da traição, á medida que a morte eliminava Morny, Persigny, Waleuski, Fould, Droyn de Louys, e todos os chefes da bacchanal imperialista.

É o que está succedendo entre nós. Aqui aconteceu-nos tambem uma funda traição contra a patria. Portugal abandonado pela dynastia á invasão napoleonica, e em seguida á servidão do protectorado da Inglaterra, levantou-se como um povo livre em 1820, e fundou em bases legaes a sua liberdade nas côrtes constituintes em 1822. Este é o facto na sua simplicidade; porém ao absolutismo dos Braganças não aprouve que Portugal recuperasse a liberdade, e o absolutismo foi restaurado em 1823, e mascarado com uma *outorga* da Carta em 1826; a nossa historia moderna consiste toda n'este jogo, em que ora prepondera o absolutismo franco, como de 1823 a 1826 e de 1828 até 1834, ora se mascára esse absolutismo com a Carta outorgada, como desde 1834 até hoje.

As reclamações de liberdade nos movimentos nacionaes de 1836, 1846 e 1847 foram sempre illudidas como em 1839, ou abafadas com violencia como de 1842 a 1846, ou reprimidas com a intervenção armada estrangeira como em 1847, ou exploradas e ludibriadas pelo militarismo, como em 1851. Tanta torpeza para manter um systema politico degradante, cujo codigo fundamental, na

opinião de Fontes, não carece de reformas, porque a nação é que retrocede para se adaptar a elle! Foi facil conservar a Carta na immobilidade emquanto viveram os Palmellas, os Terceiras, os Saldanhas, os Loulés, e todos os altos chefes do constitucionalismo em connivencia com os interesses do paço. Mas a acção do tempo pôl-os fóra da scena, e n'estes ultimos annos o systema constitucional perdeu os seus grandes esteios, andando aos tombos dos doutores coimbrões, cahindo nas mãos de jornalistas e desmantelando-se na impotencia moral. Cada anno que avança vae simplificando o caminho da nossa emancipação politica pela eliminação natural dos atrazados elementos conservadores; já não temos generaes lendarios e perstigiosos, nem ministros encartados. Assim, a nação vae-se achando entregue a si mesmo, porque a realeza cáe de per si como um corpo extranho e sem destino no nosso organismo nacional. A Republica em Portugal é uma aspiração da consciencia, e ainda mais, é uma consequencia implicita na ordem das cousas.

1.º — Almeida Garrett

Todo aquelle que pela sua influencia immediata conseguiu modificar no sentido progressivo as fórmas da *actividade*, da *affectividade* ou da *intellectualidade* humana, embora circumscripto a um determinado meio social, esse merece a classificação devida aos grandes homens. Almeida Garrett, vivendo em uma terrivel época de transição do Regimen absoluto para o das Cartas constitucio-

naes, em que os principios da organisação catholico-feudal foram substituidos pelos argumentos dos ideologos, que pelas ficções do parlamentarismo tentaram conciliar o passado com a Revolução, esse espirito envolvido como todos os outros seus contemporaneos na anarchia das ideias, dos interesses e da politica, concentrou toda a sua vida moral no sentimento: modificou-se na idealisação artistica, e achou-se pelas creações da poesia exercendo uma acção positiva na transformação da sociedade portugueza na primeira metade do seculo XIX. É este o seu titulo á veneração.

Emquanto as novas instituições politicas se tornavam uma pedantocracia incoherente, sujeita a successivos e continuos abalos, em que os caracteres se dissolviam pela degradação ou pela impotencia moral, e em que o passado reapparecia ora na fórma affrontosa do poder pessoal, ora na tentativa de retrogradação clerical, Garrett sentiu que no meio d'esse vórtice que decepava todas as energias, que devorava as mais preponderantes individualidades, a unica força que o salvaguardava era a do sentimento nacional, a que procurou dar expressão e universalidade na litteratura. Todos os corypheus do constitucionalismo em Portugal succumbiram exhaustos ou desalentados, como Mousinho da Silveira, como Fernandes Thomaz, Borges Carneiro, Passos Manoel, Alexandre Herculano; a obra dos politicos foi falsificada pelas camarilhas, e á falta de uma ideia que désse ascendente moral aos homens como base da auctoridade, esta impôz-se pela força bruta dos espadões ou das intervenções armadas do estrangeiro pedidas pela dynastia.

Garrett, exercendo durante este longo periodo de agitação sem plano uma serena actividade artistica, suppriu pelas creações ideaes a falta de principios na sociedade portugueza; os themas tradicionaes que elle soube escolher com tanta opportunidade na evolução historica da nacionalidade foram um estimulo sympathico de convergencia para todos aquelles a quem as paixões politicas e as luctas de interesses desvairavam. É por isso que á medida que o tempo decorre sobre esta grande vida, o homem que soffreu os desastres da politica, as emigrações forçadas, os carceres, os assedios, e posteriormente as honras, os altos cargos officiaes e o perstigio do poder ministerial, de tudo isso que se esvae diante de uma cova ficou apenas o artista, que exerceu uma acção de concordia, e cuja influencia persistirá por muito tempo.

Ligado ás tempestades sociaes de meio seculo, ora abatido, ora alevantado por ellas, Garrett nunca pôde esquecer o homem de lettras; por esta coherencia da sua vida affectiva é que elle possuiu o dom de dar vida ao sentimento nacional, de lhe dar convergencia, e de crear a fórma nova de uma Litteratura em um povo quasi que posto fóra da corrente da civilisação. Glorificando o grande artista, seguimos o pensamento de Comte, que em um tempo em que não existem ainda verdadeiros principios, todas as individualidades que exercem um poder de qualquer ordem, sobretudo o ascendente moral, devem ser acatadas como condição do advento evolutivo de uma nova synthese social. Garrett teve a intuição d'este principio quando elle proprio cultivava a sua reputação litteraria, chamando para a pessoa os encomios

que tinham de reflectir na sua obra. Este pequeno defeito revela-nos que tendo a plena consciencia do pensamento que proseguia, não tinha comtudo a certeza da efficacia do trabalho que dependia das emoções dos outros.

Todos os dados biographicos de Garrett, todas as datas memoraveis da sua vida não são mais do que o commentario luminoso da sua actividade litteraria. Nenhum livro seu, poema, drama ou romance, poderá ser bem comprehendido sem a correlação do meio historico, politico e moral, quer da situação geral europêa, quer da sociedade portugueza onde elle foi o iniciador das fórmas do sentimento moderno.

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, nasceu no Porto, a 4 de fevereiro de 1799, sendo seus paes Antonio Bernardo da Silva de Almeida Garrett, e D. Anna Augusta Leitão. A familia de seu pae era oriunda dos Açores (ilha do Fayal) e nos Açores passou Garrett uma parte da mocidade junto de seus tios, D. Frei Alexandre da Sagrada Familia, bispo de Angra, Manoel Ignacio e Ignacio da Silva, um arcediago e o outro conego da referida sé. Estas particularidades explicam-nos as primeiras tendencias da educação domestica, sendo levado a prégar sermões, e a imitar os modelos classicos das litteraturas antigas através dos productos acanhados do pseudo-classicismo francez do seculo XVIII. De toda essa influencia domestica apenas ficou no seu espirito a preoccupação nobiliarchica, máo grado os cargos burguezes de sellador-mór da alfandega do Porto e de deputado da Junta da Companhia dos Vinhos do Alto

Douro, que usufruiam seu pae e seu avô materno. Na educação domestica soffreu Garrett fortes dóses de latim e grego, desviando-se do sentimento poetico pela adhesão ao pedantismo arcádico; no catalogo dos seus autographos acham-se indicados como de 1814 — *Apontamentos de estudo, leitura de classicos portuguezes, collecções de phrases e palavras peculiares da nossa lingua;* de 1814 a 1823, *Odes;* de 1814 a 1815, o começo de um poema — *Affonsaida, ou Fundação do Imperio lusitano,* e um outro poema do *Roubo das Sabinas.* Era um talento perdido, asphyxiado pelo seu meio, da mesma fórma que Bocage; elle mesmo sentia-se um árcade, e no primeiro esboço do poema didactico *O Retrato de Venus,* appellidava-se com o nome pastoril de *Jonio Duriense.*

Quando Garrett foi mandado para Coimbra (1814-1821), deu-se uma primeira crise no seu espirito, esvaecendo-se durante dous annos todo o prurido litterario. A Universidade de Coimbra era o fóco do auctoritarismo medieval; entre os estudantes reinava a forte corrente do jacobinismo, da tradição revolucionaria de 93, e Garrett achou-se inconscientemente em conflicto com os lentes, passando-se da faculdade de mathematica para a de direito.

Portugal estava na mais degradante e calamitosa situação politica, entregue pela nefasta dynastia bragantina ao protectorado inglez sob a espada de Beresford, pagando uma contribuição mensal á sua colonia do Brazil, para sustentar a existencia descuidada de D. João VI, que só se fazia lembrar por decretos á Regencia pedindo mais dinheiro. Como era preciso sustentar a ordem

material na officialidade descontente por andar com o estipendio em atrazo, e como em Portugal só existia um homem com capacidade e perstigio para libertar-nos do jugo ignominioso da dictadura ingleza de Beresford, appareceu *ad hoc* um traidor chamado José de Andrade Corvo, que denunciou em 1817 uma phantastica revolução, sendo iniquamente e sem provas enforcado o general Gomes Freire, e outras sete victimas no campo de Sant'Anna, em 18 de outubro d'esse mesmo anno. Estas execuções, longe de quebrantarem o espirito portuguez, foram o estimulo que levantou as consciencias para a revolução liberal de 1820, como mais tarde as forcas miguelinas da Praça Nova em 1829 foram o vinculo de unificação moral para a emigração e para as luctas dos cêrcos da Terceira e do Porto. Garrett achava-se em Coimbra em 1817, e em um eloquente soneto ao assassinato legal execrando de Gomes Freire, vaticinou a proxima lucta e o triumpho da liberdade. A indignação acordou-lhe o sentimento poetico para o protesto; a repressão absolutista levou-o para a corrente jacobina propagada entre a mocidade academica por meio das tragedias philosophicas de Voltaire, e por essa adhesão ás doutrinas do negativismo dos Encyclopedistas. É de 1819 o primeiro esboço da tragedia *Mérope;* em 1820 trabalhava em um *Edipo em Colona,* e pelos acontecimentos de 24 de setembro d'esse anno, foi levado á concepção da sua tragedia, ligada ás subsequentes agitações politicas, o *Catão.*

O Bispo-Conde-Reitor-Reformador Dom Francisco de Lemos, com o faro inquisitorial sentia que os thea-

tros particulares dos estudantes eram um fóco de liberalismo, e mandou fechal-os. Garrett aproveitou esta repressão para aperfeiçoar as suas tragedias na fórma poetica, adquirindo o tino delicado com que se julgava a si proprio, escapando á empolada rhetorica que dominou em todo esse periodo até á inauguração do Romantismo.

As obras em que então trabalhava como o *Retrato de Venus,* em 1821, e o poema heroi-comico *O X ou a Incognita,* que ficou em esboço inedito, e uma traducção de Catullo, indicam-nos que obedecia á influencia franceza de Boileau, Delille, de Voltaire e Crebillon, n'esse incoherente amalgama de ideias que caracterisa a actividade negativa do seculo XVIII. Porque, n'este pseudo-classicismo francez ha uma dupla corrente: a que vem da época de Luiz XIV, auctoritaria, official e pedante, representada em Racine, e a que dissolve pela critica a auctoridade religiosa e cesarista, em Voltaire, Rousseau, Diderot, ou propriamente os Encyclopedistas. Foi esta ultima corrente a que reflectiu na Allemanha iniciando alli o Romantismo, movimento litterario, artistico e politico que se propagou depois para o Occidente com um caracter germanico, quando elle nascera logicamente francez; um facto analogo se deu na Edade-média com a architectura chamada gothica, quando os technicos contemporaneos lhe chamavam *Ars francigena.* A França do seculo XVIII inicia na Allemanha o Romantismo, o Wieland germanisa Voltaire, Lessing continúa Diderot, e Herder inspira-se de Rousseau. A reacção contra o espirito revolucionario afastou as intelligencias da participação das doutrinas da Encyclopedia, e por isso a regres-

são ao natural, que foi a primeira phase romantica, ficou desconhecida; quando o elemento tradicional serviu de expressão ao sentimento de nacionalidade na litteratura, a reacção catholico-monarchica achou-se servida pela idealisação da Edade-média, e o Romantismo implantado da Allemanha recebeu um caracter religioso, como se observa em Chateaubriand e Lamartine, e ao qual Gervinus chama *emanuelico*. Em Portugal, apesar da generosa revolução liberal de 1820, reinava o obscurantismo religioso e exercia a censura prévia o terrivel *Padre Lagosta*, nome vulgar do atrabiliario José Agostinho de Macedo, que envolveu Garrett em uma perseguição politica. Garrett foi chamado aos tribunaes para responder como réo por haver escripto o ingenuo poema do *Retrato de Venus*, defendendo-se em audiencia de jurados em outubro de 1822; o poema fôra sequestrado e o titulo inscripto na lista dos livros prohibidos pelo patriarcha de Lisboa. Depois do regresso de D. João VI do Brazil, assim que se apanhou de dentro, jurando a Constituição de 1822, tratou de escrever a seu filho D. Pedro, para que se levantasse com o Brazil guardando-o para si, e logo em 1823, acompanhando a violação da Hespanha pela Santa Alliança, serviu-se da petulancia de outro seu filho, D. Miguel, para fugir para Villa Franca, rasgar a Constituição e proclamar os inauferiveis direitos do absolutismo bragantino. O joven Garrett, já conhecido pelo seu liberalismo da tragedia *Catão*, achou-se envolvido na perseguição politica do absolutismo restaurado, e em julho de 1823, oito mezes depois do seu casamento, refugiou-se em França, conferindo-lhe a Inten-

dencia geral de policia as honras de homem perigoso e confirmando-lhe o desterro. D'aqui data a crise decisiva do genio de Garrett; o homem frivolo do *Lyceu das Damas,* o traductor de Catullo, o imitador dos tragicos francezes, sacode de si a crusta rhetorica das Arcadias, e acha na desolação do desterro a nota sentida e patriotica do poema *Camões;* em 1824, começa a collecção do *Cancioneiro de Romances, Xácaras, Solaos e outros restigios da antiga poesia nacional,* e depois de ter imitado esses themas populares nos seus poemetos da *Adozinda,* do *Chapim de El-rei* e da *Miragaia,* desenvolve uma tradição da historia nacional na *Dona Branca,* em 1826. O poeta tinha achado a senda de gloria n'essa via dolorosa. Em uma nota conversada no autographo do *Camões* lê-se: «Comecei este poema em 13 de maio de 1824; por occupar e distrahir o atribulado espirito, que em tanto desterro e solidão, e com tão afatigada vida, não sei eu como ainda são o conservo». Garrett declara n'essa nota, que em parte se tornou prologo do poema, que não seguiu as regras de Horacio nem de Aristoteles: «mas fui insensivelmente depoz o coração e os sentimentos da natureza». Antes de comprehender a transformação do Romantismo, o seu desterro e as desgraças politicas da patria levaram-no a achar essa phase do sentimento natural, que fizera de Diderot um proto-romantico; é por isso que Garrett, que veiu na *Dona Branca* a idealisar a Edade-média, ainda no *Camões* declara: «Não sou classico nem romantico, não tenho seita nem partido em poesia». A desolada esposa que deixára em Portugal requereu em 1825 para que fosse permit-

tido a Garrett voltar ao seu paiz; só em 24 de maio de 1826 é que lhe deferiram o requerimento com restricções. N'isto morreu D. João VI, e o filho D. Pedro, vendo mal parado o seu imperio do Brazil, apressou-se a outorgar de lá uma Constituição, que esteve na algibeira de lord Stuart, até ao momento inesperado em que Saldanha no Porto provocou a sua proclamação. Os perseguidos de 1823 acceitaram com fé a Carta outorgada de 1826, sem verem que era o mesmo despotismo bragantino mascarado com um simulacro de liberalismo. A regencia do reino na menoridade da menina Maria da Gloria foi confiada a D. Miguel em 3 de julho de 1827; pouco depois é Garrett encarcerado por causa de liberdade de imprensa, e com a chegada de D. Miguel de Vienna de Austria, em 22 de fevereiro de 1828, desencadeiam-se as furias absolutistas, *trabalha o cacete*, enchem-se as prisões, levantam-se as alçadas summarias, as forcas immolam os mais pacificos e prestantes cidadãos, e é n'esta vertigem de cannibalismo que a segunda emigração se estabelece em 1829. Garrett fugira para Inglaterra, onde soffreu os apertos da indigencia; alli começou em 1828 a colleccionação dos seus versos sob o titulo de *Lyrica de João Minimo*, e os emigrados portuguezes, em 1829, representavam em Plymouth a sua tragedia *Catão* para distrahirem-se; n'essa recita se achavam Alexandre Herculano, José Estevão, os dous Passos, e todos esses que vieram a ser os heroes e altos funccionarios do constitucionalismo. Durante a segunda emigração Garrett conheceu mais intimamente as creações fundamentaes do Romantismo, e observou que

estava tudo por fazer em Portugal. A iniciativa da renovação litteraria achou-se ligada á adhesão á causa do liberalismo; o Romantismo apparecia simultaneamente catholico-medieval, patriotico liberal, ou sceptico, e isto fazia com que não comprehendessem essa crise litteraria e artistica a que se obedecia por instincto, á falta de principios. Tinha-se-lhe achado um nome; Schiller e Gœthe denominaram-na o *Romantismo*. Do valor historico d'esta palavra diz Charrière: «Foi com acerto que os criticos da Allemanha deram o nome de Romantismo ao movimento litterario do nosso tempo, que tentou voltar á realidade occidental, remontando á época em que ella se reproduzia instinctivamente sob a dupla influencia romanica e germanica, que ainda se não tinha imaginado de achar hostil e antipathica» [1]. O que é propriamente a realidade occidental, senão o *Romantismo*, esse poder de disciplina que deu á Germania o monotheismo e a organisação imperial, um direito escripto, a architectura, a estabilidade burgueza, e as universidades do estudo? As invasões germanicas perturbaram profundamente a Civilisação occidental emquanto se não adaptaram a ella, transmittindo-lhe um pouco da força da sua espontaneidade primitiva. Aproveitando essa credulidade barbara, o catholicismo renegou as tradições do hellenismo e da cultura romana, e foi n'esta scisão com o passado mais glorioso da humanidade, e entregues ao predominio da direcção moral da Egreja, que se propagaram as lendas,

[1] *La Politique de l'Histoire*, t. II, p. 569.

*

os contos e os dialectos populares, que se tornaram lentamente linguas escriptas, epopêas, chronicas e nacionalidades independentes. Quando ao fim de uma marcha retardada de dez seculos, a Civilisação occidental veiu a achar as suas origens, descobrindo os monumentos da cultura greco-romana, considerou-se esse facto como um renascimento da sociedade, e a éra moderna da historia, partindo de um facto tão capital, chamou a essa época a Renascença. Emquanto a intelligencia proseguia na posse de si mesmo, primeiro na phase *philologica* da Renascença, depois na *critica religiosa,* successivamente na actividade *artistica,* e por fim na creação de novas *sciencias* e de uma outra *synthese philosophica,* comprehende-se que a Edade-média fosse gradualmente esquecida, desprezada, e por ultimo considerada, como um vacuo negro na historia, quando ella tinha sido o periodo fecundo da elaboração de todos os germens que vieram a constituir a civilisação moderna. Mas por seu turno, a antiguidade classica e a época medieval foram repellidas pelo espirito critico do seculo XVIII, como Comte caracterisa o negativismo da geração philosophica da Encyclopedia; procurava-se a emancipação da consciencia e a reorganisação da sociedade quebrando a solidariedade com o passado, negando-o, desconhecendo-o. N'este instincto de critica dissolvente os litteratos do seculo XVIII acharam-se continuando nos seus escriptos a missão social dos jurisconsultos da Edade-média; aquelles fundaram a liberdade politica nos seus discursos, tragedias, romances, contos e polemicas, como estes por meio das allegações estabeleceram o fôro civil acima de todos

os privilegios feudaes. Quando os povos modernos se sentiram attrahidos para os principios democraticos de 89, e se elaborava a transição politica das Cartas constitucionaes, chamava-se a esse espirito as *ideias francezas,* e os livros do negativismo philosophico eram lidos e reproduzidos nas outras litteraturas. Tal é a phase moral representada pelo *Catão* de Garrett. Quando porém a Edade-média começou a ser conhecida, sobretudo pela universalidade dos romances historicos de Walter Scott, as tradições tão pittorescas d'essa época fecunda tomaram em todos os povos o caracter nacional; o *Romantismo,* significando uma renascença da Edade-média, teve a importancia profunda de restabelecer a solidariedade do passado d'onde provimos, da mesma fórma que o Positivismo, succedendo ao negativismo encyclopedico, relacionando a civilisação greco-romana com a verdadeira theoria historica da Edade-média, póde deduzir os elementos staticos para a creação da sciencia da Sociologia, em que os phenomenos de ordem ou conservação, e os de progresso, ou de revolução, se conciliam pela mutua dependencia. O Romantismo entrou immediatamente em uma phase scientifica, como se comprova pelos trabalhos de Raynouard e Diez sobre os trovadores e as linguas romanicas, de Jacob Grimm, Becker e Paulin Paris sobre as epopêas gallo-frankas, de Didron e Viollet le Duc sobre arte, de Michelet, Sismondi, Thierry e Guizot sobre a historia e as constituições sociaes. Herculano, que tambem soffrera a emigração, acompanhou esta phase critica do Romantismo, na renovação dos estudos historicos em Portugal, e desejava ser ao

lado de Garrett, o que Herder fôra para Gœthe, e Thierry para Victor Hugo.

A parte mais difficil da vida de Garrett estava por passar; elle acompanhou a expedição dos emigrados liberaes de Bellisle, em 1832, para a ilha Terceira, e d'ahi para o Porto, onde se achou no terrivel cêrco, trabalhando como soldado do batalhão academico e como jurisconsulto na reorganisação das instituições portuguezas, como vogal da commissão encarregada da redacção dos codigos commercial e criminal, em 1832, e da reforma de instrucção publica, em 1833. Durante esse apertado cêrco, debaixo das bombas miguelistas, no meio dos transes da fome e do cholera-morbus, Garrett, o *Leitãosinho* dos seus contemporaneos da Universidade, não mentia á vocação de artista, e traçava o primeiro volume d'esse bello romance historico, *O Arco de Sant'Anna,* baseado sobre uma lenda local. O espirito de independencia do antigo burgo do Porto, que reagia contra o seu bispo, era-lhe revelado pelo fervor da lucta concentrado em um cêrco na mesma cidade, que dava apoio á reivindicação das garantias politicas da nação contra o despotismo monarchico. *O Arco de Sant'Anna* é de 1832, do anno em que o cêrco estava longe do triumpho; a linguagem encerra toda a graça e ingenuidade popular, é conversada, digressiva, incidental, viva, como até então não se usava escrever. Revelava o poderoso escriptor dramatico, que planeava na mente a restauração do Theatro portuguez. Além da these politica, este romance historico serviu a causa da secularisação que veiu a ser decretada pelo egregio ministro Joaquim Antonio de

Aguiar. Pelo seu lado, Herculano não teve a intelligencia da missão artistica quando poz a sua prosa sentimental ao serviço da idealisação das ordens monachaes; partindo do romantismo emanuelico, immergia-se na admiração da Edade-média, na parte contemplativa do ascetismo do claustro. Terminado o cêrco em 1834, começou a divisão da partilha, em vez de chamarem a nação para uma constituinte. Todo esse periodo de catastrophes foi julgado como uma restauração da Carta outorgada em 1826, e em beneficio de D. Maria da Gloria. Este egoismo dynastico foi causa da revolução de setembro de 1836, e de todos os movimentos que se lhe seguiram, até que a rainha chamou a Portugal uma intervenção armada do estrangeiro. Garrett fôra nomeado embaixador para Bruxellas e de lá regressou por occasião da revolução de setembro. Triumphára o principio da soberania nacional, e fôra posta em vigor a Constituição de 1822; Garrett, patricio, condiscipulo e amigo de Manoel da Silva Passos, o convicto dictador que salvou por generosidade o throno a D. Maria II, aproveitou-se do governo d'este reformador eminente para a fundação de um Conservatorio da Arte dramatica, e de um Theatro nacional. Ao passo que o poeta trabalhava na redacção da Constituição de 1838, com José Lopes Monteiro, José Liberato Freire de Carvalho, Leonel Tavares Cabral e José da Silva Passos, escrevia de 11 de junho a 10 de julho d'esse mesmo anno o bello drama *Um Auto de Gil Vicente,* o primeiro impulso dado á creação da nossa litteratura dramatica, e começava *A Sobrinha do Marquez.* A Constituição de

1838 foi rasgada por D. Maria II, a qual em 1842 mandou revolucionar as tropas do Porto pelo seu proprio ministro Costa Cabral, e se arvorou em governo pessoal. Garrett se tinha illusões sobre o cartismo perdeu-as, e no *Alfageme de Santarem*, escripto em 1841, aproveita a lenda do armeiro da Chronica anonyma do Condestavel, que soubera dar á espada uma tempera que a tornava invencivel. Porventura alludia a Passos Manoel, retirado em Santarem na sua quinta de Alpiarça. É certo que os jornaes do tempo referem que Costa Cabral, chefe do ministerio de resistencia, prohibira a representação do drama por causa das allusões politicas. A nação ainda acompanhava as luctas politicas antes de se conhecer ludibriada; e no mesmo anno em que se começava a revolução que tomou o seu impulso popular em 1846, Garrett em 1844 completava esse primor unico na historia de todas as litteraturas dramaticas conhecidas, o *Frei Luiz de Sousa*. Era assim que elle se vingava d'esses deploraveis decretos de Costa Cabral, de 16 de julho de 1841 e de 7 de outubro de 1842, que o demittiam de Inspector geral dos Theatros e de Conservador das Escholas de declamação no Conservatorio de Lisboa. Esta oscillação nas honras explica-se pela agitação politica, seguindo-se em 1846, ou na *Maria da Fonte*, o ser reintegrado no logar de Chronista-mór do reino, e chamado para as commissões eleitoral e de fazenda. A rainha faltou outra vez aos seus compromissos exercendo o governo pessoal, e por todo o paiz levantaram-se as Juntas revolucionarias proclamando umas a destituição de D. Maria II, outras exigindo apenas a demissão do

ministerio. D. Maria II vencida teve de chamar o exercito hespanhol, e a armada ingleza para afogar pela força bruta da traição a liberdade politica d'este povo. Edgar Quinet, no opusculo *Portugal e a Santa Alliança*, lamentando a vergonha que pesava sobre a França por causa d'esta intervenção, falla do desenvolvimento extraordinariamente auspicioso da litteratura portugueza, iniciado por Garrett, e vaticina que aquella infamia da dynastia será a morte de uma nação que renasce. Assim foi; no quartel-general de Saldanha que combatia contra a nação pelo interesse pessoal da rainha, crearam-se todos esses sargentos e alferes que vieram a ser os ministros da primeira e segunda regeneração que algemaram Portugal a uma extraordinaria divida publica, e que a pretexto de *melhoramentos materiaes* estabeleceram o jogo de fundos, as concessões de estradas, e a dissolução dos caracteres tornados impotentes para qualquer resistencia. Garrett lançou-se n'essa vida de sensualidade das alcovas e ainda escreveu algumas estrophes de lyrismo pessoal nas *Folhas cahidas,* livro extraordinario não tanto pela audacia da confidencia de uns amores com uma dama da sociedade lisbonense, como pela vehemencia de uma linguagem ardente, allucinada, de inspiração genial e de loucura. Garrett não fez mais nada; foi attrahido para a voragem, e pensou em ser ministro. A sua iniciação romantica estava pervertida; a geração nova que se levantára em volta d'elle, e a quem elle emendava os versos e as prosas, seguia por um outro rumo, cahia nos exageros imbecis do *Ultra-romantismo,* não conhecendo da psychologia das paixões senão as interjeições e os

doestos, e da Edade-média apenas o guarda-roupa theatral. O regimen constitucional foi exercido pelos que se venderam ao paço, e os que falsificavam a opinião publica no jornalismo eram os chamados para a governação. Era verdadeiramente uma *Pedantocracia,* que se tem continuado até hoje. As lettras foram um degráo para a politica, e o nome de litterato tornou-se por muito tempo o synonymo da indignidade. Comte, no *Systema de Politica positiva,* caracterisa muito bem este phenomeno, que se deu em ponto grande com a Pedantocracia franceza, isto é, sob o regimen dos metaphysicos que conservaram a incoherencia dos principios revolucionarios; diz elle, de um modo que se póde bem avaliar com o que se passou em Portugal: «Idealisar e estimular, tal é a dupla missão natural dos poetas, a qual não se effectua dignamente senão por uma concentração exclusiva. Esta funcção é bastante nobre e assás ampla para absorver todos aquelles que para ella se acham verdadeiramente destinados. Por isso os desvairamentos da ambição esthetica só vieram a surgir plenamente depois do advento passageiro de uma situação incompativel com a arte verdadeira, á falta de costumes caracteristicos e de convicções reaes. Todos estes poetas falhos ou exacerbados, dariam um outro curso á sua vida publica se a verdadeira poesia se tivesse já tornado possivel pela preponderancia de uma doutrina universal e de uma direcção social. Até a um tal desfecho as naturezas estheticas continuarão a extinguir-se ou a corromper-se em uma miseravel agitação politica, mais favoravel ás mediocridades especiosas do que ás superioridades

reaes». (*Op. cit.*, t. I, p. 279). Este trecho é uma profunda synthese; de facto o regimen monarchico-parlamentar foi o campo aberto ao conflicto de todas as mediocridades sem principios. A intervenção dos ideologos e metaphysicos na transição revolucionaria, adoptando as ficções parlamentares privativas da Inglaterra como um accordo provisorio com o absolutismo, levou-os a exercer um predominio directo sobre as instituições e na fórma de governo, encobrindo a falta de principios com a rhetorica, e a incoherencia da acção com as coalisões ministeriaes. Este phenomeno, caracterisado por Stuart Mill e por Augusto Comte com o nome de *Pedantocracia*, teve a sua completa manifestação em Portugal, desde que se extinguiu essa geração de ideologos sinceros, como Silvestre Pinheiro Ferreira, Mousinho da Silveira e Passos Manoel. As mediocridades da litteratura, de quem Garrett se ria amargamente, foram barafustar para a politica, fizeram-se ministros, conselheiros de estado, embaixadores, tudo quanto quizeram, menos o acreditar que tivessem talento. Como natureza impressionavel, Garrett deixou-se arrastar na corrente, e em 1851 colligiu para o prelo as confidencias vertiginosas das *Folhas cahidas;* depois quiz tambem ser visconde, e foi-o por decreto de 25 de junho de 1851; faltava-lhe ser ministro, e cooperar n'esta obra de dissolução desgraçada de uma pequena nacionalidade. Chegou-lhe a vez em 1852, depois que D. Maria II, faltando aos compromissos creados pela intervenção armada estrangeira se entregára outra vez á resistencia despotica chamando ao ministerio Costa Cabral. Saldanha fez um

pronunciamento militar em 1851, e dizem os criticos francezes, que atiçado pela Inglaterra que se não conformava com as pautas organisadas por Costa Cabral. É certo que d'esse movimento data o apparecimento do *partido regenerador,* formado pelos descontentes do cartismo com os desalentados do setembrismo. Garrett foi ministro n'esta situação e por poucos mezes; cobriu-se de véneras emquanto lá esteve, morrendo solitario e exhausto em 9 de dezembro de 1854, como um exemplo frisante de como as instituições corruptas devoram os homens, ou os quebrantam, como se viu em Herculano que fugiu enojado da vida publica. Depois da morte de Garrett estabeleceu-se a theocracia litteraria de Castilho e do *elogio mutuo,* e a mentalidade portugueza desceu até aonde começa a insensatez. O *Ultra-romantismo* propagou-se das lettras para as familias burguezas, dando-se na nação o singular phenomeno da perda do senso do ridiculo. A litteratura julgou-se incompativel com a sciencia e com a philosophia; o mesmo se deu na crise europêa, dos que se voltaram depois do prurido ultra-romantico para o esmero da fórma, a que agora se dá o nome de *parnasianos.* Diz Comte admiravelmente no *Systema de Politica positiva:* «Todos os verdadeiros poetas, de Homero a Corneille, participaram profundamente da mais poderosa educação que comportava a sua época. Mesmo hoje, quando a nossa anarchia faz por toda a parte prevalecer uma especialidade empirica, os pretendidos poetas julgam-se dispensados de iniciação philosophica mas não fazem senão aproveitar-se da base indispensavel a systemas atrazados, theologicos ou meta-

physicos. A sua vã educação especial, limitada a cultivar unicamente o talento de formular é tão nociva ao seu espirito como ao seu sentimento. Afastando-os de toda a convicção profunda, ella não tende senão a desenvolver uma habilidade mechanica para a parte technica da arte, sem lhes deixar apreciar a idealisação que constitue o principal caracter. Nós lhe devemos esta deploravel multiplicidade de versejadores e de litteratos, alheios a todo o verdadeiro sentimento poetico, e sómente proprios para perturbar a sociedade pela sua ambição desregrada». (*Op. cit.*, t. I, p. 306). É o que vemos com esses ministros poetas, litteratos e rhetoricos, tão notaveis pelo cynismo como pela ignorancia com que ha tantos annos nos governam. A parte bella da obra de Garrett ficou como um protesto contra esta decadencia, que segundo Quinet data de 1847. A reacção contra este estado de apathia mental só póde vir por um regimen de critica, de educação scientifica e de vistas philosophicas, e já se teria avançado bastante se o espirito de mediocridade fechando-se em estreitas especialidades não tivesse quebrado o accordo de promettedoras iniciativas.

2.º — Alexandre Herculano

É extremamente difficil fallar sob o ponto de vista critico da obra de um homem cercado por todos os lados da auréola de sabio perfeito, de integro, e de incorruptivel; que ainda em vida teve as mais extraordinarias honras que só cabem aos mortos; de um homem que

uma nação inteira creu ser o representante das suas tradições e o sustentaculo da sua reputação scientifica; de um homem cujos defeitos foram tomados á conta de altas qualidades, e que elle mesmo se apresentava com áres titanicos, affectando uma linguagem de oraculo; de quem se conta que teve a intimidade de fumar cigarros com um rei, e que se carteava com um imperador, ao mesmo tempo que jantava em uma taberna, recusava a jerarchia do pariato, as gran-cruzes, o mandato de varios circulos politicos, e muitas cousas mais. É temerario o affrontar os preconceitos de todos aquelles que não consentem facilmente que lhes tirem o prazer da cega admiração, e o que é a natural expressão da verdade, n'estas anormaes circumstancias, parecerá um acto de irreverencia. Alexandre Herculano pelo trabalho da *Historia de Portugal* (1846-1853) alcançára reputação de historiador entre os que estudam; porém aquelles que nada lêem, ou que com certeza nunca conseguiram lêr seis paginas da sua *Historia*, esses fizeram-no um idolo do *non plus ultra* da intelligencia e da consciencia, conferiram-lhe o papel de dictador moral, e levaram o desvario até ao ponto de olharem para elle como o futuro presidente da nossa republica. Todo este perstigio nasceu em parte dos romances patrioticos de Herculano, em parte da sua abstenção da vida politica, em parte das queixas frequentes de pretendidas injustiças, e finalmente de um silencio calculado, de um supposto desgosto e tedio causado pelo labor litterario. Herculano considerou um dia Lisboa como uma cidade de marmore e de granito, como uma nova Palmyra, e deu parte ao publico

que só aspirava a sete palmos de terra para jazida; collocado nas melhores condições imaginaveis para o trabalho scientifico, declarou com magestade que se retirava como Cincinnato para a vida rural e que ia fabricar azeite. Tudo isso foi tomado como documentos da mais absoluta superioridade. Aos que se acercaram de Herculano e lamentavam a deserção do arraial das lettras e pediam chorosos que tornasse a empunhar a penna, respondia com magnanima modestia, que o seu espirito estava decadente.

O homem que uma vez comprehendeu o que é o estudo e o methodo ou direcção scientifica, nunca mais póde voltar atraz a gastar tempo com devaneios sentimentaes, a transigir com a imaginação, a tomar imagens metaphoricas por ideias; Herculano attingiu a severidade scientifica na *Historia de Portugal,* mas retrocedeu para aproveitar os productos vacillantes de uma época em que ainda procurava o verdadeiro caminho. Ha n'isto uma flagrante contradicção que só póde ser explicada indo procurar na indole do seu talento a causa organica d'esta e de muitas outras antinomias. Apontemos mais algumas, para depois justificarmos o modo de vêr fundamental: escreve um dia contra a propriedade litteraria, e eil-o a vender á Academia por alguns contos de reis a propriedade dos apontamentos informes e quasi inteiramente inuteis para um Diccionario, do ignorado Ramalho e Sousa; vem á imprensa sustentar a doutrina do casamento civil e justificar-se por tel-a introduzido no Codigo, e mezes depois casa-se catholicamente; escreve a *Historia de Portugal* com o sentimento da veracidade, e

ao mesmo tempo declara no prologo que a escreveu *ad usum Delphini*, só para o rei D. Pedro V; abrem-se de par em par os archivos do reino, pagam-se-lhe as viagens por todas as provincias (1853), baixam portarias mandando que se lhe patentêem os cartorios das collegiadas, subsidiam-no com grossas prebendas, dão-lhe a posição sedentaria de bibliothecario aulico (1839), cercam-no de santo enthusiasmo, e eil-o que depõe a penna indo fabricar azeite para uma quinta proximo de Santarem; escreve nos albuns brazileiros o seu epitaphio de escriptor, vindo depois para os jornaes com cartas insignificantes a proposito de dramas pifios, negocios de historia de fancaria, almanachs de senhoras, ou livros compilados de criticas de atrazados folhetins, servindo tudo isto para declarar que a sua intelligencia está decadente, que não entende a geração nova, e que o seculo XIX, vae cair no *gongorismo scientifico!* Mostrava-se em tudo catholico puro, inimigo do racionalismo e da exegese scientifica, e explicava a seu modo a historia da egreja e o sentido dos canones, com a mesma irreverencia de quem faz um catholicismo para si, que muito pouco tem que vêr com o catholicismo de Roma e dos papas. Recusava as honras civicas que os que acreditam n'elle lhe conferiam, e ao mesmo tempo dava parte pela imprensa do seu desinteresse, da sua abnegação e da sua superioridade. Esta obscuridade calculada foi uma penumbra theatral que deu realce ao oraculo.

Alexandre Herculano é um d'estes homens feitos inteiramente pelas circumstancias do tempo, pela corrente do meio em que aconteceu de estar; quando a época

nova o viu com proporções gigantescas e lhe pediu direcção, immergiu-se na sombra. e acobertou a consciencia da propria annullação com um vasto desinteresse. Não conseguindo dos correligionarios politicos que creassem para elle um Ministerio de Instrucção publica, desde então abnegou da actividade politica; o trabalho scientifico, que devia estar acima de todos os desgostos pessoaes, foi mais ousadamente substituido pelo fabríco rotineiro do azeite, justamente quando já não era possivel accumularem-se sobre a sua cabeça mais corôas de gloria, quando a mocidade lhe pedia que lhe apontasse o bom caminho, quando se creava uma cadeira de professor para elle educar o seu tempo, quando o proprio monarcha solicitava escondidamente para o lisongear os diplomas mais honrosos das Academias estrangeiras, como o Instituto de França, a que pertenceu, ou a Academia de Berlim, aonde não chegou a entrar. A causa d'esta mysteriosa abstenção é simples de descobrir. quando a vida do escriptor serve para ajudar a comprehender as suas obras, ou quando as ideias e a fórma que as exprime vêm por seu turno revelar a entidade moral, quando a época em que viveu está bastante conhecida para se vêr como ella actuou fatalmente sobre essa individualidade. A causa d'esta mysteriosa abstenção é — que Alexandre Herculano não teve uma vocação litteraria absoluta, nem uma necessaria concepção synthetica, para fecundar-lhe o espirito.

A vocação litteraria resulta de uma organisação especial; é essa sacrosanta fatalidade que leva um homem a usar e gastar o seu corpo sacrificando-o á actividade da

intelligencia; a vocação litteraria levava Anquetil du Perron a sentar praça por dinheiro e a ir servir no Oriente, para lá descobrir o zend, resistindo a todas as seducções das bayaderas, affrontando os climas inhospitos da Asia, para estudar os dogmas das religiões da India, e enriquecer a sciencia da Europa com o livro do *Avesta;* foi a vocação litteraria que fez morrer Otfried Müller, debaixo do ardente sol de Delphos; foi tambem a vocação litteraria, que levou Augustin Thierry a cegar sobre os monumentos da historia de França, e que o fazia dizer perante o Instituto, quando já não podia continuar no seu trabalho, perto de morrer: «Eis aqui o que eu fiz, e o que eu faria se tivesse de recomeçar a minha carreira; eu tornaria a tomar aquella via que me trouxe a este estado. Cego, e soffrendo sem esperança e quasi sem allivio, eu posso dar este testemunho, que da minha parte não será suspeito. Ha alguma cousa que vale mais do que os gozos materiaes, que é melhor do que a fortuna, melhor até do que a saude, é o sacrificio pela sciencia».

Para o progresso do homem sobre a terra, estes exemplos valem mais do que o achado da mais pura moral. Que diriamos de um Littré, d'esses dois santos obreiros Jacob e Guilherme Grimm, de um Pedro José Proudhon ou de um Raspail e de tantos outros? Venerandas sombras que passaram, imprimindo direcção ao seu tempo; não se queixaram, e trabalhavam por isso mesmo que havia quem divergisse das suas opiniões.

No ultimo livro dos *Opusculos* A. Herculano exprimiu ainda o seu pensamento constante: «Após largos annos consumidos na vida agitada das lettras, em que o

meu baixel mais de uma vez fôra açoutado por violentas tempestades, tinha, emfim, ancorado no porto tranquillo e feliz do silencio e da obscuridade. Olhava com uma especie de horror para as vagas revoltas da immensa lucta das intelligencias, contraste profundo da vida rural a que me acolhera. Depois, o espirito sentia bem a propria decadencia, cujos effeitos a interrupção dos habitos litterarios devia aggravar». (P. IV). O que significa esta declaração constante de Herculano, de que o seu espirito estava decadente? Simplesmente a aversão á actividade litteraria posta em evidencia pelo egoismo da edade; portanto essa actividade litteraria não foi provocada por vocação decidida, mas pelo prurido que começou depois de 1836, pela impressão que produziram na sociedade portugueza os romances de Walter Scott, o *Magasin Pittoresque*, a *Notre Dame* de Victor Hugo, a poesia christã e sentimental de Lamartine, e pelas ambições suscitadas pelo desejo de imitar as *Cartas da Historia de França* de Augustin Thierry, glosar os cursos de Guizot, e applicar a nova intelligencia do direito romano apresentada por Savigny. Feito isto a sabor de um publico que estava fóra d'este movimento, e que admirou o espirito original, Herculano ficou sem movel que o fizesse proseguir; viu que tinha ido muito além da sua sociedade; era preciso um pretexto para saír dramaticamente da scena litteraria; mas não appareciam desgostos, porque o cumulavam de honras, de bajulações, de prebendas, repetiam-se as suas palavras sybillinas, dava-se-lhe o nome de Mestre, como se vivesse no tempo dos sabios do seculo XVI, recolhiam-se as phrases, do mesmo

modo que os discipulos de Luthero para organisarem novas *Tischreden*, mas nada d'isto era já bastante para incitamento — falhava a vocação litteraria. No corpo que já não tem vida, o movimento dado pela corrente galvanica passa instantaneamente. Herculano inventou desgostos para saír da arena litteraria, taes como o provimento da cadeira de arabe do Lyceu de Lisboa, a remoção de um empregado da Torre do Tombo, e outros caprichos; fez-se-lhe tudo, todas as vontades, mas, na carencia da vocação litteraria, queria justificar a mudez, a inercia do espirito, e apegou-se á contestação catholica de alguns obtusos padres que impugnaram o proceder do critico em não querer ser Frei Bernardo de Brito, e em calar acintosamente o *milagre de Ourique* (1850). Os padres não tinham razão, e o publico riu-se d'elles; a isso chamára Herculano *vida agitada das lettras*. Se lhe tivessem negado a intelligencia, se a vaidade dos pontifices litterarios lhe tivesse com mão cega tirado os meios de se affirmar e de arranjar o pão quotidiano e de se fazer valer dignamente na sociedade, e lhe bordassem a vida de abjectas calumnias propagadas para todos os pontos do paiz em cartas particulares, se lhe violassem uma e outra vez a sua justiça preferindo aquelles a quem déra o alimento espiritual, escrevendo-lhe os trabalhos litterarios com que entraram no magisterio, se tivesse encontrado da parte do publico uma animadversão surda, da parte dos encartados um sorriso de superioridade, sem meios de publicação, tendo de inventar os recursos financeiros para dar luz ao lavor da intelligencia, a isto chamaria Herculano com certeza *gosto de fazer*

ruido. Ora, porque a vida litteraria lhe correu sempre n'uma enchente de ovações, moraes e pecuniarias, é por isso que justificava a falha de vocação dizendo que estava *ancorado no porto tranquillo e feliz do silencio e da obscuridade.* Accentuemos mais detidamente as feições d'este vulto que de todos os lados se nos impoz como grande. Depois do triumpho da causa constitucional, alguns homens verdadeiramente notaveis, para acabarem de arruinar o velho regimen, morto já na vida official, crearam instituições concernentes á propagação das ideias novas, tanto moraes como scientificas, que reinavam na Europa. A litteratura entrára em uma nova via, isto é, triumphára o *Romantismo.* Portugal estava ainda no tempo dos árcades, e ainda duravam os Mémnides e as fórmas lyricas do seculo XVIII. Como Garrett, Herculano estivera tambem algum tempo emigrado, o bastante para comprehender o atrazo litterario em que permaneciamos. Apenas fortalecido com a educação fradesca do latim, leu as obras produzidas segundo o espirito do Romantismo e tratou de imital-as, inventando para ellas um caracter *nacional,* nos accidentes exteriores e nos archaismos de linguagem. Nos livros d'este primeiro periodo do Romantismo temos o typo de todas as suas obras litterarias. O *Panorama* veiu reproduzir entre nós o *Magasin Pittoresque,* o *Musée des Familles,* e publicações de egual indole, em geral com as mesmas gravuras mandadas vir de França, com os mesmos artigos traduzidos; Herculano fez a sua reputação glosando a *Notre Dame* de Victor Hugo; d'este romance saíu o *Eurico* (1843), variante do typo de Claudio Frollo, a *Abobada,*

desenvolvimento scenico do capitulo *Ceci tuera cela*, o *Monge de Cister* (1840) da paixão de Esmeralda e de Phebus, o *Bobo*, desenvolvimento de Pierre Gringoire, etc. Reinava então o abbade de Lamennais com o *Ensaio sobre a Indifferença*, e com as *Palavras de um Crente*, publicadas em 1833: Herculano impressionou-se tambem com esta segunda corrente, incutindo para sempre no seu espirito esse catholicismo arbitrario feito com a audacia de um racionalista e com o aferro de um fanatico; as *Palavras de um Crente* serviram de molde sobre que foi vasada a *Voz do Propheta* (1837), acervo de banalidades em fórma biblica, sem sentido e a proposito de uma questiuncula de camarilha entre cartistas e setembristas, gente morta para todos os effeitos. Herculano reproduziu este folheto que circulou anonymo, prefaciando-o com uma larga introducção, expondo as circumstancias em que o escrevera, chamando sacrosanta a cruzada dos emigrados de Inglaterra e Terceira; quanto differente não é do que traz Garrett nos seus prologos, onde conta os graves perigos em que esteve o throno de D. Maria II por causa da degradação de muitos d'esses foragidos sem nome. Mas nada d'isto é comparavel aos desconcertos com que falla da *soberania popular* e da *democracia;* chega-se a acreditar na effectiva decadencia de espirito. Aqui extractamos algumas das suas palavras para os que estudam estes dois grandes problemas sociaes vêrem o que é uma intelligencia official: «As intelligencias vigorosas da mocidade hodierna têm aberto caminho a theorias ou novas ou rejuvenescidas que nós os velhos de hoje e moços de então

ou ignoravamos ou suppunhamos estereis, e talvez pueris, e de que sorriamos, quando alguns engenhos que reputavamos tão brilhantes como superficiaes, buscavam, evangelisando-as, jungir por meio d'ellas as turbas, más porque ignorantes, espoliadoras porque miseraveis, ao carro das proprias ambições. A questão da *soberania popular* não era precisamente o que preoccupava mais os entendimentos cultos, mas tardos d'aquelle tempo, e a *democracia* não apaixonava demasiado os animos, sobretudo os animos dos que haviam pelejado desde os Açores até Evoramonte as batalhas da liberdade, ou padecido durante cinco annos, sem o refrigerio sequer de um gemido tolerado, as orgias do despotismo. Uns tinham visto de perto a face da *democracia:* tinham-na visto por entre a selva de oitenta mil baionetas que fôra preciso quebrar-lhe nas mãos para a liberdade triumphar; tinham-na visto nas chapadas e pendores das collinas que circumdam o Porto, até onde os olhos podem enxergar, alvejando-lhe nos hombros os cem mil embornaes preparados para recolher os despojos da Cidade da Virgem, da cidade maldita, rendida e posta a sacco; haviam-na visto de machado e de cutello em punho, mutilando e assassinando prisioneiros inermes e agrilhoados. O liberalismo achára a catadura da *democracia* pouco sympathica. Restava a *soberania popular.* Essa funccionára durante cinco annos e dera mostra de si. A soberania do direito divino, repartindo com ella o supremo poder... a *soberania popular* limitou-se á prisão, ao espancamento, á multa elevada, quando occorria, até o confisco. Se o incendio, o estupro, o assassinio se ingeriam ás vezes n'es-

ses actos judiciaes, era por simples casualidade. — O mercador, o artista, o industrial, o professor, o proprietario urbano e rural, o homem de letras, o cultivador, o capitalista, todas as desigualdades sociaes, todos esses attentados vivos contra a perfeita igualdade democratica conservaram por muito tempo dolorosas lembranças do amplexo das duas soberanias». (*Opusculos*, p. 20 a 22). É possivel dar-se uma prova mais clara de que se está fóra do tempo, para não attribuir a outras causas este affrontoso quadro das duas palavras que significam as maiores conquistas da liberdade humana? Era o proprietario rural, já capitalista fallando n'aquelle que ás vezes ainda se sonhava vestido da insignia do historiador; a este aranzel responde-se, como nas feridas do cão, com as proprias palavras do falso propheta: «*os vocabulos são propriedade dos homens, e a propriedade, conforme o velho direito, consiste na faculdade de usar e abusar*». (*Ib.*, p. 30). A velha futilidade intitulada a *Vox do Propheta* serviu de pretexto para este ultrage á *democracia* e *soberania popular;* mas isto explica-nos o pessimismo do auctor. O proprietario rural que em 1844 escrevia sobre as *Caixas economicas* interpretando-as pelo nosso costume popular dos *mealheiros* de dez reis, sem vêr que essa instituição economica não é mais do que um caridoso palliativo para conservar mais tempo a miseria das classes operarias, o orgulho immobilisou-o na adoração de si mesmo, não teve mais progresso. Sustentava que pela organisação da propriedade, fundada entre nós principalmente na emphyteuse, se devem radicar as caixas economicas, sem notar que a emphyteuse é um absurdo da propriedade

que tende a desapparecer, e que já levou duros golpes no proprio Codigo civil, em cuja discussão entrára. Herculano cria firmemente que as sciencias sociaes estacaram, unicamente porque o seu espirito não as previu e as ignorava, e ao mesmo tempo porque alcançámos uma Carta constitucional sem ellas. Historiador dos tempos da eschola auctoritaria e analysta de Guizot, emprehendeu a historia das instituições sociaes do povo portuguez, e mais nada. Ora a Historia de um povo não comprehende só o facto social; fazer a *Historia do Terceiro Estado* em França, não é fazer uma Historia de França. Herculano intitulou exageradamente *Historia de Portugal* o que era apenas a historia dos concelhos, precedida da biographia dos reis; mais tarde conheceu o erro, viu que não tinha plano fundamental, e que se não fortalecera de antemão com um estudo comparativo da historia moderna da Europa, e achou-se perdido em um labyrintho d'onde não podia saír senão saltando para fóra. O ensaista deu-se mal na posição de historiador; ainda assim o sentimento da veracidade que o dirigiu no seu trabalho principal ha de ser sempre respeitavel, e o justo methodo scientifico que attingiu foi-lhe revelado por esse sentimento. Escreveu historia sem o amor que faz com que um homem se alevante como vidente; investigou factos, porque se achou collocado ao pé dos documentos, porque lhe mandaram patentear os archivos; um Michelet ao narrar as prepotencias senhoriaes da Edade-média e a negação da dignidade humana d'esse periodo laborioso em que a consciencia da liberdade procurava affirmar-se, adoecia e suspendia temporariamente o trabalho his-

rico. Herculano divorcia-se para sempre do estudo historico, mas por uma razão totalmente opposta; é que um sentia a historia, e o outro não, um ratificava a intelligencia e as consequencias dos factos, o outro ratificava datas. Ora o trabalho historico sob este ultimo aspecto não tem encanto, e muito menos para quem não fôr organisado com uma decidida vocação litteraria. Herculano bem desejava um pretexto para saír dignamente da empreza a que as circumstancias o levaram; acontecendo um incendio perto da casa aonde escrevia, fallava com pesar por lhe não ter ardido a casa e com ella o terceiro tomo da *Historia de Portugal*, para não ter que cirzir mais apontamentos. Por isso que o esforço de produzir intellectualmente não era natural e espontaneo, venceu a inercia, mas com a pretenção de querer gozar o respeito que só merece a cogitação. Esse esforço para escrever, além de se vêr nos factos já apresentados, é egualmente patente no estylo do escriptor desprovido de plasticidade: os periodos são cheios dos mais desencontrados incidentes, como quem não feriu a idéa que quer exprimir; derramados, precisam ser animados de calculados adjectivos, e estes vêm dois a dois, tautologicamente, ora amparando uma fraca imagem poetica, ora dando realce á banalidade de uma sentença moral; em tudo isto entra de vez em quando a propria personalidade do que escreve, procurando um diapasão sybilino, quasi sempre o parallelismo biblico, uma intonação sublime, tudo em completo desaccordo com a naturalidade. E o cartão engommado; divaga sem uma fórmula a que pretenda chegar, sem uma conclusão philosophica, como

n'este jogo do malabar que vae sendo executado a um certo rythmo, e que em qualquer ponto se póde suspender. É assim o estylo do *Eurico* e do *Monge de Cistér*, da *Origem da Inquisição* e da *Historia de Portugal.*

Vejamos esse embrechado de epithetos e de imagens, n'uma amostra da descripção das noites de inverno no campo: «Para o velho do ermo, n'esses intervallos de vida *exterior,* a corrente *impetuosa* do tempo parece chegar *de subito* a pégo *dormente* e espraiar-se pela sua superficie. A leitura raramente o acaricia, porque os livros novos são raros. A decima visão da mesma ideia, vestida do seu decimo trajo, repelle-o, não o distráe. As convicções *ardentes,* as alegrias das illuminações *subitas,* as coleras e indignações que inspiram e que, na mocidade e nos annos virís, enchem a cella do estudo de turbulencias *interiores,* de arrebatamentos *indomaveis,* de debates *inaudiveis,* de lagrimas *não sentidas,* de *amargo* sorrir, cousas são que se desvaneceram. Matou-as o gear *do inverno da existencia.* Desfallece-lhe o animo mal tenta embrenhar-se na *selva das cogitações,* engolfar-se nas *ondas dos pensamentos,* que, em melhor edade, lhe roubavam á consciencia os *ruidos longinquos e confusos* das multidões, e aquella especie de *zumbido obscuro* que ha no *silencio profundo,* e as *passadas tenebrosas* da noite, e o *surgir e o galgar* do sol ao zenith, emquanto a penna *inspirada* arfava, deslizando sobre o papel, semelhante á *vela branca da bateirinha,* que, ao refrescar do vento, vai e vem de margem a margem, através da ria. Não: para o velho não ha *a febre da alma* que devora o tempo. Sente-o gote-

jar no passado, como os suóres da terra que cáem, lagrima após lagrima, pela claraboia de galeria *deserta* na mina *abandonada*». (*Opusculos*, p. VII a IX). Era este o estylo ultra-romantico dos bons tempos do *Panorama;* hoje só se admitte nos rapazes de eschola, nos themas dos exames mensaes de rhetorica. O epitheto é um cosmetico no estylo; encobre a falta de naturalidade emquanto se não vê ao perto; assim como o caio illude melhor de noite, ao effeito das luzes, estas imagens ôccas deslumbram os pobres cerebros que estão em crepusculo de intelligencia. Define a relação moral de Herculano com o seu tempo a carta intitulada *A suppressão das Conferencias do Casino em 1871.* Depois da definição que acima vimos do que era *democracia* para Herculano, comprehende-se o pejo que o fez evitar a designação verdadeira de *Conferencias democraticas.* Esta carta foi escripta a um homem, que sendo testemunha do crime commettido por um ministro da corôa que mandára arbitrariamente fechar um salão de simples discursos historicos e litterarios, vendo assim violar torpemente a liberdade do pensamento, se dirigira a Herculano, perguntando-lhe a sua opinião, como áquelle a quem todos indigitavam como integro e como propugnador da liberdade: «Pede-me v. s.ª que leia o discurso e lhe dê a minha opinião sobre o seu conteúdo e sobre o procedimento da auctoridade». (P. 255) Como respondeu a isto Herculano? Do mesmo modo que o padre, o sêcco director espiritual, de que falla Michelet, ás queixas intimas de uma mulher que de vez em quando prorompia em anceios pela morte do seu filho, respondia

com banalidades de casuista e trechos latinos de Santos Padres. Affrontou-se em 1871 um dos direitos mais augustos consignados na Carta constitucional, pede-se a Herculano, como a homem que se suppõe justo, que diga o que pensa d'este attentado, e elle fallando sempre de si, como os rheumaticos, responde: «as suas perguntas referem-se a assumptos graves e até abstrusos, que, porventura, não cabem na capacidade da minha intelligencia». Em seguida introduz uma varredura da gaveta sobre a immutabilidade da Egreja, mostra como o seu eterno pesadelo dos jesuitas é que vae pervertendo a disciplina e a doutrina, concluindo: «O governo, esse vê só o Casino, ouve só os discursos do Casino. Aquillo é que ameaça subverter a religião, a monarchia e a liberdade. *Dedit abyssus vocem suam.* A voz do abysmo são aquelles quatro ou cinco mancebos que vão fallar de cinco ou seis questões desconnexas a cem ouvintes, metade dos quaes provavelmente não entendem a maior parte do que elles dizem, o que tambem é muito possivel me succedesse a mim». (P. 267). Era o pedantismo imponente dos sessenta e dois annos de edade, que se não lembrava que ficára immobilisado havia já trinta annos.

E continúa a proposito do jesuitismo no pulpito e no confessionario: «Fizeram-se os governos para proverem nos grandes perigos sociaes como este, ou para estarem espreitando ás fisgas das portas se algum mancebo mais ou menos imprudente, mas sem pensamento reservado, sem compromissos occultos com conspiradores estrangeiros, expõe as suas opiniões, embora erradas, a uma

assembleia pacifica, pouco numerosa, e pouco attenta provavelmente á substancia do discurso, mas curiosa da belleza da fórma?... Quando taes enormidades fossem licitas, não se deveria dar ás exuberancias sineeras da mocidade mais importancia do que têm realmente. Ha verduras da intelligencia como ha verduras do coração, etc.» (P. 280). Herculano não cria em intelligencia que não tivesse ainda sessenta annos; tornou a sua pessoa centro do mundo moral, sem conhecer o ridiculo do dogmatismo. Triste prova da effectiva decadencia do seu espirito. Em outra carta escrevia elle que o seculo XIX vae expirar nos braços do gongorismo scientifico, como ao seculo XVI acontecera com o gongorismo poetico. Triste estado de espirito esse que viu a moderna sciencia da linguistica, a sciencia das religiões, a archeologia, a sociologia, o positivismo, os progressos do orientalismo, a ethnologia, a historia litteraria, tão novas e já fecundas, os ultimos grandes descobrimentos da physica, da physiologia e das outras sciencias da natureza, como um gongorismo scientifico! A sciencia prosegue, não tem culpa de quem se deixa ficar atraz; ella ha de sempre levar após o seu clarão as intelligencias novas, e o auctoritario immovel ha de cada vez tornar-se mais grotesco, como o figurino velho a que já passou a época em que era elegante. Em uma outra carta publicada por Herculano agradecendo um livro de versos com ideal socialista, escrevia receioso: «É um pensamento generoso e justo que predomina em muitos escriptos da nova geração, mas cujas manifestações são frequentes vezes exageradas e por consequencia menos justas.—De todos os

progressos que a liberdade tem feito desenvolver, nenhum talvez maior do que a desinvolução de talentos acima do vulgar. São d'isso bom documento a nossa época e a nossa terra. Pela força das cousas, nas mãos da mocidade intelligente, dos espiritos superiores que surgem, estará dentro de duas ou tres decadas o regimen do paiz. Quizera eu por isso que elles tivessem sempre presente uma verdade que por ser antiga e trivial não deixa de ser verdade. Quem semeia as ventanias recolhe as tempestades». Assim como Herculano se immobilisára no Romantismo litterario de 1830, entendia que a nação devia ficar enchystada no falso regimen da Carta outorgada de 1826. E concluia, para justificar esta immobilidade: «a democracia repugna ás nações occidentaes da Europa, educadas pelo catholicismo, que na pureza da sua indole é o typo da monarchia representativa». O ideal revolucionario que renovava o lyrismo portuguez amedrontava-o, levando-o a exercer pela sua grande auctoridade moral e litteraria uma influencia deprimente. Em uma effusão admirativa Anthero de Quental consagrava a Herculano estas palavras: «o seu seculo admirando-o, considerava-o todavia com certo espanto inintelligente, como se sentisse vagamente que aquelle homem pertencia a um mundo extincto, um mundo cujo altivo sentir já ninguem comprehendia».

§. II

A intervenção armada de 1847 e o Ultra-Romantismo

A lucta pela liberdade fôra o principal estimulo da intelligencia portugueza; d'entre os emigrados politicos de 1823 e 1829 surgiram os principaes renovadores da Litteratura nacional, adoptando a idealisação do Romantismo para darem expressão ao sentimento da Patria. N'esta lucta franca, lucta de vida ou morte entre o antigo regimen e a sociedade moderna saída da Revolução, deu-se a exploração de um partido médio, que procurava conciliar o absolutismo com a fórmula da soberania *por graça de Deus* em beneficio de um ramo da dynastia dos Braganças, que reconhecia a *soberania nacional* sómente como uma concessão generosa em uma Carta outorgada. Esta exploração conservada á custa dos equivocos dos mais ingenuos cartistas, revelára-se nas côrtes de 1834 em toda a sua nudez egoista, por fórma que a reivindicação da *soberania nacional* determinou de um modo espontaneo e grandioso a Revolução de 9 de setembro de 1836.

O absolutismo mascarado com a falsa outorga tentou abafar a manifestação da soberania nacional, provocando em 2 de novembro d'esse anno uma contra-revolução conhecida pelo nome de *Belemsada*: D. Maria II na boçalidade do seu egoismo dynastico pediu soccorro á esquadra ingleza que estava surta no Tejo, chegando a operar-se o desembarque de alguns milhares de soldados

inglezes. Passos Manoel, o heroe sublime da Revolução de Setembro, luctou diante do corpo diplomatico, vencendo o embaixador inglez que protegia a rainha, pela affirmação segura dos mais intemeratos principios: «Que Portugal era uma nação independente, não devia sujeição a nenhum povo da terra — não estava disposto a consentir no governo do seu paiz a menor influencia extranha — que a Nação portugueza pelo principio da soberania nacional elevára ao throno a Casa de Aviz e a de Bragança, — que por este principio os portuguezes podiam fundar uma republica como a Hollanda ou a Suissa, e mudar de dynastia, mas que elles não queriam senão reformar suas instituições politicas, como os francezes tinham feito em 1830, como os inglezes tinham feito com o bill dos catholicos, e a reforma do parlamento; — que os inglezes e francezes tinham fundado republicas, mudado dynastias e justiçado reis, e, portanto, não eram essas nações, que mais habilitadas estavam a dar-lhes lições de fidelidade monarchica; — que elle era muito admirador da Inglaterra, que a estimava como a patria de Canning, de Fox, de Bentham, como a terra do jury, da imprensa livre e dos parlamentos; — que tinha meditado e estudado suas instituições, fazia todos os esforços para introduzir as melhores no seu paiz, mas que as leis de Inglaterra haviam de ser importadas em navios mercantes, para terem despacho nas alfandegas de Portugal; porque se forem trazidas em navios de guerra e pelos seus publicistas de farda vermelha, não lhes serviriam senão para fazer cartuchos, e assim lh'as devolveriam; que não receiava sua esquadra, porque não pode-

ria arremessar sobre Lisboa mais bombas e balas razas, do que elle vira em cima do Porto, etc.» [1]. Passos Manoel podia fallar assim, porque a nação defendia-se a si propria; existia uma *guarda nacional* invencivel, que o absolutismo-cartista teve de destruir, quando D. Maria II tornou na sequencia d'estas luctas a chamar os exercitos estrangeiros para lhe segurarem o throno. Apesar d'esta instabilidade do governo da Revolução de Setembro, contra a qual a rainha provocára outra contra-revolução dos marechaes Saldanha e Duque da Terceira em 1837, o principio da *soberania nacional* infundia novas energias nos espiritos e uma fecunda actividade politica. O governo da Revolução de Setembro implantou todas as instituições que relacionaram a atrazada sociedade portugueza com a civilisação moderna: fundou as *Escholas Polytechnicas*, o novo typo da instrucção publica definida pela especialidade scientifica, depois da Convenção franceza; fundou a *Eschola do Exercito*, d'onde sahiu toda essa geração de engenheiros que executou as obras necessarias para a nossa existencia economica; fundou as *Escholas Medicas*, e tirou á Universidade de Coimbra o caracter medieval atrazado, unificando as faculdades de Direito e de Canones, e introduzindo as novas disciplinas da Physica, da Chimica, da Mineralogia e Geologia, da Botanica em uma *Faculdade de Philosophia*, e estabelecendo tambem a *Faculdade de Mathematica*.

---

[1] De uma memoria contemporanea, transcripta por A. Teixeira de Macedo, nos *Traços de Historia contemporanea*, pag. 26 e seg.

Pela primeira vez os poderes publicos comprehenderam a sua missão impulsiva; o governo da Revolução de Setembro, ou da soberania nacional, decreta a fundação de um theatro nacional, e cria um *Conservatorio da Arte dramatica* e as *Academias de Bellas-Artes*. Na comprehensão nitida da sua missão organisadora, cria a instrucção secundaria pelo estabelecimento dos *Lyceus nacionaes* nas capitaes dos districtos administrativos. Na parte administrativa decreta em 31 de dezembro de 1836 o primeiro Codigo; estabelece a lei das pautas, e emancipa o commercio e a industria portugueza do ominoso tratado de 1810, com que D. João VI nos enfeudára á Inglaterra em favor da sua segurança dynastica.

Foi rapido o governo da Revolução de Setembro, mas o seu espirito era immenso, porque derivava da soberania nacional, outra vez affirmada depois de 1820. Era esta emoção de vida, em um povo que acorda outra vez para a historia, que suggeria novos talentos, que vinham revelar-se na sciencia, na litteratura, na eloquencia, nas artes. Garrett, que se pronunciára pela doutrina da Revolução de Setembro, estava assombrado por tantas manifestações de fecundidade. Todo o attentado contra a soberania nacional seria um parricidio, o assassinato de um povo. A Constituição de 20 de março de 1838 foi a primeira tentativa; não se negava a soberania nacional directamente, mas a realeza bragantina garantia-se especialmente a si, pela falsificação dos processos eleitoraes. Não se fez demorar a reacção cartista, que tomou a fórma de uma contra-revolução em 1842 para derogar a

Constituição de 1838 e restaurar a Carta outorgada. O proprio ministro da rainha o façanhudo Costa Cabral vae em janeiro ao Porto insurreccionar a guarnição, suspende as garantias, e serve D. Maria II com um *ministerio de resistencia*. Pelo decreto de 10 de fevereiro de 1842 a rainha acceitava a Constituição de 1838, com a condição que seria revista por uma camara investida de competentes poderes. Era um palliativo; porque todos os ministerios de resistencia trataram sempre de illudir essa promessa; e d'esta perfidia derivaram os movimentos revolucionarios de Almeida, da *Maria da Fonte* e da *Patuléa*, em 1846. As energias da nação dispenderam-se n'estas agitações mesquinhas, em que as mais generosas aspirações eram decepadas por desalentos moraes diante da perfidia constante da rainha. Contra a revolução do Minho, oppõe a emboscada nocturna de 6 de outubro; contra a Revolução da *Patuléa*, que vindicava a soberania da nação, e se achava triumphante em todo o paiz sob a direcção da junta do Porto, D. Maria II pede o auxilio de uma intervenção armada ás potencias da Quadrupla Alliança, para lhe sustentarem o throno sobre o estrangulamento affrontoso da liberdade portugueza! O crime triumphante exerceu a sua acção na dissolução dos caracteres dos homens publicos, como se viu na fusão dos *Setembristas* e *Cartistas* na Regeneração de 1851; os talentos perderam o ideal, assalariaram-se á imprensa official, ás candidaturas ministeriaes e tornaram-se orgãos de corrupção do espirito nacional.

Na conferencia celebrada em Londres no ministerio dos negocios estrangeiros em 21 de maio de 1847 a pe-

dido do plenipotenciario da rainha D. Maria II, o barão de Moncorvo declarou aos plenipotenciarios de Hespanha, França e Grã-Bretanha que: «estava encarregado por S. M. Fidelissima de renovar as proposições feitas pela mesma aos seus alliados signatarios do tratado de 22 de abril de 1834, *afim de obter d'elles o auxilio necessario para levar a effeito a pacificação dos seus Estados*» [1]. Os plenipotenciarios de Hespanha, França e Inglaterra, «debaixo das condições fundadas por uma parte no respeito devido á dignidade e direitos constitucionaes da corôa... foram todos de opinião de que tinha chegado já a occasião em que os seus respectivos governos podiam, em conformidade com os principios que até aqui lhes tem servido de guia, acceder ao pedido de auxilio que lhes dirige a rainha de Portugal». O emissario, sabendo que de um instante para outro D. Maria II seria destituida, «indicou a urgente necessidade que havia de adoptar as medidas consequentes a esta declaração, e representou que no estado actual dos negocios em Portugal, a dilação sómente poderia produzir a maior effusão de sangue, e augmentar as calamidades que affligem o paiz». Resolveu-se a invasão em Portugal: «e em conse-

[1] Sobre este pedido de intervenção armada estrangeira pela rainha D. Maria II, escrevia Edgar Quinet: «Abrir ao inimigo as portas do seu paiz, ha nada mais honroso, mais hospitaleiro, da parte de um soberano? Toda a gente chamava outr'ora a isto o maior dos crimes, e punia-o de morte. Nós fazemos d'elle a primeira virtude constitucional». *La France et la Sainte Alliance en Portugal.*

quencia *se decidiu prestar á rainha de Portugal o auxilio pedido.* Em virtude d'esta determinação, os plenipotenciarios de Hespanha, França e Inglaterra prometteram, que as forças navaes dos seus respectivos governos actualmente estacionadas na costa de Portugal, se reuniriam immediatamente ás forças navaes de S. M. Fidelissima para tomar parte em todas as operações que se julgassem necessarias ou opportunas pelos commandantes das forças combinadas, afim de conseguir o objecto a que todas se propunham».

O modo como procedeu a Inglaterra, vê-se claramente no protesto do Conde das Antas de 31 de maio de 1847: «Foi no dia 31 de maio de 1847, ás 6 horas da manhã, que tres vapores, uma corveta e quatro transportes foram cercados e aprisionados pela esquadra britannica, sob o commando de Sir Thomas Maitland, sendo em seguida occupados pelas tropas britannicas, arriada a bandeira nacional, e intimados os portuguezes para que se considerassem prisioneiros de guerra, apoderando-se a força ingleza dos armamentos e munições. — Este flagrante ataque ao direito das gentes, e á independencia de uma nação, a mais antiga alliada da Inglaterra, não póde deixar de encher de indignação a todas as nações civilisadas do mundo, e a Inglaterra ha de ser a primeira a censurar a injusta aggressão e o revoltante procedimento do governo inglez, contra o qual e suas consequencias se lança o presente protesto». Era o cordeiro a protestar contra o lobo. Pelo seu lado a Junta do Porto protestava «da maneira mais formal e solemne contra esta intervenção nos negocios domesticos de Portugal,

que, como nação livre e independente, tem o indisputavel direito de se constituir politicamente, e governar-se pelas leis do paiz, e não impostas pela força das nações estrangeiras...» No protesto ás nações dirigido pela Junta do Porto em 1 de julho de 1847, ahi se affirma o principio contradictado pela força bruta da intervenção: «Portugal é reconhecido como uma nação independente, e não é provincia, colonia ou feudo de nenhuma nação estrangeira, nem a algum dos seus governos prestou juramento de fidelidade e obediencia. — Está pois Portugal, como nação livre e independente, no direito incontroverso de se governar pelas instituições e pelas leis que mais proprias lhe pareçam para firmar a sua liberdade constitucional, pela qual ha vinte e sete annos tem feito os mais espantosos sacrificios. — Os esforços da nação limitavam-se unicamente a exigir a verdade e a realidade do systema representativo, a conservar o principio da reforma da Carta constitucional, a qual só voltou em 1842 a ser de novo acceite por lei fundamental do Estado com esta indispensavel condição de ser reformada por uma camara de deputados, munida dos mais amplos poderes. Como o decreto de 10 de fevereiro de 1842, que restabeleceu a Carta constitucional com esta condição, não foi executado, nem cumprido, a nação não cessou por todos os meios de reclamar contra tamanha deslealdade, de pedir e exigir a sua execução, e com tanto mais afinco e empenho, quanto a experiencia de quatro annos tinha feito vêr, que á sombra da Carta constitucional se podia exercer, e tinha de facto exercido, o mais violento despotismo e a mais vergonhosa delapidação.

Por isso, esgotados todos os meios legaes e constitucionaes pela imprensa, pela tribuna, pela urna e pela petição á corôa, a nação portugueza levando o seu amor pela legalidade até o extremo de não reagir immediatamente contra o barbaro fuzilamento dos eleitores, teve de levantar-se em massa nos mezes de abril e maio de 1846 para evitar a sua total ruina, pedindo a destituição de uma administração odiosa, despotica, tyrannica e delapidadora...» Narra como o movimento de 1846 se acalmou pelo decreto de 27 de maio, em que se determinava a revisão da Carta outorgada, e como pelo attentado de 6 de outubro a rainha faltou a todas as promessas: «Foi principalmente por estes aggravos que a nação correu em peso ás armas em defeza das suas leis e da sua liberdade sem que nenhuns infortunios ou revezes, nem as proscripções e assassinatos podessem nunca abater a sua coragem ou enfraquecer o seu patriotismo». E verberando o attentado da intervenção, conclue: «A Junta considera que um semelhante attentado, commettido em despeito da boa fé e lealdade, que se devia esperar d'aquellas grandes nações, é o maior que um governo civilisado podia commetter não só contra Portugal, mas contra a independencia de todas as nações expostas no futuro a semelhante e insolito procedimento».

Em 3 de junho de 1847, o general Santiago Mendes Vigo entrára com um exercito de occupação em Portugal, e era-lhe entregue a fortaleza de Valença, chave de todas as operações militares do norte, por mandado da rainha. D'ahi o general dirigiu uma torpissima e brutal proclamação á Nação portugueza, chamando ás justas re-

clamações dos direitos politicos de um povo «rebellião e desobediencia aberta ao governo de S. M. Fidelissima, sem escutar a voz da sua maternal clemencia...» Declara que a intervenção armada vem «para restituir este reino fidelissimo ao estado de paz e concerto que tão necessario é para a sua prosperidade e ventura». Pela sua parte pondo a mão nos copos da espada, Mendes Vigo proclama, que o seu proposito «é proteger todo o cidadão pacifico e honrado, perseguindo ao mesmo passo todos os que attentam com mão armada contra a ordem e tranquillidade publica, e os direitos reconhecidos constitucionaes da Senhora D. Maria II». E de affronta em affronta o general invasor exige «que todos os habitantes d'este reino *respeitem e acolham como irmãos as tropas do meu commando...* os que as desprezarem (estas exigencias) não terão direito de se queixarem, se eu no cumprimento dos meus deveres *os castigar severamente,* por mais penosa que seja essa necessidade».

A nação ficou sob a pata do jumento, e depois de bem vilipendiada na dignidade, e quebrada na sua energia, as potencias entregaram-na á rainha, para logradouro da sua dynastia. Ficou tudo no silencio lethal a que chamaram pacificação; e as letras, que começavam a servir o sentimento da Patria com novas creações estheticas, foram prostituidas na glorificação do interesseiro, rapace e devasso D. Fernando, marido da rainha, idealisado com a antonomasia de *Rei Artista,* e na lenda da pomba branca com que os poetas symbolisavam a pureza da obésa rainha. Em Portugal já se não sentia a

degradação; era a insensibilidade da morte e dos grandes criminosos que actuava na vida publica. Uma intelligencia europêa, uma grande alma, Edgar Quinet, observou este crime, e delatou-o assim á historia:

«Havia no mundo um povo que se chamava Portugal, e que, fraco na apparencia, tinha realisado as maiores emprezas, mudado o caminho do commercio, e inaugurado a historia do mundo moderno, com a época da industria, pela descoberta do Cabo da Boa Esperança e a conquista dos confins da terra. Ninguem, com menos recursos, prestou em tempo algum maiores serviços ao genero humano. Foi o primeiro a abrir as portas do Oriente e do Occidente. Quando ainda a Inglaterra e a França apenas conheciam as suas castas, elle descobria e augmentava a immensidade; rei do oceano, as suas frotas sem rivaes dominavam sobre mundos cujos limites ninguem conhecia. Depois de ter entregado o globo inteiro á humanidade moderna, este povo creador, fatigado de gloria, de heroismo, de genio, perdera o seu caminho. Encalhado no porto, jazia havia dois seculos com a certeza de que o dia da salvação raiaria para elle.

«A Revolução de 1830 tinha sido o signal da sua redempção; saudára a vela do bom soccorro; desde este momento o povo naufragado fazia esforços para erguer-se. Á custa do melhor do seu sangue, nós o tinhamos visto fraternisar com a França de 1830, repellir, a exemplo nosso, uma velha dynastia, retomar a soberania, reconquistar o throno para outorgal-o a D. Maria, a qual não deixára de se confundir em juramentos de fidelidade e de eterno reconhecimento. Confiando na estrella da

França, elle a seguia de longe e julgava seguir seu proprio destino.

«Note-se, antes de tudo, que esta renovação não se limitava á superficie das cousas. Portugal não se contentava com uma imitação esteril, como se cuida; o renascimento politico fundava-se sobre o renascimento do proprio espirito portuguez. N'este paiz, que desde dois seculos tinha cessado de pensar, uma vida inesperada vibrava em obras inspiradas pelo amor e pela tradição da terra. Numerosos escriptores se manifestavam, derivando todos o seu genio do mesmo sentimento da patria revivescida. Um vislumbre de independencia tinha bastado para dar energia ás almas; a civilisação morta alevanta-se. Quem o acreditaria, se não fosse de si evidente? Os ultimos quinze annos tinham produzido mais obras originaes do que os dous ultimos seculos; e segundo a phrase de um homem, cuja auctoridade ninguem negará (Almeida Garrett), nunca se tinha visto no espirito publico um movimento tão profundo, um impeto tão sincero, uma esperança tão viva, uma emoção tão verdadeira, uma inspiração tão indigena, desde a época dos *Lusiadas*.

«Quem tinha operado este milagre? O amor pela terra natal, por este paiz outr'ora tão poderoso, hoje em dia tão miseravel, mas que, ao menos, na sua desgraça julgava ainda pertencer-se a si mesmo. Era um ardor egual ao que se manifestára em França em 1827 e 1828, com um espirito de patriotismo mais concentrado. Apressavam-se a pensar, a escrever, como se a patria, á qual tudo isto se relacionava, houvesse em breve de ser-lhes arrancada. Interpretavam-se com anciedade as chro-

nicas da gloria portugueza; creava-se, o que lhes tinha faltado sempre, um theatro exclusivamente nacional. Eu mesmo, lá observei esta elaboração dos espiritos. Sem precisar de ser grande propheta, annunciei que esta conspiração de todos os corações, de todas as intelligencias, não deixaria de explosir; que uma tão firme vontade de renascer se accentuaria proximamente por actos publicos; que esta Litteratura não era obra de uma academia, mas um grito de esperança, que ella se harmonisava perfeitamente com os instinctos da multidão para concorrer a animar este povo, se é que não apparecesse a tempo algum grande malvado para o assassinar préviamente. Formulei isto quando ainda nenhum acontecimento exterior m'o confirmava, e quando aos olhos da Europa esta terra parecia morta. Mas bastava observal-o de perto para notar, que toda a gente estava no segredo do que se preparava. Se alguma vez houve um movimento nacional, foi este realisado em plena luz do dia. O escriptor conspirava nos livros, o deputado na sua bancada, o povo no âmago das provincias. Quando se dá um tal accordo entre a intelligencia de uma minoria e a consciencia de todos, não é difficil prevêr as consequencias.

«Accrescentae a isto, que Portugal, n'esta nova expansão, nada tinha de commum com a Hespanha. Estudando-se estes dois povos, vê-se que o renascimento de um e de outro se effectuava sem que nenhum d'elles abdicasse em nada da sua nacionalidade. Tinham ambos os olhos fitos na França, e ambos pareciam desconhecer-se mutuamente. Lisboa e Madrid, separados pelo decurso da historia, estão-no mais do que nunca hoje. Por-

tugal, mais fraco, manifestava um espirito mais intransigente; de sorte que o mais desgraçado dos povos da Europa era ao mesmo tempo aquelle que melhor guardára no fundo do coração a religião da patria. A sombra do estrangeiro, sobretudo do hespanhol, era-lhe insupportavel. O respeito de si proprio, e o da terra natal, tal era o principio de tudo o que se podia esperar da regenerescencia portugueza. Emquanto esta religião se conservasse, permaneceria o germen do futuro; tirando-lh'a, tudo desappareceria; ficaria um povo ao qual lhe arrancassem o coração.

«Se algum dever existe para os governos das grandes potencias que se dizem salvaguardas da civilisação, era seguramente o de preservar, de respeitar, de salvar, no seu principio esta sociedade inoffensiva, que apenas se defendia com a sua gloria do passado. Ella contava apenas alguns milhões de homens; mas o principio que a fazia subsistir era tão grande como o mundo moderno. Todos os amigos da humanidade regosijavam-se ao vêr esta nação erguer-se do abysmo, apoiada apenas pela memoria dos seus grandes homens. O que era, em summa, o que ella vos pedia? Implorava o vosso soccorro, como a Grecia de 1825? Não; pedia-vos que lhe deixassem o seu logar ao seu glorioso sol. Abraçára a vossa causa; e por isso tinheis medo que vos pedisse que lhe acudisseis com o vosso sangue, com o vosso dinheiro? Não; ella apenas queria subsistir modestamente e livremente na alliança da Revolução de 1830. Nem isto mesmo lhe consentistes; arrebatastes a este paiz a unica força sobre que se firmava, a nacionalidade. Triumphae

á vontade; a esperança de tantos homens de coração que trabalhavam para remodelarem para si uma patria, de ora em diante já não tem sentido. Já não ha alli uma sociedade viva, tendo em si o seu principio de acção; convertestel-a em um povo servo, que se póde espesinhar á vontade; apunhalastes Lazaro ao erguer-se do sepulchro.

. . . . . .

«Esta terra, sobre a qual exercem o direito de conquista, entregam-na á Inglaterra. As potencias compartilham os opprobrios; a Inglaterra unicamente o proveito.

«Tanto mais o povo portuguez aspirava a renascer, quanto o governo de D. Maria II se obstinava a impedir esta resurreição. É tão bom imperar sobre um povo morto! Que paz soberana! Que tranquillidade magestosa! Tinha-se saudades do socegado defunto do Antigo regimen, e não se desesperava de tornar a envolver na mortalha o povo que alli tinha ficado cautelosamente sepultado por dois seculos. D'aqui, esta situação pasmosa de um paiz onde todo o symptoma de vida é considerado como uma rebellião. A nação quer reviver; a rainha acha mais legitimo o governar um cadaver. Como conciliar estas duas vontades? Tal é a essencia d'este cahos de revoltas, de prejurios, de reconciliações mentirosas, de falsos juramentos, onde o olhar mais penetrante se desnortêa» [1].

---

[1] Edgar Quinet, *La France et la Sainte Alliance en Portugal.* (Nas Obras completas, tom. x, pag. 57 e seguintes).

A marcha dos acontecimentos illuminou com uma luz sinistra este cahos; um ponto de vista philosophico deduzido da historia, e uma doutrina politica fundada em bases scientificas e positivas tornam possivel a critica d'esta demorada crise do falso liberalismo.

O systema monarchico-representativo, esse amalgama irracional do *privilegio dynastico* e do *principio electivo*, da irresponsabilidade do rei e da lei egual para todos, funda-se sobre contradicções tão flagrantes, que nenhum acto governativo escapa a este vicio de origem.

Acceitou-se o systema monarchico-representativo como uma transição do absolutismo para a liberdade, formularam-se Cartas constitucionaes como uma tregua transitoria entre as luctas do privilegio de um contra o direito de todos, e tudo isto pelo generoso intuito de evitar a instabilidade social, de conservar a ordem, de garantir a paz como condição imprescindivel do progresso.

Desillusão tremenda: esse systema politico apodera-se pelo regimen da centralisação de todas as actividades sociaes convertendo-as em funcções do estado; o governo torna-se por este meio um poder omnipotente, exclusivo, fonte permanente de perturbações, não só pela sua intervenção absurda na esphera civil, como pela lucta dos ambiciosos que conspiram pela perfidia ou pela violencia das opposições para se apropriarem da chancella ministerial.

É assim que o proprio systema monarchico-representativo se desmente a si proprio, pondo em evidencia a falsidade do seu intuito, e produzindo constantemente

uma agitação esteril de ambiciosos, que serve para desorientar as opiniões da reivindicação dos seus direitos e tornar perpetuo o privilegio dynastico.

Os grandes publicistas modernos caracterisam o poder ministerial como uma abdicação inevitavel da antiga realeza, que se sente sem a capacidade para a complicada administração do estado; pela logica das cousas, o espirito publico viria um dia a conhecer a inutilidade da instituição monarchica, convertendo-a em uma realidade necessaria, isto é, fazendo do poder ministerial a unica fórma effectiva do poder executivo, pela investidura da elegibilidade.

A realeza no seu instincto egoista de conservação sente a tendencia para esta transformação pela democracia, e para manter-se na immobilidade do privilegio emprega o meio da instabilidade ministerial.

A prerogativa soberana, sob a falsa fórmula constitucional,—«o rei reina e não governa», concentra-se n'um conservantismo ferrenho, explorando segundo a conveniencia os repetidos accidentes da instabilidade ministerial, para se impôr como uma garantia da ordem.

D'onde derivam esses accidentes, que fazem do cargo de ministro apenas uma vaidade pessoal, que uma vez satisfeita se reduz á inutilidade?

Da sua situação equivoca entre as necessidades da nação e o conservantismo dynastico.

Basta vêr as differentes cathegorias de ministerios, para explicar os motivos da sua instabilidade: existem *ministerios de resistencia, ministerios de transição* e *ministerios de coalisão.*

Todos elles se succedem no sophisma constitucional, conforme as necessidades do conservantismo.

Se a nação sente que é atropellada nos seus direitos, se ella pretende reivindicar as suas liberdades, procura-se abafar a agitação por dois meios, consoante a força de que o poder central dispõe; no caso de se ter o apoio da força militar, e é este o destino dos exercitos permanentes reduzidos á condição de policia do estado, reprime-se pela violencia a aspiração nacional, e o governo entrega-se a *ministerios de resistencia.*

Taes foram os ministerios de D. Maria II, formados por Costa Cabral, pelo Duque da Terceira, por Saldanha.

Se o poder central não se acha apoiado e teme comprometter o seu conservantismo, a mudança ministerial é uma satisfação concedida ao descontentamento da nação, apaziguam-se momentaneamente as aspirações, e faz-se um armisticio traiçoeiro, a que se dá o nome de *ministerio de transição.*

E comtudo existem homens que se prestam a ser instrumentos d'esta deploravel tergiversação, que serve sómente para quebrar pela perfidia todas as energias sociaes; no constitucionalismo portuguez o duque de Avila e Bolama desempenhou este papel desgraçado, pelo que recebeu em paga todas as honrarias com que procurou sempre encobrir a sua boa origem plebeia; o mesmo papel coube ainda no fim da vida a Rodrigues Sampaio, situação azada para as mediocridades politicas, aproveitadas nas crises violentas das ambições partidarias, emquanto se não acclaram bem os conflictos dos interesses.

Seguem-se os *ministerios de coalisão,* cuja origem

é mais complicada; quando se não tem a força ou a audacia para a resistencia, nem a abnegação sufficiente para a subalternidade da transição ministerial, provocam-se as incompatibilidades, os antagonismos da opposição, fazem-se as armadilhas parlamentares das moções de desconfiança ou de censura, retira-se o apoio ao governo por qualquer pretenção desattendida, e, conciliando o conservantismo da prerogativa dynastica com a apparencia das fórmulas constitucionaes, obtem-se o poder ministerial, sem outro intuito a não ser o gozo do poder.

Esta habilidade deu a Fontes Pereira de Mello os fóros de estadista; como chefe de *ministerios de coalisão,* alcançou o poder muitas vezes contra vontade, outras abandonando-o contra a espectativa do partido militante, pairando n'esta onda da agitação dos partidos monarchicos que se arrojam á conquista do vélo de ouro da governação.

O excesso de concentração de poderes no estado é a causa d'este desvairamento com que os partidos abandonam os interesses da nação por uma cousa a que chamam coherencia partidaria (movel da approvação do tratado de Lourenço Marques e do de 20 de agosto); quando se entendem entre si para assaltarem a governação chamam a isso a rotação constitucional, continuando, para melhor illudirem a nação, uma opposição simulada; quando porém se tornam incompativeis ou inconciliaveis, como na situação em que se acham os progressistas e regeneradores por mero conflicto de interesses, as funcções governativas dispendem-se unicamente em *coalisões ministeriaes.*

Emquanto o estado fôr omnipotente, e o governo centralisador dispozer dos dinheiros publicos, da força publica, e exercer uma intervenção permanente sobre todas as actividades sociaes, regulamentando impertinentemente sobre a nossa consciencia pela religião do estado, sobre a nossa intelligencia pela instrucção official, sobre o commercio pelas pautas, sobre as industrias pelo proteccionismo, sobre os nossos sentimentos nos estabelecimentos de caridade, sobre a nossa familia pelo recrutamento, sobre a nossa propriedade pelos impostos discricionarios, sobre os nossos contractos pelos direitos de transmissão, sobre os nossos actos pela prevenção policial, sobre a nossa saude por juntas medicas, emfim, sobre a nossa inactividade pelas jubilações, sobre a arte pelos Conservatorios, sobre a Litteratura pelos subsidios — emquanto durar este vicio centralista, o governo é uma isca que allucina e á qual se atiram todas as desvairadas ambições.

D'aqui resulta que a nação decáe, porque nada tem a fazer, e o governo subsiste por expedientes, porque não póde fazer tudo e quer conservar-se no dôce gozo da auctoridade.

Os *ministerios de coalisão* resultam d'esta deploravel apathia da nação, e da agitação desenfreada dos partidos ou das suas facções mais impacientes.

Como saír d'esta dissolução? Pela restituição á sociedade das suas liberdades e iniciativas, pela limitação da intervenção governativa; fazendo que a nação se governe a si mesma, como diz Brésson: «*La nation se gouvernant elle-même, c'est la République*».

*

Da resistencia da nação portugueza contra o governo pessoal dos Braganças, nasceram dois partidos monarchicos militantes, o *historico* e o *regenerador*, que na sua evolução politica vieram a entender-se outra vez com a dynastia, sacrificando-lhe os interesses da nação. A pratica do systema constitucional foi falsificada por uma combinada rotação de partidos, segundo os protestos da opinião publica desalentada, e foi no meio das retumbantes formalidades de um parlamentarismo automatico que a nação portugueza chegou a este estado de ruina, contra a qual são inefficazes as instituições vigentes. Contra as queixas da nação espoliada respondia-se com mudanças de ministerio, permanecendo o mesmo absolutismo mascarado; podia-se definir esta marcha politica invertendo o proloquio hespanhol: *A mesma coleira em differentes perros.* Como n'essa celeuma politica o que se procurava era obter o favor do paço, como notára o embaixador inglez em 1846, e por esse favor é que se obtinham as pastas e se conservava o poder sobre a nação, a pósse do favoritismo da realeza tornou-se o fim unico dos partidos monarchicos, e cada um tratou de satisfazer com mais habilidade os caprichos do incorrigivel absolutismo dos Braganças.

Estabelecido este cordão umbilical entre os ministerios e o paço, imagine-se a razão das monstruosidades dos tratados perpetuos a que se submetteu Portugal, imagine-se o intuito da divida insondavel á qual este paiz está hypothecado, observe-se o systema dos monopolios que enriqueceu os favoritos e que continúa com um nome mais sonoro de concessões. Os excessos do fa-

voritismo monarchico quebraram a commoda rotação dos partidos; as opposições foram a valer, a vida do rei foi trazida para o soalheiro da imprensa jornalistica, os symbolos do sceptro e do manto envolvidos com os termos dos libellos criminaes, e para dar mais tom á intimidação fizeram-se resoar n'esse gemer dos prélos uns roncos de revolução.

Conveiu abafar todo esse ruido, que podia revelar á nação o seu estado e tiral-a da apathia; lançou-se-lhes a tempo esse duro osso da governação publica, e o partido que saíu entende que continua a merecer o favor de el-rei seu amo, porque saíu a tempo para o não comprometter. Mas as cousas chegaram a um ponto que nem os de dentro sabem como hão saír airosamente, nem aos que estão de fóra convem tomar conta do poder. D'aqui as *concentrações monarchicas!*

Esta é que é a situação franca. De 1846 até hoje podia illudir-se a nação, reclamando reformas e garantias ostensivamente, mas conspirando com o paço para a estabilidade: assim no manifesto de 14 de setembro de 1846, já se proclamava: «Tem de ser purificado o texto da Carta Constitucional, para que sejam removidas as antinomias que contém, e os defeitos de redacção e de ordem que embaraçam a sua intelligencia». Todos os partidos monarchicos, em connivencia com o paço, foram conformes em illudir esta necessidade.

No mesmo manifesto se reclamava: «A *guarda nacional,* sendo um elemento de ordem e de segurança nos Estados constitucionaes, e uma garantia das instituições livres, convém que seja decretada na Carta, como de-

vendo fazer uma parte integrante da força publica». Como se satisfez esta garantia da liberdade? Corrompendo o exercito, que está reduzido a uma guarda pretoriana com a mesma indisciplina dos chefes. Mais se reclamava: «O *direito de associação* é um dos mais preciosos que podem exercer os cidadãos; este direito deverá ser consignado na Carta e regulado por uma lei especial». Como se satisfez esta immensa necessidade? Submettendo esse direito ás auctoridades administrativas, que são o páo mandado do poder ministerial.

Reclamava-se mais: «É mister dar maior *protecção á industria agricola* do paiz, desgraçadamente a mais laboriosa e a menos lucrativa: cumpre auxilial-a por meio de bancos ruraes, facilitando as transacções sobre os seus productos, livrando-as dos torpeços que obstam ao seu desenvolvimento, e que as põem em condição inferior ás operações de todas as outras industrias».

A protecção foi o imposto cobrado por meio de execuções fiscaes, o desvio dos capitaes para os *papelinhos* (phrase de um chefe de partido), a protecção aos generos estrangeiros, e um recrutamento brutal que promove uma emigração allucinada.

Tambem no Programma da Associação eleitoral do circulo de Lisboa, de 16 de setembro de 1846, se reclamava: «*Que a soberania nacional seja proclamada na constituição como unica origem de toda a auctoridade publica*».

Quasi todos os homens que assignaram esses manifestos passaram pelos bancos dos ministros, ou foram deputados, ou fruiram o pariato, mas d'esse tempo até

hoje nada se fez; ficou-se a marchar no mesmo terreno, como quem pisa um solo movediço. De facto, uma soberania oriunda da *graça de Deus* é o mais incerto de todos os apoios e é preciso captal-a sacrificando-lhe todas as garantias da nação.

A falta de ideal em politica tornou-se ainda mais deploravel na Litteratura; perdido o sentimento nacional, o espirito do Romantismo volveu-se para a idealisação da parte exterior da época da Edade-média, e para a emphase forçada de emoções sem estimulo. A geração dos novos talentos, que seguiam Garrett e Herculano, ficára automaticamente fazendo romances historicos, dramalhões sanguinarios e arrebicados soláos cavalheirescos sem a minima comprehensão da poesia popular. Era a degenerescencia do Romantismo, que se manifestou onde a pratica do Regimen constitucional-representativo corrompera os principios da Revolução; em época nenhuma se viu com mais clareza a mentira politica em relação directa com a mentira litteraria. O Ultra-romantismo foi uma consequencia do Parlamentarismo [1]. Garrett,

---

[1] «Os romanticos de 1830, para varrerem a antiga rhetorica, trouxeram uma outra, egualmente ridicula; não faziam mais do que substituir a teimosa imitação da antiguidade por uma affeição excessiva pela Edade-média, pelas velhas cathedraes, pelas armaduras, pelas ferragens e farrapos dos seculos passados. Eram as mesmas mentiras em outras decorações. Por isso o Romantismo devia envelhecer rapidamente, depois de se ter encarnado no mais magnifico poeta lyrico francez... O abalo estava produzido, o triumpho da

no romance *Helena*, cujo ultimo caderno tem a data de setembro de 1853, confessa a nenhuma influencia que exerceu na mocidade do seu tempo, que se lançára desvairada nos exaggeros do Ultra-romantismo: «eu escrevo uma historia, não faço versos á lua, debruçado nos balcões ideaes de uma creação caprichosa e imaginario estylo... devorado pelo vérme roedor dos negros pensamentos que baloiçam tristemente ao vento da solidão no crepusculo da noite... etc., etc., com tres versos na mesma rima seguida, e um agudo depois em *ão*, coração, desesperação ou similhantes... e embasbacado fica o Gremio litterario, o Centro commercial, e não sei se a propria Academia tambem depois de regenerada» [1]. Garrett alludia á reforma feita por Fonseca Magalhães sob o governo da regeneração, onde se fundiram o partido setembrista e o cartista; o poeta genial das *Folhas caídas* accentua o aspecto da poesia ultra-romantica, de uma melancholia desgrenhada. No poeta satyrico Faustino Xavier de Novaes acham-se bem caracterisadas essas novas fórmas poeticas:

---

revolução litteraria tinha aberto todas as vias, os escriptores naturalistas podiam mover-se livremente, e ousar emfim pintar os homens e os horisontes na sua verdade. Tal é a eterna honra do movimento romantico em França: apressou o advento da eschola realista, e facilitou-lhe o trabalho, entregando-lhe o campo desbravado, bom para construir». Zola, *Documents littéraires*, pag. 34.

[1] *Helena*, pag. 50.

De afamados escriptores
Pilharei *lanças, arnezes,*
Estrellas, prados e *flores,*
Té roubarei muitas vezes
A paciencia aos meus leitores.

A argentea luz do luar,
As *arcadas, obeliscos,*
Rochedos, ondas do mar,
Rouxinoes, pardaes e piscos
Não ficarão por cantar.

Cantarei a acção guerreira
Do campeão altivo e destro,
E, estando a Musa ronceira,
Me virá soprar ao éstro
A doce brisa fagueira.

. . . . . .

Ao som da lyra cadente
Misturarei com meus ais
Á saudade atroz, pungente,
Versos tão sentimentaes
Que farão rir toda a gente.

. . . . . .

E dando forte massada
D'hoje a moda seguirei
Em tudo romantisada,
E tanta cousa direi,
Que por fim não direi nada [1].

---

[1] Faustino Xavier de Novaes, *Poesias,* pag. 16 a 18.

Poeta!... não, perdão... que foi engano!
Versejador apenas, como tantos
Que rimam por ahi, com fogo insano,
E o povo fazem rir com *tristes* cantos;
Alto valor mostrando mais que humano,
Em *martyrios* soffrer, proprios de prantos!
Oh vates infelizes! causaes pena!
Que grande alma!... que veia tão pequena [1].

Alguns vates eu conheço
Que me inspiram compaixão,
Por darem subido apreço
A cousas que nada são:
A julgar pelos seus versos
Vivem na tristeza immersos,
Não fazem mais que gemer;
Descrêem do amor, da amizade,
Erguem cantos á saudade
E por fim querem morrer!

Anhelam da vida o cabo,
Chamam-se espectros a si,
E fallam, que tem diabo,
E cousas que eu nunca ouvi;
Nos seus tão sentidos cantos
Fallam só em ais, em prantos,
Em torturas e afflicções;
Não ha leitor tão perdido
Que não leia commovido
Essas *tristes* producções [2].

---

[1] Id., pag. 20.
[2] Id., pag. 24.

Houve tempo em que a Poesia
Na botanica abraçada,
Só de plantas se nutria,
Só d'ellas era enfeitada!

Os jasmins, cravos e rosas
E outras florinhas selectas,
Eram, por serem formosas,
Propriedade dos poetas;

No mais esteril terreno
Eram ás vezes plantadas,
Regadas com pranto ameno,
Pelas Musas cultivadas;

E vates eu vi, que apenas
Por tornar seus cantos bellos,
Punham no charco açucenas,
E no jardim cogumellos.

E no poetico delirio
Contra a razão em peleja,
Procuravam, mesmo, um lirio,
Onde só nasce carqueija.

E p'ra serem mais suaves
As canções dos trovadores,
Vieram tambem as aves
A voar por entre as flôres!

Foi tão grande o espalhafato
Com acquisição tão bella,
Que ás vezes trinava o pato
E grasnava a philomella!

Seguiam todos seu trilho,
Eis que, n'um dia ditoso,
Vem os astros, com seu brilho
Tornar o quadro famoso!

Revoltos os elementos
Juntam-se em fraternidade,
Entram n'esses movimentos,
E rebenta a tempestade!

Murcharam todas as flôres,
P'ra longe as aves fugiram;
Os astros e seus fulgores,
N'um momento, se encobriram!

Tristes os vates, sósinhos
A carpir-se começaram,
E desde então coitadinhos
Não riram mais, nem folgaram.

E na soidão lamentando
Os desvarios da sorte,
Ficaram sempre invocando
Como salvaterio, a morte!

Tornou-se moda a tristeza
Nos vates da nossa edade,
E mudou, por natureza
De moda em necessidade [1].

---

[1] Novaes, *Poesias*, pag. 251 a 253.

Nas *Viagens na minha terra* descreve Garrett o processo litterario do Ultra-romantismo portuguez, para compôr romances, dramas: «cuidas que vamos estudar a historia, a natureza, os monumentos, as pinturas, os sepulchros, os edificios, as memorias da época? — Desenhar caracteres e situações do vivo da natureza, coloril-as das côres verdadeiras da historia?... isso é trabalho difficil, longo, delicado, exige um estudo, um talento, e sobretudo, um tacto!... Ora bem; vae-se aos figurinos francezes de Dumas, de Eugenio Sue, de Victor Hugo, e recorta a gente, de cada um d'elles, as figuras que precisa, grudando-as sobre uma folha de papel de côr da moda... fórma com ellas os grupos e situações que lhe parece; não importa sejam mais ou menos disparatadas. Depois vae-se ás chronicas, tiram-se uns poucos de nomes e palavrões velhos; com os nomes chrismam-se os figurões, com as palavras illuminam-se... E aqui está como fazemos a nossa Litteratura original». Com esta receita ironica, formulada por Garrett, fizeram-se romances historicos e dramas tetricos, sem ideal, nem inspiração. Herculano, em um parecer apresentado no Conservatorio dramatico, caracterisa o estylo ultra-romantico usado no theatro: «Ás mãos cheias estão por ahi derramadas maldições, os anjos de azas brancas, os rochedos em braza, os demonios, toda a mais ferramenta dramatica usada hoje no theatro, e que não sabemos d'onde veiu, pois que sendo evidente que os nossos escriptores principiantes buscam imitar os grandes dramaturgos francezes, é certo que raramente acharão lá essa linguagem ôca e falsa, que só póde servir para disfarçar a falta de affe-

ctos e pensamentos; Victor Hugo e Dumas não precisam, nem usam de taes meios, e para citarmos de casa, já que cá temos exemplo, que esses noveis vejam se nos dramas do nosso primeiro escriptor dramatico, se no *Auto de Gil Vicente* ou no *Alfageme* ha essa linguagem de cortiça e europel, ha essas expressões turgidas e descommunaes, que fazem arripiar o senso commum, e que offendem a verdade e a natureza». Herculano caracterisava pittorescamente o aspecto absurdo do Ultra-romantismo, mas elle proprio caíu n'esse emprego da linguagem emphatica, umas vezes carregada de imprecações contra o seu tempo, outras de desalentos propheticos sobre o futuro de Portugal. Era a consequencia do estado de desorientação publica, que actuava ainda nos mais eminentes espiritos. Herculano traçava em phrases ultra-romanticas a sua situação mental ao estudar as instituições da Edade-média portugueza: «O que ha de abnegação, de zelo pela sciencia, de forças intellectuaes consummidas em desbravar os desvios por onde o snr. Muñoz se embrenhou, só o conhece aquelle que n'esse duro lavor deixou passar os melhores dias da vida, sem saber o que a mocidade tem de gozos, a edade viril de ambições, e a velhice de vaidades, e cuja recompensa unica será escrever-se na campa: *Aqui dorme um homem que conquistou para a grande mestra do futuro, para a historia, algumas importantes verdades*» [1]. Nas polemicas do Casamento civil volvia ao mesmo estylo grandiloco-la-

[1] *Do estado das Classes servas na peninsula*, fine.

mentoso, declarando que pretendia *sete palmos de terra.* Mas que verdades importantes conquistou para a historia? Sob o ponto de vista da Historia universal, era um providencialista, alardeando um superior desdem pela philosophia da historia. Quanto ao fim immediato da historia de Portugal, nada disse sobre a importancia ethnica das raças da Hespanha; não chegou a conhecer a similaridade das instituições sociaes da Grecia, Roma e Germania; não explicou como se formou o estado livre de Portugal; como as behetrias ou cidades livres se confederaram criando uma patria portugueza; como o problema do federalismo politico está implicito na evolução ethnica e historica dos estados peninsulares; emfim como a queda de Veneza, destruindo o equilibrio europeu no seculo XV, nos favoreceu como iniciadores da navegação, e ao mesmo tempo nos conduziu á incorporação no unitarismo da Casa de Austria. Apurar uma data secundaria, ou a responsabilidade de um facto imputado a um anonymo, nunca foram *conquistas de verdades importantes para a Historia.*

No seu desalento ultra-romantico Herculano entendeu condemnar-se ao silencio depondo a penna de escriptor. Garrett já estava morto, e o divorcio de Herculano com as lettras, deixára a geração que se desenvolvia sem disciplina intellectual, e sem um apoio moral. Foi n'este interregno litterario, que começou a avultar a figura subalterna de Castilho; amava as lettras pelas lettras, em prosa era um estylo encobrindo habilmente a falta de ideias, e em verso era um parnasiano encobrindo pela modulação do verso e esmero da rima a falta de senti-

mento. Esta paixão da fórma tornava-o critico dicaz; pela paixão litteraria attrahia em volta de si todos os que escreviam, pela critica mordente impunha-se como auctoridade, fazendo reputações de mediocres insulsos, ou difficultando o accesso aos talentos que o não admiravam. Castilho começou a exercer um pontificado litterario; passava breves e bullas de genios aos que o thuribulavam. Criou-se assim um pequeno mundo de litteratura convencional, chamado do *Elogio mutuo*, em que os insensatos ultra-romanticos se impuzeram á admiração provinciana, e proclamaram a propria importancia individual para se tornarem deputados, conselheiros, ministros de um theatral parlamentarismo, collaborando na obra dissolvente da Pedantocracia portugueza. Quem se dér ao trabalho de estudar muitas d'essas individualidades ultra-romanticas ha de encontrar como elemento generativo das suas biographias o alcoolismo, a loucura, o suicidio, e mais geralmente a versatilidade de caracter. As deprimentes crises politicas completavam esta dissolução intellectual pela extenuação do trabalho do jornalismo. Foi assim que se perdeu uma geração, porque teve a desgraça de ligar ao *senso moral* uma importancia secundaria. É ainda essa falha que explica as ruinas do presente.

Ha na vida das nações momentos angustiosos, em que o seu equilibrio social se perturba pela inconsistencia dos proprios elementos constitutivos. Portugal atravessou um d'estes terriveis momentos, quando, em 1581, se entregou com festas e arcos triumphaes a Philippe II, que minára a dignidade da aristocracia por meio das cé-

dulas com que lhe dourou a traição infame. Portugal vae atravessando uma crise ainda mais dolorosa, porque não é a perda da nacionalidade como consequencia de uma catastrophe o que se impõe, é a sua vergonhosa dissolução pela corrupção e decomposição dos caracteres individuaes.

Para conhecer este phenomeno morbido basta observar as fórmas da actividade de qualquer governo, a subserviencia passiva de qualquer parlamento, o criterio do jornalismo assalariado, para concluir que, em nenhuma época da sua historia, Portugal possuiu tantos talentos, tantas capacidades, tantos homens de sciencia, mas geralmente privados do minimo vislumbre de senso moral. É este o lado falho da hodierna geração. Prima-se em ser habil, em manifestar superioridade mental, em dar largas ás concepções da intelligencia, em multiplicar uma actividade surprehendente, e despreza-se a noção da consciencia moral, porque isso seria um tropeço para o exito das ambições desmedidas.

Quando, no meio de um grande abalo nacional, um grupo de ambiciosos assalta o poder, e ao som dos foguetes e musicas provincianas se proclama em dictadura, estrangulando as liberdades publicas, a dissolução dos caracteres oppõe-lhe apenas o sorriso da insensibilidade moral. É esse mesmo sorriso de insensibilidade moral com que se acolhe o logro dos quarenta contos dedicados á lenda do novo Anjo da Caridade, como se acolhe a phrase estulta do ministro que, depois do affrontoso *ultimatum* de 11 de janeiro, diz perante o parlamento: *A Inglaterra é muito respeitadora do direito interna-*

cional! É sempre o mesmo sorriso alvar diante do qual passam as *outras metades*, as operações bem combinadas, com tanto que revelem uma intelligencia superior; absolvem-se os syndicatos, as riquezas repentinas, as manchas pessoaes, como as bofetadas publicamente recebidas na face, as mancebias escandalosas, com tanto que o sujeito traga dos bancos da Universidade um attestado de esperto. E quando o sujeito chega a reconhecer que a falta de sentimento, de dignidade e do senso moral se torna uma força, em que apoia as suas ambições, então explora a ausencia d'essa qualidade pela petulancia audaz e descarada, quer nos artigos virulentos do jornal, que o levam ás cadeiras de ministro, quer nos discursos atrabiliarios em que a gesticulação se faz pelo arrombamento de carteiras, quer no pedantismo de uma mesquinha especialidade scientifica com que se arroga um desdem enfatuado para aquelles que o não admiram. Cada qual trata de dar provas de intelligencia, e despreza completamente o senso moral: veja-se como jovens bachareis, antes dos trinta annos são conselheiros, ministros, grandes homens, e como em tão verdes annos já assoalham um sudario de inconsequencias, de versatilidades, de torpezas e degenerescencia psychica!

O que observamos, explica a decadencia nacional, e o abysmo em que nos desaggregamos, pela privação de um sentido na geração que actualmente prepondera. Os factos parece encarregarem-se da comprovação da doutrina do philosopho:

«Posto que a superioridade mental, diz Comte, seja certamente a mais rara e a mais preciosa de todas, é

comtudo irrecusavel que, mesmo nos organismos excepcionaes em que ella é convenientemente pronunciada, não póde realisar sufficientemente o seu principal impulso quando não estiver subordinada a uma alta moralidade, por causa da pouca energia relativa das faculdades espirituaes no conjuncto da natureza humana. Sem esta indispensavel condição permanente, o genio, suppondo que elle possa então achar-se inteiramente desenvolvido, o que seria muito difficil, degenerará promptamente em instrumento secundario de uma estreita satisfação pessoal, em logar de proseguir directamente este largo destino social que só poderá offerecer-lhe um campo e um alimento digno d'elle: desde então, se fôr philosophico, não se occupará senão de systematisar a sociedade em proveito das suas proprias inclinações; se fôr scientifico, limitar-se-ha a concepções superficiaes, susceptiveis de lhe alcançarem successos faceis e productivos: se fôr esthetico, produzirá obras sem consciencia, aspirando, quasi que a todo o preço, a uma rapida e ephemera popularidade; finalmente, se fôr industrial, elle não buscará invenções capitaes, mas modificações lucrativas. Estes deploraveis resultados necessarios do espirito desprovido de direcção moral, que, ao menos, ainda que neutralisem radicalmente o valor social do genio, não conseguirão annullal-o, devem ser evidentemente muito mais viciosos nos homens secundarios ou mediocres, de espontaneidade pouco energica: a intelligencia, que não deveria servir essencialmente senão para aperfeiçoar a precisão, a apreciação e a satisfação das verdadeiras necessidades principaes do individuo e da sociedade, não conduz, a maior

parte das vezes, na sua vã supremacia, senão a suscitar uma insaciavel vaidade, ou a fortificar absurdas pretenções a dominar o mundo em nome da capacidade, que, assim moralmente libertada de toda a condição de utilidade geral, acaba por tornar-se de ordinario egualmente nociva á felicidade privada e ao bem publico, como hoje se está reconhecendo em demasia». (*Cours*, v, p. 303).

Parece que o grande philosopho previa a crise por que passa a nação portugueza. Que bom seria que esta geração de intelligencias secundarias, subalternas, mediocres, finorias, ladinas e habilidosas que nos governam, podessem mirar-se n'este espelho! As crises de uma nação não são irremediaveis; se hoje Portugal desfallece entregue a uma geração privada do senso moral, outra virá com essa energia do dever e conhecerá que Portugal só póde subsistir com honra e autonomia sob a fórma politica da Republica federal.

§. III

A Geração sem protesto, e o sentimento de Patria

Ainda não era passado um anno sobre o crime da *intervenção armada*, reclamada pela dynastia dos Braganças para suffocarem a liberdade em Portugal, quando irrompia em Paris a revolução de 24 de fevereiro de 1848, que convulsionou profundamente a Europa. A vasta repercussão d'este facto local tem implicito em si o verdadeiro sentido. O que significa a Revolução de 48? Simplesmente o facto decisivo do rompimento da politi-

ca de reacção inaugurada na Europa pela liga desesperada da *Santa Alliança dos Reis contra os Povos*, com a qual os velhos elementos conservantistas pretendiam embaraçar o desenvolvimento da liberdade moderna proclamada em 89.

A acção deprimente da *Santa Alliança* exerceu-se, colligada contra o radicalismo, entre as nações da Europa; a *intervenção armada* em Portugal em 1847 foi o seu acto final, cuja indignidade abusiva contribuiu de um modo immediato para a sua dissolução. O protesto de Edgard Quinet contra o attentado que feriu mortalmente a nacionalidade portugueza, era uma quasi previsão do futuro processo do absolutismo. A Revolução de 1848, destruindo este systema de um retrocesso organisado, teve por isso mesmo uma influencia geral nos principaes estados europeus. Assim como a grande e primeira Revolução, a segunda que se effectuou em Paris em 1848 não foi meramente local, nem simplesmente nacional: correspondeu a uma necessidade da civilisação contrariada pela colligação dos obcecados elementos conservadores. A queda do regimen catholico-feudal, determinada pela grandiosa Revolução, provocou a resistencia de todos os elementos da velha Ordem, que aproveitando o esgotamento militar da França por Napoleão, e a perturbação das nações pelas invasões do aventureiro corso, exploraram a *Restauração* do antigo regimen. Contra este retrocesso systematico mas absurdo, surgiram tres revoluções, que actuaram profundamente na Europa, e se reflectiram nos espiritos em Portugal:

A Revolução de 1830 foi o golpe decisivo na reale-

za do direito divino: o seu triumpho repercutiu nos emigrados portuguezes, que foram reunir-se na ilha Terceira, d'onde partiram para o Porto, vencendo um cêrco implacavel e implantando as instituições liberaes do constitucionalismo.

A Revolução de 1848 avançou mais um passo; feriu mortalmente a fórma monarchica, e renovou a instituição politica da Republica. Deu-se n'esta crise de renovação politica da Europa o apparecimento de um novo factor, o Socialismo, e conjunctamente a proclamação do suffragio universal.

A Republica fundada em 1848 por uma geração idealista creada no Romantismo sentimental, foi victima da exploração das aspirações socialistas, ainda então indefinidas, que por uma equivoca votação plebiscitaria, pediram a sua realisação a um pretendente-salvador.

Os factos coordenam-se intimamente, como que encaminhando á deducção das leis historicas. Do retrocesso sustentado por Napoleão III, que estrangulou pela mais affrontosa traição a Republica fundada pela Revolução de 1848, resultaram vinte annos de despotismo e de degradação do caracter moral da França. Soffremos d'esse regimen a nossa quota parte na violencia do *Charles e George*. A Revolução de 1870 foi o limite da tensão a que Napoleão III levára a França, e a proclamação da terceira Republica nasceu do ideal iniciado tão fecundamente em 1848.

Recapitulemos os successos segundo as consequencias historicas: Se a Revolução de 1830 acabou com o *direito divino*, e a Revolução de 1848 fez a ablação da

monarchia, foi a Revolução de 1870, que extinguiu o *poder temporal* da Theocracia, com que se pretendia manter os espiritos no obscurantismo. Todas estas conquistas, rompendo os liâmes do conservantismo, foram a realisação gradual do programma da Revolução de 1789: Reorganisar a sociedade humana sem reis nem deus.

Os dois successos capitaes, implicitos nas duas datas 1848 e 1870, encontraram em Portugal duas gerações differentes, uma que procurou obliterar o facto da intervenção armada e glorificou em prosa e verso a dynastia traidora, outra que se poz em dissidencia com o meio social decahido, renovando-se politica, litteraria, scientifica e philosophicamente na democracia.

Porém, no meio d'essa geração sem protesto levantou-se um talento dotado de um profundo criterio politico, de uma capacidade scientifica apta para comprehender e formular as necessidades do seu meio social, e com uma independencia de caracter para affirmar os principios democraticos no meio do conflicto dos partidos monarchicos, que, brigando entre si pelos favores da realeza, exploravam os resentimentos da nação para ludibrial-a depois de servidos. Esse homem, para nós extraordinario, porque morreu contando apenas trinta e tres annos de edade, e já então os seus trabalhos politicos eram de tal natureza, que os principaes espiritos da sociedade portugueza se agruparam espontaneamente em volta d'elle, esse homem estava destinado a modificar estas dezenas de annos de esterilidade do Constitucionalismo pela superioridade de vistas do seu espirito di-

rigente. José Felix Henriques Nogueira é um nome desconhecido entre as glorias officiaes portuguezas; a sua tradição conserva-se viva entre alguns velhos democratas que o trataram pessoalmente, mas que estabeleceram um silencio absoluto sobre a sua memoria desde que, por falta de um apoio moral, se foram um a um bandeando para a saturnal monarchica, onde se deram por pagos da abjecção por prebendas e cartas de conselho. O nome de Henriques Nogueira ficaria inteiramente esquecido se as suas ideias não sobrevivessem em alguns livros, dos quaes a critica e o estado actual da sciencia politica e das aspirações democraticas deduzem a sua validez moral e a disciplina da sua intellectualidade. Se algum nome merece a glorificação da historia pela pureza dos seus intuitos altruistas é o de Henriques Nogueira; para a sociedade civil, que soffreu os miseraveis attentados da monarchia em 1839 e 1842, as repressões que motivaram o levantamento de 1846, a traição régia, que chamou a intervenção armada estrangeira em 1847, e que viu ainda as tropelias de um absolutismo mascarado, reprimido pelo atraiçoado movimento de 1851, Henriques Nogueira foi o typo do grande cidadão que lavrou a sentença contra todas estas infamias. Elle escreveu estas memoraveis e solemnes palavras, que são a base do seu livro: «Quizera que n'um paiz como o nosso, emancipado por cruentos esforços da tutela humilhante, egoista e sanguinaria da monarchia absoluta, causa do regimen expoliador, traiçoeiro e faccioso da monarchia constitucional, necessitado de restaurar as forças perdidas em luctas estereis, e de cica-

trizar feridas que ainda gotejam, ávido emfim de gozar as doçuras da liberdade por que tanto ha soffrido, o governo do estado fosse feito pelo povo e para o povo, sob a fórma nobre, philosophica e perstigiosa da REPUBLICA». A sua indignação levava-o para a justiça, e a sua intelligencia fortificou-se n'essa verdade. A Republica ficou moralmente proclamada em Portugal em 1851; a aspiração inconsciente apparecera em 1820, e inspirou os altos pensamentos do sublime martyr Borges Carneiro, porém a sua fórmula consciente, o que vale dizer, historica e scientifica, só appareceu no livro dos *Estudos sobre a Reforma em Portugal,* publicado por Henriques Nogueira em 1851.

O partido republicano portuguez tem uma tradição e uma individualidade; a Revolução de 1820, por mais sophismas que empregue o Constitucionalismo-cartista para a falsificar com *outorgas* liberaes, ha de ser sempre a iniciação da éra democratica em Portugal; o nome de Henriques Nogueira, por mais obscuridade em que o envolvam as glorias officiaes, ha de ser sempre o vulto surprehendente que determinou muito antes de Pi y Margall a solução positiva para o futuro democratico das Nacionalidades peninsulares.

Se Henriques Nogueira puzesse o seu estylo ao serviço de sentimentos reaccionarios, idealisando a vida parasita e a acção estupidecente dos frades; se vivesse encostado ás generosidades do paço e á sombra d'esse poder occulto, o rei D. Fernando, o sensual Coburgo que machinou as reacções de 1839, 1842 e 1847; se declarasse que a Historia de Portugal não se escrevia para a

nação, mas para corresponder á generosidade de um rei; se tivesse conservado o silencio systematico diante das torpezas de uma prolongada dictadura palaciana, e dado voto parlamentar a favor da suspensão de garantias, achando apenas indignação contra as censuras banaes de um ou outro clerigo boçal, n'estas condições aggravadas pelas incongruencias de outros actos, seria proclamado o Catão do constitucionalismo, o ultimo Portuguez, e a burguezia rica e sem ideias quotisar-se-hia para erigir-lhe um mausoléo em estylo manuelino no claustro de um templo gothico! Tal é o sentido do monumento a Herculano: uma homenagem inintelligente a uma individualidade não julgada. Henriques Nogueira tem apenas uma lápide no cemiterio dos Prazeres; quinze individuos collectaram-se entre si para lhe poderem gravar no tumulo estas palavras: *Apostolo fervoroso da Liberdade, Egualdade e Fraternidade.* Mas estas palavras só por si exprimiriam vagas aspirações; n'esse lemma sepulchral accrescentaram: *Foi estrenuo defensor da Doutrina democratica e da Ideia da Federação politica das Hespanhas.* Assignaram estas memorandas palavras José Estevão, Antonio Rodrigues Sampaio, Carlos José Caldeira, José de Torres, e outros homens distinctos, e rematavam: *O futuro julgará suas opiniões e as de muitos que lhe sobreviveram.* De facto, o futuro tornou-se presente, evolvendo-se dos germens lançados pelo passado e as ideias de Henriques Nogueira confirmadas por acontecimentos abruptos, como a affronta do *Charles e George*, o tratado de Lourenço Marques e o *Ultimatum* de 11 de janeiro de 1890, receberam a confirmação da politica scien-

tifica. O livro de Pi y Margall, *As Nacionalidades,* publicado em 1877, e o desenvolvimento do grande partido federalista em Hespanha, que procura coordenar em uma unidade consciente todos os elementos separatistas hespanhoes por meio de um pacto de colligação politica, vieram confirmar as previsões do grande iniciador portuguez.

A morte de Henriques Nogueira em 23 de janeiro de 1858 foi um inopinado desastre para as primeiras intelligencias da politica portugueza; José Estevão volveu-se para a facção monarchica e foi esterilisar-se no parlamentarismo do grupo historico; Sampaio foi enfileirar-se no grupo regenerador onde não soube respeitar o seu passado democratico; outros fugiram da politica e acantonaram-se nas secretarias de estado, exercendo o despotismo dos traços de penna e accumulando gratificações. O futuro julga hoje as ideias condemnando os actos dos que sobreviveram a Henriques Nogueira: uns quizeram a vida da acção indo ao grado das forças conservadoras, outros venderam-se, outros desalentaram-se, e tudo isto porque não tinham convicções nem ideal.

José Felix Henriques Nogueira nasceu em 25 de janeiro de 1825, em uma freguezia proxima de *Torres Vedras;* herdeiro de uma grande fortuna, achou-se em uma independencia indispensavel para julgar a acção dos partidos monarchicos, que á falta de ideias, têm apenas a cohesão dos interesses. O facto de ter vivido em Torres Vedras fel-o conhecer muito cedo os crimes da monarchia constitucional, e as traições dos que em 1847 atraiçoaram n'esse reducto invencivel a causa da nação.

Assim se achou o seu espirito levado para a analyse das instituições no bello livro *Estudos sobre a Reforma em Portugal,* indo em seguida completar os seus estudos sociaes em uma viagem pela Inglaterra, França, Belgica, Allemanha e Hespanha, em 1853. Em 1854 fundou um jornal *O Progresso,* e collaborava nos jornaes mais lidos de Portugal, o *Panorama, Ecco dos Operarios, Revolução de Setembro, Jornal da Associação industrial do Porto* e *Scalabitano.* A sua actividade exercia-se em uma propaganda disciplinada no *Almanach democratico,* de 1852 a 1855, no *Almanach do Cultivador,* de 1856 e 1857; contra a absorpção do centralismo monarchico trabalhava para avivar a tradição das garantias locaes, e em 1856 publicava para o povo *O Municipio no seculo XIX,* e preparava um *Catecismo democratico,* quando foi repentinamente surprehendido pela morte em 23 de janeiro de 1858. A este facto accidental deveu a monarchia mais de trinta annos de esterilidade, de esgotamento da riqueza publica e de dissolução dos caracteres. Que um Casal Ribeiro proclame o advento inevitavel da Republica no opusculo *É tarde,* e venha ao grado das conveniencias pessoaes declamar no parlamento que a monarchia, que se sustenta pelo protectorado indigno da Inglaterra, é a condição da autonomia nacional, é essa a linha de uma geração que se achou sem apoio moral desde a morte d'esse grande espirito disciplinador.

Quem diria que a generosa geração academica, que tomou parte na *Maria da Fonte,* organisando-se em um batalhão de voluntarios, que seguiu para o Porto em 29 de março de 1847, e que soube bater-se no Alto do Vizo,

forneceria toda essa pedantocracia de ministros, parlamentares e altos funccionarios, que conservaram as instituições politicas sob a lagem tumular da Carta outorgada. D'esse tempo ficou a musica extraordinariamente bella do hymno do batalhão academico, composta pelo estudante açoriano José Christiano Anel de Medeiros. A letra do hymno pertence ao poeta dos *Murmurios,* Augusto José Gonçalves Lima, que morreu administrador de um dos bairros de Lisboa; transcrevemos aqui esse hymno como o ultimo ecco de uma geração que emmudeceu, e se tornou cumplice do constitucionalismo:

Brada a Patria: — Á guerra! á guerra,
Oh valente Mocidade;
Que vos roubam vossa amante
A divina Liberdade!

Somos jovens! livres somos,
Somos demais — portuguezes;
O dever nos chama á guerra,
Affrontemos seus revezes.

Quando da Patria
Sôa o clarim,
Ninguem nos vence,
Morremos, sim.

Temos palmas de Minerva,
De Marte qu'remos os louros,
Embora colhel-os vamos
Entre nuvens de pelouros.

Seremos sim p'ra mostrarmos
Que o mal da Patria nos dóe,
Cada estudante um soldado,
Cada soldado um heroe.

Quando da Patria
Soa o clarim,
Ninguem nos vence,
Morremos sim.

Embora Lisboa durma
O somno da escravidão,
Hade Coimbra acordal-a
Ao rouco som do canhão.

Iremos, iremos todos
Através de p'rigos, damnos,
Esmagar no proprio ninho
Os reptis palacianos.

Quando da Patria
Soa o clarim,
Ninguem nos vence,
Morremos sim [1].

Ao ninho dos *reptis palacianos* chamava Rodrigues Sampaio a caverna de Caco; porém quando vestiu a farda de ministro explicava por um influxo magnetico a subserviencia aos caprichos monarchicos. No jornal a *Revolução*

---

[1] *Conimbricense* de 24 de julho de 1888 (n.º 4:269).

de Setembro, que se inspirava nos principios politicos da soberania nacional, fez os seus ensaios litterarios Lopes de Mendonça; não tendo uma cultura systematica, nem um talento superior, ainda assim o ideal democratico destacou-o de todos os escriptores contemporaneos, pela superioridade de vistas criticas, e por essa originalidade desequilibrada que veiu a terminar na loucura. O sentimento de Patria estava extincto nos espiritos; a historia d'esta ultrajada nacionalidade caíu no absoluto esquecimento; e os escriptores sem ideal parodiavam os dramas francezes, os romances novellescos, e metrificavam redondilhas em que Portugal entrava como rima aguda e campanuda. N'esta crise, uma revivescencia litteraria dependia de uma renovação de principios politicos. É por isso que os escriptores de mais talento da época Ultra-romantica, como Latino Coelho, acharam-se por uma evolução normal propagandistas da democracia.

Nas grandes crises sociaes e historicas por que passa uma nação, quando se transforma ou conflagra na lucta pela existencia, o seu principal apoio não consiste nos impetos da força indisciplinada, que se dispende em sacrificios estereis para entregar-se cançada á fatalidade dos acontecimentos ou ao arbitrio de um despota; a sua resistencia reside completamente em uma ideia ou um sentimento, que dêem convergencia a todas as energias. O sentimento de Patria é essa força moral, que suscita os altos caracteres e as sublimes dedicações. Portugal é de todas as nações da humanidade, a que com menos recursos materiaes, e antes pelo impulso moral do sentimento autonomico da sua nacionalidade, assignalou

mais profundamente o seu logar na historia da civilisação.

Quando Portugal abria aos povos modernos da Europa o Mar Tenebroso, desvendando o Atlantico á actividade pacifica e industrial do mundo moderno, não era o animo do lucro que impulsionava os seus navegadores; era o sentimento de Patria, que pela intuição de um grande destino nos levava a procurar no Oceano o equilibrio para a nossa exiguidade continental. Quando, apesar do nosso pequeno numero, nos espalhámos n'uma colonisação e occupação activa pela Africa, America, India e extremo Oriente, foi ainda o sentimento de Patria que conservou o vinculo moral que se afrouxava na mais vasta occupação do planeta que nenhum povo da terra ainda realisou. Portugal foi colonisador por excellencia; em vez do espirito lucrativo dos hollandezes e da avidez destructiva do dominio inglez, nós fundámos sociedades novas, grandes nações como o Brazil, radicando pela sympathia o nosso perstigio que ainda subsiste atravéz dos tempos, mesmo aonde está já extincta de seculos a nossa auctoridade.

O sentimento da Nacionalidade é a maior força de Portugal; já transpira nos documentos do seculo XII, quando nos constituimos em Estado livre; é elle que nos cria fronteiras, que é o caracteristico da nossa raça, e serve de estimulo á nossa actividade. Ferir este sentimento, amesquinhal-o, attentar contra elle, é arrastar-nos á condição de povo morto, é preparar uma inevitavel ruina.

A monarchia em Portugal, reconhecendo-se verdadei-

ramente parasita, para manter-se tem explorado o sophisma, de que ella é garantia da autonomia nacional. A Inglaterra, que nunca fez descobertas maritimas, possue os territorios que a tornam a primeira potencia colonial que nos foram arrancados por tratados leoninos como o de Bombaim, ou por exacções brutaes, ou ainda pela imbecilidade ou insania moral dos nossos homens publicos; e a titulo de defender a nossa independencia nacional, mascára com a mentira de *fiel alliada* a expoliação com que desde o seculo XVII se converteu em grande potencia, tendo-nos constantemente perseguido, embaraçado na colonisação da Africa, onde com certeza teriamos fundado uma grande nação, como o fizemos no Brazil, e divorciado dos povos hispanicos. É pois natural, que estes dois factores egoistas, Monarchia e Inglaterra, mutuamente se entendessem para converterem Portugal em *feudo* de uma familia, e em *nação protegida* de uma raça que, embora existente na Europa, pela sua situação insular é organicamente extranha aos interesses europeus.

A historia de Portugal depois da restauração de 1640 é o quadro vergonhoso d'este sacrificio constante de uma pequena nação heroica e digna pelos seus governantes a uma alliada perfida, que, á medida que nos exautora, nos ameaça com a Hespanha, apresentando-a como nossa inimiga natural. Quando D. João IV foi acclamado rei de Portugal, não pensou no paiz que se libertára a si proprio, mas sim em garantir o seu throno, e para isso em tratado secreto reconheceu á Hollanda o direito a todas as conquistas que aquelle povo mercantil fizera

no Brazil. Foram os povos cedidos por D. João IV, que se libertaram, sob o heroismo de patriotas sublimes como João Fernandes Vieira, Vidal de Negreiros e Camarão. Para garantir o seu throno, depois de offerecer Pernambuco aos hollandezes como preço da paz, offerece á França e á Hespanha o territorio portuguez pelo preço da sua segurança dynastica, como se vê nos projectos de casamento do seu primogenito D. Theodosio com a filha mais velha do duque de Orleans M.lle de Montpensier, ficando o principe rei do Algarve, e casando a infanta D. Catharina com o duque de Beaufort; ou n'esse outro projecto de casamento da infanta D. Catharina com D. João de Austria, ficando D. João IV com o titulo de rei do Brazil por accordo do rei de Hespanha.

No meio do seu terror dynastico, D. João IV lembra-se de fugir levando a sua corôa para o Brazil, como se vê em uma carta do padre Vieira a Francisco de Brito Freire. Estes terrores da dynastia egoista levaram-na a entregar-se á Inglaterra, offerecendo-lhe a desmembração de Portugal, que se realisou pelo casamento da infanta D. Catharina com Carlos II de Inglaterra, e com a entrega de Bombaim, que foi a origem do poder da Inglaterra no Oriente, e o começo da nossa successiva ruina colonial.

É conhecido o texto affrontoso do tratado de 1661, em que a monarchia bragantina entrega a chave de todas as nossas conquistas no Oriente á Inglaterra.

Uma vez debaixo do jugo da Inglaterra, essa potencia egoista explorou o egoismo dos monarchas portuguezes, levando-os a firmarem a ruina das nossas industrias

pelo tratado de Methwen; levando D. João VI a abandonar Portugal á invasão napoleonica em 1807; a acceitar o ominoso tratado de 1810; a entregar-lhe a ilha da Madeira; provocando por fim a separação do Brazil, para que D. Pedro lhe abrisse as portas d'aquelle grande continente.

A Inglaterra, que se gloría do inicio do regimen parlamentar, depois de se ter opposto com os seus navios de guerra ao desembarque dos liberaes na ilha Terceira, fez em 1847, parte da intervenção armada que veiu a Portugal algemar a liberdade de um povo que resistia á prepotencia de D. Maria II. Foi n'essa hora terrivel que a consciencia nacional, ferida pela intervenção, comprehendeu o sophisma secular, que nos tem arrastado a uma prolongada decadencia. Contra o egoismo monarchico, que nos arrasta ás maiores ignominias, aspirou-se á instituição da Republica; contra a humilhação e affronta nacional que a Inglaterra nos inflige constantemente com as suas intervenções, tratados e *ultimatums*, com o titulo desprezivel de *nação protegida*, propôz Henriques Nogueira a solução que nos tornaria fortes e respeitados — a Federação.

É este o caminho da rejuvenescencia de Portugal; Republica e Federação hispano-latina, eis as fórmas da nossa reconstituição nacional e internacional, que podem trazer a este paiz um futuro ainda grandioso.

Os successos impõem-se: — *facta viam inveniunt.*

Depois da affirmação de Henriques Nogueira, a Republica de 1848, minada pela colligação conservadora européa, só se tornou effectiva em 1870, na nação he-

gemonica dos povos latinos, e pela sua supremacia pacifica e industrial, ella tende a internacionalisar-se na grande confederação latina das nações do Occidente. A força d'esta corrente reflectiu-se já em um povo, que é o prolongamento de Portugal na America, por acto de heroico civismo, proclamando em 15 de novembro de 1889 a Republica dos Estados-Unidos do Brazil.

Contra esta corrente a monarchia bragantina, atemorisada pelo seu fiel alliado, fez o iniquo tratado de Gôa, pretendeu levar a effeito o tratado de Lourenço Marques e chamou a constituir ministerio o mesmo individuo que começára as negociações do tratado do Zaire. A brutalidade das relações diplomaticas do governo inglez, significa perante a monarchia, que ella se acha sem segurança, entregue a um rei inintelligente e sem sympathias, e que por isso lhe vende mais caro a sua fiel alliança. Os homens que servem a monarchia, são ou velhos dementados, que já se deshonraram nos tratados vergonhosos que ahi estão conhecidos, ou moços sem ideal, que só pretendem illudir o espirito da nação com os sophismas da Carta outorgada, e machinar syndicatos para exhaurir os cofres publicos.

Sómente a proclamação da Republica trará a condição de se manifestarem os fortes caracteres movidos pelo sentimento de patria. A Republica, no meio d'estes desastres publicos, está na consciencia de todos como o recurso definitivo da nossa estabilidade nacional.

LIVRO I

OS ULTRA-ROMANTICOS

CAPITULO I

Rebello da Silva

Para bem conhecer um talento, exigia Sainte-Beuve, tão pratico n'esta categoria de estudos, muito acima das investigações sobre a educação e cultura systematica d'esse espirito, o exame do *meio* e do *primeiro grupo de amigos* entre os quaes desabrochára, antes de adquirir a sua individualidade. Percorrendo a galeria dos escriptores modernos que succederam aos epigones do Romantismo, vêmos como este principio formulado por Sainte-Beuve nos explica tantas manifestações de talentos sem plano, que ás revelações do seu brilhantismo sacrificaram quasi sempre a verdade do pensamento ou a pureza do sentimento. As fórmas e manifestações litterarias de talentos como Rebello da Silva, Mendes Leal ou Camillo Castello Branco, soffreram a compressão mesquinha de um *meio politico* sem ideal; uns, serviram

essa corrente malbaratando faculdades poderosas na dispersão anarchica do jornalismo e das opposições contradictorias do parlamentarismo; outros, indifferentes á vida publica, seguiram pela influencia de amigos ociosos os habitos da mocidade da época da Restauração, envelhecendo sem cultura do senso moral, alardeando um superior desdem por qualquer ordem de deveres, e tomando como ideal artistico o affrontar as leis normaes da sociabilidade.

Entre os novos talentos suggeridos pela renovação litteraria do Romantismo, destacou-se com maxima precocidade Luiz Augusto Rebello da Silva, nascido em Lisboa, em 2 de abril de 1821. Filho de um homem conceituado no mundo official, um intransigente cartista, foi Rebello da Silva cursar a Universidade de Coimbra, para adquirir habilitações officiaes que lhe abrissem o accesso aos cargos publicos. Assim, recebeu a sua natureza plastica e facilmente adaptavel, essa préga de convencionalismo que predomina na rhetorica de todos os seus escriptos, e contra a qual como espirito superior reagia nas conversas intimas, na espontaneidade e effusão com que exercia a critica fóra da tribuna, da imprensa ou do livro. Era verdadeiramente um *homo duplex* dos moralistas catholicos; á medida que se eleva na vida publica, esta autonomia accentua-se de mais em mais, tornando-se surprehendente na expressão oral, e banal na exposição escripta. E este aspecto o distingue completamente de Mendes Leal, em quem o convencionalismo rhetorico matou toda a manifestação de naturalidade.

Em 1839, frequentava Rebello da Silva a Universidade de Coimbra, onde se demorou apenas dois annos; achava-se recentemente organisada a nova Faculdade de Philosophia, pelo governo da Revolução de Setembro, e Rebello da Silva aproveitou-se do favor legal que facilitava a matricula sem os preparatorios que se exigiam para a faculdade de Direito. A vida escholar conservava ainda uma feição medieval, matizada pela turbulencia das passadas agitações politicas; os estudantes difficilmente saíam de Coimbra, por falta de estradas e emprezas de viação, e para se distrahirem inventavam divertimentos theatraes, arruaças e o regimen da troça. Este viver local imprimia caracter ao individuo, dando-lhe o typo dos heroes dos romances de Lesage, ou incutindo-lhe um desdem por tudo o que é realidade para deixal-o na apathia e na excentricidade. N'este meio universatario Rebello da Silva adoeceu gravemente, tendo de regressar para Lisboa em 1841, abandonando para sempre os estudos regulares. Esta circumstancia influiu em toda a sua vida litteraria, tornando-se um autodidacta.

Desde 1838, existia fundada na rua da Atalaia uma *Sociedade Escholastico-Philomatica,* onde se faziam leituras e se discursava; era seu orgão na imprensa o jornal intitulado *Cosmorama litterario.* N'esta obscura e ephemera associação se inscreveu Rebello da Silva, revelando ali as suas tendencias oratorias. Era a perdição; o talento nascente, á medida que fosse desenvolvendo os recursos da eloquencia natural, fiar-se-hia na facilidade da improvisação desonerando-se cada vez mais

da necessidade do estudo. E assim como elle improvisava discursos politicos e artigos jornalisticos, improvisaria tambem romances historicos e historia de Portugal, em que o brilhantismo da phrase encobria a falta de estudo dos caracteres, dos costumes, e das grandes leis da civilisação moderna. No *Cosmorama litterario* fez Rebello da Silva a sua estreia com um esboço ou tentativa debil de romance historico, a *Tomada de Ceuta,* que passados muitos annos, em 1856, tornou a remodelar com o titulo *Contos ao serão: Novellas africanas.* Não era preciso saber historia para escrever romances historicos; Garrett poz a descoberto a receita, por meio da qual, com uns nomes antigos das chronicas, e umas palavras archaicas escolhidas, e uma construcção forçada em dialogos entrecortados, fazia-se obra que o proprio Walter Scott tomaria como filha genuina da sua eschola. Rebello da Silva admirava os romances historicos de Alexandre Herculano, e imitava-lhe os processos. Foi com um outro pequeno romance, *Rauso por homizio,* que Rebello da Silva se aproximou em 1842 de Alexandre Herculano, que lhe conferiu o favor da sua amisade. Quer pelo contacto com seu pae, Luiz Antonio Rebello da Silva, quer pela admiração de Herculano, o joven escriptor foi attrahido para a reacção cartista contra o principio da soberania nacional; entre os homens que fomentaram a reacção cartista de 1842, os dois Cabraes (Antonio e José), os dois Lacerdas (D. José e D. Antonio), Souto Mayor, José Feliciano de Castilho, figuram seu pae Luiz Antonio Rebello da Silva, e o seu intimo amigo litterario Rodrigo José de Lima Felner.

Operou-se a crise decisiva do espirito do novel escriptor; em 1845 a facção cartista nomeou-o official da secretaria do Conselho de Estado, e confiou-lhe a redacção do *Diario do Governo*. Nunca mais existiria n'aquelle espirito um impeto de independencia ou de revolta; o talento dobrou-se ao serviço de uma causa de iniquidade desenvolvendo acrobatismos de estylo, effeitos de rhetorica, que lhe iriam alargando a área da importancia pessoal, mas retrahindo-o até confinal-o na mediocridade. N'esse mesmo anno de 1845 é admittido como socio do Conservatorio real, e sem trabalhos que revelassem as suas aptidões para a Litteratura dramatica, é em 1846 nomeado pelo governo de Costa Cabral Fiscal regio do Theatro de D. Maria, quando Garrett era destituido indignamente pela facção cartista. Rebello da Silva atravessa essas angustiosas crises que terminam pela criminosa affronta da *intervenção armada* em 1847, acceitando a candidatura official de deputado ás côrtes de 1848, e pondo-se ao mesmo tempo ao serviço da causa palaciana como jornalista redactor da *Carta*. O sacrificio da verdade á paixão politica reflectiu-se na falsidade do sentimento da obra litteraria; é no meio d'este repentismo jornalistico, que Rebello da Silva improvisa um outro romance historico *Odio velho não cansa*, começado a publicar na *Epoca*, reproduzido em volume em 1849, e mais tarde reelaborado no *Panorama* em 1852. Uma ignorancia completa do espirito da Edade-média e da vida social portugueza, e mesmo a falta de observação subjectiva para comprehender o conflicto das paixões, tornam este romance uma vulgaridade sem relação com

um talento de vinte e sete annos. Effectivamente Rebello da Silva estava na pujança do talento; o pequeno quadro ou conto historico *Ultima corrida dos Touros reaes em Salvaterra*, tem o laconismo do improviso, o movimento de um grande drama moral, e a descripção pittoresca de um scenario natural. Esse conto ficou sendo a joia litteraria do escriptor; reproduziram-no todos os jornaes contemporaneos, *Epoca*, *Archivo universal*, *Revista universal*, *Futuro*, etc., almanachs e selectas. Porém, quando o escriptor pela reconcentração intellectual poderia elevar-se ás altas idealisações da arte, ou ás concepções philosophicas da historia, tornou a agarral-o o demonio de uma politica mentida e de violencia, que lhe devorou a melhor energia do seu espirito.

De 1848 a 1852 não subsistem documentos da actividade mental de Rebello da Silva; despachado em 1849 secretario da secretaria do Conselho de Estado, a causa cartista exige-lhe o sacrificio da sua dedicação na crise laboriosa da Regeneração, de 1851, em que tambem entrára Herculano. Em 1852 toma a redacção do jornal cabralista *A Imprensa*, que durou apenas um anno, vindo a collaborar em 1853 com Mendes Leal, na fusão com o jornal *A Lei*, que appareceu em 1853 com o titulo de *Imprensa e Lei*. Rebello da Silva procurava na arte a consolação moral, que não encontrava na politica dissolvente da pretendida conciliação entre o cartismo e o setembrismo; na *Revista universal lisbonense* começa a publicar ainda um outro romance historico, *Mocidade de D. João V*, cuja improvisação o obrigou a uma nova redacção em dois volumes, e por ultimo a uma

transformação radical na edição da casa Moré, do Porto. A côrte de D. João V prestava-se a bellos quadros da alliança do fanatismo e da sensualidade de uma aristocracia enlevada na reproducção da galanteria e sumptuosidade da côrte de Luiz XIV; mas, sem uma these philosophica, de ordem moral ou historica, esses quadros ficam sem relevo, como aguarellas semi-apagadas e frias. O orador derrama-se em considerandos e em descripções, mas a falta de talento dramatico não o deixa á vontade no dialogo sem movimento, nem espontaneidade. Rebello da Silva sympathisava com o seculo XVIII, e procurou estudal-o nas suas manifestações intellectuaes e litterarias; faltava-lhe a comprehensão do logar que esse seculo activo occupava na grande phase systhematica da dissolução do regimen catholico feudal. Depois do romance da *Mocidade de D. João V*, publíca em 1853 a primeira redacção do seu estudo critico *Memoria biographico-litteraria sobre Bocage;* admirava aquelle talento espontaneo, mas não o comprehendeu. Faltava-lhe o criterio philosophico para estabelecer a relação entre o meio cesarista e a vida moral do poeta, e ao mesmo tempo uma noção clara da marcha das Litteraturas romanicas para estabelecer o caracter d'esse pseudo-classicismo francez que prevaleceu nas nossas Arcadias. Essa *Memoria biographica* foi aproveitada como introducção á edição das Poesias completas de Bocage organisada pelo bibliographo Innocencio. A critica litteraria parecia attrahir o espirito de Rebello da Silva; porém em vez de exercer o processo comparativo das fórmas litterarias e determinação das correntes do gosto esthetico, resu-

mia-se a transcripções com phrases laudatorias segundo os habitos de José Maria da Costa e Silva. Foi assim que estudou os principaes vultos da Arcadia Ulyssiponense, Diniz, Quita e Garção, sem vantagem apreciavel para a historia da litteratura portugueza no seculo XVIII. No estudo de Quita, desconhece a questão da *Segunda Castro,* tão plagiada na *Nova Çastro* de João Baptista Gomes; em relação a Diniz desconhece a elaboração do poema o *Hyssope,* revelada pelas duas redacções de seis cantos e dos differentes manuscriptos existentes, tão cuidadosamente estudados pelo snr. Ramos Coelho na capital edição do bello poema heroi-comico. Sobre Garção nada adianta além de apreciações vagas, e excerptos, quando a sua vida desgraçada é o commentario luminoso da sua obra, mal conhecida por andar fragmentada em manuscriptos dispersos á espera de um critico apaixonado que a reconstruisse. Este plano foi cabalmente realisado pelo conselheiro Azevedo Castro, sómente em 1888, na edição das *Obras poeticas e oratorias* de Garção [1].

Tivemos sempre uma sympathia filial por este árcade, e desde uma edade em que mal o entendiamos.

Por 1857, entre uns alfarrabios comprados por meu pae, deparou-se-me um volume das obras de Garção, de 1778; foi o primeiro livro da minha bibliotheca, e que ainda hoje conservo. Li-o, reli-o, imitei-o, como árcade extemporaneo aos quatorze annos, e quando absorvido

---

[1] Roma, Typ. dos Irmãos Centenari. 1888. 1 vol. de LXXXIV, e 622 pp. in-16.

pelas creações geniaes do Romantismo deixei essa errada vereda, não foi perdida a lição do auctor da *Cantata de Dido:* devi-lhe o conhecimento dos effeitos da metrificação endecasyllabica, e a importancia que têm os epithetos na linguagem poetica, empregados em geral como adjectivos para encherem o verso.

O livro de Garção foi o meu companheiro de adolescencia; quando mais tarde conheci a tradição da morte do poeta sob a pressão violenta e iniqua do despotismo de Pombal, admiração e sympathia confundiram-se em uma idealisação esthetica, de que nasceu um pequeno drama: *Poeta por desgraça.* (Vide *Torrentes,* p. 227 a 287), que foi representado no Theatro academico, sendo o papel do protogonista desempenhado pelo genial romancista Eça de Queiroz.

O talento impõe-se á admiração, e a desgraça provoca a sympathia; por estes dois sentimentos naturaes, o nome de Pedro Antonio Corrêa Garção, o vulto principal da Arcadia de Lisboa, creada para levar a effeito a reforma da litteratura portugueza, sobrevive na nossa memoria, sendo estudado como modelo, e aureolado com o protesto contra o despotismo pombalino de que foi victima. A recente edição das obras do árcade eximio feita sobre dois valiosos manuscriptos coévos, pelo sr. conselheiro Azevedo Castro, agente do Brazil em Londres, enriquecida com sete sonetos, seis odes, uma epistola, e tres orações em prosa, que ainda se achavam ineditos ou por incorporar, é um monumento, que Portugal devia ao poeta, e que por circumstancias inexplicaveis fôra impossivel até hoje erigil-o. Depois da morte de Garção,

em consequencia do seu mysterioso encarceramento no Limoeiro, seu irmão João Antonio Corrêa Garção, passados seis annos, publicou em 1778 as obras poeticas do desgraçado árcade, que tinham ficado ineditas. Esta edição parece ter sido intencionalmente truncada, porque foram omittidas n'ella uma ode e uma epistola de glorificação ao marquez de Pombal, que se encontravam por differentes manuscriptos. Em todo o caso, a publicação das poesias de Garção foi motivada pela necessidade de um protesto a favor da victima silenciosa contra o glorioso algoz. Sobre esta incompleta edição de 1778 foram calcadas as subsequentes edições de 1812, do Rio de Janeiro, e de 1825, de Lisboa, omittindo-se em ambas as prosas oratorias. A corrente sympathica a favor do poeta, á medida que dava relêvo áquella dolorosa individualidade acabava por transformar-se em admiração pelo talento litterario, dotado com todas as condições para disciplinar o gosto de uma geração, e que na realidade fôra bastante admirado no seu tempo. Era preciso investigar todos os manuscriptos do seculo XVIII em que se encontravam poesias de Garção, colligil-as e collecional-as formando uma edição definitiva, com aquelle apparato critico e fervor com que os eruditos da Renascença apoiavam o texto dos escriptores greco-romanos. E Garção merecia-o; n'isto consistia a divida do monumento nacional.

Antes, porém, d'esta edição, de 1888, tres tentativas ficaram mallogradas. Em 1794 já estava despachada pela Mesa censoria uma collecção das obras de Garção «que vae ser reimpressa brevemente». Acha-se

esta noticia em uma nota á poesia «No campo do rio frio», reproduzida no jornal *O Historiador*, de 1846, p. 86.

Innocencio Francisco da Silva dá noticia de um outro projecto de edição por um descendente do proprio poeta, para o qual o bibliographo prestou os valiosos ineditos que possuia. Tambem não foi por diante.

Por ultimo, quando em 1865 o livreiro Lopes Fernandes emprehendeu uma reproducção de livros classicos portuguezes, revista pelo cuidado de Innocencio, que formou a lista das principaes obras que seriam successivamente publicadas, acha-se aí o seguinte annuncio: *Obras poeticas de Pedro Antonio Corrêa Garção, nova edição correcta e accrescentada com muitas poesias e discursos ainda não impressos.* Por infelicidade das lettras portuguezas, Innocencio nunca realisou esta promessa, e os seus manuscriptos espalharam-se na voragem de um leilão, perdendo-se assim os materiaes accumulados para cumprimento de uma santa divida nacional.

Desde 1865 até hoje que suspiravamos por uma edição critica das poesias de Garção.

Ao explorar os materiaes para a continuação da *Historia da Litteratura portugueza*, a Arcadia de Lisboa appareceu-nos como concentrando todo o movimento litterario da segunda metade do seculo XVIII; e n'esse fundo do quadro avulta a individualidade de Garção, tão acatado como mestre, geralmente, mas reconhecendo-se que a sua falta repentina produziu a desorientação de todos os contemporaneos que o acompanhavam. Os differentes manuscriptos das suas composições começaram a ser colligidos com esmero; existia uma collecção

das obras de Corydon na livraria da casa Vimioso (*Ramalhete,* t. III, p. 134); uma outra collecção guardava-se na casa do conde de Pombeiro (vid. *Parnaso Lusitano*); Innocencio falla de um outro manuscripto inedito que pertenceu ao morgado de Assentis e veiu parar á mão de Francisco Evaristo Leoni; no catalogo dos manuscriptos copiados por Antonio Lourenço Caminha (Bibl. da Academia, G. 5, E. 21, Part. 5) acha-se esta indicação: *Collecção das obras poeticas de P. A. Corrêa Garção, onde vem muitas que se não imprimiram.* José Maria da Costa e Silva tambem dá noticia de um manuscripto de Garção, da bibliotheca do conde de Vimioso, contendo duas tragedias de Garção, ineditas e desconhecidas, *Sophonisba* e *Regulo.*

Pelo *Curso de litteratura portugueza,* de Camillo Castello Branco, espalhou-se a noticia de uma collecção formada ainda em vida do poeta, pelo conego Figueiredo, que frequentára a sua casa da Fonte Santa, copiando furtivamente as composições do árcade communicadas por D. Maria Salema, que assim combatia a relutancia que o marido tinha pela publicidade. O conhecimento da existencia de todos estes manuscriptos, mostrava-nos a necessidade de estudar fundamentalmente o texto de Garção. Rebello da Silva estava longe d'este methodo.

Depois do leilão da livraria de Innocencio, examinamos por alguns dias o manuscripto de *Poesias varias* (Cat., n.º 1:803) em que se achavam tres sonetos picarescos de Garção, a epistola ao Marquez de Pombal (a que demos publicidade por occasião do centenario de 1882), o epitaphio a um cão, e uma ode a Duarte Pacheco.

Porventura seria este manuscripto um dos subsidios para a edição que Innocencio projectava. Sorria-nos a ideia d'este estudo do querido árcade, mas desalentavamos diante da impossibilidade de vencer a indifferença dos livreiros, e de alcançar os tresmalhados escriptos.

Foi n'esta anciedade, que o vehemente poeta brazileiro Luiz Guimarães nos alegrou com a noticia da empreza do conselheiro Azevedo Castro. Pagava-se finalmente a divida nacional, e por um brazileiro que lucidamente comprehendeu, que a civilisação da sua recente nacionalidade é um prolongamento da historia, da acção e do nome portuguez. A edição do conselheiro Azevedo Castro, tomando por base o texto de 1778, é enriquecida com as variantes, rubricas e composições ineditas dos seguintes manuscriptos: *Collecção dos melhores poetas que florescem presentemente em Portugal, juntos pelo cuidado de A. C. B. U.* etc. Lisboa, 1767. Este manuscripto pertence hoje ao Instituto geographico brazileiro.

O outro Ms. é o já indicado do conego Figueiredo, onde se acham as tres orações em prosa recitadas na Arcadia, e então ineditas; formando o tomo I da *Collecção de poesias portuguezas de varios Engenhos d'este e do presente seculo juntas e recolhidas pelo secretario dos Engenhos alheios.* É incalculavel a illiada de trabalhos empregados pelo benemerito editor para obter este volume indispensavel para a collecção do texto completo e definitivo de Garção, que elle descreve pittorescamente no seu epilogo. Mas consultados os Mss. surgem os pro-

blemas litterarios, umas vezes contradictorios, outras vezes insoluveis. É assim, que entre os ineditos de Garção vem um soneto (n.º LIX) *Contra um rancho satyrico,* que começa: — Pinto fidalgo, embaixador da Mancha, — que no *Ramilhete* (t. VI, p. 346) vem attribuido ao padre Manuel de Macedo, conhecido entre os Arcades lisbonenses com o nome de Lemano. Este soneto faz parte do material satyrico da *Guerra dos Poetas,* suscitada em 1764 por causa da cantora Zamperini.

Costa e Silva attribue-o ao padre Macedo, mas nos Mss. da Academia das sciencias traz a rubrica: *Soneto com que o poeta Pedro Antonio Corrêa Garção zurzia varios heroes que o abocanhavam na assembléa do dr. Estoquete.* Este soneto tem o especial valor de citar os nomes dos poetas dissidentes da Arcadia, Pinto, Monteiro, Bandeirinha, padre Niceno (Francisco Manuel), Manuel de Sousa e Jeronymo Estoquete, que formavam o grupo do *Rancho satyrico* da Ribeira das Náos, por se reunirem em casa do patrão-mór, onde e com quem vivia o padre Francisco Manuel do Nascimento. Na nota a este soneto, não logrou o conselheiro Azevedo Castro vêr outras informações sobre estes personagens, senão as que lhe ministrava o Curso já citado; assim o *Pinto fidalgo, embaixador da Mancha,* é ali explicado como sendo Luiz Pinto de Sousa Coutinho; e o *Manuel de Sousa, que parece Mendes,* dá logar á infundada conjectura de, antes de Antonio Xavier Ferreira de Azevedo escrever a farça de *Manuel Mendes,* já este nome e appellido serem proverbiaes (p. 596). Em manuscriptos do tempo colhemos outras informações: «Pinto fidalgo, embaixador

da Mancha, era allusivo a um «— *Pedro Caetano Pinto, enfrunhado em fidalgo, a quem a sua imaginação persuadia estar despachado para uma enviatura*». Em um outro Ms. da Academia lê-se tambem: «*Pedro Caetano Pinto, que tinha lido viajar a Hespanha, onde casou, e tinha um ar de embaixador nas sociedades, andar de diplomacia*». Todos os outros nomes são assim pittorescamente retratados; nos Mss. alludidos, sobre o capitão — Manuel de Sousa que parece Mendes — lê-se o seguinte esboço caricato: «*Parecia-se na figura com o guarda das Aulas do Collegio de Santo Antão, chamado Manuel Mendes*». E em outro Ms.: «*Era o capitão de Engenheiros Manuel de Sousa, que era torto; o poeta o compara com o Manuel Mendes, bedel do Collegio dos Jesuitas, por se parecer com elle, e nas suas obras introduzia as palavras de que o padre Francisco Manuel usava*». Por isto se vê que o texto do poeta está ligado á vida litteraria do seculo XVIII, que Rebello da Silva não investigára, e que ninguem conhecia mais intimamente nas suas anecdotas e intrigas do que Innocencio.

A edição feita pelo snr. conselheiro Azevedo seria hoje completa em todo o sentido se Innocencio tivesse realisado o seu plano de 1863.

Sobre o texto do poeta nada ha mais a explicar, não fallando de algumas outras composições picarescas que ainda ficam ineditas; falta agora o estudo critico e biographico, que não era possivel sem esse texto definitivo.

O snr. conselheiro Azevedo Castro não visou estes

problemas no seu trabalho, limitando-se aos subsidios de Innocencio, Rebello da Silva, Costa e Silva, Camillo, e Pedro Stockler Salema Garção.

Faltou porém a estes escriptores a vista de conjuncto da Historia litteraria do seculo XVIII em Portugal, para cuja construcção é este livro uma das pedras melhor assentadas.

O exercicio da critica, como funcção do pensamento, é um trabalho transitorio e preliminar para uma construcção synthetica; não se póde ficar sempre em um estado de criticismo, sob pena de se cahir em uma actividade dispersiva, e embora fecunda para os que recebem as advertencias, sempre esteril para quem a exercer de um modo exclusivo. Assim os criticos de profissão só se admittem em determinadas especialidades, porque possuindo vistas geraes sobre a sciencia que professam, na critica aos trabalhos supervenientes não fazem mais do que applicar os principios a que chegaram, vendo se os trabalhos correspondem ás necessidades do espirito n'aquella ordem de questões.

Rigorosamente, ha só duas criticas fundamentaes, a *critica philosophica* e a *politica;* as outras fórmas de critica são derivações d'estas, e quando d'ellas não derivam, não passam de advertencias impertinentes, de emoções pessoaes, ou de um pedantismo dogmatico. A *critica philosophica,* levada ao seu mais perfeito estado por Kant, tinha de organisar-se em systema geral; a *critica politica,* terminada a phase do negativismo revolucionario, tinha de converter-se em Sciencia social. Só depois de realisadas estas duas syntheses supremas, é

que o espirito moderno podia saír do prolongado negativismo metaphysico e revolucionario, e exercer a critica positiva na litteratura, na arte, no direito, na industria, no ensino, em todas as manifestações do sêr humano. Alguns criticos, como Sainte-Beuve ou Taine, deram á critica litteraria aspectos novos, por causa de se inspirarem, embora de um modo vago, d'esse outro criticismo philosophico e politico. Como não será luminosa a critica particular quando ella fôr uma applicação das duas syntheses philosophica e politica?

Postos estes principios, é facil apreciar a marcha da critica portugueza. Quando veiu o Romantismo, em *philosophia* eramos catholicos romanos, e em *politica* liberaes contentes com a outorga de uma Carta constitucional. A critica não teve manifestação alguma; o *Panorama* suggeria expansões patrioticas, e se na vida publica alguma cousa se fez, foi Passos Manuel o que n'um momento de audacia implantou entre nós as instituições creadas pela Convenção franceza. Nem Garrett, nem Herculano, nem Castilho exerceram a critica, e quando o tentaram ficaram sempre abaixo da sua funcção organisadora.

Vem a segunda geração, dos Ultra-romanticos; irrompe a critica no *Jornal do Conservatorio,* como censura e parecer academico; no jornal a *Illustração Luso-Brazileira,* na *Epoca,* e na terceira série do *Panorama*, apparecem Rebello da Silva e Lopes de Mendonça. Rebello aprecia largamente Garrett, faz juizos sobre a Arcadia, Bocage e José Agostinho, mas privado de toda a luz philosophica, e dirigido pelo genio oratorio, afoga-se em

palavras, e fortifica-se com extractos. Lopes de Mendonça não se conformava com as instituições liberaes, era um pouco democrata-socialista, e por isso foi mais adiante por effeito do seu criticismo politico, mas faltava-lhe um vislumbre qualquer de educação philosophica, sendo além d'isso pouco instruido. Pertence ainda a esta camada Latino Coelho, enfraquecido pela especialidade das sciencias cosmologicas, vindo sem preparação prévia para as cousas humanistas, onde teve de se conformar com a corrente commum. A intervenção armada de 1847 poderia ter suscitado a critica politica; appareceu o genio de Henriques Nogueira, mas com fórma dogmatica e pedagogica, os outros espiritos entregaram-se á corrupção do paço e foram successivamente ministros. A critica não tinha condições, e mesmo era necessaria a sua ausencia para se estabelecer e explorar a Pedantocracia.

Nasce d'este estado social a phase chamada do *Elogio mutuo,* em que figura a *Revista contemporanea de Portugal e Brazil,* onde tem a férula critica Andrade Ferreira, e Ernesto Biester, no seu folheto *Uma viagem pela Litteratura contemporanea.* Caíu-se em um profundo estado de inanidade intellectual, como se vê pelos prologos de Castilho ao *D. Jayme* de Thomaz Ribeiro, e ao *Poema da Mocidade* de Pinheiro Chagas, e pelas Cartas que escrevia dando diplomas de talento a todas as mediocridades que o incensavam.

Na critica *politica,* tão necessaria para os trabalhos historicos, Rebello da Silva não tinha a justeza das ideias; basta lêr o estudo biographico ácerca de D. Maria II,

escripto cinco mezes depois da morte da rainha. Os golpes de estado, os ministerios de resistencia, as traições da Belemzada e da intervenção da quadrupla Alliança, o enorme morticinio do Rocio, todas essas paginas candentes da historia portugueza, converte-as em motivos de apotheose: «É bello, é nobre triumphar assim pelo julgamento nacional, quando elle, puro de lisonja, sae de todos os labios, e se escreve com as lagrimas das populações contristadas! Apesar de melancholico, é formoso o espectaculo dos subditos, juntando o seu pranto ao dos reis, com as frontes inclinadas diante de um sepulchro, lamentando como propria, a perda do monarcha! — Quando um povo inteiro está de joelhos, orando sobre uma sepultura, é quasi impio interromper as suas preces. Olhos arrazados de lagrimas não vêem claros os horisontes de qualquer quadro; e seria cedo de mais ainda para tudo o que não fosse a eloquencia do coração» [1]. E comtudo, dias antes da morte de D. Maria II, sustentava a *Revolução de Setembro*, em artigo datado de 1 de maio de 1851, a necessidade da sua abdicação: «É uma empreza sobrehumana restabelecer a monarchia em Portugal na pessoa da snr.ª D. Maria II. Aquelles que metterem hombro a tão indiscreto commettimento hão de chorar em breve a sua cegueira, e pagar caro tão indesculpavel aberração do bom senso. Não ha nas sagrações do direito divino, nas pompas cortezãs, nas hypocrisias aulicas bastante virtude para abrilhantar de novo um

[1] *Panorama*, vol. de 1854, pag. 130.

sceptro calcado pelos pés dos soldados, embaciado pelas pragas de toda a nação». O fallecimento inesperado da rainha por uma hemorrhagia depois de um parto, poz termo a estas exigencias da consciencia nacional, e tornou possivel essa rhetorica falsa de *um povo inteiro de joelhos, orando sobre uma sepultura.* Peor do que a rhetorica, estava reservado ao jornalista-tribuno o renegar a historia por uma pasta de ministro.

A incapacidade para a critica *philosophica* vê-se authenticada em Rebello da Silva pela obra de devoção e commercio, intitulada *Fastos da Egreja.*

Durante este periodo decorrido da actividade litteraria de Rebello da Silva, não o encontramos em contacto com Garrett; parece que o amigo de Passos Manuel, o laborioso cooperador das reformas setembristas, não sympathisava com uma mocidade que punha o seu talento ao serviço das reacções cartistas contra o principio vital da soberania nacional. Herculano, que votára a suspensão das garantias em 1842, recebia no seu eremiterio da Ajuda o novel escriptor, que ali se hospedára, e admirando com desassombro o genio de Garrett, porventura lhe incutiu a necessidade de fazer a consagração critica da obra do iniciador do Romantismo. É certo que Rebello da Silva começou uma série de artigos sobre as obras de Garrett, louvando-as com eloquencia pomposa, mas sem ter uma ideia nitida da transformação das litteraturas modernas e da propagação d'essa corrente a Portugal. Vê-se que a vontade de fazer a apotheose de Garrett lhe appareceu como uma divida de sentimento; e conta-se que assistindo ao enterro de Garrett, ao ouvir

Castilho proferir-lhe á beira da sepultura algumas phrases impertinentes, exclamára com ironia: — «Dêem dez reis a esse cego, para se calar».

Uma das obras da Regeneração fôra a reforma da Academia real das sciencias, onde Herculano era quasi soberano; ali foi admittido Rebello da Silva como socio em 1854. Faltava-lhe plano ou um pensamento definido no trabalho; e quando deveria entregar-se á preparação de memorias historicas em que a sua capacidade se accentuasse ou robustecesse, achâmol-o n'esse mesmo anno publicando devidamente auctorisada pelo patriarchado uma Vida de Jesus Christo, formando parte dos *Fastos da Egreja*: *Historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo.* Era uma frouxa glosa das narrativas evangelicas, diluidas em prosa oratoria com uma introducção sobre a decadencia de Roma e da civilisação antiga, tomada aqui e ali dos Estudos historicos de Chateaubriand. Os modernos estudos de Christologia obrigavam o escriptor a outra ordem de trabalhos.

A sciencia das religiões, applicando com todo o respeito o methodo historico-comparativo aos diversos systemas cultuaes da humanidade, chega a descobertas inauditas, revelando-nos os germens naturalistas das grandes efflorescencias da credulidade. Quando os theologos defendem os seus dogmas com as fogueiras inquisitoriaes e com a espada do braço secular, a sciencia das religiões fortalece o espirito com uma profunda tolerancia, e reconhece a verdade de cada crença relativa ao estado mental das épocas que a produziram.

Tomemos o grande successo da Vida de Jesus, como thema de applicação d'esse seguro criterio:

«Quasi todos os elementos da lenda de Christo acham-se nos *Védas,* os livros sagrados da India; ali a sua dupla natureza divina e humana, a sua concepção miraculosa, o seu nascimento antes da aurora, no meio de successos extraordinarios; o seu baptismo nas aguas, a uncção sagrada (d'onde lhe advem o nome *Christo*), a sua sabedoria precoce, a sua transfiguração, os seus milagres, a sua ascensão ao céo, onde se vae juntar ao Pae celeste que o gerára eternamente para ser o salvador dos homens.

«Com certeza fica-se surprehendido ao encontrar dois mil annos antes do nascimento de Christo, todos estes factos e muitos outros que formam a maior parte das narrativas evangelicas.

«Explicada por estes documentos a lenda de Christo, o Evangelho reduz-se a uma allegoria, e a razão fica do lado dos Marcionitas e de Apollos, o rival de S. Paulo.

«Nada se conhece da vida de *Jesus,* cujo nome é completamente ignorado, porque este nome de Jesus, é um titulo generico de salvador, usado duzentos annos antes, e o de *christo* é outra qualificação vaga da ceremonia usual da uncção, dada a qualquer pessoa de respeito. Postas de parte as lendas dos evangelhos e de outros livros sagrados, não ficam materiaes bastantes para organisar uma historia com realidade» [1].

---

[1] Emile Burnouf, *Science des Religions,* pag. 229.

No Occidente, as doutrinas orientaes penetraram como um culto popular, receberam uma systematisação ritualistica, e por fim explicaram-se como dogmas theologicos por uma classe de adeptos, que constituiu a Egreja. Vê-se pelos mais antigos Sacramentarios, como o do papa Gelasio e o de S. Gregorio Magno, que esse culto apparece desde muito cedo formado na egreja; a sua rapida universalidade no Occidente explica-se porque era formado das praticas polytheistas dos povos indo-europeus, e por isso era um resto mal comprehendido de um systema completo de culto, que hoje, pelas descobertas scientificas, se encontra dentro dos livros dos *Védas,* esses sacramentarios dos antigos povos áricos.

Assim o culto christão é na sua parte ritual um verdadeiro polytheismo. O culto christão está distribuido, como nota Burnouf, segundo a marcha do sol e da lua:

«O nascimento do Christo coincide com o solsticio de inverno; a Paschoa é regulada segundo o equinoxio da primavera, e sempre tem logar no domingo que segue á lua cheia depois do referido equinoxio. Todas as outras festas, embora menos importantes, estão distribuidas pelo anno de modo que se podem comparar com as ceremonias védicas». O Christo é a divinisação do phenomeno solar, é o *ignis* ou *Agnus,* o cordeiro do sacrificio, e o cirio paschal que se accende na ceremonia da renovação do fogo. «A grande época do anno christão é evidentemente a Semana santa; quem seguir todos os seus ritos, quer folheando os missaes romanos ou francezes,

verá que todo o anno converge para esses dias, que são o ponto central do culto catholico.

«O facto que se commemora da noite antecedente até á aurora seguinte, é a *Resurreição do Christo,* simultanea e indissoluvelmente ligada com a *renovação do fogo.*

«Todo o officio do sabbado da alleluia repete inconscientemente as grandes ceremonias védicas, com orações que lembram os mais bellos hymnos dos árias; ali se falla nas *portas eternas* do ádito sagrado por onde ha de passar o *rei glorioso;* ali se cita o fogo divino e a vida ainda jazendo no calix (samudra) sob a figura de Jonas; a luz indefectivel do Pae; o Espirito penetrando na pia baptismal como uma virtude mysteriosa; o fogo é produzido pelo attrito na pederneira, substituindo entre nós, os occidentaes, o *arani»,* o páo a que os árias chamavam a virgem, e que produzia o fogo friccionando-se com outro a que se chamava o *trastri,* o carpinteiro, produzindo ambos esse emblema da Cruz, ou *svastica,* que apparece nos mais antigos vasos hellenicos de Rhodes, Chypre e da Italia, seculos antes de Christo, e algumas vezes em terrenos de periodos ante-historicos.

O cirio paschal, accendido pela egreja n'este dia, é a figuração inconsciente da fórma evhemerisada do culto. «Na egreja primitiva, a ceremonia do fogo e do cirio paschal tinha logar no domingo, no segundo nocturno, entre as tres e seis horas da manhã; era na alvorada, porque no dia do equinoxio o sol levanta-se ás seis horas. O fogo, produzido pelo attrito, serve para accender o cirio paschal; o diacono, vestido de branco, péga em uma cana, que é o *rètasa* do hymno védico, e na ponta

d'ella põe tres velas, representando os tres fócos do recinto védico; accende cada uma d'ellas com o fogo novo, dizendo de cada vez: *A luz do Christo!* Em seguida accende o cirio paschal, no qual a cera substitue a manteiga do sacrificio dos árias. É então que o Christo apparece com o seu verdadeiro nome de *Agnus,* porventura fórma latina do *Agni* da India».

Diz o hymno christão: «este astro não tem occaso, e voltando das regiões infernaes, reluz com serenidade sobre todo o genero humano». O verso do hymno da resurreição do Christo: «Eu vos congregarei em um só amor», acha-se nos *Védas* (x, 191) no verso: «junteivos n'uma só prece, n'um só voto, n'um só pensamento, n'uma só alma». Agni offerece-se em sacrificio no fogo do altar; a egreja repete: *Pascha nostrum immolatus est Christus.* Christo é denominado rei, e, no hymno védico, Agni, o fogo tambem ungido com a manteiga da vacca (que figura no presepio), tem esse mesmo epitheto: «A joven mãe traz o infante real mysteriosamente occulto no seio... a rainha o deu á luz; eu espalhei sobre elle a uncção immortal... eu o vi avançar do seu logar resplandecente... os inimigos tinham-no confundido com os mortaes, a elle, que é o rei dos sêres e o desejado das nações... que os seus calumniadores sejam confundidos» (*Védas,* v, 2). Vê-se aqui, como os nossos antepassados árias divinisaram o fogo em todas as suas manifestações, figurando a sua renovação como um rei triumphante.

A preponderancia do emblema da Cruz, ou o *svastika* na egreja, revela que o *arani* e o *tvastri,* os dois

páos liturgicos da producção do fogo, se transformaram no instrumento de supplicio quando a lenda oriental se anthropomorphisou a contar do seculo v da éra moderna.

O *Agni* identificou-se com o *Agnus*, o anho, ou cordeiro, quando a realidade já estava em contradicção com os costumes, porque na egreja christã não havia sacrificios de victimas. No Apocalypse, o Agnus tem o sentido do Agni, ou do fogo: «A cidade não tem precisão de sol, nem de lua; o cordeiro (*Agnus*, isto é, *Agni*) é que é o seu facho». As lampadas tornaram-se o symbolo do Christo, e, segundo S. João, Christo era «*a luz saída da luz*». Burnouf, conclue:

«Póde-se remontar o curso da tradição dogmatica até ao captiveiro de Babylonia e conhecer claramente que a religião de Christo é ariana e não semitica. — A religião medo-persa basta para explicar as doutrinas abstractas do Christianismo; mas ella não explica nem os ritos nem os symbolos». Esta doutrina deriva dos *Védas*, e estes formaram-se do polytheismo trazido para o Occidente pelos povos indo-europeus. Foi n'este meio que se desenvolveu o Christianismo, e é por isso que os phenomenos da luz, tão evidentes nos ritos da semana santa, são a base genuina do culto. Vejamos o dogma.

Um Deus, que para vingar-se das offensas de alguns sêres miseraveis e mortaes, se volta cheio de rancor contra seu Filho, para saciar-se de uma colera impotente sobre quem se encontra na mais completa innocencia, é um absurdo de tal marca, que o dogma não póde ser tomado á letra, e apenas poder-se-ha admittir como uma *allegoria*, contendo um sentido occulto.

A narrativa evangelica da Paixão de Jesus Christo é o desenlace tragico d'esta monstruosidade de um Pae, que vendo o Filho extorcendo-se sob uma incomportavel angustia, nem assim suspende a tremenda severidade ao ouvir a exclamação da victima: *Pater, si possibile est, transeat a me calix iste!*

É contra a natureza a lenda evangelica; e desde a civilisação greco-romana até hoje, está em absoluta repugnancia com a nossa moralidade e com os nossos costumes um tal dogma theologico da redempção, e um tal mytho religioso da Paixão. E comtudo, ha já quasi mil e novecentos annos que os povos occidentaes choram o suppliciado da cruz, e na sinceridade das lagrimas nunca se lembraram de reflectir nos contrasensos da exploração clerical; impressionam-se com o drama do Horto e da rua da Amargura, sem conhecerem que este drama pungente é a parodia das concepções astronomicas primitivas da entrada do Verão e saída do Inverno.

O sentimento tem os grandes clarões intuitivos da verdade; e se os povos acceitam os dogmas absurdos da theologia, ou tambem os symbolos irrisorios das religiões, se lhes dão o seu respeito e credulidade, é porque no fundo d'essas ficções do anthropomorphismo presentem a verdade do facto acobertado sob a allegoria do destino humano.

Expliquemos essa allegoria tal como a concebe uma época que depois da transformação do *Christianismo* de Paulo, no *Catholicismo* dos Papas, assiste á ruina d'esta phase religiosa, que para subsistir se transforma no *Jesuitismo.*

Todos os progressos intellectuaes, moraes e industriaes que o homem tem attingido sobre a terra, deve-os exclusivamente a si mesmo, ás suas experiencias, aos seus desastres, aos seus continuos soffrimentos. Para representar-se esta série de esforços do homem afim de levantar-se acima da animalidade e elevar-se até á perfeição ideal, a Humanidade, como um sêr que sobrevive a cada povo, a cada raça, a cada civilisação, é realmente a expressão verdadeira de uma effectiva Providencia. Littré, vulgarisando as ideias de Comte sobre esta concepção religiosa da Humanidade, exprime-se com um vigoroso sentimento: «Sim, a *Humanidade* é a unica Providencia que trabalha por nós, e que allivia o peso das fatalidades naturaes, que caminha através dos seculos, existencia simultaneamente ideal e real, longo tempo ignorada, depois presentida, emfim destacando-se esplendida das suas nuvens no nosso tempo, fecundando a superficie da terra, guardando cuidadosamente a herança das riquezas materiaes e intellectuaes, melhorando-nos a todos, de raça em raça, sob a sua disciplina maternal e benigna influencia».

Quando o homem não tinha a noção da continuidade historica e solidariedade com o passado, é que attribuia a sua iniciação progressiva a entidades ficticias; adorava esses symbolos como que vendo-se retratado no longo martyrio da propria redempção. Pela moderna consciencia da sua posse do planeta, o homem conhece-se como providencia de si mesmo; é por isso que os symbolos religiosos que ainda se conservam do passado, para subsistirem têm de ser explicados

como a allegoria anthropopathica ou do soffrimento humano.

Assim procedeu o hegeliano Strauss explicando a figura de Jesus pela sua identificação com a Humanidade: «Collocadas em um individuo, em um homem-Deus, as propriedades e as funcções que a egreja attribue a Christo contradizem-se; porém, ellas concordam na ideia da especie: a Humanidade é a reunião das duas naturezas, e Deus feito homem, isto é, o espirito infinito que se alienou até á natureza finita, e o espirito finito que se lembra da sua infinitividade. — A Humanidade é o filho de um Pae invisivel e de uma mãe visivel, isto é, o espirito e a natureza. A Humanidade é o sêr que faz milagres; porque no decurso da historia, o espirito domina cada vez mais a natureza fóra do homem, e esta natureza em frente d'elle desce á condição de materia morta sobre a qual se exerce a sua actividade; a Humanidade é o impeccavel, porque a marcha do seu desenvolvimento é irreprehensivel, porque as maculas só tocam o individuo e não attingem a especie nem a sua historia. A Humanidade é o sêr que morre, resuscita e sóbe ao céo, porque do abandono de sua naturalidade procede uma vida espiritual cada vez mais alta, e do abandono do finito, que a limita como individuo, nação ou planeta, procede a sua unidade com o espirito infinito do céo».

Tal é a unica allegoria compativel com a verdade e o bom senso da civilisação moderna, que ainda póde fazer olhar com piedade para a lenda da Paixão.

A natureza, que nos cria e nos devora implacavel,

condemna-nos a um permanente sacrificio; mas cada geração que passa estorcendo-se em sua agonia, deixa-nos as descobertas, as invenções, as riquezas e a cultura que é a nossa progressiva redempção. Os theologos inverteram os dados da historia, prégando que Deus se fez homem; mas a realidade que se impõe ao culto, á veneração e á idealisação artistica, é que a Humanidade se fez Deus.

Os *Fastos da Egreja* não foram continuados por Rebello da Silva; d'esse livro saíram muitos sermões decorados por prégadores da provincia, a quem Herculano chamava «cirzidores de alheios farrapos». Na vida de Rebello da Silva ficára alguma cousa da bohemia coimbrã, na inconsequencia mental e na irregularidade de hygiene, que veiu a apressar o seu fallecimento aos cincoenta annos. O romance historico seduzia-o, como um sonho que elle não podia realisar, publicando em 1855 a *Pena de Talião* no jornal litterario o *Panorama;* o jornalismo tornava-se-lhe um vicio, por causa da convivencia das redacções, campo neutro onde se encontravam todos os litteratos máo grado as opposições simuladas na doutrina do periodico; em 1856 entra para a redacção da *Patria,* essa ephemera empreza do Pomada Florestal, vulto que em uma época menos critica teria sido um Cagliostro; ahi se encontrou tambem com Herculano. As necessidades da vida tornavam-se urgentes, e Rebello da Silva foi nomeado pela Academia das Sciencias em 1857, para continuar a publicação do *Quadro elementar das relações diplomaticas de Portugal com as diversas potencias,* que fôra encetado pelo eruditissimo

visconde de Santarem. O trabalho não tinha plano critico, sendo as compilações ou extractos dos documentos feitos pelos paleographos da Torre do Tombo, sem um ponto de vista, e cada volume acompanhado de uma introducção geral.

Por este tempo D. Pedro v, que annualmente contribuia com trinta contos para as despezas geraes do Estado, determinou em 1857, que essa quantia fosse convertida em inscripções, sendo o seu rendimento applicado para a dotação de tres cadeiras de um Curso de Lettras; a primeira, de *Historia patria,* para a qual nomeava Alexandre Herculano; a segunda, de *Litteraturas grega e latina,* que provia no seu antigo professor Antonio José Viale; e a terceira, de *Litteraturas modernas especialmente a portugueza,* no conceituado purista Antonio Feliciano de Castilho. Era um generoso pensamento; não tanto pela dotação pecuniaria, como por chamar duas summidades litterarias para a immediata influencia e direcção intellectual da mocidade contemporanea. Herculano não tinha habitos pedagogicos, nem a eloquencia do professor, nem a facilidade de pôr-se em contacto com o publico, e rejeitou a cadeira de historia portugueza, que por certo o não deixaria divorciar-se do estudo. Castilho, sabendo da recusa de Herculano, não quiz ficar em plana inferior e não acceitou tambem a cadeira de Litteraturas modernas. Viale, atrazado representante dos humanistas do fim do seculo XVI, acceitou a cadeira de Litteratura grega e latina para a qual escreveu a *Miscellanea helleno-italica.* Em vez de Alexandre Herculano, foi Rebello da Silva nomeado em 3 de outubro de 1858 pro-

fessor da cadeira de Historia do *Curso Superior de Lettras,* vindo pouco depois a ser nomeado para a regencia da cadeira de Litteraturas modernas Lopes de Mendonça, que não desempenhou por ter soffrido um ataque de alienação mental. O titulo de *Curso superior de Lettras* correspondeu á categoria de uma nova instituição pedagogica; fôra fundado sem intuito, pela circumstancia casual do ministro Fontes ter incluido no orçamento geral do estado a dotação dos trinta contos de D. Pedro V; o monarcha melindrou-se com isso, e para suavisal-o Fontes incluiu no orçamento a dotação de mais duas cadeiras, de *Philosophia transcendental,* e de *Philosophia da Historia,* ficando assim organisada uma quasi Faculdade de Lettras. Como não existia typo analogo na instrucção publica portugueza, procurou-se justificar o seu caracter *superior,* a par da Universidade e das Polytechnicas; reconheceu-se que era um Curso á maneira do *Collegio de França,* e os professores regeram as suas disciplinas livremente, sem compendio official, sem doutrina obrigatoria, abrindo a frequencia a um pleno voluntariato. Desde o seculo XVI, que a Faculdade de Artes tinha decahido na fórma da instrucção secundaria; achava-se espontaneamente o meio de restituir aos estudos humanistas a sua verdadeira superioridade, completando assim a falha das Faculdades universatarias e o exclusivismo experimental dos cursos polytechnicos. Rebello da Silva, que redigiu os Estatutos do *Curso superior de Lettras,* pareceu comprehender este destino, desnaturado por todos os que o procuram converter em eschola normalista de habilitação para profes-

sores de lyceu. Rebello da Silva redigia então com Lopes de Mendonça os *Annaes das Sciencias e das Lettras,* subsidiados pela Academia, e ali publicava estudos historicos sobre *D. João II e a Nobreza,* e *Apontamentos para a historia da conquista de Portugal por Philippe II,* que vieram a servir de nucleo á introducção da *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII,* que elle começou a escrever por contracto com o governo celebrado por portaria de 16 de junho de 1858. N'este trabalho de regencia do seu curso de Historia, que era á noite, e frequentado por D. Pedro v, que o auctorisava com distincta assiduidade, e por um publico selecto, que admirava a eloquencia de Rebello da Silva, elle redobrava de actividade, a ponto de se excitar artificialmente.

A par dos trabalhos da Academia, e do Conselho geral de Instrucção publica para que fôra nomeado em 1859, sustentava no parlamento as grandes pugnas como a do *Charles e George* e a das Irmãs da Caridade, acabando de esgotar-se no jornalismo, em 1860, tomando parte na redacção da *Discussão,* que veiu a converter-se no *Futuro,* e a fundir-se na *Politica Liberal,* onde se achou entre a gente nova das Escholas superiores, que o liberalismo illudia, fraternisando com o antigo setembrista José Estevão. Esta intensidade de vida, sem horas regulares de alimentação e repouso, era um desvairamento, de que Rebello da Silva só veiu a acordar para conhecer que morria. O talento oratorio e importancia politica tornaram a sua presença imprescindivel nas luctas parlamentares, sendo nomeado par do

reino em 1862. Faltava-lhe ser ministro, como Mendes Leal, e havia de sêl-o. No emtanto refugiava-se nas lettras e improvisava os seus ultimos e melhores romances historicos em 1863, as *Lagrimas e Thesouros,* narrando essa lenda melancholica dos amores de Beckford por uma bastarda da casa dos Marialvas, que se parecia extraordinariamente com sua esposa prematuramente fallecida, e essa outra novella do tempo da invasão franceza em Portugal, a *Casa dos Phantasmas,* de 1865. O Romance historico fôra a sua maior preoccupação litteraria, e em todas as épocas da vida tentou esse genero, para a comprehensão do qual lhe faltavam qualidades. Não sabia dar vida moral aos individuos, nem synthetisar o espirito das épocas historicas; e esta deficiencia do escriptor, a quem a facilidade oratoria illudia, prejudicava-o nas suas qualidades de historiador.

A *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII,* de que publicou cinco volumes (1860 a 1870), é uma declamação e uma compilação; faltava-lhe a justeza das ideias, para abranger a theoria da decadencia de Portugal, resultante da alteração do equilibrio europeu pelo engrandecimento espantoso da Casa de Austria, e faltava-lhe a pureza de sentimento para retratar bem esse vulto covarde de D. João IV, que em vez da restauração da nacionalidade fundou uma dynastia nefasta, que fez na sua governação o prolongamento d'essa decadencia. O grande drama da perda da nacionalidade portugueza em 1580, e sua restauração em 1640 acha-se implicito em dous grandes successos da historia geral da Europa: o engrandecimento da Casa de Austria, resultante da que-

da de Veneza determinada pelas navegações dos Portuguezes, actua por seu turno na incorporação de Portugal na unidade castelhana. Porém as luctas do equilibrio europeu, em que a França combate a grandeza da Casa de Austria, influem de um modo directo na libertação de Portugal, a começar nas instigações de Luiz XIII a D. João, duque de Bragança, para um levantamento, a que elle se recusa, até ás novas tentativas de Richelieu em 1638, offerecendo uma esquadra de 50 navios e um exercito de 10:000 homens para a revolução de Portugal. A figura de D. João IV é historicamente repugnante; em 12 de outubro de 1640, diante do facto da revolução da Catalunha, os conjurados portuguezes decidem proclamar uma Republica, se o duque se recusa a acceitar a corôa. Rebello da Silva, que pugnára sempre no campo cartista a favor da dynastia dos Bragan-ças, que devia toda a importancia official á sua politica, não podia sentir a verdade sobre os feitos historicos de D. João IV e dos seus descendentes. Como poderia narrar as peripecias dos projectos de casamento do principe D. Theodosio, em 1643, 1647 e 1650, baseados sobre a entrega de Portugal ora á França, ora á Hespanha, indo D. João IV fundar um novo estado no Brazil? Como tiraria toda a luz contida n'este assombroso documento achado no Cartorio da Casa de Niza por Silva Tullio:

«O Marquez de Niza representa a V. A. que estando a primeira vez por Embaixador ordinario em França, passou áquelle Reino o Padre Antonio Vieira com uma instrucção toda escripta da lettra do Secretario Pedro Vieira da Silva, em que S. Magestade ordenava a ele Supplicante

buscasse logo o Cardeal Mazzarino e lhe dissesse que S. Magestade levaria a gosto de cazar o Principe D. Theodozio que está em gloria, com Madamoyselle de Longa-Villa, e que poderia logo vir com ela o duque seo Pay, a quem S. Magestade largaria o governo do Reino para o governar em quanto o Princepe não tivesse idade, e com a Rainha e Infantes se pasaria ao Brazil com o titulo de Rey d'aquelle Estado; e acabando o Supplicante de lêr a instrucção respondeu ao mesmo Padre Antonio Vieira, que não hera ele o vasalo que havia de entregar o Reino de Portugal aos Francezes, e tiral-o a El-Rey de Portugal D. João, e que antes cortaria as mãos do que asinar tal tratado. A instrucção está na Secretaria de Estado aonde tambem devem estar as cartas que ele Supplicante sobre ela respondeu, e bem claramente confessa o Bispo de Leiria na resposta que deu a ele supplicante á margem do escrito junto.

« Qual fosse o serviço que ele Supplicante fez n'esta occasião se deixa bem ver, porque passando S. Magestade ao Brazil, entregue o governo do Reino aos Francezes e vindo a falecer, como faleceo o Sr. Princepe D. Theodozio, sem duvida dos Francezes seria o Reino, e não chegariamos a ter a felicidade de ver S. A. Sr. d'ele, ficando a successão real no Estado do Brazil. . . »

O Marquez de Niza pedia n'este requerimento que se lhe premiasse este serviço [1].

E percorrendo a galeria dos Braganças do seculo XVII ao

---

[1] João Francisco Lisboa, *Obras*, t. IV, pag. 719.

XVIII, Rebello da Silva para escrever a verdade deixaria de ser *historiador subsidiado* pelo governo d'essa dynastia, perdendo o estimulo das suas investigações. E comtudo, a sociedade portugueza, que ia soffrer os trinta annos da dissolução moral de D. Luiz, bem precisava que lhe esboçassem essa synthese historica.

As familias reaes, pela preoccupação exclusiva da sua estabilidade dynastica, pela conservação orgulhosa da sua genealogia, fechada em uma estreita selecção de casas reinantes, prestam-se, pela clareza dos documentos biographicos e historicos, a importantissimas investigações sobre as hereditariedades e atavismos de raça sob o ponto de vista psychologico. Este importante estudo já tem sido encetado em relação aos caracteres moraes dos imperadores romanos. Muitas correntes historicas na evolução nacional dos povos, explicam-se por este fatalismo atávico, actuando sobre a intervenção governativa.

Em Portugal temos um precioso campo de observação n'esta antiga e bem conhecida familia dos Braganças, cuja linhagem e cruzamentos se acham bem authenticados pela vaidade heraldica, e duramente reflectidos na historia d'este paiz em toda a ordem de calamidades.

O engrandecimento d'esta familia, que desde o berço plebeu da filha do Barbadão até ao advento ao throno portuguez, se effectuou pelos meios indirectos e egoistas de extraordinarias doações régias, de casamentos em casas principescas, e de traidoras allianças com os jesuitas e com potencias inimigas de Portugal para lhe garantirem a estabilidade dynastica, constitue tudo isto uma grande lição para a psychologia e para a historia.

Um De Candolle, um Wildemeister, um Paul Jacoby, que iniciaram os estudos dos atavismos moraes, achariam n'esta familia as causas que determinaram já o caracter ambicioso e intrigante, já a devassidão e a epilepsia, já o fanatismo e a indignidade, lamentavelmente reflectidos na acção historica evidente desde que os Bragaças se tornaram os representantes da monarchia em Portugal. Sem a consideração d'estes caracteres atávicos, d'estas hereditariedades morbidas, a historia de Portugal torna-se por vezes incomprehensivel diante dos absurdos da vontade soberana dos seus reis.

Como se sabe, a familia de Bragança começa em D. Affonso, filho adulterino de D. João I, que tambem era um bastardo de D. Pedro I. O caracter plebeu não lhe vem simplesmente de sua mãe Inez Pires, mas reforça-se com a propria paternidade, adquirindo esse caracter ambicioso do *parvenu*, que pretende mascarar a sua origem. D. João I era um typo mediocre, preoccupado em parodiar na sua côrte as pragmaticas sumptuarias da côrte ingleza; e, tendo em vista a conservação egoista do seu throno e da sua dynastia, foi elle que iniciou esta politica de subserviencia á Inglaterra, que a dynastia dos Braganças adoptou como seu sustentaculo principal. D. João I, pela convenção de 9 de maio de 1386, obrigou-se a enfeudar Portugal á Inglaterra, servindo-a com armas e galés á sua custa, e tão vergonhosa foi esta convenção, que Fernão Lopes não se atreveu a alludir a ella na sua Chronica.

Na familia dos Braganças continuou-se esse caracter faustoso, como se vê pelos regimentos do paço de Villa

Viçosa, e esse egoismo da conservação dynastica pelas allianças com a Inglaterra.

D. Affonso foi, como os filhos legitimos de D. João I, nomeado duque; e pelo casamento com a maior herdeira de Portugal, a filha do condestavel Nuno Alvares Pereira, achou a base para as ambições perturbadoras. A sua longa existencia, fez com que exercesse a intriga entre seus irmãos, e se enriquecesse por excessivas doações da munificencia real. Elle foi a causa da desobediencia do infante D. Fernando, victima da expedição de Tanger, proseguida contra vontade do rei D. Duarte; favoreceu as dissidencias do rei com a princeza aragoneza sua mulher; e durante a regencia do infante D. Pedro, de quem recebeu o senhorio de Bragança, promoveu o attentado de Alfarrobeira, onde morreu traiçoeiramente o honrado duque de Coimbra; e, não satisfeito ainda d'esta série de crimes, foi a causa da morte da rainha Isabel, filha do duque de Coimbra, casada com seu primo o rei Affonso V, porque o Bragança viu que ella começava a actuar sobre o animo do marido desde que conseguira que o rei désse sepultura aos ossos de seu tio e sogro, que estavam debaixo de uma escada em Alverca. Ruy de Pina allude á morte de D. Isabel por peçonha.

O governo de D. Affonso V foi o reinado de um prodigo; e n'este periodo é que a casa de Bragança se tornou, por exageradas doações, verdadeiramente rival da casa real. As vistas e ambições do throno fundaram-se n'estes privilegios senhoriaes, aproveitando o descontentamento da nobreza que via dissolver-se os restos do feudalismo sob a acção centralista de D. João II.

A ambição do plebeu preponderava, fazendo da riqueza degráo para o throno, e da traição aos seus bemfeitores o ensejo favoravel do momento; pelas differentes doações obteve o senhorio de muitas cidades, tres ducados, um marquezado, seis condados, numerosos senhorios, vinte e duas villas onde exercia mero e mixto imperio, com isempções e privilegios como se fosse uma casa real; tinha quatro ouvidorias de justiças suas, estabelecidas nas provincias; apresentava dezoito alcaidarias, duas collegiadas, cento e sessenta beneficios ecclesiasticos, e quarenta e uma commendas, tendo como vassallos seus reconhecidos oitenta mil pessoas.

D. João II comprehendeu o plano do duque de Bragança D. Fernando II, e apanhando o fio da conspiração da nobreza, julgou-o e mandou-o degolar, e confiscar os bens d'esta ambiciosa familia. Por seu turno D. João II morreu envenenado em Alvor, e um outro *parvenu*, o rei D. Manuel, reintegrou a casa de Bragança nas suas propriedades e privilegios.

Os grandes desastres d'esta crise politica produziram na familia este abalo de desequilibrio mental, que deu a allucinação do duque de Bragança D. Jayme, que assassinou aleivosamente sua mulher D. Leonor de Mendonça, e viveu em exageradas e tenebrosas penitencias. A doudice nunca mais se extinguiu na familia, aggravando-se pelo fanatismo recebido pelo cruzamento com a nobreza hespanhola. D. Jayme, como se vê pelos documentos relativos ao contracto de casamento de sua filha D. Isabel com o infante D. Duarte, chatinava os cruzados do dote, que o rei D. Manuel sabia tão bem

caçar para os seus filhos, como se sabe pelo casamento de D. Guiomar Coutinho. Sempre a costella de villão.

De D. Jayme, em segundo casamento com a mulher que intrigou para a morte da duqueza D. Leonor, nasceram o vice-rei D. Constantino de Bragança, apupado em cantigas pelo povo em Gôa, como conta Diogo do Couto; e tambem esses fanaticos que seguiram a vida ecclesiastica, D. Fulgencio e D. Theotonio que serviu de ponto de apoio em 1540 para a introducção dos jesuitas em Portugal.

Os jesuitas serviram-se da casa de Bragança para se apoderarem da aristocracia portugueza, e quando se acharam em dissidencia com Philippe II, que se alliára com a Inquisição em Hespanha, trataram de fazer dos Braganças pretendentes ao throno de Portugal, apresentando-se D. Catherina como neta de D. Manuel.

As coisas não vingaram d'esta vez; mas quando os jesuitas preponderaram na côrte de França, serviram os Braganças como pretendentes, para assim enfraquecerem a casa de Austria. Effectuou-se este plano em 1640, sendo escolhido o oitavo duque de Bragança, D. João IV, para rei de Portugal.

Ninguem mais cobarde e indeciso do que este personagem, que foi glorificado como restaurador da nacionalidade portugueza, quando elle nunca perdeu ensejo de sacrificar a nação ao seu bem estar pessoal.

Do seu caracter escreve J. Francisco Lisboa: «Os terrores do carrasco castelhano o impelliam a procurar muitas vezes a salvação no ministerio do carrasco portuguez; e assim o vimos, á volta dos verdadeiros conjurados,

sacrificar Francisco de Lucena, ministro habil e fiel, perseguir e prender servidores dedicados, como o marquez de Montalvão, e sobretudo Mathias de Albuquerque, justamente quando este acabava de ganhar-lhe uma victoria».

Como preço da sua segurança no throno, D. João IV offerece Pernambuco aos Hollandezes, e procura negociar com a França e a Hespanha a troco da nacionalidade que o acclamára. Os seus ministros e conselheiros eram os jesuitas; D. João IV mandou o padre Vieira a Paris, a negociar o casamento do principe D. Theodosio com a filha do duque de Longueville, vindo este governar Portugal, e D. João IV refugiar-se-ia no Brazil, fazendo-se ali um reino independente.

Este pensamento da familia dos Braganças foi realisado por outro cobarde, D. João VI.

Fez-se um segundo projecto de casamento em 1643, do principe com a filha mais velha do duque de Orleans, mademoiselle Montpensier, ficando o principe rei do Algarve; um terceiro projecto era o casamento da infanta D. Catherina com D. João de Austria, ficando D. João IV com o titulo de rei do Brazil, por accordo de Hespanha; um quarto projecto era o casamento de D. Theodosio com uma irmã de Carlos II (1650), reunindo-se assim outra vez Portugal á Hespanha.

A morte do principe, victima do fanatismo religioso, não deixou realisar estes projectos.

D. João IV, no seu feroz egoismo, lembrando-se de que seu irmão D. Duarte fôra indigitado pelo partido nacional para chefe da revolução de 1640, deixou-o mor-

rer no estrangeiro victima das intrigas do embaixador de Philippe IV.

No seu successor, D. Affonso VI, transparece a demencia proveniente da devassidão, e o egoismo com que, para o casamento de sua irmã D. Catherina com Carlos II, entrega Bombaim aos inglezes, dando-lhes a chave das nossas possessões no Oriente.

Os jesuitas, repellidos do governo pelo energico ministro Castello Melhor, levantam um pretendente, seu irmão Pedro II, que lhe rouba o throno e a mulher, e em 1676 procura juntar Portugal á Hespanha pelo casamento de sua filha com um principe castelhano.

A devassidão, o fanatismo, e a negação do patriotismo apparecem fortemente caracterisados em D. João V, e Portugal, pelo tratado de Methwen, fica tributario da Inglaterra. Os jesuitas são os seus ministros, e bestificaram livremente esta nação.

Ainda a ideia da fuga para o Brazil apparece em 1755, quando por occasião do terremoto, D. José teve o plano de abandonar Portugal. A inferioridade quasi imbecil d'este rei serviu para a maior manifestação da iniciativa do marquez de Pombal; porém, a obra do grande ministro foi destruida pela camarilha, que se aproveitou da demencia de D. Maria I, fanatisada pelo seu confessor.

As terriveis heranças da cobardia, da demencia e da sensualidade apparecem em D. João VI, que nos abandona á invasão franceza, fugindo para o Brazil, e vendendo-nos aos inglezes pelo affrontoso tratado de 1810.

O genio da intriga proveniente do elemento austriaco, apparece pela primeira vez em D. Pedro IV, que atraiçôa

a patria rebellando-se com o Brazil, convertendo-o em imperio seu, de combinação com o proprio pae, que lhe escrevia, que aproveitasse para si o partido da independencia.

Posto fóra do Brazil, veiu fomentar a guerra civil em Portugal, e fundir-nos-ia com a Hespanha, tornando-se imperador da Iberia, se a morte em 1834 lhe não atalhasse estes planos.

D. Maria II, herdeira do orgulho austriaco, reagiu sempre contra as fórmulas liberaes do constitucionalismo, e, para se manter contra a resistencia nacional, não hesitou em chamar uma intervenção estrangeira armada, que manietou a nação em 1847. O seu casamento com um allemão, veiu introduzir um caracter de indignidade em contraste com a altivez do sangue hespanhol.

D. Pedro V, tão chorado pela sua morte prematura, proclamava nas suas conversas a decadencia dos povos latinos, diante da admiração pela servidão allemã, e oppunha-se ao estabelecimento dos caminhos de ferro em Portugal.

D. Luiz, levado ao throno pelo accidente do fallecimento de seu irmão, realisou a prophecia de sua mãe, que dizia: — *Desgraçados dos portuguezes se o Luiz chegar um dia a reinar.* A sua chronica está feita nos jornaes progressistas, que alludem a planos ibericos de combinação com Napoleão, e nos tratados com a Inglaterra, como o de Lourenço Marques, do Zaire e de Gôa.

Desde o seculo XVII até hoje, Portugal subsiste em um longo processo de decadencia, submettido aos reis *por graça de Deus,* que falsearam o mandato da soberania nacional conferido nas côrtes de 1641. Este paiz tem

sido o explorado feudo de uma familia, que pelas suas ambições e cruzamentos nunca teve o sentimento da patria.

Este assumpto dá volumes; a penna de um Tackerey tiraria d'elle uma immensa luz. Deixamol-o aqui esboçado como thema para futuros historiadores.

Desde que Rebello da Silva pensou em ser ministro, como todos os outros jornalistas que chegaram ao poder, tratou de provar que era mais do que um estylista e um orador. Entrou em varias commissões administrativas, e em 1865 publicou a *Memoria sobre a População e Agricultura em Portugal,* com valiosas informações mas pouca vida sobre o phenomeno demographico. O governo, querendo introduzir o ensino da Economia politica nos Lyceus, abriu em 1868 um concurso para um Compendio elementar d'essa disciplina. Concorreram a elle Rodrigues de Freitas, professor de commercio na Polytechnica do Porto, com a obra que publicou em 1883 com o titulo de *Principios de Economia politica,* e Rebello da Silva com um *Compendio de Economia politica industrial e rural.* Foi conferido o premio pecuniario a Rebello da Silva [1]. Infelizmente esta sciencia ficava no mesmo estado em que a deixára João Baptista

[1] Poucos são os professores que no nosso paiz redigem compendios das doutrinas scientificas que ensinam, não porque estejam possuidos d'aquelle principio pedagogico de Augusto Comte, de que os tratados didacticos devem unicamente dirigir-se aos mestres, cuja exposição oral estimula a elaboração mental do alumno de um modo espontaneo, mas porque tomam o magisterio como um recurso economico na sua existencia, ou porque não acham convidativos os lu-

Say, e nada fructificou, pela sua errada comprehensão.

A sciencia da Economia politica foi introduzida em Portugal em consequencia d'essa corrente revolucionaria da França, que pela creação do *Instituto nacional* em 1795, por Dounou, Boissy d'Anglas, Lanjainais, Lagrange e Laplace, lançára as bases fundamentaes do ensino polytechnico moderno. Esta corrente revolucionaria entrou inconscientemente no nosso paiz; a Academia real das Sciencias, de Lisboa, organisou-se segundo essa hierarchia pedagogica, nas suas tres classes, Sciencias physicas e Mathematicas, — Sciencias moraes e politicas, — Litteratura e Bellas Lettras, e comtudo ella conserva o velho espirito theologico-metaphysico; as Academias de Bellas Artes, de Lisboa e Porto, nasceram do mesmo impulso; os Lyceus iniciaram a propaganda da Moral,

---

cros de uma publicidade restricta. O inconveniente apontado tem suas vantagens; porque em geral o professor que faz um compendio tem a superstição da palavra do seu texto e exige sacrificios de memoria esterilisando as intelligencias com um deploravel dogmatismo. Todos nós conhecemos como na Universidade de Coimbra a sciencia se identifica com o Compendio, uma entidade dogmatica que se cita, e para que se apella como taboa de salvação, uma droga repugnante que se toma em paragraphos e se dynamisa na *Cebenta*. Tambem são conhecidas as anecdotas escholares do rigorismo com que os professores de logica Pinheiro e Alves de Sousa algemavam os espiritos dos que cursaram essa disciplina á lettra dos seus compendios sob a ameaça de uma reprovação final. Outros menos dogmaticos visam apenas ás vantagens da imposição official de um texto, e fabricam compendios destinados á exploração dos alumnos, sob a chancella da junta consultiva de instrucção publica. Uma deploravel calamidade, que converteu a sciencia em um fim unico — a approvação no exame.

da Historia, da Geographia, e só muito tarde da Economia politica, admittindo estas disciplinas do celebre Instituto creado pela Convenção nacional; as Polytechnicas e Institutos industriaes são as implantações mais directamente copiadas do *Instituto nacional das Sciencias e das Artes* de 1795, sem que os legisladores e organisadores tivessem consciencia da obra que adaptaram á nossa decadente sociedade. A falta de comprehensão d'esse espirito revolucionario fez com que estas reformas ficassem estereis pelo atrazado metaphysicismo e falta de um destino deduzido da continuidade historica e das necessidades do nosso meio social. A Economia politica entrou no ensino portuguez com um deploravel empirismo, sem a minima concepção de uma sciencia geral das sociedades humanas, de que a Economia politica é um capitulo limitado; na Universidade de Coimbra professa-se o velho compendio do dr. Forjaz, um apanhado de definições, de palavras technologicas, especie de glossario da nomenclatura economica, sem a minima vista de conjuncto. Em geral quasi todos os economistas ou são litteratos que divagam sobre os phenomenos sociaes da producção e do consummo, ou especialistas estreitos que se limitam á aproximação e discussão dos factos estatisticos. Em uma das suas cartas a Stuart Mill, dizia-lhe Augusto Comte: «que a analyse economica propriamente dita não deve ser concebida nem cultivada, quer dogmaticamente, quer historicamente, fóra do conjuncto da analyse sociologica, quer estatica ou dynamica...» (*Lettres,* p. 231). O proprio João Baptista Say, um dos que melhor systematisaram os phenomenos

economicos em fórma didactica, reconhecia que todos os esforços n'esta ordem de estudos tendiam para a creação da Sciencia social. (*Lettres,* p. 255). A eschola americana fundada por Carey e continuada por Peschine Smith comprehendeu esta relação organica, e portanto a situação subalterna da Economia politica. Sem uma clara noção do que seja a Sociologia, é impossivel determinar os justos limites da Economia politica, que ora invade a Moral nas leis do trabalho, ora a Legislação civil na propriedade, ora o Governo na acção cooperativa, e até a propria Hygiene nas leis da população e das subsistencias. Stuart Mill não chegou á elevada concepção de Comte, e fundou a sua Economia politica na ideia de ser essa a base da sciencia social; depois d'este mestre não admira que os outros economistas se exercessem na divagação litteraria por falta de um ponto de vista de conjuncto, como nota Schiattarella, na *Philosophia positiva e os ultimos Economistas inglezes.*

Não podemos fazer aqui a historia da constituição scientifica da Sociologia, mas pela indicação dos seus traços essenciaes se verá o logar e o destino da Economia politica. O sêr sociavel, quer individualmente, quer na sua collectividade, distingue-se pela *actividade,* manifestação de uma vontade, suscitada pela impressão ou *affectividade,* ou pelas noções especulativas da sua *racionalidade.* Toda a existencia humana, quer na longa evolução historica, ou na vida das sociedades actuaes, funda-se n'estas tres syntheses, a activa, a affectiva e a especulativa; n'uma época atrazada, as sociedades empregam a sua actividade nas luctas guerreiras offensivas

ou defensivas, a sua affectividade nas crenças religiosas, e a sua racionalidade nas especulações theologicas. A mudança d'estas tres syntheses constitue a civilisação moderna, sobre a qual a Sociologia exerce as suas prescripções; a actividade guerreira está sendo substituida pelo trabalho livre e pela producção industrial; a vida affectiva emancipa-se da subordinação religiosa e busca os elementos da moral universal estabelecidos pelos costumes; a vida especulativa exerce-se pela fórma experimental na constituição das Sciencias positivas. Comte explicou admiravelmente o grande phenomeno do regimen catholico-feudal como a transição para a nova éra da positividade, e já pela historia, já pelos progressos das sciencias experimentaes foi levado á concepção da Sociologia. Para elle os economistas coadjuvaram no seu empirismo a constituição da nova sciencia. A Economia politica é portanto no quadro dos phenomenos sociologicos a disciplina da synthese activa da nossa éra industrial e pacifica. Em vista de uma noção tão clara, póde-se fazer um rapido esboço da Economia politica expurgada das suas tendencias metaphysicas. Pelo estimulo das necessidades, o homem apropria-se das energias cosmicas para satisfazel-as; d'aqui a urgencia de um conhecimento experimental d'essas energias, por isso que nenhuma força se cria e nenhuma força se perde. As necessidades augmentam com a Civilisação, mas tambem o conhecimento das energias cosmicas é que constitue o Progresso. Nem sempre as sociedades humanas harmonisaram entre si estes dois termos Civilisação e Progresso, e esta antinomia observa-se ainda hoje no problema do

luxo e na miseria do operario. Ha de portanto dividir-se a Economia politica em uma parte theorica, que trata da apropriação das energias cosmicas ou *Systema de Industria,* e em uma parte pratica, *Organisação do Trabalho,* que estabelece a cooperação e solidariedade dos complicados elementos, capital ou força adquirida, operario, salario e renda. Os economistas ainda não chegaram a uma clara e scientifica classificação das industrias, e o problema do trabalho complicado pelas paixões politicas dos socialistas ou pelo sentimentalismo dos moralistas, está longe de ser disciplinado pela sua intima e consciente solidariedade. A Economia politica liga-se ainda ao Commercio e á Politica, como vimos já que dependia das sciencias objectivas ou experimentaes e da Moral; isto significa simplesmente, que a Economia politica tem, apesar da sua dependencia sociologica, um destino synthetico. Na moderna synthese activa das sociedades humanas, compete-lhe o dirigir a nossa actividade productiva, e eliminar quanto possivel a actividade militar que ainda nos perturba com desastres sangrentos e com um deprimente pé de guerra que envergonha a civilisação da Europa.

Partindo pois da *apropriação* das energias cosmicas, segue-se a sua *redistribuição,* estabelecendo-se portanto a equação entre as energias dispendidas e as adquiridas; assim como em toda a energia mechanica que se dispende existe um excedente a que se chama o deposito de força viva, assim nos phenomenos economicos, a *Propriedade* e o *Capital* representam este deposito. O *Commercio* é o orgão redistributivo d'essas for-

ças adquiridas, em relação com as necessidades e com as energias apropriadas. Como n'esta actividade os phenomenos são mais intensos quando se passam nos grandes aggregados sociaes, e precisam o accordo de muitos interesses essencialmente egoistas, essa harmonia prévia não póde ser exigida pela Moral altruista, mas por uma coordenação dos interesses particulares sob o ponto de vista do conjuncto social ou a *Politica,* cuja acção prática ou intervenção se realisa pelo *Governo* como representante do *Estado* [1].

A actividade jornalistica e litteraria serviam em Rebello da Silva para realisar uma aspiração politica, um sonho commum a todas as naturezas mediocres mas habeis — o ser ministro. Mendes Leal, que não possuia a eloquencia correcta e academica como elle, já tinha sido uma vez ministro. Era impossivel que o vigoroso orador, que se medira com José Estevão na questão de *Charles et Georges,* não viesse por effeito de algum triumpho parlamentar a ser convidado para a formação de um gabinete. O litterato, o jornalista, o orador chegou ao capitolio; foi nomeado ministro da marinha em 1869. Esse triumpho custára-lhe o melhor da sua vida; porque nas luctas parlamentares que o levaram ao poder aggravou a aneurisma a que tinha de succumbir. O improvisador fecundo, que tinha servido um systema de governo cheio de ficções, via agora bem de perto esse

---

[1] Estas ideias acham-se mais largamente desenvolvidas no *Systema de Sociologia.* Lisboa, 1884.

maximo embuste da exploração de um povo a pretexto da ordem; ministro, conhece-se sem acção, e na queda das alturas do poder ficará sabendo quem é que usa e abusa da força.

Governar não é fallar, dizia Littré caracterisando a esterilidade do systema monarchico-parlamentar. O constitucionalismo é a dictadura dos falladores, que visam unicamente ao triumpho da palavra, impregnada de sentimentos liberaes, mas vasia de opiniões definidas, sérias, peremptorias, que dirijam as reformas de que a sociedade moderna tanto precisa. O que os falladores parlamentares têm em vista é a satisfação da vaidade pessoal de serem ministros, exercendo o poder executivo sem plano, em um exagerado formalismo centralista, e pela sua propria inepcia entregando-se com todo o peso das mediocridades atrevidas a um conservantismo vergonhoso. Tal é a razão da inconsequencia entre as palavras e as acções, com que se infamam os tribunos constitucionaes, tal é o motivo que determina a espantosa versatilidade entre os partidos monarchicos; tal é a razão da falta de principios doutrinarios e da banalidade irresponsavel dos seus programmas governativos. O parlamentarismo é a fórma clara e bem caracteristica da hypocrisia liberal; é a liberdade da palavra, acobertando a irresponsabilidade do governo monarchico-constitucional, que emquanto se exerce no arbitrio e na sophismação das garantias deixa á larga abrir-se essa valvula de segurança aos descontentamentos e ás ambições das personalidades. O parlamentarismo é a consequencia do constitucionalismo, fórma de governo transitoria porque, como notou lucida-

mente Bastiat, uma Carta constitucional não é mais do que uma tregua entre a Realeza e o Povo, tregua que a realeza tende a tornar perpetua para seu interesse, e que o povo tende a quebrar pela necessidade constante do seu progresso e elevação moral. Desde o momento que o governar consiste por um conservantismo immoral e estupido a perpetuar essa tregua, acontece o que se vê em Portugal, existir uma Carta como a de 1826, com mais de meio seculo de estabilidade, e a historia do nosso constitucionalismo constar de uma longa lista de falladores parlamentares, que nada fizeram, que passaram successivamente pelas cadeiras ministeriaes, e que na sua incapacidade illudiram as liberdades essenciaes da nação, quando não fizeram ministerios de resistencia. Na sua deploravel estupidez, esses parlamentares não viram que n'esta tregua provisoria entre a realeza e a nação, a que se chama a Carta, o triumpho vem sempre a competir ao que tem pelo seu lado a razão, a força, a moralidade, a actividade, isto é, á nação que se fortalece na democracia. Desde que esses espiritos obcecados cáem no conservantismo, desde que o espirito da Carta visa ao sophisma da ponderação dos poderes, tornando a realeza o ápice de toda a organisação politica, temos um effectivo absolutismo, um affrontoso poder pessoal, que se impõe habilmente por um modo directo, e o principio da representação nacional reduzido a uma phantasmagoria pelo parlamentarismo. Faz-se a convocação da representação nacional, mas sob a condição de só se admittirem representantes impostos pela *candidatura official*. E o que dizem e fazem estes representantes no

parlamento? Fallam, fallam, fallam; enchem o *Diario das Camaras* com discursos, que ás vezes levam dias a proferir; fazem commissões, relatorios, pareceres, moções, tudo conforme as exigencias dos outros falladores que se acham ministros pelo perstigio da palavra, e que acobertam com fórmulas o vasio dos cerebros sem disciplina, sem ideias, e que receiam envolver-se em medidas politicas que allienem a graça que os chamou ao poder. O Parlamentarismo tornou-se uma necessidade geral; frequentam-se as camaras para ouvir os oradores mais pomposos, como quem vae disfructar um actor ao espectaculo; os discursos imprimem-se como peças de litteratura. Esta circumstancia explica-nos a razão da persistencia do constitucionalismo; esta fórma de governo pertence exclusivamente á Inglaterra, e depois da preconisação que fizeram d'ella Montesquieu e Voltaire, Luiz XVIII pol-a em moda em França, e d'ahi se propagou por toda a Europa occidental, com uma facilidade contagiosa, sem que existissem nem na França, nem na Italia, nem na Hespanha, nem em Portugal as condições sociaes e organicas para a implantação d'esta fórma de governo. Faltava a estes povos uma forte aristocracia territorial, e um elemento popular poderoso pela industria; porque se propagou pois o constitucionalismo? Unicamente pela macaqueação parlamentar. Não foi impunemente que durante tres seculos estas nações occidentaes receberam a educação dialectica e humanista dos jesuitas. Ficámos falladores e argumentadores; a educação universataria prolongou o systema dos jesuitas, e o bacharel moderno vive pelo discurso, precisa de campo

em que se expanda a sua verbosidade, desde as Academias e tribunaes até aos Parlamentos.

Os grandes homens do constitucionalismo em Portugal, são bachareis formados, ou saíram d'esse outro campo da phraseologia banal, o jornalismo; todos elles deram as suas provas rhetoricas com livros de versos, com romances, com prosas sentimentaes, e ao chegarem á edade dos interesses burguezes foram aproveitar a sua rhetorica no campo do Parlamentarismo. Não é preciso sciencia, nem estudo para ser parlamentar; dispensa-se o conhecimento da historia do paiz, e despreza-se como irrisoria a disciplina philosophica, para exercer a funcção politica e a governação. Basta apenas a phrase envernizada ou retumbante. Se accusam os nossos chefes parlamentares de uma ignorancia alvar, justificam-se de que só o tino pratico, e o longo exercicio e tirocinio parlamentar é que é capaz de gerir os interesses da nação. E entre o vicio do Parlamentarismo banal e a boçalidade dos rotineiros praticos, caímos n'esta situação lamentavel tão bem descripta por Augusto Comte no seu primeiro esboço do *Systema de politica positiva* (1824): «É absurdissimo pretender operar a reorganisação da sociedade concebendo-a como uma empreza puramente prática, e sem que algum dos trabalhos theoricos seja previamente executado. Mas um absurdo maior é a singular esperança de vêr effectuar uma verdadeira reorganisação por uma assembléa de oradores, alheios a toda a ideia positiva, e escolhidos sem nenhuma condição determinada de capacidade por homens que, pela maior parte, são ainda mais incompetentes...» Todos os nossos

chefes politicos dispensam bem o concurso das ideias para governarem; até se riem d'essas utopias, contrarias, na realidade, ao seu conservantismo; os Terceiras, os Sá da Bandeira, os Loulés, os Fontes, os Sampaios pairaram sempre acima das ideias theoricas. Pelo seu lado a nação esperou salvar-se do velho absolutismo, quer franco ou miguelino, quer simulado ou o cartismo, com os falladores do parlamento, os José Estevão, os Rebello da Silva, os Casaes Ribeiros e outros, e ha cincoenta annos que se acha no mesmo caminho, como quem anda no supplicio da roda. Nós concluimos com o dito de Proudhon: «Maldizemos este odioso engenho de mentira a que se dá o nome de Parlamentarismo, e que tira aos homens toda a coragem e toda a dignidade». A representação nacional só se póde tornar fecunda pelo mesmo meio que tornou a Assembléa de 1789 o concilio supremo da liberdade moderna; os representantes levavam os *cahiers,* ou os apontamentos do que as localidades queriam, e isso serviu de base para as grandes reformas da Convenção. A eleição sem condição determinada põe o eleitor na incompetencia, com que é atacado o suffragio na sua origem, e converte o delegado do povo no phrasista esteril do Parlamentarismo. São estas as razões por que abraçamos os principios do *mandato imperativo,* unico meio para que a representação nacional seja uma realidade.

Pouco tempo se demorou no poder o ministerio em que entrára Rebello da Silva; caíu diante da emboscada bem conhecida de 19 de maio de 1870. Então, pôde de perto conhecer Rebello da Silva o sentido da phrase ca-

villosa: *o rei reina e não governa.* Conta-se que a emboscada de 19 de maio fôra combinada entre o rei D. Luiz e o marechal Saldanha. Ambos precisavam de dinheiro. O ministerio recusava-se a dar dinheiro ao rei por meio de *portarias surdas,* e o rei via-se muito compromettido para pagar uns cinco contos de reis de umas joias que offerecera a uma vistosa cantora do theatro de S. Carlos. Pelo seu lado, Saldanha viera de Londres cheio de dividas, e exigia varias quantias. Facil foi aos dois o entenderem-se. Na madrugada de 19 de maio, Saldanha marchou com alguns regimentos da guarnição para o paço da Ajuda, e foi intimar ao rei a demissão do ministerio; o rei submetteu-se, e entregou-lhe todas as pastas. Foi pela audacia de Saldanha, que o renegado Sampaio se achou então ministro.

Rebello da Silva ainda tentou idealisar os vultos do antigo constitucionalismo, escrevendo os *Varões illustres de tres épocas constitucionaes.* Mas a doença achou um grande estimulo no abalo moral que soffreu a sua dignidade; em maio de 1871 retira-se gravemente affectado para a quinta do Valle, em Santarem; as angustias da neurisma da aorta exacerbaram-se e elle regressa em junho a Lisboa, para vir morrer pouco depois em 19 de setembro d'esse anno. A imprensa foi unanime na condolencia pela sua morte, mas ninguem deduziu da sua vida a grande phrase de Comte: «*gardez-vous de développer votre talent aux dépens de la justesse de vos idées et de la pureté de vos sentiments...*» [1]

---

[1] *Testament,* pag. 267.

CAPITULO II

Mendes Leal

Sob o titulo geral — *Escriptores portuguezes contemporaneos: Poetas lyricos da geração moderna* — publicou Rebello da Silva um trabalho critico ácerca das manifestações do talento lyrico e dramatico de Mendes Leal, terminando ao fim de muitas considerações vagas com uns periodos laconicos sobre a biographia do escriptor; e conclue: «Citamos estes factos como informação. Primeiro do que ninguem conhecemos que são indifferentes para a apreciação critica de qualquer poeta». Como Rebello da Silva estava enganado; essa indifferença pelos factos biographicos, que encerram sempre a evolução organica do talento, é que fez com que não comprehendesse os aspectos intimos do escriptor que estava glorificando. A mediocridade da origem actuou sempre em Mendes Leal, dando-lhe a preoccupação da importancia official; e o talento litterario, sem um ideal superior, serviu para coadjuvar como instrumento subalterno as ambições do politico. O conhecimento dos seus primeiros annos e da sua entrada na vida levam á fórmula do desenvolvimento de uma existencia e de uma individualidade completa. Em 1818, quando Portugal estava de lucto sob o terror das execuções militares de Beresford, e se achavam refugiados em França, fugindo á accusação de *jacobinos,* o Morgado de Matheus, Domin-

gos Antonio Sequeira, Felix de Avellar Brotero, Mascarenhas Netto, n'esse periodo de terror nasceu em Lisboa em 18 de outubro José da Silva Mendes Leal. Seus paes casaram em 25 de junho de 1817 em Loures; uniu-os o vigario Francisco de Borja Ferreira, tio dos noivos, e o que ministrou o ensino das primeiras lettras e do latim ao primogenito d'aquelle consorcio.

Em uma Elegia á morte d'este tio, em 1856, refere-se o poeta á sua influencia moral:

> Mais vos devo, que ao mundo, que á sciencia,
> E se algum fructo dou, vós o plantastes;
> Mestre d'alma, que inteira me formastes,
> Com a voz da rasão a consciencia [1].

A recente familia vivia apertada de meios em Lisboa; seu pae dava lições de musica e era cantor da sé patriarchal, situação exigua para provêr sufficientemente ao sustento e educação de cinco filhos. As relações quotidianas com padres suscitaram-lhe a ideia de dedicar o filho á classe ecclesiastica; assim, depois de prompto em ler, escrever e contar, Mendes Leal começou a frequentar os estudos secundarios no mosteiro de S. Vicente de Fóra. Em umas notas biographicas de uma correspondencia de Paris para um jornal do Rio de Janeiro, lê-se este facto ignorado: «Aos doze annos Mendes Leal completou o tirocinio litterario, e entrou para a marinha como aspirante; não lhe foi possivel, porém, seguir

---

[1] *Canticos*, pag. 366.

aquella carreira por causa da extrema fraqueza da vista. Da eschola de Marinha passou para a Eschola Polytechnica, e depois cursou uma aula de Theologia». Ha aqui um evidente atropêllo de factos; primeiramente chegou a cursar uma aula de Theologia no mosteiro de S. Vicente, mas revoltando-se contra a imposição paterna, que o queria fazer padre, abandonou o mosteiro, quando contava os seus dezoito annos de edade (1836). É depois d'esta data que foram creadas as *Escholas polytechnicas* pelo governo setembrista; já divorciado com a theologia, é que Mendes Leal tentou frequentar os novos estudos scientificos. O pae manteve-se implacavel no seu proposito; Mendes Leal resistiu por fórma que se achou incompativel com a casa paterna, e atirou-se ao combate da vida. É facil imaginar como um rapaz de dezenove annos, em uma terra grande, e cheio de enthusiasmos, encara este problema da vida real. No seu drama *Pedro*, inspirado nas ideias socialistas que começaram a ter curso em França em 1848, e que se reflectiram em 1849 na composição de Mendes Leal, acham-se traços quasi auto-biographicos, como este do abandono da casa paterna: «Bem vê, meu amigo, fui expulso da casa em que tinha nascido, e não dobrei a cabeça. Perdi ali... perdi tudo que um homem póde perder nos primeiros annos da vida, e não me desfalleceu o coração... Vou calcar o trilho de uma vida independente: imagine que terror e que anciedade, quantas aspirações e angustias se resumem para mim n'esse instante supremo». (Act. II, sc. 6.ª).

Mendes Leal ficou com os incompletos estudos do

mosteiro de S. Vicente, um pouco de latim de selecta, algumas definições da Logica do Genuense, e algumas regras de Rhetorica. Isto lhe bastava para exacerbar o prurido litterario; aqui estava o ponto de apoio na sua lucta. Por portaria de 28 de julho de 1836 foi nomeado *sem vencimento* official honorario da Bibliotheca nacional de Lisboa. Servir-lhe-ia isto porventura para mais facilmente poder consultar livros? É certo que esta nomeação revela uma boa vontade encontrada no seu caminho. No *Recopilador,* pequeno jornal litterario de 1837, começa os primeiros ensaios poeticos, e com outros rapazes aggremia-se na sociedade *Escholastico-Philomatica,* de que tambem chegou a ser presidente [1]. Rebello da Silva, que revelou o seu talento oratorio n'essa associação, refere-se a este periodo da vida de Mendes Leal: «Fez-se a si. Combateu com obstaculos graves para sobresair, e triumphou apesar d'elles á custa de trabalho e de perseverança». Entre esses obstaculos a vencer, era um a impossibilidade de entregar-se ao estudo com a vida airada do jornalismo, dos theatros e dos botequins. Foi n'esse meio dissolvente e suggestivo que o seu talento obedeceu á sobreexcitação que o tornou um improvisador simultaneo de dramas, romances, artigos politi-

---

1 « *Escholastico-Philomatica* composta de mancebos todos no viço da edade e do talento, todos distinctos pelo merecimento pessoal, e quasi todos pertencentes ás mais notaveis familias, todos emfim esperanças da patria e seu futuro adorno, n'essa sociedade que tivemos a honra de presidir...» Mendes Leal, *Panorama,* t. VII, pag. 247.

cos e poesias lyricas. Ahi contrahiu essa fecundidade de expressões verbosas, esse estylo sem ideias, e de que conservou sempre na sua actividade litteraria a falta de um plano, e a facilidade descuidada com que *plagiava* á pressa as obras de que gostava. Estava na plenitude dos seus vinte annos; uma suggestão qualquer bastava para determinar-lhe a vocação; um encontro, uma amisade fortuita influiria na direcção da sua vida. Estes momentos são as phases decisivas que explicam depois uma existencia completa. A suggestão produziu-se, acordando em Mendes Leal a paixão pelo theatro; o encontro com Rodrigo Felner decidiu da sua entrada no jornalismo e na politica da Carta, até chegar ao facciosismo mais exaltado do cabralismo.

Rebello da Silva descreve como foi acordado em Mendes Leal o talento dramatico; contava apenas vinte annos, quando em uma noite de agosto de 1838 assistiu no theatro da rua dos Condes, onde estava provisoriamente o theatro normal, á ovação surprehendente provocada pela estreia do *Auto de Gil Vicente* por Garrett. Escreve o critico: «Da corôa dramatica, cingida essa noite pelo snr. Garrett, brotou uma esperança, e d'ella floresceu a vocação do poeta que mais victorias colheu no palco. Diante da gloria e da commoção dos seus triumphos, Mendes Leal sentiu na mente o impeto que Bocage chamava o estro...» [1] No anno seguinte, em 9

[1] *Poetas lyricos da geração nova.*

de julho de 1839 representava-se no mesmo theatro da rua dos Condes o primeiro drama de Mendes Leal *Os dous Renegados,* em que esgotou, como diz Rebello da Silva, as situações violentas, que avivavam sobre o palco as paixões exaltadas. E accrescenta: «Depois de tantos annos, Mendes Leal ha de sorrir-se das exagerações do primeiro ensaio; mas n'aquella noite, entre as palmas, as acclamações e as flores, nem o poeta, nem a critica advertiam, que o bello e o sublime estão mais perto, na verdade da natureza e do coração, etc.» A estreia dos *Dous Renegados* foi a phase decisiva da carreira litteraria de Mendes Leal. Em vez de seguir o exemplo apresentado por Garrett para a reforma da litteratura dramatica e do gosto publico, fundando um verdadeiro theatro nacional, o joven escriptor achou melhor escrever dramalhões sangrentos para assombrar as plateias e arrancar-lhes ovações estrondosas. Egual phase se repete ao entrar na vida politica, pondo a sua fecundidade de escriptor ao serviço do jornalismo; em vez de enthusiasmar-se pelo nobre ideal que sustentava a *Revolução de Setembro,* a reivindicação da soberania nacional, deixa-se arrastar pelo partido do paço, começando a sua carreira jornalistica por combater esse principio supremo da politica na gazeta *Restauração da Carta,* de 1846. Havia o quer que é de inferior na organisação, que tão cedo descobria o facil caminho que nas cousas humanas leva ao applauso, ao triumpho, á gloria e á importancia do poder. Estes dous factos constituem «uma d'estas phases rapidas mas decisivas, em que toda uma natureza moral se manifesta melhor em alguns dias, do

que durante o longo curso de muitos annos vulgares»[1]; Comte considera estas phases decisivas «eminentemente proprias para a arte dramatica»; é por ellas que se reconstrue o drama da vida de um individuo através de todas as condições da existencia, porque ellas synthetisam um caracter. Pelas correntes que seguiu Mendes Leal na litteratura e na politica, deprehende-se que era um espirito vulgar; e que a *vulgaridade* das suas concepções nunca pôde ser bem encoberta com as pompas da linguagem, nem com a emphase do estylo, aggravando-se mais essa inferioridade quando a producção *litteraria* foi posta ao serviço das ambições *politicas*.

Separemos estas duas phases da sua biographia. O triumpho ruidoso dos *Dous Renegados*, que demais fôra premiado pelo Conservatorio da Arte dramatica, fel-o voltar á mesma corda do Ultra-romantismo em 1840, com outro dramalhão em cinco actos, *O homem da mascara negra;* em 1843 faz representar *D. Maria de Alencastre;* a *Pobre das ruinas*, e *Pagem de Aljubarrota* em 1846; e *Madre Silva* em 1847. Esta primeira época da sua producção dramatica foi interrompida pelas agitações politicas contra o cartismo, em que teve de tomar parte defendendo-o como paladino.

O drama ultra-romantico no contorno geral acha-se minuciosamente descripto na sua época gloriosa da rua dos Condes, e do Theatro do Salitre, pelo escriptor dra-

---

[1] Comte, *Testament*, pag. 258.

matico Francisco Gomes de Amorim, que assistiu a essas explosões enthusiasticas: «Fallo d'aquelle Salitre de outras éras... Quando artistas com pulmões de ferro e tacões de bronze, trovejando maldições, vomitavam ondas de sangue sobre as taboas mysteriosas d'aquelle palco tenebroso. Oh tempo! tempo! O melodrama, que se arrasta hoje como uma cobra pelas cavernas mais reconditas de algum theatro de curiosos, passeava então á luz de mil côtos de sêbo as suas galas opulentas, em toda a pompa da sua magnificencia. Os bandos de conspiradores, sumidos em largos capotes luctuosos, atravessavam mysteriosamente a scena, quando o amante atraiçoado, berrando como um touro, varava os bastidores e as bambolinas com um espadão de seis côvados. O tyranno, com cara de lobo cerval, apparecia vergando sob o peso das armas, e produzia uma sensação frenetica, vertiginosa e universal! O malvado, depois de ter visto triumphar a virtude de um modo impossivel, soltava dous rugidos pavorosos com voz cavernosa e rouca, engulia um canéco de veneno, e cravava um facão no estomago! Então é que era o bonito! As paredes do theatro chegavam a rachar com as explosões do enthusiasmo, etc. — Oh saudoso melodrama, por que passaram tão depressa os teus esplendores? Tu eras o refugio da virtude!... Eu adoro-te com o teu cortejo de paixões vulcanicas, com as tuas adagas e punhaes, com as tuas espadas e pistolas, com os teus venenos e os teus subterraneos, com as tuas abobadas de ferro em braza, com as tuas paredes humidas e as tuas luzes mortiças, com as tuas portas falsas e os teus alçapões mysteriosos, com

os teus ouropeis, com as tuas cadeias e as tuas grades, e as tuas *xácaras* lastimosas...» [1]

Rebello da Silva caracterisou com imparcialidade esta phase da actividade dramatica de Mendes Leal: «Filho da geração nova, recebido nos braços de uma ovação á sua entrada nas lettras, o auctor dos *Renegados* achou-se de repente exposto aos perigos e seducções da popularidade. Chegava em um periodo de revolução; e os seus primeiros triumphos eram decretados pelos caprichos do publico voluvel dos theatros, que todas as novidades attráem... Não admira portanto que o poeta, pouco experiente, e ainda verde para a analyse e observação, preferisse as exagerações da fórma á simplicida-

[1] *Panorama* de 1854, pag. 167. Antonio de Serpa caracterisa este genero no lyrismo dos nossos ultra-romanticos: «O *rimador* inaugurou o romantismo, estabelecendo os seus arraiaes nos castellos da meia edade, entre justas e torneios de paladinos, e nos campos de batalha da Terra Santa. A musa tornou-se cavalleirosa, envergou a *cota d'armas,* desceu a *viseira,* ajustou as *grêvas d'aço,* montou em um *alasão,* com o seu cortejo de *pagens,* de *donzeis,* de *jograes;* correu a *horas mortas* pelos cemiterios, evocou *phantasmas* e inundou-nos de *balladas,* de *xacaras,* de *rimances,* que nos cantaram pela millesima vez a historia de um cavalleiro que foi para a Palestina, e que na volta, achando a sua amante nos braços de um rival, se apresenta sinistro no meio da festa, de armas negras e viseira descida, provoca a duello o desditoso noivo, e arrasta com grande espanto dos circumstantes a *donzella* para o sepulchro... este prototypo traçado na *Noite do Castello,* do snr. Castilho, foi o modelo eternamente copiado por todo o famoso cavalleiro. — A questão era saber os nomes que havia de impôr á dama e ao cavalleiro, o que resolvia ao mesmo tempo o grave problema do titulo da obra». *Typos nacionaes* (*Semana,* vol. II, pag. 430, 1852).

de grandiosa, que é a expressão tragica da paixão; e tomando a emphase e a antithese pela sublimidade natural, arriscasse a lyra ainda balbuciante, e a musa facil em illusões pelos precipicios que n'esse tempo nem os proprios mestres evitaram».

O drama *Dous Renegados* é considerado no repertorio de Mendes Leal a sua *Torre de Nesle;* caracterisa perfeitamente esta primeira feição do escriptor. Depois de ter cahido no ridiculo o dramalhão sangrento, entremeado de xácaras e soláos, com as roupagens da Edade-média, a mesma emphase e violencia foi empregada no drama social das grandes reivindicações do proletariado. Casal Ribeiro vestia então a blusa de operario e vulgarisava as doutrinas socialistas; Mendes Leal foi atraz d'essa nova corrente do gosto francez, e escreveu para a scena *Os Homens de marmore,* de 1854, *O Homem de ouro,* de 1855, a *Pobreza envergonhada,* imitado, segundo o proprio auctor, do drama *Les pauvres de Paris,* de 1858 (tirado porém do romance *Hard Cash* de Charles Reade), e o *Pedro,* representado em 1861 (escripto em 1849), cujo personagem é a idealisação do typo do proprio escriptor no combate da vida [1]. Ao dramalhão

---

[1] No seu livro *A Litteratura portugueza no seculo XIX*, Romero Ortiz, que viera a Portugal em 1867, apresenta o seguinte juizo sobre o Theatro de Mendes Leal: «Para que un drama sea portugués, no basta que el lugar de la accion, los personajes y la lengua que estes hablan sean portugueses: se necesita algo mas. No basta tan poco halagar los sentimientos movedizos de la ignorante muchedumbre, haciendo discursos violentos contra España, como los que

medieval, succedeu-se o melodrama sobre theses sociaes. Mendes Leal achava-se deslocado n'este novo campo, e passou para o drama academico para ser lido, em que a inferioridade da concepção é resalvada pelos primores da linguagem; pertencem a esta terceira feição, o drama em seis actos *Egas Moniz*, premiado no concurso dramatico de 1861, e *Os primeiros amores de Bocage*, representado em 7 de junho de 1865, mas profundamente suporifero. Não podendo já regressar ao dramalhão medieval, Mendes Leal obedeceu á sympathia d'essa época, cultivando o romance historico no tão appetecido *Panorama*, onde publicou o *Infante Santo, Não vale a lição mil dobras, Por bem querer mal haver, O que foram Portuguezes*, e *Os Irmãos Carvajales*. Foi o romance historico a fórma litteraria em que mais persistiu, interrompendo ás vezes essas composições para ir desempenhar o cargo de ministro. Pertencem a esta classe os romances, que reuniu sob o titulo de *Chronicas do seculo XVII*, taes como as *Infaustas aventuras de Mestre Marçal Estouro, victima de uma paixão*, o

---

pronuncian D. Fernando y Leonor en el acto segundo de la *Pobre das ruinas*. Apesar de esas arengas patrioticas, *A pobre das ruinas* será siempre en su conjuncto, en su espirito y en su extructura un drama francés» (pag. 251). E do trato pessoal deixa estas linhas: «es avaro de su credito litterario. Si alguno desconoce, ó pone en duvida, ó rebaja su merecimiento, no se irrita, no se encoleriza, ostensiblemente al menos: se recoge en si mismo, se envuelve en el manto de su orgullo y evita todo contacto con el ofensor» (pag. 225). Ortiz encontrava-se com Mendes Leal, em casa de Castilho, e ali offerecera-lhe uma collecção das suas obras.

Calabar, (plagiado do *Bateur d'estrade,* de Paul Duplessis) publicado tambem com o titulo *O Forte de S. Jorge,* e os *Mosqueteiros de Africa,* publicado outra vez com os titulos *Como um Povo surge,* e *Amostra de um grande dia* [1].

No romance historico a falta de vida do dialogo é aggravada pelas descripções que substituem as vistas do scenario; porque é a isto que se reduz todo esse trabalho quando se não conhecem os costumes e as ideias ou sentimentos da época que se idealisa, e o poder de pôr em jogo as paixões se reduz a provocar situações de interesse ou a fazer explanações archeologicas.

Na litteratura moderna, o romance foi a fórma complexa d'onde saíu o drama; a par dos romances historicos idealisando a Edade-média, como os de Walter Scott, crearam-se os dramas espectaculosos e violentos do mundo feudal. Quando as novas doutrinas do Socialismo vieram encontrar no criterio dispersivo dos metaphysicos e jornalistas a exploração das divagações da utopia rousseauniana, tambem appareceram romances com these social, como os que fizeram a reputação de Eugenio Sue, e successivamente o drama socialista. Em 1848 prorompeu a questão do proletariado; o facto em si tinha um aspecto natural e logico. Desde que as ideias do grande

---

[1] Em alguns romances historicos publicados no *Panorama* dá-se por vezes a confusão de Mendes Leal com outro escriptor fecundissimo José Maria da *Silva Leal.* Um drama espectaculoso o *Templo de Salomão,* d'este ultimo, andou sempre attribuido a Mendes Leal.

seculo XVIII foram interrompidas na sua acção social pelas reacções da orgia militar napoleonica, pelas colligações do absolutismo da Santa Alliança, e pela simulação liberal do parlamentarismo, nem por isso a Europa deixou de progredir na creação pacifica da industria. Consequentemente, o trabalho productivo tinha fortificado a classe proletaria, que tem de ser incorporada na sociedade moderna. É este o problema pendente desde a transformação da Edade-média. Os metaphysicos e revolucionarios tomaram o problema, uns pelo lado intellectual ou theorico, formulando soluções imaginosas como se as sociedades humanas se reorganisassem por leis sem relação com os costumes; os revolucionarios viram no problema um movel de anarchia, na suggestão dos odios e invejas contra todas as desegualdades do passado, convertendo as aspirações do proletariado em uma força demolidora de toda a auctoridade.

Imagine-se o que uma litteratura indisciplinada póde tirar d'estas paixões doentias, nas situações e peripecias do drama socialista. Mendes Leal explorou esta corrente; no *Pedro,* quiz—«mostrar n'um exemplo a inutilidade dos privilegios». O personagem principal exclama em conflicto com a sociedade que odeia: «E porque me não ha de ser permittido ganhar o que os outros herdaram? Porque não poderei conquistar da fortuna o que tantos acharam do acaso?»

No drama *Pedro,* deixou Mendes Leal um traço auto-biographico, em que allude á parte que tomou nas luctas a favor da rainha contra a revolução popular de 1846: «no meio das convulsões do povo e da peleja das

facções». O Duque da Terceira fôra mandado ao Porto, depois do golpe de estado de 6 de outubro, como logar-tenente da rainha; Mendes Leal acompanhava-o, e viu de perto como a cidade revoltada prendeu o duque no palacio de Terena e o levou depois para o castello da Foz. Mendes Leal fugiu para Vianna do Castello, onde a sua dedicação á causa do paço o levou a servir de secretario geral do districto, e a ficar addido ao estado-maior do Conde de Casal. N'esta lucta de uma nação livre contra os abusos de uma dynastia egoista, a solução foi a calamidade da intervenção armada estrangeira pedida pela rainha. Mendes Leal, depois de ter sido capitão do batalhão de voluntarios cartistas de Vianna, foi nomeado commandante do destroço do batalhão conglobado no deposito de Valença. A lucta estava terminada pela estrangulação da liberdade. Mendes Leal tinha definido o seu importante futuro; a dynastia triumphante via n'elle um servo dedicado, e deu-lhe todas as honras e benesses, fel-o deputado, ministro, par do reino, enviado plenipotenciario, embaixador, conselheiro de estado, tudo emfim quanto se guarda na cornucopia do poder. Mendes Leal podia exclamar triumphante: «Consegui quanto intentei. No logar do triumpho achei sempre o desengano. No cimo da montanha é que se conhece quanto é pequeno o que nos rodeia, e como é estreito e árido o caminho que lá conduz. O homem vive dentro em si mesmo, *cheguei até onde podia chegar...*» (*Pedro,* act. v, sc. 4.ª). O jornalismo e o parlamento foram o caminho para a apotheose, que o levava a dizer: «hoje... já não posso subir mais». Mas n'esse campo da

lucta indisciplinada e sem ideal, o jornalista e o politico tinham relampagos de consciencia: «ólho, e não vejo em torno de mim senão as hostilidades dos interesses, a hypocrisia dos sentimentos, a rivalidade das ambições, a lucta repugnante das vaidades egoistas: nunca a honrosa communidade da patria». (*Ib.*, act. III).

Muitas das composições litterarias de Mendes Leal foram improvisadas no fervor e na intermittencia dos jornaes politicos em que elle collaborava, antes de serem colligidas em volumes. Resentem-se d'esse repentismo e fragmentação. Foi por este modo que a imprensa jornalistica não absorveu completamente o litterato; mas imprimiu-lhe esse estigma de banalidade e convencionalismo, que anda sempre ligado ás opiniões formuladas sobre todas as cousas em horas determinadas, como á inspiração forçada que idealisa successos do mundo cesáreo, nenias e epithalamios de reis, quando têm de ser celebrados em verso.

A vida do jornalismo, então de lucta vehemente, seduzira Mendes Leal; elle já tinha dado as suas provas a favor do paço contra a nação, seguindo o Duque da Terceira em 1846 para o Porto; governando o districto de Vianna; como addido ao estado-maior do Conde de Casal, e capitão do batalhão de voluntarios cartistas de Vianna do Castello. Achava-se em 1847 em Lisboa, já condecorado com o habito da ordem da Conceição de Villa-Viçosa. Estava consummada a infamia da *Intervenção armada*, e o governo cartista entendendo não dever dar publicidade no *Diario do Governo* a um protesto de José Bernardo da Silva Cabral contra os dis-

cursos proferidos nos parlamentos de França e Inglaterra que condemnavam essa traição da dynastia e attentado contra o direito das gentes, deu azo a uma scisão no partido. José Bernardo da Silva Cabral, mais exaltado cartista do que o proprio irmão o Conde de Thomar, fundou um jornal, o *Estandarte,* em 1 de agosto de 1847, em que publicou esse protesto; Mendes Leal acompanhou o façanhudo Cabral (José), chegando além de collaborador a ser editor-responsavel do *Estandarte.* Dentro do cartismo tinha-se formado um outro partido de violencia sob a divisa pessoal de *Cabralismo,* e d'este grupo destacaram-se outros por os acharem ainda moderados, e eram capitaneados pelo José dos Conegos (José Bernardo da Silva Cabral). Era ao serviço d'este que estava Mendes Leal.

Em 24 de fevereiro de 1848 caíu Luiz Philippe, e foi proclamada a Republica em Paris. O *Estandarte* para salvar as instituições atacou o ministerio de Saldanha por moderado, apesar do processo das *hydras* e outras perseguições; e tão violenta era a opposição, que o governo presidido por Saldanha foi demittido em 19 de junho de 1849. N'este anno escrevera Mendes Leal o seu drama socialista *Pedro,* e ahi falla o protogonista no acto III, sc. 6.ª: «A imprensa é hoje uma arma poderosa, é um nobre sacerdocio; por isso mesmo tanto mais indigno e vil é prostituil-a á mentira... *Ás vezes tenho orgulho quando penso que o orfão desvalido, abandonado e expulso, faz tremer com um rasgo de penna convicto os poderes publicos e os partidos!* excita ou serena as paixões!» Pela queda de

Saldanha, o conde de Thomar foi chamado estultamente ao poder; perante os cartistas sinceros, a rainha queria firmar o poder pessoal no *Cabralismo*. Foi o jornal o *Estandarte* o que preparou a cruzada contra a liberdade da imprensa, que se affirmou pela lei de repressão de 3 de agosto de 1850 conhecida pelo titulo de *lei das rolhas*. Mendes Leal era premiado pelo governo com o lugar de bibliothecario-mór em 26 de julho de 1850. Deu-se a lucta entre Saldanha e o conde de Thomar, que veiu a irromper na revolta de abril de 1851, e na remodelação politica da *Regeneração*. Era um movimento de conciliação aproveitado pelo habil Rodrigo da Fonseca Magalhães, em que se aproximavam *setembristas* vencidos e *cartistas* desilludidos. Mendes Leal sustentou o novo jornal *A Lei* contra esse acto chamado a Regeneração (1849 a 1853). Silva Tullio, seu amigo antigo e admirador, retrata esta época da vida de Mendes Leal, quando elle morava na travessa das Mercês, aos Caetanos, abrigado em um quarto na propria officina onde se imprimia *A Lei:* «tomou sobre si a direcção de um jornal politico (*A Lei*), que tanto se assignalou contra a revolução de 1851, tendo de transferir a sua residencia para a officina, d'onde por alguns mezes não sahiu, dando as noutes á redacção da folha, e os dias á composição de um romance (*O Calabar*) dos tempos coloniaes de Pernambuco...» [1] Os dramas que elaborou n'este quar-

[1] *Revista contemporanea*, t. I, pag. 443 e 452.

to aos Caetanos resentem-se de um novo gosto phantastico, como *As tres cidras do Amor*, e o *Tributo das cem donzellas*. Era n'essa atmosphera de desvairamento politico, e em lucta contra a nova corrente dos partidos que se reorganisavam, que Mendes Leal sustentava a bandeira do cabralismo, fazendo nas horas vagas poesias, dramas e romances, para supprir-se depois da demissão do cargo de bibliothecario em 21 de maio de 1851. O jornal a *Imprensa*, que em 1852 fôra creado para accudir ao cartismo, teve de reunir-se á empreza da *Lei*, e em 16 de agosto de 1853 achou-se Mendes Leal á frente da *Imprensa e Lei* como redactor principal; foi n'esse mesmo campo que se encontrou com Rebello da Silva como collaborador, desbaratando o seu talento na causa palaciana. Por fim, quando por effeito da questão das Irmãs da Caridade veiu a dar-se uma scisão em 1858 na nova facção regeneradora, Mendes Leal aproximava-se de José Estevão, chefe do partido historico, e escrevia na *Politica liberal*. Sobre o valor d'esta cultura intellectual feita no campo do jornalismo, basta vêr os seus effeitos na incoherencia moral que amesquinha a acção individual, dentro de um meio anarchico que ella mesma vae ampliando.

Comte falla contra a indisciplina jornalistica: «Mas eu tenho sobretudo em vista a intima degeneração, não menos moral que mental, que resulta quasi sempre dos habitos exclusivamente criticos proprios do jornalismo actual, tendendo tão communmente a desenvolver as disposições abruptas e superficiaes, já bastante naturaes no nosso meio anarchico, e acabando frequentemente por

abafar todos os germens essenciaes da verdadeira grandeza» [1].

«Privado de toda a verdadeira disciplina intellectual, o jornalismo actual conduz muitas vezes a encarar estouvadamente todos os assumptos interessantes, com tão pouco discernimento como o que existe na conversação habitual do vulgo; isto é, sem distinguir quasi nunca entre o que é verdadeiramente accessivel e o que é prematuro, ou mesmo chimerico, nem entre o que admitte já a intervenção da imprensa quotidiana e o que deva ainda pertencer por mais ou menos tempo ás elaborações systematicas» [2].

O illustre positivista chileno Juan Enrique Lagarrigue, auctor do precioso livro *La Religion de la Humanidad,* mostrou a necessidade de sahir d'esta anarchia das consciencias por falta de uma doutrina unanime que já não póde ser fornecida pelas theologias; e como a sciencia é o unico meio para fundar esse novo poder espiritual de que a sociedade moderna tanto carece. Entre as causas que aggravam a anarchia moral do nosso tempo, Lagarrigue cita o *Jornalismo,* «o poder espiritual effectivo da nossa época, poder espiritual que certamente nada esclarece, e que em troca corrompe muito. Tão poderosa é a anarchia actual, que chega a invadir o proprio campo dos catholicos. Ahi está a proval-o o vergonhoso espectaculo de sacerdotes convertidos em jor-

---

1 *Testament,* pag. 281.

2 Ibid., pag. 283.

nalistas. Estes symptomas manifestam que o poder espiritual catholico perde cada vez mais a dignidade, renegando o seu nobre destino moral. Isso provém, de que se intenta garantir a theologia, condemnada necessariamente a extinguir-se, em vez de sustentar e vivificar a religião» [1]. Em Portugal vêmos tambem esta anarchia deploravel; os jornaes clericaes, como *A Palavra,* são os mais virulentos na linguagem, e são elles que fomentam conciliabulos catholicos, como o do palacio de Castello Melhor, obrigando o seu papa a enviar-lhes bençãos pelo telegrapho. É um systema decahido em plena e inconsciente dissolução. Lagarrigue observa outro facto importante da anarchia jornalistica: «Porém o jornalismo é por si tão degradante que perverte as melhores almas». Em Portugal atravessa-se uma extraordinaria crise moral; o jornalismo chegou ao extremo gráo de abjecção, não só no desvario de uma linguagem sem idéas, como pela confusão das personalidades com as doutrinas, e pela sophismação calculada dos principios aos interesses de momento. A pedantocracia constitucional aluga escriptores, como os saiões e esbirros do despotismo. O bom senso publico afasta-se d'este hediondo espectaculo, como quem não quer reconhecer essa fórma mal esboça-

---

[1] *La Religion de la Humanidad,* pag. 7. — Em Portugal os jornaes politicos mais façanhudos foram redigidos por padres, como *A Besta esfolada,* e *Desengano,* do padre José Agostinho de Macedo; o *Mastigoforo* e *Contra-mina,* de Frei Fortunato de S. Boaventura; a *Defeza de Portugal,* do padre Alvito Buela Pereira de Miranda; e *O Cacete,* do padre Francisco Recreio.

da do poder espiritual. Ainda ha pouco se deu um facto comprovativo. O velho jornalista Antonio Rodrigues Sampaio, que chegou a ministro e a presidente de conselho pela imposição jornalistica, no momento em que se abriu ao publico a subscripção para levantar-lhe um tumulo, achou-se só como homem a quem nada se deve, e a subscripção apesar de apregoada não passou de cento e tantos mil reis. Outro jornalista, Manuel de Sousa Carqueja, que durante vinte annos redigiu o *Commercio do Porto,* quando o seu cadaver foi conduzido para a terra da sua naturalidade, apenas foi acompanhado por uma carruagem, lamentando differentes jornaes esta dura ingratidão do publico para com aquelle que nunca o dirigiu. O que se passa em Portugal é commum a toda a Europa, como symptoma da crise dos espiritos. O clericalismo explorando o theologismo ficticio liga-se com a pedantocracia constitucional, que é uma prolongação da anarchia revolucionaria acobertada com fórmulas sempre sophismadas. Ao poder temporal convém que se não estabeleça um poder espiritual compativel com a razão humana, como ao theologismo interessa que o poder temporal se não reorganise pela democracia. É d'este angustioso dilemma que a sociedade moderna tem de sahir, sendo a fórma mais pratica e immediata a separação da egreja e do estado.

Depois de ter alludido a essa arma do *jornalismo,* que com um rasgo de penna fazia tremer os poderes publicos e os partidos, como proclama no drama *Pedro,* Mendes Leal synthetisa a sua altivez referindo-se ás *tempestades parlamentares.* Quando escreveu este drama,

em 1849, Mendes Leal já se tinha visto «*no meio das convulsões do povo, e da peleja das facções*»; as tempestades parlamentares começaram para elle na sua eleição por Beja, em 1852, pela opposição cabralista. Como porém o drama *Pedro* soffreu remodelações em 1861, quando subiu á scena, e ainda na sua terceira edição em 1876, é naturalmente verdadeira a referencia ao «*conflicto no seio das tempestades parlamentares*». Póde-se dizer que á actividade dissolvente do *jornalismo* seguiu-se outra actividade não menos desnorteadora do *parlamentarismo*. De 1858 a 1871, Mendes Leal foi successivamente eleito para todas as legislaturas, já pela Villa da Feira, Mafra e Ponta Delgada, até que o elevaram ao pariato.

É natural a relação entre a imprensa e o parlamento; e se uma serve para desvairar a opinião, o outro serve para esterilisar a acção temporal.

Desde que o velho absolutismo do *posso, quero e mando* se transformou na consulta da vontade nacional pelo suffragio, constituindo o regimen parlamentar, o poder dos governos resulta immediatamente das indicações da opinião publica, que elle satisfaz ou que esclarece pela publicidade fundamentada dos seus actos.

É essa necessidade permanente de conhecer a opinião, que já por si é a consequencia da livre discussão sobre os negocios do estado pelos cidadãos entre si, que faz com que os mais eminentes espiritos estabeleçam a solidariedade profunda que existe entre o *parlamento* e a *imprensa* periodica. Uma instituição nasceu da outra, e tem como ella um tanto de caracter anarchico. Todas as vezes que o absolutismo monarchico tem atacado a

liberdade do parlamento, a imprensa periodica soffre por concomitancia as perseguições judiciarias e as suppressões arbitrarias.

Em Portugal, o regimen parlamentar tem sido sempre viciado pela intervenção dos governos falsificando as eleições pela candidatura official, pelo terror das execuções fiscaes, pelos fusilamentos junto da urna, ou pelas votações e actas simuladas, como nas candidaturas de accumulação.

Para que isto podesse ser feito constantemente em meio seculo de regimen parlamentar, foi preciso corromper a *imprensa periodica* com subsidios pecuniarios tirados do cofre da policia secreta, dar prebendas e cargos rendosos aos seus redactores alugados para desvairarem a opinião publica e fazerem com que a nação desconheça como é privada das suas liberdades. No dia em que uma parte d'essa imprensa periodica repellisse a torpe veniaga com os governos, aquelles que têm a força, os parlamentos vendidos, os magistrados judiciaes vendidos, uns por empregos outros por promoções, haviam de forçosamente atacar essa parte digna e honesta com leis de excepção sanccionadas de embuscada, e com sentenças vergonhosamente boçaes, equiparando um excesso ou abuso de palavra ao crime dos gatunos que se castiga com a pena corporal de prisão.

Os deputados que approvaram essas leis odiosas e sophisticas são na maior parte jornalistas e têm a consciencia do valor moral das suas personalidades; elles mesmos são os primeiros a faltarem ao respeito que se deve a esta instituição solidaria do parlamento, que tan-

to rebaixam pela indignidade da falsificação do seu mandato. Disse um grande mestre, reconhecido por todos os sabios como o que systematisou a Sciencia social, alludindo ás leis de repressão á imprensa, que observou no no seu tempo:

«A compressão actual prejudica mais á ordem do que ao progresso, dispondo o espirito popular a considerar as bases da sociedade como não comportando uma legitima defeza, pois que o seu exame fica interdicto apesar da tranquillidade material». (*Politique positive*, t. IV, p. 381).

O caracter que mais distingue as modernas constituições liberaes do Antigo regimen é a existencia dos *parlamentos,* nos quaes se suppõe que a vontade da nação está representada pelos seus delegados, mandatarios, procuradores ou deputados, a quem compete legislar no intuito com que foram eleitos. Pensa-se que por este meio se salvaguarda a liberdade e cria-se uma dictadura; porque se attribue uma universal competencia, uma omnisciencia a uma collectividade que delibera soberanamente, quando tomados individualmente os seus elementos componentes não se acham senão personalidades mediocres, atrazadas, ignorantes e muitas vezes reconhecidamente corruptas.

Como é possivel este milagre, fazer que uma assembléa de espiritos menos do que medianos se transformem em arbitros irresponsaveis de todas as questões economicas, scientificas, politicas, juridicas, technicas e internacionaes?

Eis o milagre do *parlamentarismo,* tal como se

acha organisado pelo mandato incondicional, e pela candidatura ministerial. Como na realidade ninguem dá o que não tem, já se vê que um parlamento formado por todas as mediocridades ambiciosas de um paiz que se prestam á torpeza da *candidatura official,* que se tornam instrumentos passivos da falsificação do suffragio, um parlamento assim constituido ha de deliberar na inconsciencia, ao grado d'aquelles que ali os chamaram, e não póde legislar senão expedientes de conservação para os governos que os trazem arrebanhados em compacta *maioria.* No fim de contas, se o absolutismo antigo era a dictadura monarchica, o parlamentarismo moderno é essa mesma dictadura mascarada com a simulação do suffragio. O poder incondicional conferido a individuos para votarem leis como entenderem, é tão perigoso como o poder irresponsavel de um despota.

No exercicio d'esta machina parlamentar, que é omnipotente e omnisciente, vêmos empregados dois meios para fixar as relações com os ministros, mas não para o bem estar social que ella simula representar; se o parlamento pretende reagir contra a acção rapida ou tumultuaria dos ministros, emprega a unica força de que dispõe, o palavriado rhetorico, despeja discursos sobre discursos, e é ao que na giria politica dos paizes constitucionaes se chama o *obstruccionismo;* contra esta força de inercia os governos empregam o systema dos *apagadores,* que a cada momento requerem se ponha á votação se a materia já está sufficientemente discutida. D'onde se vê que o parlamentarismo é uma burla, que nem mesmo na propria Inglaterra tem rasão de ser, e

que por uma irracional intervenção dos ideologos, definida por Stuart Mill e Auguste Comte pelo nome de *pedantocracia,* esse systema foi ridiculamente parodiado nos povos occidentaes, sem outra vantagem senão a perversão da dignidade e senso politico dos povos em favor do absolutismo decaído. E de facto, se compararmos o parlamentarismo moderno com as antigas côrtes portuguezas, apenas ha a differença do parlamento se convocar em épocas regulares e mais nada; as côrtes antigas eram chamadas para votar os impostos quando o rei precisava de dinheiro; hoje os parlamentos são convocados e funccionam em tempo certo para votarem impostos, emprestimos e tratados, segundo a iniciativa dos ministros, mas com a supposta sancção nacional. Derramou-se tanto sangue, radicaram-se tantos odios para parodiarmos as instituições de Inglaterra, para no fim nos acharmos no mesmo ponto de partida, na situação das antigas côrtes dos procuradores do povo! Desde que uma camara se acha investida com um poder incondicional, mas sem um plano governativo, ella entrega-se áquelle que lhe der coherencia; como ella não formou o poder executivo para cumprir as suas deliberações, mas é subalterno d'este pela *candidatura official,* o seu destino é deshonrar-se e ser dissolvida depois de votada qualquer infamia. É por isso que o systema constitucional é um Moloch que devora os homens, e os inutilisa, quebrando-os moralmente, e deitando-os depois á margem como lazarentos. Como as leis, embora fabricadas pelos ministros, só são leis porque o parlamento as approva, sob qualquer fórma, estamos em rigor sob uma

dictadura parlamentar. Como sair d'este perigo social? Existe um remedio conhecido, o unico proficuo.

A assembléa mais veneranda, o concilio mais sublime que existiu na humanidade foi a Convenção nacional franceza: a grandeza das suas reformas proveiu das reclamações locaes escriptas que os seus deputados trouxeram; chamavam-se-lhes os *cahiers*. Por esses cadernos se conheceu o que a França reclamava, e os grandes actos da Convenção foram o cumprimento d'essas necessidades. Que outra cousa é isto senão o *Mandato imperativo?* É este o unico meio de tornar o regimen parlamentar uma verdade, e um bem, e o governo uma funcção coordenadora. Emquanto se não recorrer ao *Mandato imperativo,* o parlamento ha de ir caíndo desde a dictadura em que permanece até á inutilidade perturbadora de uma praga de que se foge [1].

Resta-nos fallar do poeta; todos os seus versos foram colligidos em 1858 sob o titulo de *Canticos,* e de-

[1] Comte, na *Politica positiva,* t. III, pag. 607, caracterisa superiormente a acção social dos jornalistas e parlamentares: «Mas a queda da tyrannia retrograda introduziu um fatal ensaio do regimen parlamentar, que sem comportar nenhuma consistencia, sobretudo popular, se acceitou como contraste para com uma concentração oppressiva. Esta nova aberração, mais nociva e duravel que a precedente, apesar da paz e da liberdade, perturbou profundamente os corações, os espiritos e os caracteres, desenvolvendo o habito da corrupção, do sophisma e da intriga. Os seus vicios naturaes acharam-se aggravados segundo o apoio que forneceu á influencia social dos litteratos e dos advogados, que sob typos mais e mais degradados se tornaram, primeiro na tribuna e principalmente depois pelos jornaes, os directores provisorios da opinião publica».

dicados a D. Fernando. A idealisação de Mendes Leal, derivada em parte do romantismo emanuelico, e em parte do romantismo liberal, dispersa-se ao grado da agitação politica, sem uma concepção superior e caracteristica. Os versos servem-lhe para cultivar mais o advento á importancia social, como acontece a todas as francas mediocridades, do que a exprimirem a concentração de uma natureza esthetica. Basta vêr as composições *Manhã de um bello dia,* ode-cantata allegorica aos annos de D. Fernando; as *Lagrimas e saudades* á morte da rainha D. Estephania; a *Congratulação fraterna* ao imperador do Brazil; a *Memoração,* offerecida á rainha D. Maria Pia, ou a elegia do *Avè Cesar!* á morte do rei do Piemonte, Carlos Alberto. Esta composição lyrica é a melhor obra poetica de Mendes Leal, postoque as antitheses e tautologias visem ao effeito da recitação dramatica. Quando se vê a figura idealisada do rei que lucta pela liberdade italiana, e se exila depois de uma derrota, vindo fallecer na cidade do Porto, o quadro adquire uma certa sublimidade épica; mas quando se confrontam as expressões emphaticas das estrophes do *Avè Cesar!* com a realidade historica da figura de Carlos Alberto, resalta a falsidade da inspiração do poeta, que servia outros interesses que não os da arte pura:

Eil-o, o teu defensor, ó Liberdade;
Eil-o no extremo leito! á humanidade
O tributo pagou!
Da nobre espada á lamina abraçado,
Viveu soldado-rei, e, rei-soldado,
Sobre a espada expirou!

Este defensor da liberdade, quando principe herdeiro, contrariou a politica do rei absoluto reinante; porém, quando rebentou a conspiração militar em 1821, elle abandonou os seus amigos e *denunciou-os,* pondo-se ao lado do rei absoluto. O grande poeta insurrecto do seculo XIX, Byron, verberou em estrophes de fogo a traição de Carlos Alberto: «Quando tudo estava prestes para a revolta, leve os diabos a imbecilidade de Carignan! Eu podia perdoar-lhe ainda, se elle não tivesse denunciado os seus cumplices». Carlos Alberto reconheceu que tinha o valor moral perdido, quando elle proprio exclamava: «Por mais que eu faça, nunca mais a Italia terá confiança em mim». Mas não foi esta a primeira defecção de caracter: Victor Manuel I é deposto pela revolução, e emquanto Carlos Felix, que lhe succedia, não chega de Modena, foi Carlos Alberto nomeado regente provisorio, sendo n'esta situação forçado a acceitar uma constituição. Mas, logo que tomou conta do throno Carlos Felix, outra vez se prestou Carlos Alberto a servir a reacção do absolutismo, dando-lhe as suas provas de adhesão vindo na invasão á Hespanha ajudar a Santa Alliança a destruir a constituição d'aquelle paiz na batalha do Trocadero. Para poder regressar a Turin, teve mais ainda Carlos Alberto de assignar um acto escripto de reconhecimento da monarchia absoluta, compromettendo-se a quando fosse rei ser governado por um conselho de prelados piemontezes e cavalleiros da Annunciada.

Apesar de tudo, o movimento liberal progrediu na Europa, e a eleição de um papa, então liberal, e a revo-

lução de 1848 repercutem na Italia. Foi n'esta corrente, que Carlos Alberto se viu forçado a prometter uma constituição, a pôr-se á frente do partido da independencia italiana e a declarar guerra á Austria.

Sem alliados, batido em Custozza, teima sem plano a sorte das armas, perde as melhores occasiões em missas e consultas de beatas, até á derrota de Novara, em que o reconhecimento da impotencia moral o leva a abdicar, vindo occultar-se no Porto, onde falleceu em 28 de julho de 1849 [1]. Depois d'estes contornos do heroe, a poesia do *Avè Cesar* parece simplesmente banal.

Mendes Leal cultivava estas grandes odes-poemetos, como o *Pavilhão negro,* em que protesta contra a affronta do governo de Napoleão III na questão de *Charles e George,* e como o *Napoleão no Kremlim.* A verdadeira idealisação é substituida pelo apparato theatral do quadro, em que os effeitos da phrase reflectida encobrem a falta de sentimento. O verso de redondilha não sae da vulgaridade, como em João de Lemos e Palmeirim. Nobilitado pelas altas missões politicas nas côrtes de Madrid e Paris, adoptou esse tique distincto da aristocracia — o beaterio. Uma das suas ultimas composições foi a traducção de uma *Ave-Maria,* cantico expositivo das apparições de Lourdes, dedicado a Mons. Vanutelli, nuncio apostolico. Era para ser cantado ao piano, como a sua antiga xácara do *Nobre donzel D. Goterres.*

---

[1] *Prologo e Epilogo de um reinado,* do Marquez da Costa de Beauregard. Noticia bibliographica na *Rev. des Deux Mondes* (1890, 1 de julho, pag. 201).

Falleceu em Cintra, no palacio da Penha Verde, em 22 de agosto de 1886. Os jornaes consagraram-no em apparatosos necrologios.

A reputação adquirida por Mendes Leal, com os seus dramas e romances historicos plagiados [1], com os seus versos lyricos consagrando successos palacianos como fallecimentos de reis e de princezas, com uma actividade jornalistica sem ideal politico que o conduziu ás eminencias de ministro e de embaixador, synthetisa-se n'aquelles versos dictados pelo bom senso de Lafontaine:

> Ici-bas, maint talent n'est que pure grimace,
> Cabale, et certain art de se faire valoir,
> Mieux su des ignorants que des gens de savoir.

---

[1] Na traducção dos *Fastos* por Castilho, vem no t. I, p. CXV, a seguinte lista de *Obras ineditas* de Mendes Leal:

Tragedias: Saul, Viriato, Um dia do seculo X em Roma.

Dramas: Pae e Ministro, Miramar, Filho prodigo, Dote de Suzana, A praia dos naufragios, Ausenda, Miguel Angelo Buonarotti, D. Antonio de Portugal, O dedo de Deus, Os homens de bem.

Comedias: Um namoro da janella, Satanaz em Lisboa, O Theatro e a Cozinha, Quem tudo quer tudo perde, A calçada da Pampulha, Pascoal Gonçalves, A filha de Figaro, Flores e fructos, O bombardeamento de Odessa, Heraclito, Democrito, Os Candidatos.

Poesias: Canticos, 2.º vol., Fabulario da Puericia, As Africanas, Satyras, Cintra, poema.

Historia e Memorias: Historia da guerra do Oriente, o 3.º e 4.º vol., Elogios historicos do Visconde de Santarem e do Conde de Sabugal, Da Arte novissima, memoria, Influencia de Garrett na Litteratura nacional, id., Excellencias e degenerescencias da Lingua, philologia.

Romances: O Conde de Castello Melhor, 2 vol., Estatua de Nabuco, romance da actualidade, 2.º e 3.º vol.

CAPITULO III

Soares de Passos

Assim como a Provença foi para a Europa do fim da Edade-média a capital d'onde irradiou a poesia lyrica do amor, que todas as nações imitaram na fórma trobadoresca, e que a Italia transformou no Lyrismo moderno idealista e humano, tambem Coimbra, depois da Renascença, tornou-se para Portugal o centro activo de elaboração poetica, e todos os genios portuguezes ali foram receber a suggestão emocional e ali idealisaram as estrophes por onde se tornaram conhecidos. A mudança da Universidade para Coimbra em 1537 determinou este concurso permanente da mocidade de todas as provincias de Portugal, e pela cultura humanista e predilecções litterarias em Coimbra se manifestaram constantemente as vocações poeticas, muitas das quaes deixaram um traço luminoso na historia. Em Coimbra inicia Sá de Miranda a transformação do gosto poetico, que elle soube encontrar através dos provençaes nos lyricos italianos. Foi em Coimbra que Luiz de Camões, e o seu amigo Jorge de Monte-mór, na livre expansão da mocidade, nas margens do Mondego, acharam os primeiros accentos da harmonia que os havia de tornar immortaes. No ruido das escholas, e no fervor dos estudos humanistas e da jurisprudencia, o dr. Antonio Ferreira continúa a iniciativa de Sá de Miranda, e apodera-se da

lenda sentida dos amores de Ignez de Castro para modelar a tragedia moderna segundo a estructura da tragedia grega. Em Coimbra, Vasco Mousinho de Quevedo e Francisco Rodrigues Lobo continuam a tradição quinhentista, máo grado o culteranismo que assoberbou todo o seculo XVII. Emfim, cada seculo achou em Coimbra os melhores representantes da emotividade poetica; como no seculo XVIII Nicoláo Tolentino, Garção, Diniz e José Anastacio da Cunha, e no seculo XIX, os auctores das tragedias voltairianas que precederam a revolução liberal, os poetas didacticos, como Castilho, os romanticos como Garrett, os ultra-romanticos como João de Lemos, os sentimentalistas como Soares de Passos e João de Deus, os satanicos revolucionarios como Anthero de Quental, os parnasianos como Guerra Junqueiro e Gonçalves Crespo. Para bem comprehender a poesia é necessario determinar a sua relação com a vida d'aquelle que a sentiu e lhe deu expressão, e essa vida será inexplicavel sem o conhecimento do meio em que desabrochou. Sob este aspecto, Coimbra é um meio que merece ser estudado.

Na transição da poesia romantica cavalheiresca, das xácaras e soláos, lyrica na fórma, mas na essencia objectiva e descriptiva como as balladas do norte, para a poesia sentimentalista, verdadeiramente pessoal e subjectivista, vendo na natureza uma expressão moral da melancholia inexprimivel, cabe a Soares de Passos o logar proeminente como representante d'esta corrente litteraria. O romance historico, da vida dos castellos medievaes, dos torneios e das vinganças hereditarias, tem como

fórma poetica correspondente a xácara, o soláo, a ballada; o novo romance subjectivo d'essa geração dos tristes que se chamam *René, Werther, Jacopo Ortis, Obermann, Antony, Lelia, Manfredo,* tem como correspondente o lyrismo melancholico dos Lakistas, dos Novalis, Millevoye e Soares de Passos, que obedeceram a uma tendencia dos espiritos, que se compraziam com os pastiches do *Ossian* de Mac Pherson. Esta corrente do gosto é explicada pelo estado de depressão dos espiritos depois dos grandes abalos moraes da sociedade resultantes da explosão temporal da Revolução franceza. Comprehende-se isto; passada a catastrophe, vem a emoção e a reacção da sensibilidade, chora-se depois do perigo.

Pela época em que nasceu, e circumstancias especiaes que acompanharam este facto, Soares de Passos pela sua organisação tinha de ser um sentimentalista, um incomprehendido; ao cultivar a poesia devia predominar n'ella o subjectivismo de um caracter melancholico, embora na Litteratura portugueza não se encontrem fórmas analogas a *René* ou a *Obermann.*

Soares de Passos nasceu na cidade do Porto, em 27 de novembro de 1826, em uma honrada familia burgueza da Praça Nova, onde seu pae tinha uma loja de droguista. N'esse anno, o Porto festejára a outorga da Carta constitucional, e Custodio José Passos, pae do poeta, no enthusiasmo pelo liberalismo contrahiu a responsabilidade politica, que na reacção miguelina ou absolutista de 1828 o fez homisiar-se, ser perseguido e por fim encarcerado. Na Praça Nova, em 1829 se levantaram as forcas onde foram enforcados, e depois decepadas

as cabeças de dez cidadãos sem crime, que eram, como liberaes, executados para intimidação de todos aquelles que não se conformassem com o regimen absoluto da dynastia bragantina. Quando na vespera da execução á noite se batiam os postes das forcas, nas casas visinhas julgaram ouvir foguetes e suppunham que era a concessão de amnistia; ao alvorecer do dia seguinte campearam as forcas, e a cidade appareceu encerrada, como se em cada familia houvesse lucto. Fez-se a execução, mas o absolutismo ferira-se mortalmente a si proprio; a linguagem dos periodicos auctorisados proclamava a severidade, glorificando o canibalismo do 7 de maio: «A sociedade, o estado, o throno e a especie humana não podem existir sem que pereçam os inimigos da especie humana, do throno, do estado e da sociedade; e eis aqui onde fulgura a justiça de Deus e de el-rei, e onde a natureza não geme» [1]. O throno e o altar nunca hesitaram diante do sangue. Tocado por estes actos bestiaes do terror absolutista, o Porto tornou-se o apoio de toda a resistencia para a reconquista da liberdade, e sem muralhas, teve a coragem de soffrer um terrivel cêrco, e de triumphar sem recursos, apesar da fome e da peste. Os historiadores officiaes consideram todos estes sacrificios e heroismo motivados pela restauração do throno da joven D. Maria da Gloria!

No meio d'estes abalos, que perturbaram profundamente a familia, e das miserias domesticas de um cêrco

---

[1] *Correio do Porto,* de 1829, maio.

desesperado, Soares de Passos, creança, e sem perceber os acontecimentos, sentiu duramente as consequencias, soffrendo uma doença prolongada, que o predispoz para a tuberculose, de que veiu a ser victima mais tarde. A educação que lhe foi ministrada até aos quatorze annos, no Collegio do Corpo da Guarda, era com destino para a vida commercial; mas a leitura das novas obras do romantismo, o conhecimento da lingua franceza e ingleza, despertaram-lhe a paixão litteraria. No Porto é frequente esta alliança do commercio com as lettras, como já a proposito de uma livraria de um negociante do seculo XIV notára João Pedro Ribeiro. Soares de Passos effectivamente esteve ao balcão da loja de drogas de seu pae; mas a paixão litteraria levou-o a conseguir auctorisação para continuar os estudos em 1845, e terminado o curso de latim e o de philosophia elementar em 1848, caminhou para Coimbra, matriculando-se no 1.º de outubro de 1849 na faculdade de Direito.

Morava na rua dos Militares, em uma casa ou pequena republica em que tinha por companheiros outros poetas portuenses como Alexandre Braga, Ayres de Gouvêa e Silva Ferraz, que naturalmente se lembravam do jornal academico de versos, *O Trovador*, publicado em 1844, e emprehenderam a publicação do *Novo Trovador* em 1851. Era um ensejo para desenvolver-se-lhe o talento poetico. A vida turbulenta da mocidade academica tornava-o mais reconcentrado.

Quem entra em Coimbra e vê os estudantes desfilando ruidosos, em grupos, com as longas capas negras, batina e gôrro, crê-se momentaneamente transportado a

uma cidade da Edade-média, do tempo em que a lei civil protegia com privilegios excepcionaes as corporações escholasticas e quando o *clericus* andava sempre em conflicto com o burguez ou o *laicus*.

O que parece uma illusão, torna-se uma realidade, porque á medida que se toma conhecimento da organisação intima da Universidade de Coimbra transparece ali o espirito medieval em todas as suas fórmas.

A grande corporação escholar persiste em ter uma jurisprudencia sua, não reconhece a moderna base do direito constitucional da egualdade perante a lei, fortifica-se no phantastico fôro academico, e nas suas deliberações soberanas manda pôr fóra de Coimbra no intervallo de vinte e quatro horas o cidadão sobre quem, pela disciplina da matricula, imagina poder exercer uma acção absoluta.

Pelo seu lado, os estudantes não estão mais adiantados; ao envergarem a capa e batina, apossam-se do velho espirito de classe da época em que o *clericus* vivia na bambochata dos *goliardos* e da *tuna*, dos *sopistas* e *martinets*, e eil-os durante esses annos da formatura entregues com todo o vigor e audacia da mocidade aos arruidos da troça.

Não ha ninguem em Portugal, que não conheça o que é a troça de Coimbra; a troça é a alma da Universidade, é a tradição escholar na plena inconsciencia, é uma orientação secular com que o corpo cathedratico transige paternalmente, comtanto que não roce pela gravidade doutoral.

O uso da troça encasou-se tão profundamente em

Coimbra, que a população da propria cidade falla com o calão da Universidade; tudo o que se diz ou faz é sempre debaixo de troça, de fórma que a transição para a seriedade só se opéra de um modo brusco e instantaneo, como se se puxasse um cordel ou se puzesse uma mascara.

D'aqui provém esse phenomeno psychologico singular do *typo coimbrão,* desde o que chegou a ministro até ao mais reles barbeiro: apresenta-se com uma gravidade olympica na linguagem e nas maneiras, e de repente, quando menos se espera, enfia as mais pittorescas piadinhas da giria com uns gestos faiantes, que desconcertam o observador. Não existe uma transição natural entre a troça do estudante e a auctoridade grave do doutor; de modo que, quando este quer occupar a altura da respeitabilidade do seu gráo, não tem senão o meio violento ou da reprovação do fim do anno, ou a insensatez de um conselho de decanos.

O lente, que começou por ser estudante e obedeceu á orientação tradicional da troça escholar, soffre desde o dia em que toma capello uma vesania de respeitabilidade; adquire na physionomia um ar meditabundo, no andar emprega o passo cadenciado, na conversa usa o tom dogmatico, emfim todos os caracteristicos exteriores de uma seriedade superior a que internamente lhe não corresponde a propria consciencia. Põe-se immediatamente em antinomia com os estudantes, a quem não falla senão como julgador.

Esta muda doutoral é conhecida em Coimbra pela phrase da giria — *aquelle já botou a albarda aos hombros* — com que significam a ceremonia do capello. Que-

bra-se toda a relação moral entre o mestre e o discipulo; aquelle julga-se tres vezes mais do que o estudante (*magis ter*), e este na sua situação degradada regressa ao passado e fortifica-se com o espirito sarcastico, mofador e irreverente da Edade-média, mantendo a independencia intellectual pela troça.

Analysando este costume, póde-se recompôr todo o viver intimo das antigas Universidades da Europa, ainda persistente em Coimbra. Além do habito talar do *clericus*, ainda ali subsiste a antiga hostilidade entre o estudante e o burguez (*scandala ac dissentiones*), que motivou a legislação privilegiada; para o estudante, o filhote ou o cidadão de Coimbra é um ente desprezivel a que dá o nome de *futrica*, e para o burguez, o bacharel que se vae, *deixa uma argola em Coimbra*.

Já por vezes se têm levantado conflictos violentos, como esse conhecido pelo nome de Thomarada.

O lente, que em geral é de Coimbra ou casado na terra com filha de lente, que o anichou na Universidade, é contra o estudante e a favor do *futrica*.

Muitos dos costumes da vida academica de Coimbra são em tudo similhantes aos das Universidades francezas do seculo XIV, taes como se propagaram para a Allemanha e Suecia. Ainda hoje em Coimbra os estudantes se dividem em tres classes, correspondentes ás designações da Edade-média, os *Recentiores* a que equivalem os *Calouros*; os *Juniores* ou *Novatos*; e os *Seniores* ou *Veteranos*, que comprehendiam os terceirannistas ou *pés-de-banco* e *ponte dos asnos*, os quartannistas ou *candieiros*, e os quintannistas.

As relações d'estas differentes classes seguem ainda os velhos ceremoniaes da Edade-média, por uma tradição automatica que nem os proprios doutores hoje saberiam explicar.

É esse o drama da troça, conhecida nas velhas Universidades do seculo XV e XVI pelo nome de *Depositio* e *Vejamen* e de *Prise de la pierre.*

O objecto exclusivo da troça escholar é o *Calouro,* da classe dos *Baneorum* ou *Bejaunes,* que vem da casa paterna como o burrinho ainda coberto de pêllo. É preciso cortar-se-lhe o cabello, tosquial-o, tornal-o gente; ha poucos annos ainda n'esta scena da tosquia morreu um estudante com uma pedrada.

Depois leva-se o calouro a uma casa, para se lhe propôrem as *captiosæ questiunculæ* da Edade-média, em que se simulam do modo mais grotesco as ceremonias da defeza das theses e do doutoramento.

O encarregado d'esta troça é sempre o secundannista, verdadeiro *Depositor,* que faz a *Vexatio,* e que dá o gráo no *Cornutus.*

Nas Universidades hespanholas conservou-se o costume dos *Vejamens,* e nas poesias e prosas de Soropita ha uns versos de um *Vexame* em Coimbra no fim do seculo XVI. Entre as theses figura a celebre questão: Qual nasceu primeiro, o ovo ou a gallinha? — Se a carne de porco é toucinho? etc. etc.

No gráo, a borla é um capacho das pernas, e muitas vezes um vaso de barro vidrado, conforme as côres das faculdades.

Os gráos e *Vexames* degeneraram em violencias bru-

taes, como na Allemanha, no seculo XVI, e o *Novato* que entra na Universidade é recebido á porta ferrea com pontapés, chamados na giria da terra *canellão,* e conforme vae debaixo da pasta de quintannista ou *veterano,* assim se lhe desmancha o penteado ou se lhe atiram algumas chufas.

Em todas as vesperas das férias de natal, paschoa ou do encerramento das aulas, renovam-se as troças, que reflectem dos novatos sobre os calouros. O fim do anno escholar assignala-se pelo *toque das latas,* especie de grande *sabbat,* ao qual todos concorrem com panellas, tachos, campainhas, buzios, percorrendo até de madrugada as ruas da cidade. É a emancipação do *toque da cabra,* especie de *courre-feu* ou sino-corrido para os estudantes de Coimbra.

No meio d'este tropel, os estudantes agrupam-se ainda pela antiga fórma de *Nationes,* a que chamam republicas, associando-se entre si os ilhéos, os beirões, os minhotos, os alemtejanos e algarvios; nas suas *choldras* ha um que faz de *bolsa,* seguindo a velha nomenclatura.

Aos estudantes vulgares dão-lhes o nome de *musicos* e *cabulas,* e ao que conquistou a attenção do lente e é premiado, chama-se-lhe *urso.*

Esta notavel persistencia dos costumes escholares de Coimbra resente-se nos methodos e no espirito do ensino da Universidade; ali subsiste o vicio dialectico e banal do tempo em que as Universidades eram exclusivamente theologicas; ali impera a *Cebenta,* representante legitimo da época em que não havia livros impressos, em que o *lente* era assim chamado porque *lia pelo seu*

caderno, em que o estudante copiava as apostillas, que se encebavam passando de mão em mão.

É tempo de uniformisar a Universidade de Coimbra no todo systematico da instrucção publica portugueza; abra-se a livre concorrencia ao magisterio, e tire-se-lhe essa crusta medieval mantida na sua organisação interna.

Era n'este meio turbulento, que Soares de Passos passava absorvido e alheio a toda a expansão da mocidade, mal conhecendo os condiscipulos, e confinando-se na intimidade quasi exclusiva de Silva Ferraz e de Alexandre Braga. Os seus primeiros versos foram publicados no Porto; no jornal de poesias, intitulado *O Bardo,* de 1852, encontram-se entre outros, *O noivado do sepulchro, Á Patria, Rosa Branca* (no album da exc.ma snr.a D. J. Maria de Figueiredo), *Canção, Desejo, Saudade,* com variantes, que merecem estudar-se, porque revelam o seu processo artistico. No texto definitivo da mais popular das suas composições, *O noivado do sepulchro,* em geral as modificações que adoptou são inferiores á redacção primitiva, do *Bardo;* confrontemos:

— Mulher formosa que adorei na vida,
E que inda adoro n'este chão de horror,
Porque *tão cedo foi assim trahida*
Tua promessa de constante amor? [1]

---

[1] Mulher formosa que adorei na vida,
E que na tumba não cessei de amar,
Porque atraiçôas, desleal, mentida,
O amor eterno que te ouvi jurar?

Depois que em leito sepulchral repousa
Inda ha tres dias não vieste aqui...
Ai! quão pesada me tem sido a lousa
Sobre este peito que bateu por ti [1].

Cahi exhausto n'esse abysmo fundo
Que em tua morte me cavou a dôr [2];
Deixei a vida... que importava o mundo,
O mundo em trevas sem a luz do amor?

Saudosa ao longe vês no céo a lua?
— *Ai se eu a vejo? bem a vejo, sim...*
Foi á luz d'ella que jurei ser tua,
Na vida e morte, com amor sem fim [3].

Em seguida a estas estancias apparece uma estrophe que o poeta omittiu na edição de 1856; não se comprehende por que a desprezou:

Se em vida, ai triste, não n'o quiz a sorte,
Hoje eis cumpridos os protestos meus;
Oh! dá-me, dá-me que no chão da morte
Meus frios ossos eu reuna aos teus.

---

1 Abandonado n'este chão repousa
Ha já tres dias não vieste aqui...

2 Feliz que pude acompanhar-te ao fundo
Da sepultura, succumbindo á dôr, etc.

3 Saudosa, ao longe vês no céo a lua?
— Oh vejo, sim... recordação fatal!
Foi á luz d'ella que jurei ser tua
Durante a vida, e na mansão final.

O noivado do sepulchro é cantado em uma melopêa, que o vulgarisou entre o povo, sem ter comtudo condições de popularidade; no Porto ouvimol-o bastantes vezes cantado pelas ruas, mas deturpado pelos mais deploraveis plebeismos [1].

Em uma outra poesia, intitulada *Á Patria*, inspirada pelo verso de Camões: «Esta é a ditosa patria minha amada» acham-se no texto publicado no *Bardo*, estrophes inteiramente diversas da lição do texto definitivo, e outras omittidas. Confrontemol-as para a melhor comprehensão do processo artistico de Soares de Passos:

Esta é a ditosa Patria minha amada,
Ditosa n'outro tempo, hoje abatida;
Foi grande, foi potente... hoje, coitada,
Ao mundo apenas dá signaes de vida [2].

---

[1] Exemplifiquemos:

Vae *arta* a *lũa*, nas *maçãs di* a morte
Já meia noite com *bágár zoou;*
Que paz *tranquilhas*, dos *bembens* da sorte
Só tem descanço quem aqui baixou.

[2] Esta a nação de laureada fronte,
Esta a ditosa patria minha amada!
Ditosa e grande quando foi potente,
Hoje abatida, sem poder, sem nada.

Segue-se a esta a seguinte estrophe desprezada:

Portugal, oh! perdôa se o meu canto
Em logar de exaltar-te, um ai suspira;
Sou teu filho. . . nos olhos ferve o pranto
Banhando as cordas trémulas da lyra.

Patria, *patria*, que tens que em desalento
Vergas a fronte que alterosa *ergueste?*
Porque ás bordas do gélido moimento
Teus brios e valor adormeceste? [1]

Onde está esse genio de teus filhos,
Que outr'ora avassallando o mar profundo,
Abria *sobre as ondas novos trilhos,*
Mostrando ao mundo antigo um novo mundo?

Que fizeste do imperio d'esse oriente
Onde raiaram teus formosos dias,
Quando sentada em throno refulgente
O sceptro a immensos povos estendias?

---

1 Patria minha, que tens, que em desalento
Vergas a fronte que alterosa erguias!
Porque fitas o gélido moimento,
Perdida a força dos antigos dias?

Então eras tu grande! os reis da terra
Vinham deixar-te aos pés ricos thesoiros;
O mar *tinto de sangue em dura* guerra
Gemia *sob o peso dos teus* loiros [1].

Não apontamos todas as outras variantes; revelam um trabalho intenso de modificação de uma phraseologia emphatica, que não era expressão de um verdadeiro sentimento. Notaremos apenas esta estancia omittida:

Tudo o mais acabou... cem fortalezas,
Com sangue de teus filhos cimentadas,
Baquearam por terra, ou indefezas
Choram de teus heroes sobre as ossadas.

---

1 Que fizeste do genio destemido
Com que domavas esse mar profundo,
E sorrias das vagas ao rugido,
Ignotas praias descobrindo ao mundo?

Onde está esse vasto capitolio
De tuas glorias, o soberbo Oriente,
Lá onde erguida em triumphante solio
Empunhavas teu sceptro refulgente?

Então, eras tu grande! os reis da terra
Derramavam-te aos pés os seus thesouros;
O mar, saudando teus pendões de guerra,
Gemia ao peso de teus verdes louros.

Os ultimos annos da vida de Coimbra, soffrendo em 1853 uma grave doença, não proporcionavam a Soares de Passos ensejo para uma qualquer actividade litteraria; alli contrahiu esse habito escholastico de estar deitado, que o seu estado valetudinario coadjuvou. Mal convalescido partiu para Coimbra a matricular-se no quinto anno juridico, cuja frequencia só pôde começar em novembro. Foi n'esta situação desalentada da viagem difficil e accidentada para Coimbra, que Soares de Passos escreveu a inimitavel elegia a *Partida,* publicada pela primeira vez na *Grinalda* (I, 99) em 1855. Os presentimentos da morte atravessam-se por meio das recordações e das saudades, e prevalecem sobre todos os outros sentimentos como uma ideia fixa:

Mas se as flores dos campos voltarem
Sem que eu volte co'as flores da vida,
Chora aquelle, que em tumba esquecida
Dorme ao longe seu longo dormir;
E cada anno, que o sopro do outomno
Desfolhar a verdura do olmeiro,
Lembra-te ainda do adeus derradeiro,
D'este adeus, que te disse ao partir!

O anno da formatura findava; o curso a que pertencera ia dispersar-se. Um condiscipulo, Gaspar de Queiroz Botelho de Almeida e Vasconcellos, pediu a Soares de Passos uma recordação para o seu album; o poeta escreveu um Soneto bocagiano, o unico que deixou, porque esta fórma poetica não lhe era sympathica, nem a

comprehendera no seu idealismo camoniano. A primeira estrophe é a parte mais apreciavel:

> Nossas lides findaram. Chega o dia
> de deixar estas margens bonançosas,
> onde colhemos as purpureas rosas
> da sciencia, do amor, e da poesia [1].

Antes de atirar-se á lucta pela existencia, como bacharel formado, Soares de Passos, ao terminar o acto de formatura, fez uma excursão ao Bussaco e ao mosteiro da Batalha, acompanhado de seu irmão Custodio Passos, de Silva Ferraz e de Augusto Luso; as poesias lyricas que lhe inspiraram a floresta secular e o monumento historico são frias, emphaticas, sem pensamento, no estylo mais caracteristico da pleiada de João de Lemos. Era preciso que a sua sensibilidade se aggravasse, para tornar a achar a eloquencia do sentimento. O regresso ao Porto, onde a vida pratica prepondera em absoluto, forçava-o a empenhar-se na applicação da sua formatura; tinha diante de si a advocacia. Lançou-se a ella, inscrevendo-se como advogado na secretaria da Relação do Porto. Repugnavam-lhe os processos, as praxes forenses; não aconteceu o mesmo ao seu condiscipulo e tambem poeta, Alexandre Braga. Uma occupação seden-

---

[1] Este soneto foi pela primeira vez publicado no *Almanach de Lembranças* para 1883, pag. 151, pelo possuidor do album, seu «*condiscipulo e intimo amigo*». Está incorporado na 7.ª edição das *Poesias*, pag. 197.

taria, em harmonia com a indole artistica, ter-lhe-hia prolongado a vida; Soares de Passos concorreu á vaga de segundo bibliothecario da Bibliotheca do municipio do Porto, mas o ministro que fez o despacho de outro candidato nem suspeitava que feria mortalmente aquella pobre alma na sua ultima aspiração. Soares de Passos caiu na impotencia moral, e n'uma tristeza que o fazia evitar todas as relações, confinando-se entre alguns poucos amigos, e chegando a permanecer perto de quatro annos fechado no seu quarto. A vida de Coimbra deixa esta préga de atonia moral em muitos bachareis. A reclusão absoluta, onde apenas admittia pouquissimos amigos, a apathia physica determinaram o trabalho rapido da tuberculose manifestada em 6 de janeiro de 1860. N'estes cinco annos, que vão da saída de Coimbra até á sua morte, teve Soares de Passos a plena floração poetica. Apresenta-se sob dois aspectos: um profundamente elegiaco, pessoal, exprimindo da fórma a mais bella o desalento de quem se sente morrer, como no *Desalento*, *Anhellos*, a *Vida*, e *Consolação;* o outro é uma tendencia para a ode philosophica, a alta contemplação que dá a visão scientifica do universo, e a synthese racional, phase que se acha esboçada no *Firmamento* e na *Visão do Resgate*. Estas duas phases de idealisação parecem entre si incompativeis; e mesmo na contemplação scientifica do *Firmamento* ha um deismo atrazado que lhe prejudica a grandeza. Explicaremos esta phase de idealismo scientifico por suggestão de conversas do seu ultimo anno de Coimbra, estudando a formação da ode *O Firmamento*.

Castilho era eximio recitador de poesias, e para dar maior realce a esta sua aptidão, costumava organisar saráos poeticos, para os quaes convidava os jovens metrificadores. Em setembro de 1854 tendo ido ao Porto, Castilho celebrou um saráo poetico, para o qual foi convidado Soares de Passos, já bastante conhecido pelas composições publicadas no *Bardo;* n'este saráo recitou pela primeira vez a esplendida ode *O Firmamento.* Esta composição é a manifestação de uma nova maneira, em que a intenção philosophica e a fórma synthetica do quadro dão ao lyrismo uma grandeza de ideal, mais verdadeiro e mais bello do que o thema das emoções pessoaes. Para esta alteração de processo houve decerto uma forte suggestão exterior. No *Almanach de Lembranças,* de 1875, contou Rodrigues Cordeiro: «Depois de uma conversa que se travou entre Soares de Passos e o seu amigo o snr. Eduardo Augusto Falcão, que nas suas ambiciosas, por não dizer exaggeradas theorias, queria a *poesia da Sciencia* na arte moderna, e quasi que não admittia outra, levou-lhe este um dia o *Système du monde* de Laplace. O poeta leu-o, e d'ahi a muito pouco tempo, diz-me o snr. Falcão, apresentou-lhe a ode ao *Firmamento,* perguntando-lhe se havia ali poesia da sciencia». A historia psychologica de todas as obras bellas provoca o mais alto interesse; e no *Firmamento,* além da sua belleza, ha a mudança dos meios de idealisação do poeta. O *Systema do mundo,* de Laplace, é uma synthese cosmogonica, sem mathematica; lê-se a surprehendente hypothese, que tem dominado na astronomia, e dá vontade de convertel-a n'uma epopêa, n'um

hymno. O genio surprehendente de Edgar Põe converteu essa hypothese cosmogonica no seu bello quadro phantastico *Eureka!* Era plausivel que sobre a concepção de Laplace um poeta elaborasse algumas estrophes eloquentes sobre a visão subjectiva da formação e fim dos mundos sideraes, saíndo da grande Nebulose central, e volvendo a ella pelo predominio das forças repulsivas. Soares de Passos não era repentista, e a leitura rapida do *Systema do mundo* só depois de uma laboriosa assimilação poderia suggerir uma nova idealisação poetica. Crêmos, que esse trabalho mental é do meado do anno de 1854, e que das conversas scientificas da convivencia de Coimbra colheu os elementos objectivos e pittorescos para o quadro do *Firmamento*, elaborado depois que systematisou as suas ideias com a leitura da obra superior de Laplace. As *Poesias* colligidas em volume, em 1856, produziram uma grande impressão no publico [1] cansado das banalidades de impertinentes versejadores; em 1858, o editor, que era o tacanho Cruz Coutinho, atreveu-se a reimprimil-as. Depois de 1856 parece que Soares de Passos nada mais escreveu do que uma traducção da *Monja* de Uhland, e mais tres versões de Henri Heine, que appareceram em alguns numeros da

---

[1] Em carta datada de 5 de agosto de 1856, Alexandre Herculano felicitou Soares de Passos pela sua obra, considerando-o como successor de Garrett. Fallando de si proprio ahi diz: «fui poeta até aos vinte e cinco annos». Era possuidor d'esta carta o snr. Leal Barroso.

Grinalda, de Nogueira Lima [1]. Uma grande sensibilidade, aggravada pela doença de seu irmão e depois pela de sua mãe, e um temperamento misanthropo que o levou a conservar-se quatro annos encerrado no seu quarto, provocaram o desenvolvimento da phtysica, que o victimou. Projectára passar em Lisboa em dezembro de 1859 o inverno; mas um ataque de hemoptyse, em 6 de janeiro de 1860, e repetições successivas annunciaram-lhe um fim breve, fallecendo em 8 de fevereiro d'esse mesmo anno.

Quando a sua memoria estava consagrada, succede um caso extranho; um contemporaneo dos tempos de Coimbra increpa-o de *plagiario,* e reclama por vezes na imprensa a paternidade das melhores composições de Soares de Passos. Trataremos d'esta questão, pelo que nos revela da vida do poeta em Coimbra, e dos elementos formativos da ode *O Firmamento.*

Em carta datada de 4 de julho de 1886, o snr. dr. Lourenço de Almeida e Medeiros, queixando-se-nos de que Soares de Passos se apropriára da poesia *O Firmamento,* escreve: «E não me roubou só isto; na noite a que no artigo me refiro, confiei-lhe todos os assumptos sobre que tencionava exercer-me, dei-lhe indicações, glosou a parte que lhe expliquei com mais clareza, e assim fez o *Anjo da Humanidade,* os *Anhellos,* o *Desalento;*

---

[1] Vêm incorporadas na 7.ª edição, de 1890. Ha tambem um estudo em prosa sobre *Tibur,* escripto por Soares de Passos para as annotações dos *Fastos* de Ovidio, vertidos por Castilho. É ignorado e merece colligir-se em uma edição critica.

roubou mais ainda, até estancias desgarradas d'outras poesias que já esboçára, como da *Noite*, do *Camões*, — estragou estes assumptos por não lhe alcançar a ideia principal, ou não saber tratal-a!» Até aqui o libello accusatorio; na continuação da carta vem uma phrase, appellando para o nosso criterio: «*Faço a v. juiz*,...» A questão é delicada, porque exige um tino especial sobre a psychologia dos poetas, e ao mesmo tempo uma imparcialidade plena. Mas acceitamos o appêllo, e faremos o processo.

Naturalmente, perguntámos ao snr. Lourenço de Almeida e Medeiros, porque, tendo apparecido as *Poesias* de Soares de Passos em 1856, vinha elle tão tarde reclamar a propriedade das poesias que são justamente a parte mais bella da obra do fallecido escriptor? — Em carta de 16 de julho de 1886, datada de Ovar, respondeu-nos a este quesito: «Reclamei sempre aos meus amigos e conhecidos. No Porto, em 1858, a primeira vez que soube do embuste de Soares de Passos, a Candido Mamede [1]; a Tito de Noronha em 1860; em notas a poesias que publiquei em 1867 e 1869; em 1870 a Bulhão Pato, a Carlos Faria, a v. exc.ª em 1871 no es-

[1] Em outra carta de 20 de julho de 1886, vem outra affirmação, mas contradictoria: «humilhou-se diante de mim, e teve a fortuna de eu não saber do seu indiscreto abuso, senão em outubro de 1860, depois da sua morte». Como essa humilhação, se depois da unica conversa de 1854, na rua dos Militares, em Coimbra, nunca mais se encontraram? Como se queixou a Candido Mamede em 1858 dos *plagios*, que só conheceu existirem, em 1860?

criptorio da *Actualidade;* em 1873 na traducção do *Lago* de Lamartine; no prologo do *Oceano,* em 1880; em muitos artigos de 1883, e agora continúo; e esquecia-me ainda, a Silva Ferraz, em 1873 em Lisboa, o qual confessou ser verdade o que refiro d'aquella noite de Coimbra; e aqui estão minha irmã e meu cunhado, que nas férias de 1853 me ouviram na minha casa em Fermelam recitar o *Firmamento* e as primeiras quadras do *Noivado*» [1]. Em artigos publicados nos jornaes *A Locomotiva* e *Districto de Aveiro,* reclama o snr. Lourenço de Almeida como suas, o *Firmamento* e *Noivado de Sepulchro.*

Falta-nos, para completar os elementos para julgar este pleito, o conhecermos a scena ou palestra litteraria da noite da rua dos Militares, entre Soares de Passos e o snr. Lourenço de Almeida, onde este lhe communicou:

1.º Assumptos sobre que *tencionava* exercer-se;

2.º *Indicações,* que Soares de Passos *glosou* nas partes explicadas com mais clareza;

3.º *Estancias desgarradas* de poesias já esboçadas.

É sobre estas bases que assentam os plagios de Soares de Passos; bases inconsistentes, em cousas de Arte, porque na idealisação esthetica o poder creador e a obra genial consistem na *fórma,* no dom da *expressão* em que se universalisa o sentimento. Póde qualquer indivi-

[1] O snr. Lourenço de Almeida recita em 1853 o *Noivado do Sepulchro,* ainda nas primeiras estrophes, mas em 1852 publicava-o Soares de Passos no *Bardo,* a pag. 50, n.º 4.

duo dar indicações, tencionar ou projectar poemas, mas esses themas indeterminados só existem no mundo da Arte, e só pertencem áquelle que lhe der *expressão*. Quem negará a originalidade das tragedias de Shakespeare, por se encontrarem a maior parte dos seus argumentos nos novellistas italianos em simples esboços, sem paixões, nem caracteres, nem situações definidas? Quem negará a originalidade das *Fabulas* de Lafontaine, embora venham os seus themas de Esopo, de Phedro, dos Fabliaux da Edade-média, se a *fórma* é incomparavel pelo cunho de individualidade critica e pelas allusões e intenções moraes ou historicas da época de Luiz XIV?

Agora a apropriação de *estrophes desgarradas*, de poesias méramente esboçadas. É aqui que cabe perfeitamente a narrativa da palestra litteraria da rua dos Militares, unica em que se encontraram, para julgar da possibilidade da conservação na memoria das estrophes do *Firmamento* (o *Noivado do Sepulchro* já está fóra de questão). Acceitamos mesmo a narrativa, feita pelo snr. Lourenço de Almeida, para elemento do exame:

«Em Coimbra, no anno de 1854, alguns dias antes de se fecharem as aulas, querendo recitar ao meu amigo o snr. Ayres de Gouvêa, hoje bispo de Bethsaida, o *Firmamento* e o *Noivado do Sepulchro* [1], dirigi-me a sua casa na noite de uma quarta-feira, por ser o dia seguinte sempre feriado para os estudantes de direito.

---

[1] Estava publicado por Soares de Passos em 1852 no n.º 4 do *Bardo*, impresso no Porto, typ. de Sebastião José Pereira.

«Morava o snr. Ayres de Gouvêa na rua dos Militares. Encontrei-o na sala de jantar com os seus commensaes Soares de Passos, Silva Ferraz e o snr. José Carlos Lopes.

«Acalorado um pouco o snr. Ayres de Gouvêa disputava com Soares de Passos, e perguntando-lhe eu qual era o assumpto discutido, vira-se para mim rapidamente depois de alguns momentos de silencio e diz-me: — As *Folhas cahidas,* de Garrett.

«E d'esta maneira, instando-me a expôr o meu conceito sobre aquellas pérolas da nossa litteratura, ainda que não desejasse ser desagradavel a nenhum dos interlocutores, pois era claro que discutiam o merito d'essas poesias, não occultei que as julgava, como todos as julgam, a par da nossa época, com a sua indole e modo de sentir, de uma fórma espontanea, mas que é muito artistica, nova, admiravel, e além d'isso elevada e ao mesmo tempo de um mimo, que ninguem até hoje excedeu ou egualou.

«A isto respondeu Soares de Passos: — Pois eu creio, que, se em vez do nome de Garrett, as firmasse um outro que não fosse conhecido, ninguem faria caso d'ellas.

«Um silencio constrangido succedeu a esta observação, pela qual ninguem esperava.

«D'ahi a pouco levantou-se o snr. Ayres de Gouvêa, e eu com elle fui para o seu quarto, onde não tardou que apparecesse o snr. José Carlos Lopes com uma arte d'inglez, lingua que presumo lhe andava ensinando; e ouvi ao snr. Ayres de Gouvêa: — Hoje não póde ser; hei de entregar ámanhã uma dissertação, e só tenho esta noite para escrevel-a.

«Tambem eu vinha tirar-lhe o tempo, disse eu; e, visto isso, retiro-me.

«Insistindo em que me demorasse, suppondo ser algum escripto, rogava-me que lh'o désse.

«São *versos, que trago de memoria,* mas o assumpto precisa de longas explicações, e hoje não ha tempo, nem occasião para ellas, — e despedi-me.

«Ao saír, tópo com Soares de Passos e Silva Ferraz defronte do quarto de Miguel Teixeira Pinto, para onde entramos.

«Este quarto era, por signal, esquinado; eu sentei-me perto da janella, n'uma das duas cadeiras que tinha, Soares de Passos na outra, e Silva Ferraz debruçou-se sobre a mesa de estudo, e assim se conservou quasi todo o tempo que ali estive com elles.

«Quando em direcção á minha casa, que era na rua do Correio, passei na que corre por detraz do Observatorio, de cujo nome me não recordo, soava uma hora na torre da Universidade.

«No começo da conversação observei que o estudo das sciencias e da philosophia muito devia convir aos poetas.

«Então o snr. Soares de Passos atalhou-me com a seguinte pergunta:

«— O snr. Almeida nunca fez versos?

«A esta pergunta deve Soares de Passos uma parte da sua gloria, e eu alguns dissabores de que podia ter-me dispensado; respondi:

«Tenho apenas duas poesias em estado de poder recital-as, mas uma d'ellas está ainda incompleta, e a ou-

tra desejo corrigil-a em algumas passagens. Esta versa sobre um assumpto tão original e inesperado, que receio, publicando-a, me chamem louco ou extravagante. Imagine o snr. Passos, é *a destruição de todo o universo supposta como provada pela sciencia*» [1].

Até aqui a descripção da palestra da rua dos Militares em 1854, que durou até á uma hora da noite; deprehende-se d'ella, que tendo o snr. Lourenço de Almeida feito indicações sobre assumptos poeticos, Soares de Passos lhe perguntára, *se nunca fizera versos?* É então que allude a duas poesias, em estado de serem recitadas, o *Noivado do sepulchro,* (já publicado por Soares de Passos em 1852) e o *Firmamento,* em que ha uma synthese cosmogonica do universo (apresentada ao engenheiro Eduardo Falcão, que lhe emprestára em setembro de 1854 o *Systema do mundo* de Laplace, no intuito de lhe suggerir a poesia da sciencia).

Não é acceitavel, que por uma simples audição, depois de uma conversa muito complexa, Soares de Passos retivesse de memoria uma ode em oitavas, e constando de dezoito estrophes. O que é natural, e não longe da verdade, é que o snr. Lourenço de Almeida, estudante distincto de sciencias naturaes, e que por esse tempo se formára na faculdade de philosophia, phantasiasse um quadro poetico, contrario ás doutrinas de Laplace e de Marcel de Serres, e motivado pelas novas theorias baseadas no calculo que demonstrava o encurtamento da or-

---

1 *Districto de Aveiro,* 1886.

bita do cometa d'Encke. É portanto improcedente o seu argumento: «Que as estancias do *Firmamento* se basêam em suspeitas e inducções só minhas, mas de um caracter scientifico bastante para se affirmar — que só quem soubesse reflectir sobre certos factos astronomicos e outros geologicos os podia conceber e depois envolver em fórmas poeticas» [1].

Pelo tempo em que o snr. Lourenço de Almeida reclamava a paternidade de duas poesias, era ainda pouco conhecido o phenomeno da *suggestão* psychologica. E parece-nos, tomando como verdadeira a palestra da rua dos Militares, nos traços concretos acima transcriptos, que o snr. Lourenço de Almeida, alliando a cultura scientifica a uma imaginação viva, apenas suggeriu em Soares de Passos a *ideia* do *Firmamento,* a que ainda n'esse anno de 1854 deu fórma, sobretudo depois de estimulado por uma ou outra pagina descriptiva do *Systema do mundo* de Laplace. Já não é pequena honra ter suggerido no espirito de Soares de Passos o estado emocional que o levou á composição do *Firmamento;* disputar-lhe a fórma, as alterações dos versos primitivos é um exagero explicavel por fortes contenções subjectivas. Em um dos seus artigos de *Reclamação das Poesias,* o snr. Lourenço de Almeida esboça a ideia suggestiva, que teria inspirado o espirito de Soares de Passos: «Explicarei primeiro a ideia original do *Firmamento.* Do contraste da natureza, que suppômos eterna, immensa, sem-

---

[1] *Districto de Aveiro,* n.º 1:488, an. xv, 1886.

pre joven, sempre bella, com o homem, o mais nobre dos sêres, mas ephemero, que decae, e não se remoça, e por fim se extingue, formára-se-me no intimo d'alma uma dolorosa impressão, que nunca me largava. Eis ahi o germen da poesia. Como se vê, estava ella pedindo para o seu começo um rapido esboço do universo — o sublime espectaculo da noite, em que se mostra o espaço cheio de sóes e de mundos, as suas multidões, as suas distancias prodigiosas, e de envolta o mysterio das origens e dos destinos que encerra o insondavel abysmo, offereciam-me assumpto das primeiras estrophes.

« Estava pois no meu plano fazer sentir a grande magoa do homem, pela sua breve decadencia em face de sêres que a não conhecem, em face da eterna juventude da natureza. Mas o suppôr-se um como resumo da immensidade, segundo uma theoria que não consegui tornar accessivel a Soares de Passos, o attingir pela razão o infinito, o sentir a belleza de todas as cousas, o eternisar-se pelas suas gerações successivas, vinham consolal-o e minorar aquella magoa.

« E aqui rematava o *Firmamento* na sua primeira concepção.

« Aproximava-se o fim do 4.º anno de philosophia, que eu então cursava. Indagando como a terra se constituiu (sobre o que o ensino e os livros do curso passavam mui de leve), concebi a suspeita de que assim como o nosso globo, no principio mui diverso do que hoje é, só depois de longas modificações chegou á sua fórma e modo de ser actuaes, da mesma sorte era provavel, que em uma época mui distante viesse a decom-

pôr-se, alterando pouco a pouco as condições de equilibrio e de harmonia, que n'aquelle tempo da Universidade, e ainda muito depois se julgavam perpetuas.

«A terra será sempre o que é agora? Durará com ella eternamente a humanidade?

«A estas interrogações dá hoje a sciencia uma resposta negativa...

«Vem d'ahi toda a parte do *Firmamento,* que a esse assumpto se refere. E com isto a ideia da poesia se completou. — A ideia pois da poesia era como um drama que se passa na alma, uma lucta entre impressões moraes, que afinal se resolve, uma trilogia lyrica» [1]. Em outra parte da sua *Reclamação das Poesias,* condensa mais a ideia d'essa trilogia: «O homem contempla o universo infinito, eterno, sempre formoso; compara-se, e sente a magoa da sua inferioridade, mas reflecte, e consola-se, porque, se é pequeno, vê em si um como resumo do universo (theoria do *microcosmo*), o seu espirito alcança o infinito; inspirado, é Deus mesmo que o anima; se é ephemero e decae, a sua raça acompanha a natureza através dos seculos, e aqui vem a sciencia, que lhe diz — não é assim, mas tambem não invejes a natureza, porque esta mesma se extingue, a terra acabará depois da humanidade, e esse será o destino de todos os mundos. — Comtudo, elles se renovarão em cada systema, e se todo o universo se destroe, será para renascer mais perfeito» [2].

---

[1] *A Locomotiva,* n.º 106 (1884).

[2] *Districto de Aveiro,* n.º 1:494, an. XV (1886).

Nada mais natural do que o ter sido feita esta exposição na palestra da rua dos Militares, em Coimbra; e tambem nada mais natural do que Soares de Passos ter obedecido á suggestão das ideias que o levaram a compôr o *Firmamento;* pertence-lhe pela fórma, e em arte a fórma é a condição absoluta para a expressão do ideal. Do snr. Lourenço de Almeida só existe publicada uma poesia *Ao Oceano* (1880), em que ha uma superior idealisação da natureza; mas vê-se que difficilmente dá expressão ás suas ideias suggestivas.

A abundancia de versos na litteratura portugueza, a sua perfeição artistica, a variedade dos sentimentos que exprimem, põem a critica em um terrivel embaraço; como julgar esta exuberancia da vida affectiva, senão procurando se ha n'esta manifestação algum intuito? Para que sejam verdadeiras obras de arte, falta-lhes a fórma e o espirito da Poesia que deve corresponder ao estado da consciencia moderna. É que a obra de arte não póde ser unicamente elaborada pelo artista, tirando o seu subjectivismo aos elementos que o constituem; ha um factor alheio ao artista e que collabora com elle, é a multidão, o povo, a sociedade, a collectividade nacional emfim, que lhe fornecem o elemento natural da tradição, a qual o artista idealisa dando-lhe a fórma com que é renovada e mais vigorosamente universalisada. Todos os grandes artistas modernos se esquecem d'este factor, concentram-se no seu espirito, tiram tudo de si, e assim como os organismos que se tornam mais pequenos á medida que a sua evolução morphologica se exerce no sentido interno, tambem os artistas são mais individuaes e mais pequenos nos in-

tuitos, exercendo a sua actividade nos detalhes do estylo, da metrificação, da rima, das imagens, nos calculados recursos de effeito. São como as lindas plantas de estufa, alentadas em um meio artificial; falta-lhes a grande communicação do ar livre e vivificante da multidão. Os talentos novos deviam procurar o modo de restabelecer esta alliança natural que em tempos antigos produziu todas as fórmas da arte grega, e ainda na Edade-média provocou um extraordinario vigor esthetico, que não saiu do seu estado rudimentar, não só em virtude da instabilidade politica d'essa época fecunda, como da posterior direcção erudita dos espiritos que iniciaram a Renascença pela imitação das obras correlativas a um outro estado social. É certo que o estado mental moderno produz um novo estado da consciencia humana, e que esta modificação que se revela pelas noções moraes actua sobre os costumes e fórmas da actividade social; emquanto se fez a transição, n'esse periodo da Revolução franceza e nas reacções inconscientes da Santa Alliança, appareceu um espirito superior, Byron, que idealisou os seus cantos dando expressão ao mal-estar moral de uma época perturbada por forças repressivas, e a sua eloquencia e sublimidade vêm-lhe do protesto. Byron, como notou admiravelmente Comte (*Cours*, VI, 366) foi o genio que deu uma energica expressão contra este estado de retrogradação transitoria, como o grito de uma consciencia atropellada. Essa phase passou, e preponderam as forças propulsivas dos dois grandes poderes novos que se affirmam, a unificação mental pela *sciencia*, e a ampliação do bem-estar geral pela *industria*. E d'esta phase

que deve resultar a poesia nova. Porém, como? Pondo a sciencia em verso? Não. Procure-se a altura social correspondente a estes progressos intellectuaes, e formule-se a aspiração que a agita, esboçando a futura synthese normal. É assim que se ha de estabelecer o accordo entre a multidão e o artista, e só assim se conceberá poesia nova e grande.

Os talentos mais do que medianos continuam fazendo a sua estreia pelos livros de versos, nos quaes contam as emoções pessoaes da adolescencia, segundo as varias correntes litterarias, byronianas, satanicas, revolucionarias, mysticas, parnasianas, decadentes; condemnar esta expansão sentimental seria absurdo, porque em um paiz sem interesses scientificos, são estas idealisações artisticas ainda um estimulo suggestivo da actividade cerebral, e o unico meio que temos para nos elevarmos ás concepções fundamentaes.

Esses livros, bellos pela ingenuidade de sentimento, têm o defeito da sua propria origem, — a mocidade, a qual com tanta razão Goëthe considerava como incapaz de conceber e de realisar uma obra de arte. A poesia não consiste em versos bem medidos, mas na verdade do sentimento humano, tão complexo nas suas manifestações individuaes e sociaes. Como conhece esse sentimento o que não viveu? o que existiu confinado em um meio de obediencia passiva, sem determinação, sem responsabilidade? o que ainda não foi tocado, apalpado, atropellado pela realidade dura das cousas? O que conhece do problema da vida uma creança? Nada. Ao contar as suas emoções fere uma só corda, o prurido se-

xual, idealisado em um amor adolescente, mais ou menos correspondido, ora expresso na fórma de adoração, ora na de desalento, de quebrantamento moral e de melancholia. Esta falta de conhecimento da realidade das cousas não o deixa ter profundidade, não vê para dentro do mundo moral, cobrindo esse vacuo com o effeito da phrase, com as comparações descriptivas, com imagens accumuladas, com as rimas imprevistas e pittorescas. Disse Milton: *The life of Poet is a true poem.* A vida do poeta é um verdadeiro poema. O que quer isto dizer? A vida accidentada, complicada pelo conflicto dos interesses e das aspirações ideaes, é que faz os poetas, como Dante, banido de Florença nas luctas politicas, como Milton, envolvido na revolução de Inglaterra, como Byron, quebrando o convencionalismo inglez de uma aristocracia hypocrita, e verberando o retrocesso da Santa Alliança, como Victor Hugo, protestando contra os vinte annos de infamia do Segundo Imperio francez; e, se olharmos para a nossa peninsula, como Camões, desterrado da côrte beata de D. João III, escrevendo o poema da nacionalidade portugueza em miserrimos hospicios, em carceres e cruzeiros doentios, ou como Cervantes caído no convés de uma náo na batalha de Lepanto, e escrevendo o seu poema, o eterno *Quijote,* no carcere de Argamasilla.

A vida d'estes poetas é um verdadeiro poema e é por isso que foram grandes na sua obra. A ideia de Goëthe não é pois tão crúa como parece: a obra de arte nasce da inspiração, mas é realisada pela reflexão, e se Goëthe póde conceber os amores de Margarida na sua

mocidade, soube esperar as revelações da edade para representar no *Fausto* a synthese das aspirações humanas. A alliança d'estas duas capacidades constitue a essencia do processo artistico; sem os vagidos da infantilidade, mal se desenvolvem os pulmões do homem. A morte prematura de Soares de Passos, e a sua organisação debil incapaz de lucta, não o deixaram elevar-se acima das emoções da personalidade; a sua bella organisação artistica não pôde por uma fatalidade organica attingir a plenitude creadora e consciente.

CAPITULO IV

Camillo Castello Branco

Na litteratura portugueza contemporanea, Camillo Castello Branco é a mais poderosa organisação esthetica, exercida em uma prolongada e contínua idealisação, reflectindo na sua obra todo o estado moral de uma época perturbada por falta de uma doutrina. Cabe-lhe a gloria de ter creado um novo genero litterario — o romance burguez, fundado no conflicto dos interesses domesticos e nos typos subalternos da personalidade humana. A sua longa actividade de artista exerceu-se sem plano, segundo as suggestões de um temperamento impressionavel, obedecendo ás correntes do meio social em que fluctuava, sem se preoccupar com o destino das suas concepções. É uma individualidade espontanea, mais revoltada do que submissa, agitando-se aos impulsos da mais delicada sensibilidade facilmente transformada por um certo desequilibrio mental no desdem sarcastico, pelo contraste involuntario da sua nevrose pessimista. Ha em Camillo Castello Branco dois escriptores, que se destacam claramente na sua obra: o idealisador sentimental, religioso, affectivo, e o caricaturista cheio de ironias, comprazendo-se em representar as aberrações risiveis da natureza humana. Paira entre estas duas attracções; uma leva-o ao enternecimento idyllico, que o faz acceitar todas as pieguices do romantismo, a outra impelle-o á

provocação polemica, em que faz da penna um estylete onde verte todos os venenos que se podem concentrar na linguagem. Isto fazia com que fosse admirado, mas odiado. Não se comprehendia facilmente as contradicções d'aquelle caracter. Era, na essencia, um coração affectuoso, dedicado, compassivo, abdicando dos seus odios perante qualquer tentativa de aproximação; comprazia-se porém em ostentar a magestade do leão, não pela postura mas pela garra; póde-se dizer, que encobria as lagrimas com a gargalhada imprevista. A vida tempestuosa, começada por uma infancia aos baldões, por uma adolescencia irresponsavel, sem disciplina, ao acaso dos recursos economicos, e á aventura dos affectos, reflecte-se profundamente na obra de Camillo Castello Branco, a ponto de se poder extrahir de todos os seus livros trechos pittorescos com que formar uma interessantissima autobiographia [1]. O inventario bibliographico de todas as suas producções accusa tambem a situação do escriptor, que longe de poder exercer uma direcção espiritual na sociedade portugueza, obedeceu ás necessidades materiaes de cada dia pondo-se á mercê das exigencias dos livreiros. Pelo nome dos editores se conhece muitas vezes a indole dos seus escriptos; um F. Gomes da Fonseca exige livros religiosos; a empreza do *Commercio do Porto* só paga romances da mais paradisiaca honestida-

[1] Este pensamento foi realisado pelo snr. Alberto Pimentel no livro *O romance do Romancista* (Vida de Camillo Castello Branco), 1 vol. in-8.º grande, de 380 pag. Lisboa, 1891.

de; a Casa Moré propende para a preferencia aos romances historicos; Chardron explora o escandalo, os livros de polemica. Muitas vezes o escriptor, apertado pela urgencia de satisfazer a adiantamentos de dinheiro, fórma volumes á tesoura, reunindo artigos espalhados por antigos jornaes e revistas. Em todos estes escriptos, desde as mais formosas idealisações do artista genial até ás miscellaneas desconnexas, ha sempre traços da physionomia do homem, bastante aproveitaveis para o critico, e uma riqueza de linguagem que tem de ser apreciada pelos philologos. Feito isto, pelo tempo adiante se irão separando aquelles livros que representam em toda a sua pureza a evolução completa do romancista [1]. Teria sido bom, que o proprio artista, ao fim de quarenta e cinco annos de actividade, lançasse uma vista geral á sua obra, e a coordenasse, ou segundo a concepção synthetica do seu espirito ou segundo as modificações da sua propria existencia. Camillo Castello Branco não podia proceder assim; a espontaneidade de impressionista não o deixava seguir um plano na vida, nem proseguir uma ideia fundamental na sua actividade. Escreveu sob implacaveis necessidades materiaes, e sob a emoção de fortes sentimentos moraes; a escolha da sua obra faz-se procurando as idealisações realisadas no justo equilibrio d'estes dois motores. É por isso que a biographia de

---

[1] O snr. Henrique Marques fez uma lista bibliographica de todos os trabalhos de Camillo Castello Branco, com o titulo *Esboço de uma Camilliana,* no qual se contém 262 numeros.

Camillo Castello Branco resultando nitida e clara do exame da sua obra, encerra a luz definitiva para apreciar e systematisar a parte definitiva d'essa mesma obra.

O que poderia embaraçar esse julgamento desprevenido, os resentimentos provocados pelo escriptor, que durante quarenta annos fez da sua penna o utensilio e arma de ataque, tudo isso se apagou diante da fatalidade de uma angustiosa doença e de uma morte ainda mais desgraçada. A morte engrandeceu-o; as palavras de Augusto Comte, que explicam estas apotheoses, competem-lhe plenamente: «A nossa natureza carece de ser apurada pela morte para que os seus melhores attributos possam sobresair, sobrepujando as grosseiras necessidades que anteriormente os dominam» [1].

Em uma existencia de combate, o conflicto dos interesses, das paixões ou das opiniões apreciam-se segundo os impulsos egoistas da personalidade, como meio de enfraquecer a acção que ella possa exercer no meio social a que se impõe. O tempo é que dá relêvo aos actos da individualidade poderosa, apagando esses apparentes impulsos egoistas, e desvendando o ideal sublime que dirigiu aquelle que, em vez de cair no esquecimento vulgar, se vae tornando o grande homem. Dá-se este phenomeno principalmente com as altas individualidades politicas; durante a vida, a sua imagem tem os fortes sulcos da violencia do poder que exerceram, do sangue

[1] *Politique positive*, t. IV, pag. 34.

e das devastações cruentas, começando-se só depois da morte a conhecer a realisação de um plano que motivára esses arbitrios, plano que é muitas vezes a iniciação de uma época gloriosa para a sua nacionalidade. Vê-se isto claramente em Cromwel e Pombal; um cria a grandeza maritima da Inglaterra, o outro liga Portugal á civilisação moderna da Europa, e em ambos se apagam os traços sombrios que confundem estas physionomias historicas.

Mesmo nas naturezas que proseguem mais directamente o ideal, como os poetas, é a morte ainda que vem dar a luz plena á superioridade da sua concepção. Na Epopêa do Dante está totalmente esquecida aquella parte das luctas terriveis dos guelfos e gibelinos, do Sacerdocio e do Imperio, e mal se comprehendem hoje os dolorosos resentimentos da sua personalidade ferida; e comtudo, a Edade-média revive completa na imponente synthese esthetica da *Divina Comedia,* em que está definida uma éra nova, e em que o artista conseguiu realisar uma justa harmonia entre as suas concepções ideaes e as sympathias sociaes. Nos cantos do *Inferno* tornam-se quasi anonymos ou esquecidos os vultos dos antagonistas politicos para acima de tudo realçar a liberdade mental e a emancipação de consciencia com que o poeta invade a missão do julgamento final da crença antecipada pela razão. No *Purgatorio,* Dante quebra essa antinomia estabelecida entre a Egreja e a Antiguidade classica pela rehabilitação do poeta Stacio, e guiado por Virgilio, exprime a noção da continuidade historica do mundo antigo para o moderno. No *Paraiso* desapparece

a Beatriz transfigurada n'esse ideal esplendido que illuminou a sociedade medieval, a Mulher, de que a Theologia e a Cavalleria fizeram a Virgem. Assim como a obra se engrandece com o tempo, a personalidade apura-se com a morte. Este exemplo com a obra de Dante, avultando á medida que o tempo accentua o seu caracter de universalidade, é um dos aspectos da critica, para a completa comprehensão do escriptor. Na obra de Camillo Castello Branco sobresáem os traços da sua excepcional personalidade, que apurados pela morte deixam em evidencia uma superior natureza affectiva; a sympathia social, que o fez muito lido na classe média portugueza, restitue aos seus romances o valor de um quadro da vida domestica nacional, no periodo da dissolução do romantismo simultanea com a do regimen liberal. É aqui, como expressão do meio portuguez, que assenta o principal valor da sua obra; natureza, typos, situações reaes e linguagem constituem a originalidade d'aquelle conjuncto de Romances, a que faltou o nexo de uma ideia geral. Esta falta amesquinha a actividade esthetica de Camillo Castello Branco, não tanto pela ausencia de intuito em cada romance, intuito que, quanto mais geral, mais subordinaria todos os seus romances entre si, como se nota tambem no enorme trabalho de Walter Scott sempre fragmentario; principalmente, essa falta de uma ideia geral, consequencia da falta de concepções positivas, fez com que Camillo Castello Branco puzesse as suas superiores faculdades estheticas ao serviço de uma acção negativa, ou dissolvente, em uma época sem orientação, apoiada quando muito nas suas

condições de ordem pelo influxo do sentimento. E este aspecto negativo é o que transparece mais nos romances de Camillo Castello Branco, sobretudo quando emprega o seu grande poder de demolição contra os elementos domesticos ou sociaes colorindo-os com as phrases pittorescas dos sarcasmos inexgotaveis.

Entremos no processo da reconstrucção da vida de Camillo Castello Branco pela sua obra, onde estão impressos a personalidade do artista e o meio social em que se desenvolveu. Camillo Castello Branco nasceu em Lisboa em 16 de março de 1825, filho de uns amores romanescos de um proprietario de Villa Real, Manuel Joaquim Botelho Castello Branco; d'estes amores existia já uma menina, D. Carolina, ficando ambos orfãos de mãe em muito tenra edade. A vida de familia, sem luz moral, fez-se-lhe sentir duramente, quando aos nove annos de edade o pae, «*levado pela demencia succumbia a uma congestão cerebral*», como o escriptor relata nas *Memorias do carcere*. Em uma poesia á memoria de sua mãe, Camillo resume em um verso o effeito d'esta completa orfandade: «*Sem ti, sem pae, entregue aos meus instinctos*»; effectivamente, desacompanhado de todos os carinhos educativos e previdentes, aquella creança, herdeira de uma doentia sensibilidade nervosa, achava-se entregue aos seus instinctos, que lhe deram uma individualidade espontanea e original, um temperamento de lucta, um concentrado desprezo pela opinião publica, tornando-o, como elle proprio confessa, o maior inimigo de si mesmo. Seu pae morrera em 1834, deixando alguns bens, de que a creança sem patrocinio se achou

privada. As duas creanças foram mandadas para uns parentes de Villa Real, aos cuidados de uma tia paterna D. Rita Emilia da Veiga Castello Branco, que lhes narrava as tradições fatidicas da familia, os desastres politicos depois da queda do absolutismo, as desgraças de amores, como os do tio Simão Botelho, que foram depois narradas no *Amor de perdição*. Camillo Castello Branco repassou-se desde a edade infantil da preoccupação de uma sina de desdita, que o acompanhava, e isso lhe fez imprimir em todas as expressões de sentimento a referencia á sua personalidade. Na poesia a sua mãe, que o deixára ainda no berço, formula-o com nitidez:

> Herança de amarguras me legaste,
> Recebo-a, que a soffrer ao mundo vim.

E comtudo esses nove annos descuidados na monotonia da vida de provincia, e na soltura dos campos, davam-lhe a constituição resistente para a lucta da vida, e essa concentração contemplativa, em que adquiriu o poder da idealisação esthetica, e o dom da objectividade, que torna tão pittorescos os seus romances. Da sua vida de provincia deixa notas curiosas espalhadas por muitos dos seus livros: «Villa Real, patria de meu pae, e a minha primeira paragem, depois que a orfandade *aos nove annos,* com a sua escolta de infortunios, começou a andar commigo de inferno em inferno». D'ali foi mandado para a aldêa de Samardam, onde, diz o proprio escriptor: «passei os primeiros e unicos felizes annos da mi-

nha mocidade», como o recorda com saudade nas *Novellas do Minho.*

Esses primeiros annos na Samardam encerram o substractum das manifestações do talento do futuro escriptor; ali se revelaram em esboço as tendencias, e mesmo as fórmas definitivas da sua vida. É por isso que a insistencia em particularidades d'estes primeiros annos vão além das curiosidades impertinentes do biographo; são como os dados scientificos para observar uma evolução psychologica. Nas *Memorias do carcere* recorda: «N'esta Samardam passei eu os descuidos e as alegrias da infancia, na companhia de minha irmã, que ali casou, e d'aquelle padre Antonio de Azevedo...» Ali se achou desde os onze annos: «Vivia na companhia de um padre, e de uma senhora, que diziam ser irmã do padre, e de vinte rapazes, que eram meus condiscipulos. D'estes, algum mais cultivado em conhecimento do mundo, perguntava-me se eu era filho do padre. E eu não sabia responder-lhe». A este vago contorno da sua juventude, nos *Mysterios de Lisboa*, accrescenta em outros livros quadros deliciosos sobre os rudimentos da sua educação litteraria: «Fui educado n'uma aldêa, onde tinha uma irmã casada com um medico, irmão de um padre, que foi meu mestre. — O meu gosto era pascer o rebanho de casa por aquelles saudosos valles. Todavia, minha irmã oppunha-se a este humilde serviço. Dizia-me cousas que eu não percebia ácerca da minha dignidade; reprehendia os meus baixos instinctos:.... não obstante... ia com as ovelhas para o monte. *Passava lá o dia inteiro, sentado nas espinhas d'aquelles alcantís fragosos*

sempre sósinho, scismando sem saber em que, engolfada a vista nas gargantas dos despenhadeiros». Por estas reminiscencias, descriptas no livro *Duas horas de leitura,* vê-se como aquelle espirito em formação adquiriu um forte sentimento da natureza, que o não deixou perverter pelo regimen de uma educação obscurecente que lhe incutia o padre Antonio de Azevedo com o seu latim de breviario, e com o ensino do canto-chão e rezas diarias do officio divino. Em um prologo a um livro de versos do sobrinho, descreve Camillo este viver patriarchal junto do padre Antonio: «As nossas camas estavam no mesmo quarto. Ensinava-me latim e musica de canto.— Padre Antonio fazia-me psalmear com elle os versiculos do Breviario, alternadamente. Resavamos ao romper d'alva *matinas,* depois *laudes,* á noite *vesperas* e *completas.*—Rezavamos matinas com luz artificial. Iamos para a egreja. Eu tangia á missa e acolitava pingando mais somno que devotas lagrimas. De volta do presbyterio, faziamos chá; depois lia-se—os *Annaes da propagação da Fé, Noites* de Yung, a *Miscellanea curiosa e proveitosa,* os *Lusiadas,* o *Teatro de los Dioses,* as *Viagens de Cyro,* as *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto, e a *Historia de Portugal* por uma sociedade de inglezes». D'estas leituras, dous livros lhe imprimiram no espirito uma orientação profunda; os *Lusiadas* accordaram-lhe a paixão pela poesia: «Isto creio que foi ahi nos meus nove annos, quando li, sem percebel-as, umas estancias dos *Lusiadas*». E depois entre os quinze e os dezeseis annos: «Scismava mais do que lia, e lia mais poetas que compendios escholares. Porém, que poetas eu

conversei na minha infancia!... eram dous volumes de Bocage, um de Camões, e umas trovas de não sei quem...» N'esta pagina autobiographica do prologo do livro *Ao anoitecer da vida*, allude ao movimento do Romantismo em Portugal, que ignorava completamente: «Já então, e de muito antes, se liam e tomavam para molde as poesias de Castilho, Garrett e Herculano; avultavam os lamartinistas; balbuciavam os bardos novos aquellas meiguices e amaneirados dizeres, nunca ensaiados entre nós com tanta louçania como, annos depois, os admiramos na pleiade de moços, que em Coimbra escreveram o *Trovador*. Ora eu, em 1842, não conhecia alguns d'aquelles nomes, nem áquellas montanhas, onde me fiz homem, havia chegado livro de poeta, que merecesse enfileirar-se entre Bocage e um sermonario de José Agostinho de Macedo, com o *Theatro dos Deuses* e o Fernão Mendes Pinto á direita, e as *Viagens de Cyro* por cima e a *Theologia* do Lugdunense por baixo».

O que lhe faltava em livros era compensado pelo contacto com o grande poeta o povo, tomando parte nas chulas, rondas e esturdias provincianas, que lhe faziam sentir o aspecto falso do gosto das arcadias e das meiguices amaneiradas do romantismo. A aptidão do escriptor era provocada pelas proprias exigencias dos folguedos populares; em uma noticia ácerca do seu casamento precoce na povoação de Friume com a filha de um alfaiate, quando ali viveu em casa de um parente abastado, vêm estas linhas pittorescas, que se tornam physionomicas quando se definiu a vocação do escriptor: «por aqui viveu despreoccupadamente, já *fazendo canti-*

gas para descantes, já ensaiando corridas de gallo e entremezes, sendo sempre Camillo o protagonista d'estes divertimentos, sendo ponto, contra-regra, ensaiador, ensaiando os papeis áquelles que não sabiam lêr, dando risco para os tablados onde tinham logar as representações... Na época das corridas do gallo e dos entremezes, Camillo principiou namoro com Joaquina Pereira, que lhe correspondia com toda a effusão da sua alma, namoro a contento da familia d'ella, porque se dizia que Camillo tinha uma grande herança a receber. Por isso Sebastião Martins dos Santos, que era financeiro, tanto apadrinhou a inclinação de ambos, que os casou em 18 de agosto de 1841 » [1]. Era uma verdadeira captação de uma criança irresponsavel, de dezeseis annos. Camillo entrava em uma carreira de aventuras amorosas, que imprimiriam a direcção da sua vida e da sua actividade. Segundo os planos do sogro, Camillo foi frequentar latim com o padre Manuel Rodrigues a uma povoação distante de Friume, para seguir depois estudos superiores no Porto. Mas assim como o genio affectivo o levára a um casamento precoce, a indole satyrica deixada á propria espontaneidade despertou-lhe os primeiros conflictos na existencia. Era conhecido o seu talento de improvisador, e pediram-lhe umas quadras satyricas contra um matrimonio contrariado pela familia do noivo; as quadras appareceram fixadas á porta da egreja, e facilmente se conheceu o dedo do artista, tendo o inconsiderado ra-

---

1 Apud A. Pimentel, *O romance do Romancista,* pag. 47.

paz de fugir ás iras do noivo valentão, que jurára matal-o. Foi este o motivo da partida de Camillo Castello Branco para Lisboa, voltando em 1843 para o Porto, onde frequentou as aulas de Chimica e Botanica, na Academia polytechnica, e a de Anatomia na Eschola medica. Pouco depois achava-se viuvo da Joaquina, para entregar-se a novas aventuras amorosas, que o levaram em 1846 ao carcere a requerimento de um seu parente.

Os seus estudos nas aulas superiores do Porto em 1844 foram perturbados pela vida airada, dispendida pelos botequins e outeiros poeticos dos abbadeçados. Despertavam-lhe o prurido litterario, imprimindo os seus primeiros ensaios em 1845, um opusculo de 60 paginas, poemeto intitulado *O juizo final e o Sonho do Inferno* com o nome de Camillo Ferreira Botelho Castello Branco. Foram d'este tempo as relações contrahidas com o poeta satyrico portuense Faustino Xavier de Novaes. Na soltura de estudante cábula, seduzia-o a vida de Coimbra, para onde partiu depois de solto da cadêa da Relação, onde estivera por causa de uns amores com Patricia Emilia, de quem teve uma filha, cuja paternidade tão discutida foi por occasião da morte do escriptor.

Achava-se Camillo Castello Branco em Coimbra, morando na rua de Coruche, com intenção de seguir o curso medico, mas frequentando ainda os preparatorios do pateo: «em Coimbra em 1846, quando a minha batina esfrangalhada abria as suas trinta boccas para admirar e engulir o latim de um padre que não sei se era Simões», como elle relata no *Cancioneiro alegre*. Os movimentos revolucionarios de 1846 fizeram com que

se fechassem as aulas em Coimbra; Camillo teve de abandonar os estudos, regressando a Villa Real. Despontára-lhe na imaginação, em Coimbra, o plano e os primeiros capitulos de um romance á imitação da eschola de Eugenio Sue, e que elle intitulava *Mysterios de Coimbra*. A tendencia que viria a prevalecer na sua actividade, foi desviada para as primeiras impressões dos divertimentos dos entremezes de Friume, e achando-se em 1847 em Villa Real ahi escreveu e fez representar o seu primeiro drama *Agostinho de Ceuta*, com a xacara ultra-romantica segundo o estylo de Mendes Leal.

Achavam-se na mais violenta intensidade as luctas entre os Cabralistas, que mantinham a Carta constitucional outorgada por meio de cacetadas e golpes de estado, e os Setembristas, que chamavam a nação ás armas e eram algemados pela intervenção estrangeira. Camillo no descuido dos seus vinte e dous annos mostrava-se alheio a estas tempestades politicas, o que não o salvaguardou de ser victimado pelo cacete cabralista em 23 de agosto de 1847, por causa de uns artigos que escrevera nos jornaes contra José Cabral: «uma correspondencia minha, impressa no *Nacional*, bastante foi para que o dedo de s. exc.ª me apontasse a sepultura, e os seus orgãos (o caceteiro de alcunha *Olhos de boi*) procurassem um cadaver para ella». Deixou essa recordação nos *Delictos da mocidade*. É certo que Camillo, embora se mantivesse hostil á parcialidade cabralista, conservou sempre um soberano desdem pela politica portugueza, exclusivamente pessoal, de que lhe resultou a impossibilidade de alcançar um emprego, e ter de confiar-se

aos seus proprios esforços. N'este mesmo anno de 1847 atravessára um periodo de desalento, provocado por uma decepção amorosa; Camillo, que já aos quatorze annos pensára em suicidar-se, comprazia-se aos vinte e dous annos em phantasiar um suicidio romantico, começando por escrever uma poesia, a *Harpa do sceptico, derradeira corda da Lyra,* depois da qual tomaria uns grãos de opio. Fôra isto antes da partida de Coimbra para Villa Real. A ideia afugentada, pela intervenção efficaz de amigos, tambem dados á exaltação romantica, ficou latente n'essa vibração, que teve uma resonancia decisiva, quando, atormentado por agonias moraes e por uma doença incuravel, se suicidou em 1 de junho de 1890.

Camillo Castello Branco conservou-se no anno de 1848 em Villa Real, frequentando uma bibliotheca publica verdadeiramente esteril, porque era formada com os calhamaços latinos e asceticos do extincto convento de S. Francisco. Ainda assim, n'esse meio pulverulento pôde escrever um drama ultra-romantico, o *Marquez de Torres Novas,* cujo assumpto é o casamento da filha do Conde de Marialva com o infante D. Fernando, e embargos do Marquez, casado clandestinamente com ella. O Porto era um centro de actividade, onde a vida era mais intensa; Camillo era attrahido para ali, e ali viveu toda a sua vida tirando d'aquelle meio social os elementos de idealisação dos seus romances. Os dramas que escrevera na provincia tornaram-no conhecido no Porto; a sua vocação de romancista não se definia, e era embaraçada pela dispersão jornalistica, e pela affirmação da sua pujança na satyra. É de 1848 o poema heroi-comico a *Murraça,*

em que celebra em oitava rima o conflicto entre o arcediago da sé e o padre João Bernardo, que se esmurraram na sacristia; é do genero heroi-comico, e com uma certa intenção de parodia aos *Lusiadas:*

> Cantando espalharei por todo o Porto,
> Qual se espalha o fedor de cão já morto.

O seu antigo contacto com o povo ensinava-o a vibrar as emoções da multidão; e, sob a impressão do crime celebre da Maria José, que assassinára a mãe, escreveu um folheto, com o titulo expressivo: *Maria, não me mates, que sou tua mãe!* O folheto vendeu-se como canella, e Camillo ficou conhecendo experimentalmente, que a penna, que lhe servia de arma, tambem era um poderoso utensilio. Foi quando começou a viver pelas lettras; e como litterato, sem funcções publicas nas secretarias ou no magisterio, teve de provêr ao pão quotidiano, idealisando ao grado dos editores, revoltando-se por um tom permanente de ironia. Collabora activamente nos jornaes politicos e litterarios, o *Nacional,* a *Revista do Porto,* a *Cruz,* a *Miscellanea poetica,* o *Bico de Gaz,* mas sem convicções politicas, nem doutrinas litterarias. Aquelles que o julgavam um convicto setembrista, ficaram descorçoados, quando o viram em 1851 celebrar em uma ode o casamento de D. Miguel, com o titulo *Salvè Rei!* E quando os miguelistas imaginavam ter ali um caudilho, indignaram-se ao verem Camillo cantar em verso em 1853 a morte de D. Maria II. Quando os padres suspeitavam ter em Camillo um Veuillot

para a polemica reaccionaria, elle em 1850 tomava parte a favor de Alexandre Herculano na questão byzantina sobre o Milagre de Ourique. Era esta indisciplina e incoherencia que lhe dava a liberdade mental, que tanto favoreceu a sua originalidade de artista. Fluctuando em um meio exaltado pelas paixões ultra-romanticas, de rixas de theatro, de botequins, entre uma mocidade dissipada, Camillo, sem vida de familia, extranho á mocidade burgueza do Porto, contrahiu esse despeito do espectador de um espectaculo a que não é admittido, e a sua indole satyrica foi levada a pintar os typos grotescos e as scenas caricatas da sua galeria de romances. A mocidade do seu tempo era um tanto byroniana, elegante e sceptica, cahindo facilmente em um sentimentalismo, que renegava, mas de que era victima; entre esses amigos alguns destacaram-se pela fatalidade dos seus amores ou pelos baldões de uma existencia sem objectivo. O typo de José Augusto Pinto de Magalhães é uma das physionomias moraes mais admiravelmente esboçadas por Camillo; morre, sem tocar na noiva, roído por uma suspeita de que ella escrevera as cartas de namoro da irmã estando possuida dos sentimentos que exprimia. Não é menos tragica a figura de Jorge Arthur de Oliveira Pimentel, suicidando-se depois de ter ouvido da rua sua noiva cantar em um saráo, convencido que lhe era impossivel arranjar um modo de vida para poder casar, como lhe exigia o pae d'ella. E essa figura shakespeariana de D. João de Azevedo, que vae da exaltação politica e amorosa para a loucura. E Faustino Xavier de Novaes destacando-se da burguezia satisfeita pela satyra mor-

dente dos ridiculos da inconsciente sociedade do Porto? Com este contacto com os *viveurs,* Camillo fixou na mente os contornos realistas de muitos dos seus typos romanescos, que através das modificações do genio do escriptor, nunca perderam a tendencia para a sentimentalidade; e os seus romances traziam um espirito de demolição contra a velha moral burgueza, pondo em relevo o tedio da virtude. Emfim, quebrára-se aquella beatifica estabilidade da imaginação dos nossos avós, que desde o seculo XVI se tinham distrahido com os *Contos de proveito e exemplo* de Trancoso, no seculo XVII; com os *Infortunios tragicos da Constante Florinda* de Gaspar Pires Rebello, e com a *Roda da Fortuna ou Alexandre e Jacintha* do Padre Matheus Ribeiro; no seculo XVIII com o *Felix Independente do mundo e da Fortuna,* e ainda no seculo XIX, com a *Virgem da Polonia* do conselheiro Bastos. Camillo, attrahido para o romance da vida burgueza, vinha crear uma nova fórma litteraria, na qual imprimia o seu caracter de revoltado. Quando, em 1848, frequentava a bibliotheca publica de Villa Real emquanto um seu companheiro ultra-romantico phantasiava pontes levadiças, juras de cavalleiros, menestreis e cathedraes, Camillo, já observava situações para o romance contemporaneo: «Eu já fisgava osgas nos *escombros contemporaneos*», como confessa na *Bohemia do Espirito.* Lançava-se á ventura n'esse mundo da arte, levado pela imitação dos romancistas dominantes, Eugenio Sue, Paulo de Kock, Frederico Soulié e Visconde d'Arlincourt; ainda influiram na sua imaginação velhos phantasistas, como Lesage, Madame Cotin e Pigault Lebrun, alguns

dos quaes lisongeavam ora o seu temperamento sarcastico, ora a nevrose da sentimentalidade. Se preponderasse no seu espirito uma d'estas qualidades, teria sido um verdadeiro continuador do romance *picaresco,* como Mendoza, Espinel, Matheo Aleman, Quevedo, Lesage ou Scarron, ou um sustentaculo do romance edenico á Bernardin de Saint-Pierre. Mas na contradicção d'estas duas tendencias, Camillo, fixando definitivamente a sua vocação litteraria no romance, obedece á corrente dominante do tetrico, seguindo os modelos de Eugenio Sue e de Frederico Soulié, ao mesmo tempo que se entrega aos rançosos estudos theologicos, frequentando o Seminario diocesano do Porto, e requerendo em 17 de março de 1852 para tomar ordens menores. Acha-se diante de dous caminhos; attraem-no as emoções da sua primeira educação clerical, avivadas pelos desalentos de uma organisação excitavel que se vê solitaria; mas sedul-o a gloria litteraria, e o trabalho absorvente da idealisação dos romances de que tem cheia a imaginação e a propria existencia. Venceu a seducção do romance, e Camillo entrou definitivamente na sua carreira, compondo essa série de romances tetricos, como o *Anathema,* começado em 1850, os *Mysterios de Lisboa,* de 1853, a sua continuação no *Livro negro do Padre Diniz*, de 1855, a *Filha do Arcediago,* d'este mesmo anno, e *A neta do Arcediago,* de 1856. Camillo viera para o Porto n'um tempo em que a velha sociedade patriarchal se transformava, abrindo-se á confiança mutua e abandonando o regimen claustral em que se cretinisava a familia; ouviu muitas tradições domesticas dos paes tyrannos, dos votos forçados das filhas, das invasões,

saques e emigrações, das anecdotas e dos ridiculos de visinhos, e de todo esse mundo que desapparecia procurou formar um mundo romanesco, sem plano, sem these, ao acaso do seu humor. O romance era effectivamente isso; e achado o caminho, sem perder pé da realidade, apesar da orientação do ultra-romantismo, Camillo, n'esta sua primeira maneira litteraria, attingiu a fórma superior do genero em 1856 e 1858 nos livros: *Onde está a felicidade?* e *O que fazem mulheres,* em que vibra de uma fórma suprema o sarcasmo, que sempre lhe transparecia na linguagem. Herculano, tão cauteloso em manifestar interesse pelos talentos que surgiam, não resistiu á admiração do romance *Onde está a felicidade?* e no prologo das *Lendas e Narrativas* toma-o como um estadio na litteratura portugueza.

O genio irrequieto de Camillo Castello Branco mal se comprazia com a vida monotona do Porto, e em 1855 projecta uma viagem ao Brazil, ideia levada a effeito por outro doente, o poeta satyrico Faustino Xavier de Novaes. O projecto converteu-se em um retiro temporario para Vianna do Castello, onde viveu em 1856 e 1857, e ali escreveu o principal romance da sua primeira maneira, juntamente com as *Scenas contemporaneas* e *Carlota Angela.* De vez em quando reviviam as primitivas veleidades dramaticas, e Camillo nunca pôde desfazer-se completamente da preoccupação do theatro; o drama *Espinhos e Flores,* de 1852, e a *Justiça,* de 1856, desviaram-lhe por instantes a actividade do campo em que era absoluto. A sua figura feia, ratado das bexigas, sempre elegante, debatendo-se com os *dandys* mais aprimo-

rados do Porto, com habitos de gram-senhor acompanhado por um valente cão da terra nova, tornavam-no um typo dos mais salientes do Porto, semi-lendario, e com um certo perstigio de malicia entre as mulheres. Nada se sabia da sua vida; vivia pela penna, e a par do romance, creava tambem o novo typo do livreiro-editor, em Portugal. De 1853 a 1858 entrára em um periodo de glorificação; e em 28 de outubro d'este ultimo anno, Alexandre Herculano fazia a sua proposta para socio correspondente na Academia real das Sciencias.

Esta situação de romancista laureado ia actuar de um modo profundo na carreira do escriptor: nada menos do que fixar uma segunda maneira na idealisação do romance burguez. Não era essa modificação produzida pelo triumpho academico, mas pela admiração das mulheres. Desde 1857, que o escriptor amava uma senhora formosa e muito nova, a quem embalavam os sonhos da gloria litteraria; esses amores foram interrompidos pelo casamento d'ella por imposição da familia com um commerciante dinheiroso. D'esta violencia paterna surgiu um impeto de revolta, que levou essa senhora a quebrar a fidelidade conjugal, sendo Camillo um dos instrumentos d'essa vingança, e aquelle sobre quem incidiu a fórma do escandalo judicial. Camillo foi sempre um cavalheiro servente diante das mulheres; em todos os seus amores, desde os quatorze annos até á prisão odiosa requerida por um tio, nunca recuou diante dos sacrificios, nem um instante deixou de mostrar-se affectuoso. Nós não fallariamos aqui dos seus amores com D. Anna Augusta Placido, e do processo que a Camillo moveu o

marido Pinheiro Alvares, porque seguimos o pensamento de Niebuhr: «A alma tem suas vestes, que como as do corpo não devem ser tiradas...» Mas o proprio Camillo tinha um soberano desdem pela opinião publica, pelos habitos do pudor e pelas convenções da moral, e o caso foi tão fallado por todos os biographos, que nós não podemos calal-o sem deixar inexplicada a segunda maneira do romancista. O marido ultrajado propoz uma acção de adulterio em juizo; Camillo ausenta-se do Porto em maio de 1860, e sob o impulso de uma agitação quasi doentia, regressa aos logares da sua infancia, á Samardam, vae a Villa Real, depois a Guimarães e a Fafe, até que volta em fins de setembro ao Porto para se entregar á prisão. Foi ali em um quarto da prisão soturna da Relação, que esteve encarcerado Camillo até 17 de outubro de 1861, em que foi julgado e absolvido. Durante esse anno de cadeia operou-se uma transformação nas tendencias do escriptor, que se vira obrigado a recorrer ao seu mister para subsistir, recusando uma offerta de dinheiro de D. Pedro v, em uma visita ao Porto: «Ao terceiro mez, escreve elle nas *Memorias do carcere,* senti-me revigorado para o trabalho... Ensaiei-me como quem começa, pela leitura de livros portuguezes. — Da leitura passei á escripta. Tracei alguns capitulos do romance *Annos de prosa...*» A sensibilidade, augmentada pela solidão, levava-o ora para a caustica ironia em que o objectivo exclusivo era a vida conjugal, como nos *Doze casamentos felizes,* ora para a paixão amorosa fatal, tragica, indomavel, como no *Romance de um homem rico,* e especialmente no *Amor de*

perdição. Nas *Memorias do carcere* consigna, a par de traducções do *Romance de um rapaz pobre,* de Octave Feuillet, e da *Fany,* de Feydeau, exclusivamente para arranjar dinheiro, esses outros trabalhos, em que deixou as vibrações mais vivas do seu sêr: «Do livro publicado com o titulo *Doze casamentos felizes,* escrevi seis ou sete na cadêa. Senti prazer n'aquellas ficções, e orgulhei-me de ter n'ellas imaginado a vida como ella podia ser, sem desbarato do divino engenho que bafejou o lodo dos corações. — Coordenei em seguida os apontamentos, que me havia dado o fallecido Antonio José Coutinho, na novella intitulada *Romance de um homem rico.* É o livro que eu mais quero, e a meu juizo, o mais toleravel de quantos fiz. — O romance escripto em seguimento d'aquelle, foi o *Amor de perdição.* Desde menino eu ouvia contar a triste historia de meu tio paterno Simão Botelho. Minha tia, irmã d'elle, solicitada por minha curiosidade, estava sempre prompta a repetir o facto, ligado á sua mocidade. Lembrou-me naturalmente, na cadêa, muitas vezes meu tio, que ali devera estar inscripto no livro das entradas, e no das sahidas para o degredo. Folheei os livros desde os de 1800, e achei a noticia com pouca fadiga, e alvoroços de contentamento, como se em minha alçada estivesse adornar-lhe a memoria, como recompensa das suas tragicas e affrontosas dôres em vida tão breve. *Escrevi o romance em quinze dias,* os mais atormentados da minha vida». Solto da Relação em 17 de outubro de 1861, Camillo não partiu para o degredo como o personagem apaixonado do *Amor de perdição,* mas veiu para o conflicto da vida, ligado para

sempre á sua amante, luctando para alcançar dia a dia os meios de subsistencia, em uma producção intensa, exagerada, desegual, entre litigios judiciarios, incompatibilidades de humor e tremendas recriminações, cercado de uma certa desconsideração pelo cynismo apparente com que se defendia, e pendendo instinctivamente do sentimentalismo que se exgotava para o sarcasmo polemico em que dispendeu os ultimos annos da sua vida. Depois da sahida do carcere, e apoz alguns dias passados em S. Miguel de Seide, vem a Lisboa acompanhado por D. Anna Placido. Herculano não se conformára com o escandalo dado pelo romancista, e conta-se que indo Camillo visital-o á Ajuda, o puzera bruscamente fóra. Herculano achava-se então em mancebia, sem as pittorescas situações que se deram com o romancista. Em 1862, escrevia de Lisboa, em 28 de abril: «*Escrevo romances*, e que remedio senão escrevel-os sempre? Em Lisboa tenho editor que me paga o volume a 144$000...» A necessidade forçava-o ao trabalho immediato; saindo do carcere algum tanto doente dos olhos, lançou-se impetuosamente á producção, publicando em 1862 as *Memorias do carcere, Coração, Cabeça e Estomago, Cousas espantosas, Estrellas funestas, As tres Irmãs,* e *Amor de salvação.* O orgulho de Camillo obrigava-o a sustentar a mulher que lhe sacrificára o seu destino, e não tinha outro recurso senão a penna, em uma sociedade que pouco lia, e onde a industria editorial não estava creada. A livraria Moré, do Porto, começou tambem a comprar-lhe romances; o gerente d'essa casa, José Gomes Monteiro, pagava-lhe a propriedade de cada

romance a 300$000 reis, e mais ou menos indicava os assumptos, como o *Amor de salvação,* para explorar a curiosidade publica estimulada pelo *Amor de perdição,* o *Judeu,* a *Sereia,* e outros muitos. Camillo Castello Branco sentiu-se cansado por este regimen de producção intensiva, e procurava alento em um emprego publico; deram-lhe esperanças, como se vê em uma carta de 13 de maio de 1863: «Dizem que vou ser não sei que no ministerio da Marinha. Acceitarei...» Nunca pôde collocar-se á meza do orçamento, e teve de lançar-se á faina de escriptor, escrevendo ao grado dos livreiros, chegando ao ponto de attenuar os seus quadros ou os seus typos por imposição da empreza do *Commercio do Porto.* Esta influencia directa dos editores do Porto conhecê-se especialmente em dois romancistas; Arnaldo Gama é o obreiro das empreitadas traçadas pelos proprietarios do *Commercio do Porto,* que calculam o numero de folhetins que têm de fornecer aos seus assignantes lisongeando-os com reminiscencias historicas da cidade da Virgem; Gomes Coelho (Julio Diniz) é o homem de sciencia que procura dar seriedade á invenção novellesca segundo o espirito utilitario do emprezario do *Jornal do Porto.* A superioridade de Camillo revelou-se pela resistencia a estas pressões, salvando, apesar das transigencias, a originalidade individual. Achava-se com todos os encargos de uma familia, e tendo de prover diariamente ás necessidades domesticas, sem recursos estaveis; faltava-lhe a tranquillidade para crear verdadeiras obras de arte, tendo de acudir em periodos irrevogaveis aos compromissos com os livreiros. N'esta urgencia da producção, mui-

tos livros são simples explorações do seu nome glorioso, que embaraçaram o julgamento da sua capacidade. Mas, de 1863 a 1875 exagera-se a actividade de Camillo, sob a terrivel pressão a que obedecia. Basta apontar alguns titulos dos seus romances para avaliar a intensidade d'essa improvisação, a que não podia presidir uma ideia ou these fundamental: em 1863 espalha ao vento as *Aventuras de Basilio Fernandes Enchertado, O bem e o mal, Estrellas propicias,* a *Bruxa do Monte Cordova, Memorias de Guilherme do Amaral* (continuação de *Onde está a felicidade?*), *Noites de Lamego, Scenas innocentes da Comedia humana,* e a *Vingança;* em 1864, *Amor de salvação, Agulha em palheiro, No Bom Jesus do Monte, Cousas leves e pesadas;* em 1865, *Morgado de Fafe, O Esqueleto, Lucta de gigantes* e a *Sereia,* tendo de recorrer a velhos artigos espalhados pelos jornaes para fazer volumes dê por onde der, como a *Divindade de Jesus, Horas de Paz* e *Esboços de apreciações litterarias;* em 1866 prosegue na febre da producção, com *A engeitada, O judeu, A queda de um anjo, O santo da montanha, A doida do Candal.* Depois avagára um pouco, escrevendo em 1867 *A filha do Doutor negro;* em 1868, o *Retrato de Ricardina, Virtudes antigas* e *O sangue;* em 1869, *Os brilhantes do brazileiro;* em 1870, *Como os Anjos se vingam,* e o drama sobre a catastrophe domestica de Vieira de Castro *O condemnado;* em 1873, *O demonio do ouro;* em 1874, *O regicida;* em 1875, *A filha do regicida.*

Basta observar as condições de um tal trabalho para concluir que o não fecundava a luz de um ideal supe-

rior, embora revelasse as altas qualidades de uma forte organisação. D'aqui a difficuldade de separar a creação do artista dos productos provocados pelas exigencias quotidianas. M.me Ratazzi, no *Portugal à vol d'oiseau*, viu-o sob este ultimo aspecto: «Camillo Castello Branco, que parece ser condemnado a trabalhos forçados da litteratura portugueza, escreve, escreve e escreve sempre; superiormente, é uma questão controversa; enormemente, é indubitavel. A quantidade tem substituido a qualidade, dizem-no; dotado de uma actividade productora infatigavel eguala uma legião de formigas, architectando romances contemporaneos sobre romances historicos, com uma perseverança e continuidade que excedem a imaginação. É uma especie de Quevedo, com um certo sentimentalismo catholico. Particularidade curiosa, todos os seus romances contêm infallivelmente um typo de brazileiro, uma menina que se retira para um convento, um fidalgo de provincia, e um romantico apaixonado e pallido. É invariavel, como a chuva e o bom tempo. De tal sorte, que o primeiro romance que se lê de Camillo parece muito interessante, no segundo avivam-se as reminiscencias, e o terceiro adivinha-se; o quarto sabe-se de cór, vira-se a pagina e sabe-se o que vae acontecer. É uma galeria de personagens, que se renova raramente, como nos museus de celebridades de cêra» [1]. Camillo não gostou d'este juizo summario e replicou acremente com as phrases do pittoresco vocabulario, que só elle possuia; troca-

[1] *Op. cit.*, pag. 262.

ram-se cartas preparatorias para um duello com o terceiro marido da auctora do *Portugal à vol d'oiseau,* e tudo ficou, como diz o povo, em agua de bacalháo. A situação de Camillo tornava-se cada vez mais angustiosa; procurára um pouco de serenidade na quinta de S. Miguel de Seide, onde era visitado e consultado. Um descarrilamento no caminho de ferro, junto da Trofa, onde esteve em risco de vida, deixou-lhe o abalo, que começou a reflectir-se em uns ameaços de cegueira; um de seus filhos, Jorge, em que tinha tantas esperanças, enlouqueceu, e n'um dos accessos, como Camillo confessa em uma carta a João de Deus, quiz attentar contra a vida do pae; a morte de um netinho, com quem se alegrava, acabou de desequilibrar-lhe aquelles nervos que o tornavam o mais implacavel inimigo de si proprio, como ingenuamente o confessa. N'esta longa marcha de desesperação, que o encaminhava para o suicidio, Camillo Castello Branco accentuou a sua terceira maneira, como escriptor: da preoccupação heraldica, que o fazia colligir Nobiliarios manuscriptos, tirava anecdotas historicas que romanceava com malicia, pequenos estudos eruditos sobre antigualhas com o intuito de correcções criticas, e assim formava curiosos volumes, em que dava largas á elocução vernacula, imitando os classicos portuguezes do seculo XVII, obedecendo ao gosto d'aquellas leituras que fizera no carcere em 1861. Pertencem a este estado de espirito, o *Mosaico,* de 1868, as *Noites de insomnia,* de 1874, em que a doença nervosa o empurrava para a verrina descabellada, a *Historia e Sentimentalismo,* de 1880, e os *Serões de S. Miguel de Seide*, de 1885. Fo-

ram terriveis as suas ultimas polemicas, como a sustentada com Alexandre da Conceição, e todas as outras, que em 1886 ficaram colligidas no volume da *Bohemia do Espirito*. Camillo entrára desde 1874 em um invencivel estado de irritabilidade; não estava bem em parte alguma. De S. Miguel de Seide passou para o Porto, para Coimbra, para a Povoa de Varzim, para Lisboa, sempre mais desesperado á medida que se sentia impossibilitado de trabalhar. Os amigos procuravam consolal-o; sabendo que em tempo o escriptor nutrira a veleidade de ser visconde, e que á decepção d'este desejo se ligavam os romances *O regicida*, *A filha do regicida* e *A caveira da martyr*, e ainda *A infanta capellista*, que o proprio auctor supprimiu em meio da impressão, esses amigos arranjaram-lhe o titulo de Visconde de Corrêa Botelho, em 1885. O titulo não pôde apagar o nome do escriptor; desde essa data pouco escrevia, ou antes, ditava algumas sentidas quadras sobre a sua desolação physica e moral. Para o escriptor que durante quarenta annos fez da penna arma e utensilio, o momento em que se vê forçado a depôl-a é para elle como a morte; é n'esse momento que a geração que lhe deve algumas emoções tem de acompanhal-o dando relêvo aos melhores attributos da sua individualidade.

Camillo achou em volta de si essas consagrações; teve-as no parlamento portuguez ao ser-lhe votado em 3 de junho de 1889 uma pensão vitalicia de 1:000$000 reis, e quando a imprensa de Lisboa e Porto foi unanime na glorificação do 63.º anniversario do romancis-

ta nacional [1]. Preoccupava-o porém a situação em que deixava um filho louco, o seu querido Jorge: foi passada a sobrevivencia da pensão para esse filho. O desespero agitava-o de uma fórma crescente, em que a ideia do suicidio, que lhe surgira na mente em diversas situações da vida, começou a ter o seu relêvo fatal; apoderou-se de um revolwer, como refrigerio para o transe em que se debatia, e depois de ter ouvido em uma consulta medica, que a sua doença era incuravel, disparou um tiro na cabeça em 1 de junho de 1890. O suicidio extraordinariamente tragico de Julio Cesar Machado, depois de lhe serem reveladas as causas lamentaveis que semanas antes tinham levado o filho ao suicidio, facto que impressionou terrivelmente o publico, apesar mesmo d'esse abalo politico do Ultimatum da Inglaterra em 11 de janeiro, teve a sua repercussão moral em Camillo. Lembrava-se de quando fôra visitado por Julio Cesar Machado na prisão, em 1861, pondo-lhe á disposição a sua magra bolsa. Ambos soffriam a mesma degenerescencia, que se manifestava pela graça, e cuja nevrose os fez desgraçados e tragicos na morte.

O conhecimento da vida do escriptor esclarece amplamente o valor da sua obra, pelas condições em que ella foi escripta; uma parte é meramente exploração de livraria, outra é individual, caracteristica e digna de ser classificada segundo essas tres phases por que passou o seu talento. Foi lamentavel, que Camillo não organi-

---

[1] Vid. *O Imparcial*, n.º 989 (16 de março de 1889).

sasse o plano definitivo da sua obra, antes de morrer, porque as especulações da livraria obscurecerão por muito tempo o merito da obra emquanto ao seu caracter geral. Seja, porém, qual fôr o aspecto em que se considere a obra de Camillo Castello Branco, é ella sempre apreciavel pela linguagem; não a linguagem artificialmente imitada na sua construcção do estylo dos padres Vieira, Luiz de Sousa e Manoel Bernardes, nem as expressões com que descrevia estados psychologicos que não comprehendia por falta de uma vista philosophica, mas a espantosa riqueza do seu vocabulario, cheio de modismos populares, formado pela convivencia em todas as camadas sociaes, em Traz os Montes, no Minho e Douro. Na polemica atrabiliaria excedia José Agostinho de Macedo nos inexgotaveis recursos do vocabulario chulo; no desenho dos typos caricatos, copiados da realidade, e nos considerandos de philosophia vulgar que põe na bocca dos seus personagens, é verdadeiramente nacional. Na sua obra predomina aquella tendencia sarcastica, que era uma das feições do caracter, e que imprime ao seu ideal uma funcção negativa e por isso contraditoria, cooperando na dissolução dos principios sociaes. Se o seu espirito fosse capaz de submetter-se a uma disciplina, bem proficuas lhe teriam sido estas palavras de Comte: «deixae á turba escrevinhadora a facil demolição passageira de uma frouxa moral publica em proveito exclusivo de algumas affeições privadas. — A Humanidade está em um grande trabalho de regeneração total: tende a nobre ambição de secundal-a n'isso dignamente, em logar de a perturbar cegamente. Ha mais

honra, n'este momento, e tambem mais gloria litteraria, em fortificar as verdadeiras noções fundamentaes da ordem domestica, do que o juntar-se, mesmo com talento, á multidão vulgar dos amotinadores, insensatos ou culpados, contra as bases elementares da sociabilidade humana» [1]. Camillo nem mesmo comprehendia o que significava esta parte negativa do seu trabalho.

Quando, obedecendo ao fundo de sentimentalidade benevolente que ás vezes sobrepujava a sua causticidade, Camillo apagou em si todos os resentimentos que contrahira nos conflictos litterarios, elle foi o primeiro que veiu ao meu encontro em 1887, consagrar com um inimitavel soneto, *A maior dôr humana,* a morte dos meus dois filhos. Prolongava-lhes assim a vida subjectiva em uma immortal obra de arte. Agradeci por via de carta a um commum amigo essas inolvidaveis palavras: «O grande mestre esqueceu-se das dissidencias doutrinarias de outr'ora, e veiu derramar o balsamo do mais ideal sentimento sobre a ferida que nunca cicatriza. Eu repasso-me d'essa expressão profunda do eximio poeta, e se alguma cousa póde consolar-me é a lembrança, de que, emquanto se fallar a lingua portugueza e se admirar o bello, esse soneto inexcedivel, *A maior dôr humana,* ha de prolongar a existencia subjectiva d'esses entes queridos, cuja belleza moral pouco irradiou além do fóco da affectividade domestica. Bem haja a Arte, que eternisa o nosso sêr moral, corrigindo as imperfeições das

---

[1] *Testament,* pag. 267.

leis brutas, cegas ou inconscientes da natureza, que tudo arrasta na mesma corrente de transformação. O quadro traçado por Camillo Castello Branco fica eterno pela emoção que exprime, e no futuro deporá a favor da individualidade mal conhecida, porque se dispendeu na obra negativa de uma época de transição, tendo o poder de construcção dos genios eleitos» [1]. Camillo ouviu lêr esta carta, mas ficou reflectindo, n'aquelle estado de uma sensibilidade pessimista, no sentido da phrase — obra negativa de uma época de transição; pediu ao commum amigo que obtivesse qual o pensamento implicito n'essa phrase. Era simplesmente uma applicação do criterio positivista á missão da fórma satyrica da arte, que tanto prevalece nos quadros em que o romancista retrata com realidade ou naturalismo a vida burgueza. Embora seja este um dos aspectos mais salientes do seu genio, com que assignalou a sua força e se impoz, essa capacidade esthetica, mais destinada a demolir do que a construir, não deixou reconhecer bem as grandes qualidades organicas de que dispunha. Eis a explicação dirigida então ao commum amigo:

«Quando as palavras exprimem ideias, fazendo parte de um systema completo de concepções, é natural que ellas não tenham sentido, ou sejam imperfeitamente comprehendidas por quem não possue uma noção do conjuncto d'esse modo de vêr geral. É o que se dá com

---

[1] *Carta a J. F. Moutinho,* de 11 de dezembro de 1887. (Ap. *Por bem fazer,* pag. 77).

a phrase — obra negativa de uma época de transição — empregada na carta em que por via de v. exc.ª procurei agradecer o sublime soneto, *A maior dôr humana,* e o nobre sentimento n'elle expresso. Obra negativa de uma época de transição é uma fórmula precisa de uma concepção nitida do momento historico actual da humanidade, derivado do seu percurso anterior, ou as edades passadas e a sua tendencia futura, ou uma edade definitiva e normal. Explicar o encadeamento evolutivo e progressivo da antiguidade, d'onde resultou o nosso presente, e determinar nos elementos constitutivos que se elaboram n'este momento aquelles que nos conduzirão a essa edade normal, é uma tentativa impossivel de tratar nos limites de uma carta, e mais impossivel ainda de justificar porque tomo essas conclusões como criterio do julgamento dos actos e intervenção das individualidades preponderantes contemporaneas. Mas para que não pareça que fujo a explicações de ideias que tanto desejava expôr em conferencias, palestras e escriptos, ideias que me têm fortificado e despojado de todos os odios e antagonismos, apresentarei alguns principios d'essa concepção geral que me dirige, que pelo menos serão pelo meu amigo recebidos como postulados.

«Acompanharei a evolução simultanea das sociedades e dos individuos, para que veja como cada phase, que se prolonga além do seu momento historico, constitue uma perturbação ou actividade negativa.

«No homem ha tres modos fundamentaes de existencia: sente, pensa e quer. Subordinando todos os actos do

seu sêr a qualquer d'estes impulsos, elle fórma assim espontaneamente as tres syntheses: *affectiva, especulativa* e *activa*. Como porém as sociedades são a resultante da coexistencia dos individuos, assim as Civilisações serão tambem caracterisadas por esses tres modos de existencia synthetica.

«Consideremos cada uma d'essas syntheses, sendo a *especulativa* ou racional, a que immediatamente nos interessa.

«Na *synthese especulativa* encontramos tres phases de transformação: 1.ª é *ficticia,* em que o homem attribue tudo a causas que inventa, sem observar os effeitos. É propriamente este o *estado theologico,* em que prevalecem as Religiões, e em que a sociedade humana é dirigida e organisada pela Theocracia inicial. Á sombra d'esta entidade ficticia, Deus, o corpo sacerdotal cria a ordem empiricamente, e a ordem, consistindo na imposição de uma vontade divina e na estabilidade, prolonga-se obstando ao desenvolvimento do progresso. Á phase *ficticia* oppõe-se uma nova fórma de pensamento: 2.ª a phase *abstracta,* em que se elaboram as theorias metaphysicas, em que ao causalismo theologico se contrapõe o finalismo teleologico, e em que realmente a razão humana entra em um trabalho negativo. Só depois que o espirito humano deixa de se preoccupar com as causas, e só coordena os effeitos pela observação e pela experiencia, induzindo e deduzindo, é que entra n'essa terceira phase: 3.ª *positiva,* em que pela sciencia procura refundir as suas ideias subjectivas pelas objectivas, e formar uma nova e consciente concepção geral do universo. Portanto,

emquanto á *synthese especulativa,* prolongar o estado theologico, pelo predominio da credulidade, ou propagar o estado metaphysico pelo deísmo ou finalismo providencialista, é uma obra negativa.

«Agora emquanto á *synthese affectiva:* Os sentimentos altruistas é que unem a especie, e estes sentimentos têm gráos de desenvolvimento, em que progressivamente vencemos o egoismo animal para vivermos cada vez mais fóra de nós. Esses gráos são: 1.º A *Familia;* porém o prolongamento historico do Familismo deu o regimen da Casta, e da Classe, vindo assim a constituir-se o privilegio pessoal da Aristocracia, estado social que se desenvolveu sobre a dissolução e decadencia da Theocracia. 2.º A *Patria,* constituida pela homogeneidade da Raça, que motivou os sentimentos mais heroicos da antiguidade, e ao mesmo tempo a herança das mais tremendas hostilidades nacionaes, que ainda persistem na nossa luminosa Europa. 3.º A *Humanidade,* em que se presente a solidariedade da especie, que subsiste eternamente archivando todas as descobertas e progressos moraes dos individuos que succumbem. Aqui a acção negativa consiste em tudo quanto difficultar a vulgarisação da noção de Humanidade na direcção definitiva dos destinos humanos. A antinomia que actualmente existe entre a vida domestica e a vida publica nos homens que dispõem do poder, é uma das fórmas anarchicas ou negativistas d'esta phase de transição para o periodo em que a noção de Humanidade seja o fóco de convergencia dos nossos sentimentos. Perdida tambem a comprehensão perfeita da Ordem, a maioria dos

espiritos aspiram a um Progresso indefinido, que não passa de uma agitação sem plano.

«Vejamos por ultimo a *synthese activa:* Aqui estabelecem-se os mesmos gráos de progressão: A Humanidade, nos seus agrupamentos rudimentares, começa: 1.º Pela actividade *destructiva* (as guerras invasoras, de que está cheia toda a Historia do mundo antigo). 2.º A propria guerra impõe a necessidade de uma actividade *defensiva,* em que diminuindo o instincto destructivo das edades barbaras, começa a desenvolver-se o instincto conservador, das civilisações sedentarias. É n'esta phase, que o espirito conservantista, quer nas noções theologico-metaphysicas, quer nos sentimentos da estabilidade das patrias, se impõe em uma prolongada phase negativista, atacada pela violencia revolucionaria egualmente negativista. É este o periodo em que nos achâmos, em que na maior parte dos espiritos se dá a deploravel illusão da incompatibilidade entre a Ordem e o Progresso. Uns pensadores procuram fortificar o theologismo, e nos seus desalentos voltam-se para as crenças que decahem; outros aviventam as velhas instituições aristocraticas ou feudaes levando o valor da sua individualidade a titulos nobiliarchicos que não correspondem a uma realidade na organisação do mundo social; outros dispendem as riquezas nacionaes no augmento das forças militares, como se a sorte das nações e o fim da humanidade nunca se libertasse da primitiva phase da actividade destructiva. O que é isto tudo senão uma actividade negativa, motivada pela falta de comprehensão do caracter transitorio da nossa época? Completando a hierarchia da *synthese*

activa, ella apresenta-se por fim: 3.º como actividade *productiva,* ou industrial, a que na organisação social corresponde o typo novo de governo, a *Democracia,* em que realmente o espirito e a aspiração do Progresso prevalecem sobre a Ordem, e em que as manifestações da Liberdade se separam de um modo perturbador da Auctoridade.

«Para muita gente, ser democrata é ser revolucionario. E effectivamente isto é assim. A revolução é uma transição e não um estado normal; assim como o conservador é um negativista nas ideias, sentimentos e acções, o revolucionario é egualmente um negativista. Só se póde acceitar a Democracia, como transição para o regimen normal da humanidade. Qual é esse regimen? Está implicito nos tres termos da progressão social: 1.º a *Theocracia,* em que se estabeleceu a Ordem sob a intervenção da vontade divina; 2.º a *Aristocracia,* em que a ordem se manteve pelo heroico perstigio das vontades individuaes; 3.º a *Democracia,* em que a ordem nasce do accordo da vontade do maior numero expressa pelo suffragio. O 4.º terno, será esse estado normal da *Sociocracia,* em que o individuo se sentirá orgão da collectividade, dirigindo-se pelas concepções scientificas, pelos sentimentos de humanidade, e pela actividade industrial e pacifica, tornando assim o Progresso uma consequencia da Ordem, e a Ordem a principal condição do progresso.

«N'esta edadé vindoura e normal da Sociocracia, a sociedade, segundo o pensamento do grande Diderot, ha de ser reconstruida *sem Reis nem Deus.* Todo o tra-

balho que não coadjuvar o advento d'essa edade normal é puramente negativo; e n'esta época de transição é este o criterio para julgar os que governam, os que doutrinam e os que idealisam, sem que se desconheça a potencia dos seus talentos, dispendidos e malbaratados muitas vezes em uma actividade sem intuito. Peço ao meu amigo, que medite esta doutrina, e que mostre esta carta a quem julgue vêr na minha phrase uma censura, que seria mal cabida se fosse a expressão de um caso particular, mas é uma consagração da justiça, reconhecendo no genio de Camillo capacidades superiores ao seu tempo».

Na sua obra de lucta, ha creações que exprimem a pureza do sentimento, o vigor da paixão, a santidade domestica, o meio social portuguez, e ha os productos forçados por situações angustiosas, que serão excellentes traços autobiographicos, documentos de uma existencia trabalhada, mas a que falta da parte do artista um ideal superior e da parte do publico a sympathia da emoção. Com o tempo se fará esta separação na obra capital de Camillo Castello Branco; o mesmo está acontecendo já ao grande idealisador da vida cavalheiresca, Walter Scott, em que a sua vastissima construcção se synthetisa nas sete obras primas *Ivanhoe, Waverley, Formosa Donzella de Perth*, o *Official de fortuna*, os *Puritanos*, a *Prisão de Edinburg*, e o *Antiquario*. E já que alludimos aos numerosos romances de Walter Scott, toda a sua obra, admiravel nos detalhes, amesquinha-se pela falta de um pensamento geral, um plano, uma synthese philosophica, de que fosse a laboriosa rea-

lisação. No meio da grande construcção da *Comedia humana*, Balzac comprehendeu a dispersão em que ia malbaratando o seu genio, diante da obra do romancista escocez; reconhecendo a necessidade de uma these fundamental, escrevia em 1835 a Félix Davin: «Não basta ser um homem, é preciso ser um systema; Voltaire foi um pensamento, tal como Marius, e triumphou. Embora grande, o bardo escocez só tem apresentado um certo numero de pedras habilmente esculpidas, em que se vêem admiraveis figuras, em que revive o genio de cada época, sendo quasi todas sublimes; mas onde é que está o monumento? encontram-se n'elle os seductores effeitos de uma maravilhosa analyse, não se acha ali a synthese. A sua obra assemelha-se ao Museu da rua dos Petits-Augustins, onde cada cousa, magnifica em si, a nada se liga, não se adapta a nenhum edificio. O genio é completo quando elle junta á faculdade de crear o poder de coordenar as suas creações. Não é bastante o observar e pintar, é preciso pintar e observar para um fim qualquer. O narrador do Norte possuia a perspicacia do relance, para que lhe escapasse um tal pensamento, mas com certeza occorreu-lhe muito tarde». Balzac sentiu-se mais forte, impellido pela allucinação de Archimedes, quando em 1842 achou a ideia-mãe sobre que assenta a estructura da *Comedia humana*; sua irmã descreve pelo lado pittoresco esse momento de transfiguração do obreiro em soberbo architecto.

Os estudos biologicos, que caracterisam a primeira metade d'este seculo, e que serviram de base para a lucta das concepções positivas contra as ficções theologi-

cas que decahiam como synthese social, como se viu no conflicto entre Cuvier e Geoffroy Saint-Hilaire, vieram revelar a Balzac o elemento generativo para a creação e coordenação dos typos dos seus romances. O homem individualmente egual a outro homem, é, segundo a conformação e adaptação social, tão differenciado do seu semelhante como o lobo, o cão de gado, o lebreu e o cão de regaço entre si. Balzac reconheceu a acção profunda do meio social, procurou descrevel-a nas suas variedades, e os typos dos seus romances coordenaram-se facilmente segundo esses meios confinados na *vida privada*, na *vida de provincia*, *vida parisiense*, *vida militar*, *vida politica* e *vida do campo*. O meio imprime caracter, e o typo faceado pela provincia desenvolve novas qualidades na vida da capital; as profissões dão muitas vezes á classe uma feição ou physionomia peculiar, como vemos no padre, no militar, no actor, no funccionario, mesmo quando não usam os trajos distinctivos. Balzac relaciona a synthese organica com a synthese social: «Os animaes, nascidos sobre um typo uniforme, diz Geoffroy Saint-Hilaire, desenvolvem-se segundo os meios em que são collocados; — e, d'este principio, elle parte para fundar as especies zoologicas, desconhecidas de Buffon, modificações naturaes do mesmo individuo, segundo o clima, a cultura e o ambiente. O que é verdadeiro na ordem animal, é verdadeiro na ordem social: o homem moral modifica-se por causas analogas, e fórma especies sociaes bem distinctas, creadas pela educação, pela familia e pela direcção impressa. O gato, o lobo e o leão não differem uns dos outros por titulos mais seguros, do que o operario, o nobre e o padre».

Nos quadros, ou *Scenas*, descriptas por Balzac, ha já o presentimento da identificação das fórmas do drama e da epopêa, e é este o valor esthetico do titulo geral *A Comedia humana*, cujos elementos se systematisam inicialmente pela *vida privada*.

É na idealisação da vida domestica, por onde se fez forte a burguezia que antecipou o proletariado na incorporação da sociedade moderna, que Augusto Comte determina o caracter fundamental da Arte novamente reorganisada depois de decahida a synthese affectiva da Edade-média. A velha epopêa heroica, quer do mundo hellenico, quer feudal, e a antiga tragedia mythica e philosophica transmittida da civilisação greco-romana para a Renascença, perderam as suas differenças apparentes, e vieram a fundir-se no seculo XVII em um producto novo — o Romance. Diz Comte: «Quanto ás producções destinadas á representação épica dos costumes privados, e que constituem tambem o genero simultaneamente mais original e o mais extenso das creações litterarias proprias á sociedade moderna, vêem-se então surgir, entre muitos estimaveis testemunhos da universal espontaneidade de uma tal expansão, as admiraveis obras primas de Lesage e de Fielding, que bastariam sós para provarem que a mediocridade dos outros trabalhos contemporaneos não indica nenhuma degeneração real nas faculdades poeticas da humanidade» [1]. Determinada a nova fórma da arte moderna, ella tornou-se analytica, porque

---

[2] *Cours de Phil. posit.*, VI, 190.

desde o seculo XVII procura a consciencia humana a formação de uma nova synthese, que substitua a direcção das ficções theologicas. Muitos dos romances da época creadora satisfazem plenamente como revelações da natureza humana sob determinados aspectos psychologicos; no *D. Quixote*, Cervantes estabelece a perfeita theoria da allucinação, pelo predominio das emoções subjectivas sobre os dados objectivos ou do mundo exterior; no *Gargantua* idealisa-se o instincto nutritivo, reagindo ao mesmo tempo contra a auctoridade que os symbolos exercem sobre o espirito; no *Werther* idealisa-se o instincto sexual, ligado segundo as observações dos physiologistas ao instincto destructivo; no *Robinson Crusoe* realisa-se em um quadro definitivo e sempre pittoresco o instincto constructivo. Podiam-se colligir as principaes obras primas do romance em todas as litteraturas, e agrupal-as segundo um quadro scientifico da psychologia humana; seria uma coordenação critica, uma como psychologia experimental, em grande parte com o valor de um documento humano, como as Memorias, as Cartas, as Viagens e os Processos. Comtudo, este trabalho não dispensa a synthese philosophica do genio esthetico actuando sobre a sympathia social.

Assim, depois da *Comedia humana*, uma nova tentativa de construcção synthetica foi planeada nos *Rougon-Macquart*, de Zola, que tambem se resente das novas doutrinas biologicas da segunda metade d'este seculo. As theorias da selecção e da hereditariedade, especialmente nas manifestações morbidas; revelaram a Zola as differenças dos typos dentro da mesma familia segun-

do a preponderancia dos seus atavismos; o meio social não faz senão pôr em relevo as qualidades latentes do individuo. Zola levou o seu rigorismo sobre as dependencias atávicas a formar a arvore genealogica dos Rougon-Macquart, publicada na *Page d'Amour,* como o plano da construcção da Historia de uma familia sob o segundo Imperio [1]. É um aspecto do problema, como a acção da classe sobre o individuo; a synthese de Balzac e a de Zola não se contradizem, mas tambem não se completam, são reflexos de doutrinas biologicas verdadeiras, que não dispensam a preponderancia de uma synthese mais elevada, como a que parte da animalidade para a Psychologia humana. Tal, como os estudos experimentaes da physiologia e da pathologia cerebraes, e os estudos comparativos das concepções primitivas dos povos, assim a Psychologia tomou o caracter de uma sciencia positiva, constituindo-se independente da Biologia. Pelo conheci-

---

[1] Eis como Zola synthetisou a ideia, na capa de um dos seus volumes: «Physiologicamente, os *Rougon-Macquart* são a lenta successão dos accidentes nervosos que se declaram em uma raça em consequencia de uma primeira lesão organica, e que determinam, segundo os meios, em cada um dos individuos d'esta raça, os sentimentos, os desejos, as paixões, todas as manifestações humanas, naturaes e instinctivas, cujos productos tomam os nomes convencionaes de virtudes e de vicios. Historicamente, elles partem do povo; irradiam-se por toda a sociedade contemporanea; sobem a todas as situações por este impulso essencialmente moderno que recebem as classes inferiores em marcha através do corpo social; representam assim o Segundo Imperio por via dos seus dramas individuaes desde a emboscada do golpe de Estado até á traição de Sedan».

mento de determinados processos psychicos assim se explicam hoje correspondentes phases da civilisação e da Historia. A Psychologia torna-se verdadeiramente o elemento dynamico da Sociologia. É a esta altura das concepções que deve constituir-se a synthese nova do Romance, baseada nos tres factores psychologicos: a *Affectividade,* a *Intellectualidade* e a *Actividade,* nas mutuas relações e dependencias, que determinam a fórma das aptidões. Os romances tornam-se propriamente casos de descoordenação d'esses tres factores; e assim como Cervantes achou a grande maravilha da arte na descoordenação entre as concepções subjectivas e os dados objectivos, novas maravilhas resultarão em futuro não remoto dos casos da affectividade sem o equilibrio da acção, da intellectualidade sem a disciplina affectiva, ou da actividade sem a direcção especulativa ou a concentração affectiva. Então em vez dos typos, que se descrevem com predilecção no romance, prevalecerão os caracteres; e em vez da preoccupação do meio e dos atavismos, o drama da vida deduzir-se-ha logicamente segundo o desaccordo entre as tres syntheses *sympathica, synthetica* e *synergica.* O Romance elevar-se-ha da simples idealisação da vida domestica á unificação d'esta com a vida publica, o thema definitivo de toda a elaboração esthetica, propria de uma edade normal. As observações dos physio-psychologistas sobre as suggestões, sobre os agitados, desequilibrados, larvados, sobre as vesanias, reduzem em grande parte o drama judiciario da responsabilidade moral; o romance moderno tende para se apoderar d'esse campo das nevroses e dos codigos criminaes.

Mas a incompetencia scientifica do que não visa a ser mais do que simples litterato, não o deixa ir além da vibração emocional, do effeito. Estes casos morbidos só se prestam ao romance caricaturesco, como o fez Cervantes; como experimentação psychologica, os casos devem ser procurados na vida usual, para fazer sentir a necessidade de harmonisar no sêr perfeito esses tres factores, deixando assim o homem completo ou normal de ser uma excepção.

LIVRO II

DISSOLUÇÃO DO ULTRA-ROMANTISMO

CAPITULO I

Origens doutrinarias da Eschola de Coimbra

Em todas as modernas Litteraturas, passado o enthusiasmo pela Edade-média, christã, cavalheiresca e poetica, tão original nos seus costumes, apaixonada, heroica e dramatica na organisação de cada nacionalidade e no desenvolvimento da vida domestica, conheceu-se que a sua idealisação e representação artistica se immobilisára em symbolos convencionaes, que se repetiam esterilmente, dando ás manifestações litterarias um cunho de banal uniformidade. E quanto mais facil era simular o gosto ou espirito da Edade-média, tanto menos se conhecia e sentia essa moderna antiguidade; as obras litterarias, que se tornavam inexpressivas n'essa representação, suppriam a falta de vida e de emoção natural pelos exageros de phrase, pela violencia desmesurada das situações, pela aberração psychologica dos caracteres mo-

vidos por paixões desvairadas. D'esta falta de ponderação entre os sentimentos e os seus estimulos, entre uma apagada emoção e a' sua expressão exagerada, é que proveiu a designação de *Ultra-romantismo* a esta phase preparatoria das Litteraturas modernas. Como preparatoria, acabára a sua missão emancipando a imaginação do culto exclusivo das litteraturas greco-romanas, que desde o seculo XVI perturbára a evolução natural e nacional das litteraturas romanicas; essa emancipação operára-se por um processo de negação das leis estheticas, por uma reacção contra as obras primas que se impunham como eternos modelos, abrindo uma errada solução de continuidade entre a Antiguidade greco-romana e a Edade-média. Falseava-se assim o criterio da continuidade historica, e se eram desprezadas as litteraturas greco-romanas, tambem a Edade-média não era bem comprehendida para ser dignamente idealisada. A phase ultra-romantica esgotava-se na repetição dos symbolos de uma edade não comprehendida; cultivava-se um lyrismo trobadoresco, sem conhecer os documentos provençaes de que os genios italianos tiraram as fórmas definitivas do Lyrismo moderno do Occidente; procuravam-se as lendas épicas da sociedade medieval, diluidas em xacaras e romances historicos, sem investigar primeiro as numerosas Canções de Gesta da França e da Bretanha, onde estavam as tradições vivas de uma sociedade guerreira que se torna defensiva; finalmente phantasiavam-se dramas sobre o conflicto das classes sociaes, sem préviamente conhecer o organismo das instituições sociaes da Edade-média, no momento em que se incorporava o novo

elemento do Terceiro estado. Naturalmente o Ultra-romantismo tinha de dissolver-se em um trabalho de *critica* e de *sciencia,* como condição para que as Litteraturas se elevassem á funcção de uma synthese affectiva da vida social moderna; antes d'esse trabalho indispensavel, as tentativas de reacção contra o Ultra-romantismo foram sempre incompletas, restringindo-se á simples reproducção das fórmas artisticas buscadas, em vez da reproducção dos symbolos medievaes, na cópia exacta da realidade concreta. Chamaram-se a esses esforços contra a desacreditada phase ultra-romantica, *Naturalismo* e *Realismo,* como se a natureza e a realidade não fossem tambem symbolos, que para terem expressão carecem do trabalho subjectivo da idealisação.

Portanto a continuação da actividade mental do seculo XVIII, essencialmente critica, ao ser exercida no seculo XIX, converteu a erudição em Sciencia historica, e pelo desenvolvimento das novas sciencias biologicas, desde Bichat e Lamarck, caminhou-se para a constituição de uma synthese philosophica, de que o Positivismo foi a sua primeira e principal manifestação. A importancia das sciencias historicas para a comprehensão dos phenomenos sociaes tornou possivel a concepção de uma Sociologia, em que a relação da Antiguidade para com a Edade-média, e d'esta para com a explosão temporal da Revolução estabelece uma linha progressiva, pondo em toda a luz da evidencia a marcha da humanidade pela cooperação de cada raça, edade ou civilisação historica. As Litteraturas adquiriam um novo sentido: deixavam de ser ficções individuaes, para se considerarem como obje-

ctos da sympathia social com que em cada povo se realisava a concordia ou a sua synthese affectiva. Pelo seu lado a erudição historica explorava a Edade-média em todas as suas manifestações; as novas linguas romanicas eram estudadas por Raynouard, e deduzidas as suas leis geraes em uma grammatica fundamental por Frederico Diez; a Poesia dos Trovadores, dos Troveiros e dos Bardos vinha á luz da publicidade por uma valente phalange de investigadores, desde Paulin Paris a Paul Meyer; reproduziam-se os velhos documentos do theatro hieratico e popular, e as manifestações da arte sumptuaria, architectonica, illuminura e musica. E todos estes estudos criticos tornavam possivel uma clara theoria historica da Edade-média, sem a qual se não comprehendia o espirito revolucionario moderno, mais intellectual do que social. Onde chegassem estas ideias, mais ou menos coordenadas, operava-se a dissidencia com o Ultra-romantismo, ou a sua dissolução. Em França, Ampère, o filho do celebre physico, formulou com clareza as condições para a renovação das Litteraturas modernas, passada esta phase ultra-romantica: «Se a Litteratura não é uma declamação vã, se ella é uma sciencia, pertence ao dominio da Philosophia, ou ao da Historia. *Philosophia da Litteratura, Historia da Litteratura,* taes são as duas partes da sciencia litteraria. Fóra d'isto não ha senão a critica de detalhe ou a ostentação de logares communs». Ampère considerava como o trabalho mais urgente e immediato a realisar, o estudo comparativo e historico das Litteraturas para se deduzir d'elle a sua philosophia: «É da historia comparativa das Artes e da Lit-

teratura em todos os povos que deve sair a Philosophia da Litteratura e das Artes : é d'esta historia que convém occuparmo-nos antes de tudo». Hegel, que organisára uma Esthetica, como a parte mais segura do seu vasto systema philosophico, seguiu este criterio historico. Quando em Portugal se estabeleceu a dissidencia contra o Ultra-romantismo, as vistas philosophicas tinham-se antecipado á necessaria preponderancia do criterio historico; d'ahi a agitação revolucionaria e uma certa impotencia por falta de plano constructivo. Eça de Queiroz, referindo-se a este movimento de dissidencia, escrevia em 1878 : «Ha quasi doze annos, appareceu vinda, parte de Coimbra, parte d'aqui, parte d'acolá, uma extraordinaria geração : educada já fóra do catholicismo e do Romantismo, ou tendo-se emancipado d'elles, reclamando-se exclusivamente da Revolução e para a Revolução. Que tem feito ella? A não ser Theophilo Braga constantemente, Oliveira Martins nos intervallos das emprezas industriaes, e Guerra Junqueiro, o grande poeta moderno da peninsula — quem trabalha? Onde estão os livros? Esta geração tem o aspecto de ter falhado» [1]. Gonçalves Crespo accentua o facto d'essa falha na geração dissidente : «O grito revolucionario solto pelos celebres dissidentes de Coimbra, produzira grande abalo, os animos estavam desprevenidos, a sensação fôra violenta de mais, e d'ahi resultou que os discipulos e os proselytos faltaram. — A revolução de Coimbra fôra platonica, philosophica; a

[1] *Renascença*, pag. 20, col. 1.ª

estranheza dos assumptos das Poesias de Anthero de Quental e de Theophilo, quasi sempre metaphysicos, transcendentaes e nebulosos para a maioria dos leitores, apavorou os timidos, agastou os antigos, desanimou os principiantes» [1]. Effectivamente o rompimento das hostilidades entre os dissidentes de Coimbra e os Ultra-romanticos resultou das ironias contra a sua nebulosidade philosophica. O dr. Corrêa Barata, referindo-se em 1879 a esse movimento, insiste especialmente no seu caracter philosophico, que foi gradualmente e normalmente substituido pelo trabalho historico: «Eu já não fui de uma época que era considerada entre os academicos como a edade heroica do pensamento. Então degladiavam-se *escholas*, e andava em voga a philosophia dos Kant, dos Hegel e dos Fichte. Diz Jules Soury, que estes philosophos tambem foram no seu paiz como que os semi-deuses de uma éra mythologica. Cá, como lá, passaram essas imaginosas theorias do mundo, do homem e das cousas. Dos brilhantes espiritos que saíram então da Universidade, alguns ahi estão bem conhecidos, os quaes se me não engano, já soffreram esta transfiguração que os aproximou do positivismo das concepções hodiernas. D'esse tempo são, entre outros, os snrs. Anthero de Quental e Theophilo Braga. O primeiro, o excelso cantor da *Beatrice*, passou por intermedio das *Odes modernas*, que valem mais do que a *Beatrice*, para os seus admiraveis *Sonetos*, que, no meu limitado entender valem ainda

---

[1] *Renascença*, pag. 62, col. 2.ª

mais do que a *Beatrice* e as *Odes* sommadas. — O segundo, esse já quasi não escreve versos; e retemperado pelo inaudito trabalho da *Historia da Litteratura portugueza,* trocou a lyra grega pela philosophia positiva» [1].

Entregue simplesmente á dispersão metaphysica, a dissidencia contra o Ultra-romantismo portuguez ficaria em um simples protesto, sem ecco, e levaria á dispersão de forças; era preciso um trabalho scientifico, para orientação dos espiritos, e esse trabalho tinha de ser depois primeiramente *historico* e depois *philosophico.* Alexandre da Conceição tambem notou essa desmembração de forças, ao fixar o advento da Eschola de Coimbra: « esse movimento, que se apresentou com uma grande comprehensão dos destinos superiores da Litteratura moderna, protestando contra a banalidade do falso sentimentalismo e contra o compadrio desaforado das coteries idiotas, dispersou-se e transformou-se n'uma lucta de guerrilhas...» [2].

A Eschola de Coimbra, suscitada por uma vaga metaphysica, era politicamente revolucionaria. Procurava a sua orientação intellectual em determinados escriptores, d'onde logicamente hauria uma disciplina esthetica, scientifica e philosophica, susceptivel de dirigir uma época de renovação litteraria. Essa disciplina não estava formulada, mas os escriptores de predilecção pelas suas obras geniaes davam um ponto de comparação para a cri-

---

[1] *Revista de Coimbra,* Preambulo, pag. 2. 1878.

[2] *Renascença,* pag. 103, col. 2.ª

tica, e modelos seguros para a idealisação simultaneamente poetica e historica.

O primeiro d'esses escriptores mais apreciados pela Eschola de Coimbra foi *Victor Hugo,* que tanto cooperou no Ultra-romantismo, e que nunca se libertou do imperio da palavra e da emphase rhetorica. Mas Victor Hugo, pela sua longa existencia e pela participação da vida publica, retemperou o ideal nos sentimentos de Patria e de Humanidade, e como poeta synthetisa o espirito revolucionario nos *Chatiments,* e a nova concepção da Humanidade na *Legende des Siècles,* a sua ultima e mais sublime transfiguração. Esta dupla manifestação do grande poeta da França actuou directamente na idealisação revolucionaria das *Odes modernas,* e nos esboços da epopêa humana da *Visão dos Tempos.*

Depois de Victor Hugo, a obra gigante de *Balzac,* vem revelar aos noveis espiritos dissidentes a verdadeira comprehensão do Romance moderno, baseado sobre uma these psychologica das modificações dos differentes meios sociaes. O nome de Balzac, apenas conhecido em Portugal, estava incurso em um ignaro desprezo, propagado por uma irreflectida phrase de Alexandre Herculano, que na sua *Carta sobre a Propriedade litteraria,* confundia o surprehendente creador da *Comedia humana* com Pigault Lebrun e Paulo de Kock. No estudo com que Amorim Vianna acompanha as *Memorias de Madame Lafarge,* acham-se estas extraordinarias palavras ácerca de Balzac, o que prova um deploravel estado de pedantismo e de inconsciencia: «Um escriptor cuja reputação tem crescido com a corrupção

do seculo, o rebaixamento dos espiritos, o desfallecimento dos brios no publico, *Balzac*, compraz-se em nos descrever ridicularisando-as, ou antes caricaturando-as, todas as vulgaridades, todas as mediocridades da sociedade actual, porém a pintura que nos dá é menos a satyra do que a apologia dos abusos e da oppressão de todas as auctoridades, de todos os poderes» [1]. Quem fallava assim era um afamado professor de mathematica na Polytechnica do Porto, que andava pelas ruas com aspecto á Rousseau, ébrio de aguardente, coberto de piolhos, e com uma lenda de crapuloso solitario. Na sua abjecção diogenica chamavam-lhe o Newton, por alcunha trazida dos bancos da Universidade. Só muito tarde é que a obra de Balzac pôde ser lida, principalmente, depois que os chefes do realismo contemporaneo e seus discipulos, Flaubert e Zola, provocaram a necessidade de conhecer esse gigante da arte, o Shakespeare do romance. Camillo Castello Branco perdeu em não ter estudado a obra de Balzac; para elle a leitura da *Comedia humana* teria sido como se désse uma volta á roda do mundo. Outros, com organisações menos poderosas, foram mais longe depois d'essa iniciação genial.

Em historia, *Michelet* era o escriptor de predilecção, pela intuição sentimental do passado, pela vehemencia com que vindica os principios da Revolução, proclamando-a como o advento da Justiça depois do longo impe-

---

[1] Pedro de Amorim Vianna, *Mem. de M.me Lafarge*, t. II, pag. 176.

rio do arbitrio da Graça theologica durante toda a Edade-média. Como Balzac, Michelet tambem era desconsiderado pelos ultra-romanticos, que o não conheciam; para ferir a Eschola de Coimbra, Camillo Castello Branco não se pejava de chamar a Michelet *velho tresloucado*. Como historiador, Michelet ensinava a reconstituir as individualidades moraes de que os factos foram a expressão, e a saber encontrar nas paginas das litteraturas, nos quadros, nos monumentos, o documento historico involuntario por onde se surprehende uma época em flagrante delicto de intenção.

Em philosophia, a Eschola de Coimbra começou pela admiração de *Vico* na genial *Sciencia nova*, que o proprio Michelet tinha lucidamente condensado e revelado á França. Pela relação estabelecida entre a philologia e a philosophia, Vico chegára a conhecer mais profundamente o caracter historico de certas civilisações, implicito nos seus mythos religiosos e lendas historicas. Dentro do campo litterario era o melhor guia para a elaboração philosophica. A *Sciencia nova* era por assim dizer a sciencia das origens; Renan, com aquella acuidade de vistas suggestivas, identifica *un esprit philosophique* a *un esprit preoccupé des origines*. A influencia de Vico foi grande na Europa, na renovação dos estudos historicos; em Portugal deveu-lhe a Eschola de Coimbra a comprehensão dos estudos ethnologicos e das tradições populares.

Nas especulações metaphysicas da Eschola de Coimbra, *Hegel* influiu directamente na actividade mental dos novos pensadores, pela *Logica* e pela *Esthetica*. D'elle

veiu essa increpação de nebulosidade attribuida aos dissidentes de Coimbra, e esse *germanismo* na historia e nas tradições nacionaes, segundo as explicações do philosopho de Berlim. De *Vico* para *Hegel,* e d'este para *Comte,* não existiam antinomias doutrinarias; o fundador do Positivismo sentia não ter conhecido para a sua constituição da Sociologia a obra do philosopho napolitano, e relacionado com Hegel, por via de um amigo commum Eichthal, ligava uma singular importancia á synthese subjectiva do philosopho berlinez. A concepção de Comte, em quanto á hierarchia theorica ou philosophica das sciencias, esclarecia a parte fraca da *Philosophia da Natureza,* de Hegel, como o vasto systema d'este completava a *Synthese subjectiva* de Comte. O Positivismo foi primeiramente conhecido por via das differentes vulgarisações de Littré, isto é, fragmentariamente, e d'aqui a rasão da imbecilidade com que Anthero de Quental lhe chamou *uma banalidade franceza.* Só depois de conhecido na grande construcção da Sociologia, e principalmente na systematisação da Edade-média, comprehendendo a grande revolução social e intellectual que começa no seculo XIII e se estende até ao fim do seculo XVIII, é que o Positivismo exerceu a sua verdadeira acção dando convergencia á dispersão critica, accentuando á Revolução o seu destino provisorio, e indicando á idealisação da Arte os themas que iniciem o advento da edade normal da humanidade.

Determinado o grupo de escriptores que actuaram nas doutrinas litterarias da Eschola de Coimbra, não será deslocado insistir particularmente sobre a influencia de

cada um d'elles, sobretudo quando nas Litteraturas novo-latinas está impresso o cunho da unidade da Civilisação occidental.

I. Victor Hugo

Talento e caracter são duas qualidades que raramente se encontram reunidas no mesmo homem; cada uma de per si basta para tornar immortal uma individualidade. Vê-se o talento separado do caracter em Bacon, o creador do *Novum Organum;* acha-se o caracter separado da intelligencia nos sectarios sentimentaes de qualquer doutrina religiosa ou politica, nos martyres e nos heroes. Talento e caracter são duas energias differentes, porque têm origens diversas em dous centros cerebraes — perceptivo e volitivo; mas essas duas energias coordenam-se entre si, até que o progresso de uma produz o desenvolvimento da outra. Ha porém cerebros tão bem orientados, que o talento e o caracter coexistem em uma simultaneidade harmonica, e por isso cada uma d'estas forças põe a outra no seu maximo relêvo.

É esta a linha fundamental da individualidade de Victor Hugo, como poeta, como artista, como politico, como homem; creador, como um talento privilegiado, as suas obras distinguem-se pelo aspecto grandioso que o caracter imprimiu ás obras de arte de Dante e de Miguel Angelo. De facto, Victor Hugo, exprimindo todas as profundas aspirações d'este seculo, está para esta grande época, em que a Revolução se vae tornando evolução, da mesma fórma que Dante estava para o fim da Edade-média, quando o presentimento da Revolução o

fazia proclamar *secuol si rinuova.* A palavra, as imagens, as antitheses, a representação das idéas têm na sua expressão o relevo accentuado que Miguel Angelo sabia dar ao marmore e aos frescos audaciosos. Para a civilisação, Dante é o poeta do fim da Edade-média, filho da inspiração do christianismo e da lucta da independencia civil; mas Victor Hugo é o poeta da humanidade, o vidente da justiça, uma das verdadeiras fórmas do poder espiritual novo que tem de reger o mundo moderno. Quando o talento e o caracter se harmonisam, não é sómente a individualidade do homem que se eleva; a sua vida é tambem uma lição, fortifica-nos ao passo que nos levanta. Victor Hugo é o ultimo representante dos espiritos que romperam com a atonia da Arte classica das escholas humanistas, e o primeiro luctador que põe a Arte, com o seu grande poder unificador, ao serviço das idéas modernas, empregando-a como uma força social. Entre a *Notre Dame* e a *Histoire d'un Crime* está circumscripta a evolução d'este luminoso espirito, que soube revelar a poesia intima de uma sociedade que se constituia, e salvar um povo de uma traição dos proprios depositarios da auctoridade. Os defeitos accidentaes das suas obras, são os modos de ser particulares de uma tão sympathica personalidade; não servem para se imitarem, mas para se conhecer mais intimamente o homem, que ultrapassa os limites das nossas condições ordinarias.

Victor Hugo nasceu a 26 de fevereiro de 1802, do general Hugo, celebre caudilho das campanhas napoleonicas, e de Sophia Trebuchet, natural da Bretanha e

como tal realista convicta e provada nas luctas da insurreição vendeana. O que havia de contradictorio entre estas duas naturezas, reapparece alternativamente em Victor Hugo, segundo a edade e a maior influencia que exerceu cada um dos seus progenitores sobre a sua organisação não definida.

A primeira educação litteraria recebida das lições do padre-casado La Rivière, communicando-lhe o espirito revolucionario, deixou-lhe tambem esse resto de deismo, de que o poeta nunca se pôde libertar. Antes de Victor Hugo ter a sua autonomia moral, obedeceu a cada uma d'estas influencias: sob a direcção maternal foi um sincero realista, orientado pelos successos da Restauração, celebrando os Bourbons em tragedias academicas cheias de allusões. Algumas poesias lyricas, como a ode á estatua de Henrique IV e Luiz XVII, são de tal belleza que se conhece que o realista se dissolveria um dia pelo enthusiasmo generoso do poeta.

Filho de um general de Napoleão, que, participando da sorte do atrevido corso, se distinguia ainda pela energia com que narrava as suas recordações de campanha, não admira que Victor Hugo fosse impressionado com a lenda napoleonica contada por seu pae, e admirasse o assassino da Republica franceza. A historia moderna ainda não tinha achado os processos da dissecção psychologica, e ainda Littré, comprovando o juizo de Comte, não havia escripto o seu estudo sobre o genio militar de Napoleão, nem Michelet escalpelisára essa formação malefica da origem dos Bonapartes. Para abandonar os estereis sentimentos do realismo bretão, tinha Victor

Hugo de admirar o imperador theatral, porque só assim é que se aproximaria do grande espectaculo da Republica, que a auréola mentida de Napoleão offuscava. Esta terceira phase foi a orientação sublime da sua vida, tornando-o desde o desterro de Jersey até á morte, apostolo da humanidade.

Foi de 1820 por diante que o caracter do poeta adquiriu a tempera inquebrantavel; o amor veiu ajudar o desdobramento d'esta chrysalida, que tendia para a luz; o seu casamento em 1822 com mademoiselle Foucher, realisou-se apesar de todos os conflictos de familia que o embaraçavam. O romance do *Han de Islandia* é considerado como uma série de quadros allegoricos da situação dos dois amantes.

No meio das reacções clericaes e monarchicas da Restauração, preponderava essa eschola litteraria monarchico-catholica, em que figuram Chateaubriand e Bonald, Lamennais e Lamartine, e levantava-se um pequeno grupo dissidente, que, seguindo o criterio vulgarisado por madame de Stäel, sustentava no jornal *O Globo,* desde 1825, a necessidade do estudo comparativo das litteraturas, como meio para adquirirem a liberdade da concepção e a independencia dos canones rhetoricos impostos pelas academias. Victor Hugo obedeceu a estas duas correntes, primeiro não acceitando a nova direcção do lyrismo encetada por Lamartine nas *Meditações,* depois propondo-se a realisar o ideal de Chateaubriand no *Genio do Christianismo,* e por ultimo operando a revolução litteraria no theatro, pondo em acção as theorias desenvolvidas pelo grupo innovador do jornal *O Globo.* Cada

drama de Victor Hugo está ligado ás grandes luctas do Romantismo em França, onde o pseudo-classicismo chegou a pedir á realeza a pena de prisão para os sectarios das novas doutrinas litterarias. *Cromwel* (1827), *Hernani* (1829), *Marion Delorme* (1831), *Roi s'amuse* (1832), *Lucrecia Borgia* (1833), *Marie Tudor* (1833), *Ruy Blas* (1838), *Les Burgraves* (1843), são os documentos da grande lucta, em que as theorias foram discutidas praticamente diante do publico. Havia nos dramas de Victor Hugo novos effeitos de linguagem, situações moraes de uma emoção indescriptivel, um colorido produzido por contrastes nos differentes typos, um fervor de liberdade; a necessidade de sustentar esta violencia, não o deixou adquirir o conhecimento completo da scena, e muitas vezes em lucta com a auctoridade, que lhe prohibia os dramas, abandonou o theatro para lançar-se nas commoções politicas. Tendo passado a sua mocidade na Italia e na Hespanha, elle comprehendeu esses typos nacionaes do Cid e de Fra-Diavolo, que encarna nos seus heroes; mesmo na sua linguagem reunia a pompa hespanhola e a fórma do laconismo de phrase dos dialogos da *Commedia d'el arte*, dos *lazzi* dos improvisadores. E com uma natureza plenamente peninsular, incapaz de se submetter a qualquer disciplina philosophica, em religião alliou um voltaireanismo domestico com um christianismo sentimental, e pela bondade absoluta de uma natureza saudavel emprehendeu como esthetico a rehabilitação do feio e do grotesco, justificando-os como contraste.

A falta de uma philosophia foi sempre o seu lado

fraco; substituiu-a por um deismo vago, por uma teleologia providencial, e esse mesmo defeito é o que diminue em parte o valor incontestavel da obra de Michelet. Ambos estes escriptores, dotados de uma grande intuição do passado e de uma comprehensão moderna, supprem esta imperfeição á custa da mais completa propaganda da solidariedade humana. Esta tem sido a these fundamental de todas as obras litterarias de Victor Hugo, depois que o desterro em Jersey o teve por bastantes annos separado da politica. D'aqui data uma phase nova da sua vida.

O que fez Victor Hugo por occasião do golpe de estado de 1852, quando Luiz Bonaparte atraiçoou a Republica de 1848, que lhe havia confiado a presidencia, póde vêr-se escripto por assim dizer a ferro em braza no celebre livro a *Historia de um Crime*. Victor Hugo nunca quiz entrar em França emquanto esteve no throno o miseravel prejuro que se chamou Napoleão III; depois da destituição do imperio, em 4 de setembro de 1870, é que o poeta, que escrevera o esplendido livro *Les Châtiments* e *Napoléon le Petit*, corre para tornar a vêr a patria que jazera vinte annos escravisada, e que a derrota de Sédan acabava de lançar no abysmo. Estes annos de resistencia, de desterro e de protesto são a consagração historica de um grande caracter; a França deve-lhe alguma cousa da sua dignidade actual; foi um bemfeitor, porque não deixou corromper esse povo até á medulla dos ossos.

Os versos dos *Châtiments*, cheios de gritos apocalypticos, cujas ameaças eram ridicularisadas pela imprensa vendida ao imperio, no dia do desastre tornaram-se sen-

tenças historicas, que até a propria *Revista dos Dois Mundos* commentou com respeito. D'esses annos de resistencia são as obras de propaganda social, os *Miseraveis*, os *Trabalhadores do Mar*, o *Homem que ri*, e sobretudo essa nova concepção da poesia, realisada com valentia na *Lenda dos Seculos*. Cada livro de Victor Hugo liga-se aos grandes acontecimentos do tempo e da sua patria; o *Anno terrivel* é o grito de Tirteu gravando na Historia, para que nunca mais esqueçam, os ultrajes que a Allemanha infligiu á França, separadas por odios monarchicos extranhos aos dois povos irmãos; a *Historia de um Crime* foi o depoimento de uma testemunha sobre que se baseia a sentença de morte de uma dynastia de catastrophes. Feliz o homem que é uma das mais altas expressões do seu tempo, e mais ainda, que nos ensina a acreditar no futuro.

Quando a Europa celebrava o octogesimo anniversario de Victor Hugo, foi-lhe enviada de Portugal a seguinte mensagem:

(27 de fevereiro de 1881)

Os republicanos federaes portuguezes, a geração nova que sente que a liberdade e o futuro d'esta pequena nacionalidade dependem da autonomia e solidariedade consciente dos estados peninsulares, enviam d'este canto do occidente a sua vehemente congratulação ao grande Victor Hugo por occasião do seu octogesimo anniversario. Assim como o talento é a mais sympathica das heterogenias humanas, tambem a longevidade é uma he-

rança da natureza; a organisação do altissimo poeta moderno teve esta dupla distincção phenomenal; por isso Victor Hugo mereceu ser o iniciador da transformação das litteraturas modernas na éra activa do Romantismo, e fruir a singular ventura de ser a mais integra testemunha dos extraordinarios successos passados na Europa nas tres quartas partes do seculo da sua laboriosa existencia. Indicar ao mundo um ideal novo é muito, e o bastante para destacar na collectividade humana um nome que será repetido como um bemfeitor da especie; dar á consciencia atropellada pelo *crime glorioso* um appoio inabalavel do exemplo, é salvar o principio em que assentam todas as leis moraes, a dignidade. Fizestes isto, libertastes o sentimento europeu da auctoridade estulta das Academias, dando-lhe a verdade da natureza, e ensinastes á França a resistencia contra o cesarismo, sendo para o Occidente o fundador moral da Republica, que desde 1851 se conservou viva na vossa consciencia. Como testemunha do grande successo historico da Europa, vêdes pelo dom da longevidade tornar-se a achar esse sulco luminoso de 1789, perdido com os devaneios e traição napoleonicos, que motivaram os lamentaveis successos da retrogradação da Santa Alliança, e mais tarde ainda o vigor lendario do segundo Imperio que viveu explorando o regimen infame da guerra e da dissolução dos caracteres. A vossa voz foi ouvida sempre como protesto nos grandes desastres; pugnastes pelos fracos, e mais do que o heroico Rolland da gesta sublime, essa voz transpoz todas as fronteiras, eccoou em todos os espiritos, ligando-nos na confraternidade. Nós os

novos, do extremo occidente, crendo no futuro da *Federação latina,* saudamo-vos n'este dia como o obreiro que mais tem trabalhado para a fraternisação dos povos. e perante a vossa immortalidade garantimos a fructificação das vossas ideias e sentimentos. Os novos sabem o que devem ao vulto que representa a França no que ella tem de mais generoso, e que por isso concentra a hegemonia da civilisação moderna; a França que universalisa as ideias, a França que se regenera pelas instituições democraticas, a França que fecundou todas as litteraturas novo-latinas, ensinando como se idealisam os sentimentos mais sublimes do homem, a generosidade e o amor, nas suas epopêas e nas suas canções, a França que tirou a bem da dignidade humana todas as consequencias da éra revolucionaria e que hoje propaga a unanimidade das concepções positivas como o começo de um novo estado da consciencia, essa França, que todos nós amamos como o centro da civilisação occidental, está para nós representada em Victor Hugo.

O cidadão e o artista são egualmente grandes; o exemplo e a obra completam-se, porque mutuamente se inspiraram. O segredo da superioridade de Victor Hugo, está na profunda intuição com que soube exercer a elaboração poetica sobre os grandes factos sociaes do seculo XIX. Elle nos ensinou a amar a Edade-média, como a penumbra d'onde sairam as instituições modernas, e a admirar a Revolução; revelou-nos a *synthese affectiva* do passado humano, e tocou o problema do futuro, o da responsabilidade moral do individuo que progride reagindo contra a immobilidade da lei.

Victor Hugo foi a voz da França durante os vinte annos da abjecção do segundo Imperio, foi a voz da humanidade durante as carnificinas da Allemanha, que deshonram o seculo XIX. Os seus versos têm a magestade das Gestas frankas, e a suavidade do lyrismo provençal; na fé politica tem a tenacidade do bretão. A sua imaginação, sobretudo na paixão dramatica, é de hespanhol na audacia, e de portuguez na passividade amorosa; o seu esmero artistico lembra uma natureza italiana. Representante da França nas suas mais complexas caracteristicas, Victor Hugo é hoje o symbolo da convergencia moral das quatro nacionalidades occidentaes, cujos progressos terão de ser coroados pela federação no futuro. É n'este intuito que a moderna geração portugueza se associa com jubilo ás festas pelo anniversario de Victor Hugo.

(22 de maio de 1885)

Na morte de Victor Hugo, a imprensa democratica portugueza consagrou assim a sua nova existencia subjectiva:

Este passado insondavel, onde se tem accumulado todos os esforços, descobertas e conquistas que constituem as riquezas da Civilisação moderna, póde ser representado de um modo concreto pelas altas individualidades que, ou pela actividade, ou pelo sentimento, ou pela intelligencia, viveram mais para os outros do que para si, vencendo as fatalidades cosmicas, fortificando-nos pela concordia moral, e subordinando o nosso egoismo pessoal á

cooperação e á solidariedade como orgãos subalternos da Humanidade.

Para esses grandes homens a morte foi uma natural incorporação n'esse sedimento historico do passado, d'onde constantemente haurimos as forças vivas que transformamos nos progressos do presente. É por isso que, quando para o commum, para aquelles que viveram sómente para si, a morte é uma catastrophe lamentavel, para os que se elevaram acima da nossa especie, a morte converte-se em uma apotheose, é como que um nascimento para a immortalidade.

Exprimindo esta intuição da consciencia antiga, o christianismo considerava o nascimento dos martyres não no dia em que vieram á luz, mas n'aquelle em que com o seu sangue testemunharam a adhesão absoluta á doutrina; era esse o *natalis dies* que se celebra com festas.

Saindo da intolerancia dos dogmas religiosos, e entrando n'essa vastissima arena das luctas da Humanidade para tomar posse da terra, para dominar as leis da natureza, para ter consciencia de si mesmo e definir o seu destino, aquelles que dia a dia succumbem n'esta lucta interminavel bem merecem ser acclamados como triumphantes, porque os seus esforços já se não perdem indo accumular-se n'essa somma de impulsos, que são o nosso bem-estar, a nossa coragem, os meios definitivos da nossa evolução.

A morte de Victor Hugo não significa uma desgraça, nem uma perda nacional, mas sim o complemento de uma grande vida, que jámais se extingue, porque pelo seu trabalho artistico, pelo exemplo dos seus actos, todos

unanimemente a julgam digna de se incorporar n'este conjuncto do passado humano.

A sua vida, comprehendida n'estas duas datas, 1802 e 1885, é como a larga curva de um asteroide no espaço; liga-se intimamente ao meio social que a define, e nas suas relações intimas com a época, com um seculo de agitação e de organisação, é que melhor se alcança esse traço luminoso.

Em 1802, ainda a Europa se achava deslumbrada pelo forte abalo da Revolução franceza, que iniciára a transformação da edade moderna.

A crise foi geral a todo o Occidente, porque era a consequencia da dissolução crescente do regimen catholico-feudal que chegára ao momento previsto da catastrophe, porém a sua manifestação foi local, cabendo á França essa dolorosa iniciativa. Foi contra a França que se colligaram os velhos poderes, que se sentiam apeiados, destituidos, e sem destino perante o activo proletariado moderno e perante a sciencia experimental e positiva. Colligaram-se esses poderes, primeiramente coadjuvando a acção perturbadora da orgia militar de Napoleão, e depois apeiando-o da soberania em Waterloo, e erigindo a *Santa alliança dos Reis contra os Povos,* para restaurarem em todas as suas fórmas absurdas e criminosas o degradado regimen catholico-feudal.

É facto que os reis fizeram entre si a partilha dos territorios dos estados, perseguiram os pensadores, cercearam as garantias civicas, mas a Europa já não podia retroceder, e os despotas, para se equilibrarem nos thronos, tiveram de simular uma concessão de liberdades pu-

blicas n'essa instituição transitoria e falsa das Cartas constitucionaes.

Os novos poderes continuaram a definir-se cada vez mais nitidamente, resultando da intervenção do proletariado o principio e a applicação politica do *Suffragio universal,* e do desenvolvimento scientifico, a acção do vapor, dos telegraphos e das grandes maravilhas da industria, e simultaneamente a renovação mental pelas doutrinas do evolucionismo e pelas concepções positivas. A acção de todos estes novos elementos fez-se sentir em uma reorganisação social, de que a Revolução e a Republica de 1848 foram o symptoma local.

Pela segunda vez os velhos poderes, já sem destino na civilisação da Europa, trataram de perverter este movimento espontaneo, revigorando a tradição napoleonica, e trazendo do covil da Inglaterra um Bonaparte para atraiçoar essa Republica, que se propagava com um extraordinario perstigio. D'aqui proveiu o chamado segundo Imperio, nascido na ascorosa traição de 2 de dezembro, em que o presidente da Republica prende e degrada os deputados da nação, e extincto na lama de sangue e covardia de Sedan, em 1870.

As violencias passaram, e a França tornou a achar a sua tradição heroica, a sua missão salvadora, proclamando a terceira Republica, com que se regenerou e se levantou das ruinas.

A grande éra de 1789 continua-se, depois d'essas assombrosas trepidações causadas pelos egoismos selvagens das monarchias coadjuvadas pelo clericalismo.

Entre o nascimento e a morte de Victor Hugo pas-

saram-se todos estes estranhos successos em que poucos viram claro, e em que muitos succumbiram no desalento. Aquella grande alma achou-se vibrada por todas as emoções de um seculo; e no vórtice de desencontradas correntes pareceu obedecer a todas ellas, até achar o sulco definitivo, ao serviço do qual poz a sua força de talento e de caracter, de civismo e de humanidade.

Filho de uma bretã realista e de um pae exaltado pelo militarismo napoleonico, educado por um padre voltaireano, isto bastava para desequilibrar-lhe o espirito, fazendo d'elle um homem capaz de se atirar á exploração cynica das restaurações e retrocessos da monarchia de direito divino ou das Cartas, e do imperio das bayonetas e do suffragio brutal das povoações ruraes.

Victor Hugo teve tambem a intuição do genio nas cousas sociaes: soube reconhecer que, apesar do crime triumphante, ha a eterna justiça que reivindica o seu curso imperturbavel. Separou-se da tradição monarchica e militar, e consagrou a sua acção á aspiração da Republica, e quando a França se sentia deslumbrada pelos ouropeis do segundo Imperio, elle foi a grande voz que stygmatisou essa mentira, e no isolamento de Jersey esperou convicto o momento em que a marcha normal dos successos puzesse em relevo a visão da sua consciencia.

Victor Hugo teve o dom merecido de ser testemunha do desabamento de um regimen de crimes e embustes, e os seus brados sublimes dos *Chàtiments* e do *Napoléon le Petit* completaram-se n'esse epitaphio que revolve os mortos, a *Histoire d'un Crime*.

A obra de Victor Hugo foi exclusivamente artistica, e por isso exerceu uma influencia universal; filho e herdeiro da Revolução, poz a arte ao serviço dos sentimentos generosos, emancipando os talentos da falsa imitação classica, e abrindo á livre inspiração o campo da naturalidade espontanea. Elle foi um dos grandes iniciadores do Romantismo, em que as litteraturas modernas, em vez de serem uma parodia academica dos monumentos poeticos da Grecia e Roma, se transformaram, idealisando as tradições nacionaes.

Sob este aspecto, Victor Hugo pertencia ainda á geração dos epigones, dos Goëthe, Schiller, Byron, e a sua existencia era a reliquia veneranda que nos punha em contacto directo com uma grande época.

Quando depois de 1848 os problemas sociaes preoccuparam os homens de sciencia, Victor Hugo, aproveitando-se do seu desterro voluntario de Jersey, deu a fórma artistica a esses problemas nos novos romances dos *Miseraveis*, *Homem que ri*, e *Trabalhadores do mar*. Sentindo que a edade e o perstigio do genio o tornavam em um poder espiritual na sociedade europêa, elle empregou o influxo de um tal perstigio, não em desalentar o seu tempo, nem em avigorar o passado, mas em pugnar pelos fracos, em arrancar muitas vezes do cêpo do carrasco victimas generosas.

Ligado a todos os successos de um grandioso seculo, a França viu n'elle a synthese do seu caracter nacional; e de facto Victor Hugo pelo desterro de Jersey ensinou-lhe a julgar a infamia do segundo Imperio, gravou na historia o protesto contra as carnificinas da Allema-

nha, no *Anno terrivel,* e insurgiu os espiritos contra o plano do golpe de estado de Mac-Mahon contra a terceira Republica na *Historia de um Crime.*

Victor Hugo era mais do que francez, a encarnação do genio occidental; os seus versos e o assumpto dos seus poemas lembram as fortes gestas frankas; o seu lyrismo tem ainda a casuistica provençal, cheia de imagens imprevistas, exprimindo a paixão hespanhola com um esmerado primor artistico dos artistas italianos. Sobretudo esta feição avulta no drama, em que o *imbroglio* e a *capa y espada* se alliam tão bem no *Hernani,* no *Ruy Blas,* no *Roi s'amuse.*

Da sua ascensão constante, Victor Hugo, que não chegára a emancipar-se de uma metaphysica incoherente da época dos ideologos, nem do deismo da época revolucionaria, coroou a sua bella existencia cantando o ideal positivo da Humanidade na *Lenda dos Seculos,* e morrendo sem padres.

A unanimidade com que a Europa inteira prestou a homenagem de consagração á memoria de Victor Hugo é um symptoma consolador, de que o sentimento humano se desvia dos fetiches, que só inspiram paixões anarchicas, dedicando-se áquelles sêres que melhor exprimiram a nossa solidariedade e que mesmo na morte são ainda estimulos de concordia.

2. Balzac e o naturalismo no Romance

Depois da renovação da poesia lyrica por Victor Hugo, ainda subordinada aos effeitos convencionaes das ima-

gens, Balzac elevou-se á perfeita idealisação da vida moderna, com todo o saber para realisar essa synthese artistica no Romance, como o Homero antigo se achava possuidor de todos os conhecimentos necessarios para representar a Edade heroica em uma Epopêa. Esta complexidade do seu sêr moral que se adaptava ás variadas paixões de um agitado meio social para comprehendel-as e dramatisal-as, Balzac a define, retratando-se em uma carta, datada de 1828, á duqueza de Abrantes: «Eu observo-me, como o faço em relação a um extranho; n'estes cinco pés e duas pollegadas d'alto encerro todas as incoherencias, todos os contrastes possiveis, e aquelles que me julgarem vão, prodigo, cabeçudo, frivolo, sem persistencia nas ideias, fatuo, negligente, preguiçoso, calasseiro, sem reflexão, sem constancia alguma, fallador, sem tacto, grosseiro, malcreado, rabugento, de humor desegual, têm todos tanta razão como aquelles que poderiam dizer, que eu sou economico, modesto, corajoso, tenaz, energico, despretencioso, trabalhador, constante, taciturno, com perspicacia, delicado, sempre alegre; aquelle que disser que eu sou poltrão não errará mais do que me proclamar extremamente bravo, finalmente sabio ou ignorante, cheio de talento ou inepto; nada me espanta em mim. Acabo por acreditar, que eu não sou mais do que um instrumento que as circumstancias desferem. — Este kaleidoscopo provém, de que na alma d'aquelles que pretendem pintar todas as affeições e o coração humano, o acaso atira para ahi todas essas affeições, para que elles possam, pela força da sua imaginação tornar a sentir o que elles representam? E não será a observação

uma especie de memoria propria para auxiliar esta mobil imaginação? Coméço a crêl-o» [1]. O grande artista na vespera da sua crise mental de 1829 elevava-se á intuição da somma de capacidades que é preciso reunir para synthetisar uma civilisação. Antes da ideia fundamental da *Comedia humana,* que dá o maximo relevo a cada romance de Balzac, o processo de observação e representação do escriptor não foi immediatamente comprehendido, nem elle o attingiu senão ao fim de tenazes esforços. Zola descreve esta situação do artista que lucta: «Emquanto Victor Hugo triumphava, no esplendor da sua apotheose, o genio francez, em contínua fecundação, não ficava ali. Balzac tornava-se colossal tambem nas sombras em que as circumstancias o haviam collocado. A descendencia de Victor Hugo abortava, a descendencia de Balzac alargava-se, e tomava o seu logar ao sol. Foi assim que o movimento naturalista nasceu, este movimento naturalista que hoje enterra o Romantismo. A evolução era fatal, tudo devia convergir para este protesto contra a phantasia desgrenhada, para esta reacção do verdadeiro contra o falso. O seculo inteiro pendia forçosamente para uma litteratura de analyse, de inquerito, de documentos humanos» [2]. Balzac tirou do seu seculo a critica, a sciencia e a synthese necessarias para realisar essa transformação da ficção futil de uma phantasia ca-

---

1 *Correspondance,* pag. 56. (Œuvres complètes, t. XXIV).

2 Zola, *Documents littéraires,* pag. 55.

prichosa na representação que traz á realidade o drama do mundo moral. Mais uma vez torna elle a insistir na complexidade do seu sêr: «Ha em mim muitos homens: o financeiro, o artista, luctando contra os jornaes e o publico; depois o artista luctando com os seus trabalhos e os seus assumptos; ha finalmente o homem de paixão, que se estende n'um tapete aos pés de uma flôr, que lhe admira as côres e lhe aspira o perfume» [1]. Vejamos como se formou esta extraordinaria organisação adaptada á realisação futura da sua obra.

Balzac nasceu em 1799; veiu assim a dever o seu desenvolvimento ao nosso grande seculo, tendo presentes as tradições sentimentalistas e revolucionarias do seculo XVIII, as quaes formam quasi sempre a tela em que borda a acção dos seus romances, quando não é a sociedade da época da Restauração que macaquêa o antigo regimen, e que elle retrata com um primor e exactidão photographica. Seu pae era bom burguez, animado do sangue e da jovialidade gauleza, incansavel propagandista da saude; deveu-lhe Balzac o veio satyrico, rabelaisiano, pantagruelista, que transparece em muitos dos seus typos, sobretudo na creação fablionesca dos *Contes drolatiques*. Pela parte de sua mãe, dada á leitura de livros mysticos, recebeu Balzac os vapores do illuminismo swedenborgiano, que brilham em uma penumbra voluptuosa e aéria na *Seraphita*, no *Louis Lambert*, na *Peau de chagrin*, na *Catherine de Medicis*, e na maior parte

---

[1] *Correspondance*, pag. 214.

das suas especulações philosophicas. A alegria e expansão do genio de Rabelais alliaram-se maravilhosamente com as visões melancholicas de Saint-Martin e dos outros illuminados na alma de Balzac; lucta entre a abstracção e a realidade concreta, entre a pureza archangelica da Beatrice e a sensualidade de Gargantua, e este desaccordo harmonisado no seu espirito pelo triumpho da vontade, imprime-lhe no caracter a feição de humor sarcastico, mordente, voltaireano, implacavel, como se fosse um diabo travesso da Edade-média.

Por essa mesma complexidade de faculdades, Balzac teve um desenvolvimento vagaroso e insensivel; a familia chegou a duvidar do futuro do pobre rapaz contemplativo; os mestres classificaram-no como nullidade, visto que não chegava antes do tempo a um estalão brutal que os programmas officiaes impõem ás novas intelligencias em formação. Balzac veiu no *Médecin de campagne* a analysar este absurdo, que tencionava pôr em todo o relevo em um livro que não chegou a escrever e que intitulava — *Anatomia dos Corpos docentes*. Quando, depois de operado no seu espirito um labor mysterioso, de que mal teve consciencia, se sentiu disposto a entrar nos trabalhos litterarios, a familia e os velhos amigos da casa riram-se da ingenuidade do pobre rapaz. A amizade por sua irmã Laura proviera da confiança que ella tinha n'aquellas aspirações indefinidas. Em uma carta escripta em 1822 a sua irmã, confessa-lhe: «Mais algum tempo ainda, e existirá entre o *eu* de hoje e o *eu* de ámanhã a differença que existe entre o rapaz de vinte annos e o homem de trinta — não desespero de ser um dia alguma

cousa»[1]. Balzac trabalhava de um modo tenaz e sem esperança; o que escrevia era mediocre e sem plano, o que justificava a descrença dos que o procuravam afastar da litteratura. Que centenas de romances esboçados, terminados e rasgados! Bem conhecia que dentro em si estava alguma cousa de grande; não era ainda senhor da lingua, nem conhecia as fórmas superiores da arte litteraria que fixam eternamente os sentimentos. D'entre o tropel de romances sem intuito, não tinha ainda destacado o *Gil Blas* de Lesage, a *Manon Lescaut* de Prévost, o *Vigario de Wakefield* de Goldsmith e o *Tristam Shandy* de Sterne. A primeira lucta em que Balzac entrou foi comsigo proprio. Queria arrancar do blóco, de que falla Miguel Angelo, o homem lucido, inspirado, creador e grande, tal como nos apparece na *Comedia humana*. Balzac arcava com a inexperiencia, com a mediocridade, com a exiguidade de recursos, com a desconfiança dos outros, com o estado da litteratura então contagiada pelo falso sentimentalismo da Cottin, da Montaulieu, da Saint-Surin, e de outras madamas piegas, secundadas por d'Arlincourt, Baour Lormian e Ancelot, que fabricavam romances pastoraes, epistolares, patheticos, phantasticos e horripilantes, com historias russas, hungaras, gregas e chinezas, insulsas e desenxabidas, que tão admiradas foram no primeiro quartel d'este seculo.

O pobre Balzac trabalhava na sombra; escrevia e rasgava: assim aconteceu ao livro de *Stella*, ao de *Coq-*

---

[1] *Correspondance*, pag. 45.

signe, á comedia dos *Dois Philosophos,* ao drama de *Cromwell.* Quando se atreveu a sair a publico conheceu que este nome de Balzac viria a ser respeitado, e não se atreveu a assignar com elle os primeiros ensaios que atirou á publicidade. O romance *O Anonymo ou sem pae nem mãe,* publicou-o sob o pseudonymo de A. de Villerglé Saint-Alme, «ruim armadura que encobria o robusto Honoré», como diz Champfleury; o romance caiu no monturo das novellas de papel pardo dos fins do seculo XVIII. Mas não desanimava; o primeiro nome ficou desacreditado, afivelou uma segunda mascara, fez uma ultima encarnação com o nome de Horacio de Saint-Aubin com que assignou a *Ultima Fada.* N'estes ensaios litterarios, verdadeiros trabalhos forçados, acha-se a tenacidade do typo incomparavel de *Vautrin.* Não lucta ainda com a critica que o não conhece, nem faz caso da sua obra, lucta comsigo, com a sua incapacidade, com a carencia de estudo, com a falta de plasticidade essencial em todo o artista. Tem o sentimento, não o sabe ainda exprimir. É como uma gaguez intellectual que reage até conseguir explicar-se nitidamente. E venceu-se. Não ha a minima relação entre as obras da sua mocidade, taes como *Argot o Pirata, Joanna a Pallida,* o *Excommungado,* o *Vigario das Ardennas* com qualquer das paginas da *Comedia humana,* aonde se apresenta moralista como Montaigne, satyrico como Rabelais, sabendo o francez como Molière ou Corneille, e jogando com as paixões no drama das consciencias, como Shakespeare. Era esta transformação que o levava a confessar mais tarde: «Falla-se das victimas causadas pela guerra, pelas epi-

demias; mas, quem pensa no campo de batalha das artes, das sciencias e das lettras, e quanto os esforços violentos para ahi triumphar, amontoam mortos e moribundos? N'este redobramento de trabalho que me agarrou, instigado, como me acho pela necessidade, nada me alenta. Trabalho e mais trabalho! noites abrazadas succedem-se a noites abrazadas, dias de meditação a dias de meditação, da execução á concepção, e da concepção á execução!» [1]

De 1827 a 1848 decorre o periodo do trabalho mais violento, desesperado e grandioso de Balzac. Cada anno é assignalado por novas concepções artisticas, para a critica militante o assaltar com atrocidade. Balzac fia-se na sua robusta e excepcional organisação: «Nunca, diz elle em uma carta, a torrente que me arrebata foi mais impetuosa; nunca uma obra mais magestosamente terrivel dominou um cerebro humano. Eu lanço-me ao trabalho como o jogador para o jogo; eu não durmo mais do que cinco horas; trabalho dezoito, e chegarei morto...» [2]

Quasi todos os que liam romances estavam acostumados a vêr esta fórma capital da arte moderna tratada por escriptores sem faculdades analyticas, sem intuito na invenção, e só procuravam n'essas obras mais uma diversão passageira de mero desenfado, do que a elevação e o gozo edificativo que deixa a emoção do bello. Sob esta predilecção da novella banal, era facil confundir

---

1 *Correspondance*, pag. 219.
2 *Correspondance*, pag. 231.

Balzac com um d'estes patranheiros que escrevem romances para divertir o publico, como o acrobata que saracotêa na corda bamba; já vimos o que pensaram d'elle Alexandre Herculano e Amorim Vianna, quando os eccos do seu triumpho supremo ainda cá não tinham chegado; Janin e Sainte-Beuve mostraram-se-lhe hostis. Que maior afflicção para o homem que trabalhava desinteressado e com fé! teve de vencer o preconceito: «eu construi a minha obra no meio de gritos de raiva, de fuzilarias litterarias — com mão firme e socegada».

Era preciso reagir contra a degradação do gosto litterario. O estado da litteratura por 1829 era desolador; o ultra-romantismo entrára na intensidade da agonia. D'Arlincourt imperava ainda, e todo o séquito de auctores de romances sentimentaes e tetricos, no meio dos quaes o apparecimento de Paul de Koch foi como que um protesto do bom senso, contrapondo ás ficções idyllicas e cavalheirescas de um mundo de convencionalismo, as realidades crúas da vida burgueza. No emtanto já existiam obras primas do romance moderno, que suggeriam uma nova fórma de idealisação, e d'onde teria de saír o typo definitivo d'esse genero litterario; basta apontar o *Adolpho* de Benjamin Constant, a *Corina* e a *Delphina* de M.me de Staël, os *Noivos* de Manzoni, a *Formosa donzella de Perth* e *Waverley* de Walter Scott, o *Rouge et Noir* de Sthendal, os *Contos* de Hoffmann, o *Wilhelm Meister* de Goëthe e o *Cinq-Mars* de Alfred de Vigny.

Foi pelo conhecimento d'este veio aurifero, que se operou a transfiguração de Balzac, quando: «comprehen-

deu o lado magnifico do Realismo, no romance. A vida real, a sociedade tal qual é, o mundo com os seus accessorios, a representação dos sentimentos e dos desejos, a acção das paixões dirigida segundo o humor e a natureza dos individuos, poetica em uns, illusoria, interessada, instructiva, brutal, exquisita, delicada em outros, o drama do coração e do corpo, a agitação das ideias conforme as cabeças, eis os estudos que elle quiz deixar sobre o seculo XIX» [1]. Balzac não foi logo comprehendido: a opinião e o gosto andavam desvairados. A carta do *Pays du Tendre* estava aberta em toda a Europa, e por ella viajavam solitarios fazendo exclamações melancholicas, em perpetuo idyllio florianesco, ou para mais cocegas de emoção, com castellos feudaes, toques mysteriosos da meia noite, embuçados e subterraneos com esqueletos, servindo de quadro as aventuras de um amor contrariado. Era a persistencia do gosto do seculo XVIII; falso em muitos dos seus principios politicos, como a escóla de Rousseau, fez da Litteratura uma vibração de sentimentalismo nauseabundo; a energia confinára-se na transformação social, e toda a energia era pouca para assentar as bases das instituições modernas. A grande pugna conhecida pelo nome de *Classicos e Romanticos* foi como que o prolongamento da Revolução, para se conseguir a emancipação do sentimento. Balzac systematisou os esforços até elle operados no dominio do romance; em vez dos discursos enfadonhos, alambicados, dos sentimentos

---

[1] Armand Baschet, *Honoré de Balzac*, pag. 83.

tenues e pudicos das Zelias, das Isauras, das Lauras e Inesillas, das Malvinas, em vez d'essas historias tristes, alcunhadas de moraes e allegoricas, em que se retrata a força da sympathia ou o perigo das paixões, a afflicção confortada, a fidelidade conjugal, ou o ciume indiscreto, classificadas de historias, hespanhola, allemã, ingleza, americana, etc., que ainda jazem em um ou outro cesto de costura de alguma sexagenaria, Balzac varreu todas estas figuras recortadas á tesoura do dominio da arte, como Gulliver sacudira de si os habitantes de Liliput, e apresentou a realidade, a verdade e a vida. Vemos hoje esse triumpho e achamol-o natural, sem attender que resultára de vinte e sete annos de lucta constante sem repouso, contra a critica malevola, contra a especulação dos livreiros, contra o que por todas as fórmas punha em duvida o seu talento. Solitario, no meio da grandeza de Paris, pobre e desprezado, viu-se no vigor dos annos supplantado debaixo do egoismo de uma sociedade grande, e teve como Robinson de inventar tudo para si. Ninguem trabalhou com mais boa fé, ninguem luctou com menos esperança e mais tenacidade. Desamparado, incansavel benedictino, mineiro no fundo do algar escuro, fazia como Ariosto quando architectava os palacios phantasticos do *Orlando;* organisou uma sociedade inteira dentro da qual vivia; formou novas creaturas, outras almas, outras consciencias com quem tratava e por quem se interessava. Quando em 1833 publicou uma maravilha de arte indiscutivel, a *Eugenia Grandet,* os detractores, não podendo negar-lhe o talento, tiraram d'ahi partido para o rebaixarem novamente, dando tudo por elle publicado até áquella

data como inferior á obra prima, que deixára o genio do escriptor para sempre exhausto. Ha certos preconceitos entre o vulgo, que a critica de má fé aproveita para deprimir irremediavelmente aquelle contra quem se arma; se um talento que na pintura se revelou pela paizagem, vier a tratar um assumpto historico magistralmente, não faltará quem lhe grite: não é aquelle o seu genero. Se se revela como lyrico, e o lyrismo não exclue o conhecimento do direito ou da historia, ao manifestar-se superiormente em qualquer d'estas sciencias, bradam-lhe logo: está deslocado. Quando concedem um pouco de talento para uma cousa é com exclusão absoluta de tudo o mais. Balzac deixava ás vezes de apparecer em publico mezes inteiros; trabalhava noite e dia em habito de benedictino, excitando-se com café, para dar conta dos seus compromissos para os jornaes e livreiros. Desbaratava a vida, minando a sua valente organisação. Com que mágoa escrevia a sua irmã Laura Surville, contando-lhe os transes por que passava: «quando trabalho, esqueço as minhas dôres, e é o que me vale. — O tempo que anteriormente durava a inspiração produzida pelo café diminue; agora não me dá mais do que quinze dias de excitação ao cerebro, excitação fatal, que me causa horriveis dôres de estomago. É o mais que Rossini lhe attribue pela sua parte. — Que energia não é preciso para conservar a cabeça lucida quando o coração soffre tanto! Trabalhar de dia e de noite, vêr-se sem cessar atacado, quando eu carecia da tranquillidade do claustro para os meus trabalhos! Quando virei a tel-a? na cova ao menos... então me farão justiça, assim o espero!... as mi-

nhas melhores inspirações brilharam sempre em demasia nas horas de extremas angustias, e hão de resplandecer depois». Balzac já se achava possuindo o dom da visão para dentro das consciencias; e esta capacidade de alcance no mundo moral, achava-se em harmonia com o poder da objectividade, ou da representação descriptiva da realidade. Elle tinha viajado pela França para poder descrevel-a nos seus quadros; estudára a lingua franceza nos velhos monumentos litterarios e modulava-a com a magestade de Bossuet e a paixão de Rousseau. Uma voz intima incitava-o para uma empreza gigante: lançou um olhar d'alto sobre a sociedade moderna e passou-lhe pela mente a vertigem de descrevel-a, de analysal-a, de synthetisal-a, na linguagem da burguezia dominante — a prosa.

Se houvesse um cataclismo social, semelhante ao que se deu no seculo v, quando as tribus germanicas assolaram a Europa occidental apagando os esplendores da civilisação romana, se se eclipsasse a moderna civilisação, bastava essa estupenda epopêa burgueza intitulada a *Comedia humana,* para delatar ao futuro todos os nossos progressos na riqueza, no luxo, nos costumes domesticos, na vida social e nas relações privadas, nas sciencias naturaes, nas paixões mais occultas e tenebrosas, nas grandes questões e interesses que agitaram a alma humana na primeira metade do seculo XIX. N'isto está o sello do genio: em uma obra limitada imprimir uma feição synthetica que faz sentir o universo. Alli as palavras são como fórmulas onde estão contidas verdades para se desenvolverem. Mas a attenção que exigiam

os retratos parciaes de cada paixão, e o drama de cada situação não lhe deixaram vêr á primeira o vasto plano da *Comedia humana.*

Este plano tempestuava-lhe na cabeça: «como um sonho, como um d'estes projectos impossiveis, que se acariciam e que se deixam voar; uma chimera que sorri, que mostra o seu rosto de mulher, que desprende as azas remontando-se para um céo phantastico. Mas a chimera, como muitas chimeras, muda-se em realidade, tem suas ordens e tyrannias a que é forçoso obedecer». No dia em que se desenhou no seu esplendor ao espirito, Balzac sentiu em si a immortalidade; não a disse, mas andava alegre, ria-se, mostrava-se contente, satisfeito, de boa vontade. Quando Vico, doente e na miseria, se encostava ás vezes com os cotovellos em cima do livro a *Sciencia nova,* parecia-lhe que se debruçava sobre um pedestal; Balzac erguia na *Comedia humana* um monumento, cujos detalhes deslumbram pelo poder creador, mas que se torna surprehendente pela concepção geral. O pensamento da *Comedia humana* liga-se a um grande successo intellectual do nosso seculo, a gigantesca lucta de dois principios sustentada por Cuvier e Geoffroy Saint-Hilaire perante o Instituto. Eram duas concepções syntheticas inconciliaveis, que se encontravam fortificadas com as suas provas scientificas. Essa lucta apresentou tres phases capitaes: a primeira, quando Lamarck, nas *Investigações sobre a organisação dos Corpos vivos,* em 1801, e mais fundamentalmente na *Philosophia zoologica,* em 1809, abandonando as idéas theologicas sobre a creação, explicou pela relação das espe-

cies e sua differenciação o typo primario da evolução organica. Estas doutrinas foram logo abafadas pela reacção neo-catholica do principio do Primeiro Imperio e da Restauração, da qual Cuvier e Blainville foram, apesar dos seus enormes serviços, os instrumentos officiaes retrogrados. Lamarck morreu cego, pobre e desconsiderado; Cuvier foi senador.

A segunda phase d'esta grande lucta de duas concepções que se apresentam a reger o mundo, deu-se em 1830; Cuvier, na sua orthodoxia scientifica, achou de frente o eminente naturalista Geoffroy de Saint-Hilaire, em uma sessão da Academia, em 22 de fevereiro de 1830, e após vehementes conflictos doutrinarios a explosão da necessidade e dos elementos de uma nova synthese biologica rebentou em 19 de julho d'esse mesmo anno. Haeckel descreve assim o estado da questão: «Na sua qualidade de chefe da philosophia da natureza, Geoffroy defendia a theoria da evolução natural e a concepção unitaria ou monistica da natureza. Affirmava a variabilidade das especies organisadas, a commum descendencia das especies a partir de uma fórma ancestral unica, ou a unidade de plano de estructura, para fallar a linguagem de então. Cuvier era o adversario mais decidido contra esta concepção, e pelo que fizera anteriormente (em relação a Lamarck) não podia proceder de outra fórma. Precisava demonstrar, que a philosophia da natureza não estava por modo algum habilitada para tirar das materias scientificas existentes no dominio experimental uma tão larga conclusão; dizia que a pretendida unidade organica ou de plano não existia. De-

fendia a concepção teleologica ou dualistica da natureza, e pretendia que a invariabilidade das especies era a condição essencial para a existencia de uma historia natural scientifica. Aos olhos das maiorias, Cuvier pareceu ganhar a victoria, e isto influiu no abaixamento da philosophia da natureza e no triumpho do methodo puramente empirico durante os trinta annos que se lhe seguiram» [1]. O apparecimento da obra de Darwin, a *Origem das Especies*, em 1859, determina esta terceira e luminosa phase do grande problema, que tinha ficado em descredito pela auctoridade da sciencia official; só o talento e a severidade de Darwin poderiam restituil-o outra vez á sua importancia, tornando a questão da origem transformista das especies o nucleo dos problemas mais fundamentaes entre as questões d'este seculo.

É portanto n'este segundo momento da gigantesca lucta da synthese theologica e da synthese scientifica, entre Cuvier e Geoffroy, que o romancista Balzac se apodera da luz da nova concepção e penetra com ella audazmente no mundo moral. Esse acto genial de audacia é que lhe fez comprehender a *Comedia humana*. Não nos admira que o poeta e philosopho Goëthe ligasse quasi no ultimo anno da sua vida uma maxima importancia ao problema debatido entre os dois sabios francezes, deixando de parte as noticias da queda de um throno, para lêr o compte-rendu da sessão de 19 de julho

---

[1] Haeckel, *Histoire de la création des êtres organisés*, pag. 77.

de 1830, na Academia: «Mas o que ha de mais importante é o methodo synthetico em historia natural, que Geoffroy acaba de inaugurar em França. Pelo facto de uma livre discussão na Academia, em presença de um numeroso auditorio, a questão pertence já ao publico; é impossivel desembaraçar-se ao presente d'ella por uma exclusão secreta; já não a poderão addiar, nem abafar» [1]. A critica de Goëthe foi verdadeira e assim aconteceu. Balzac procedeu á applicação do principio supremo para a differenciação dos caracteres moraes; no plano geral que poz á frente da *Comedia humana* em 1842, referia-se ao grande debate e á influencia a que obedecera: «Seria um erro julgar que a grande polemica, que n'estes ultimos tempos se levantou entre Cuvier e Geoffroy Saint-Hilaire, assentava sobre uma innovação scientifica. A *unidade de composição* occupára já sob outros termos os maiores espiritos dos dous seculos precedentes. — O animal é um começo, que toma a sua fórma exterior, ou para fallar mais exactamente, as differenças da fórma, nos meios em que elle tem de desenvolver-se. As especies zoologicas resultam d'estas differenças. A proclamação e a sustentação d'este systema, demais, em harmonia com as ideias que formamos da potencia divina, serão a eterna honra de Geoffroy Saint-Hilaire, o vencedor de Cuvier sobre esta parte da alta sciencia, e cujo triumpho foi saudado pelo ultimo artigo que escreveu o grande Goëthe. — Penetrado d'este systema muito antes dos deba-

---

[1] *Entretiens de Gœthe et d'Eckermann*, pag. 272.

tes que elle provocou, sob esta relação a sociedade parece-se com a natureza. A sociedade não faz do homem, segundo os meios em que a sua acção se exerce, outros tantos homens differentes, como as variedades em zoologia? As differenças entre um soldado, um operario, um administrador, um advogado, um ocioso, um sabio, um estadista, um negociante, um marinheiro, um poeta, um mendigo, um padre, são, ainda que mais difficeis de estabelecer, tão consideraveis como as que distinguem o lobo, o leão, o jumento, o corvo, o tubarão, o hippopotamo, a ovelha, etc. Existiram e existirão sempre em todos os tempos as especies sociaes, como existem as especies zoologicas». Balzac desenvolve esta ampliação de um principio de zoologia aos typos e caracteres sociaes, com a superioridade de um homem de sciencia. Assim chegou á comprehensão da necessidade da formação da synthese moderna, para a qual deviam tambem contribuir todas as obras de arte. É por isso que, explicando a Felix Davin a necessidade de um pensamento fundamental em toda a obra do espirito, dizia: «Não basta ser um homem, é preciso ser um systema. — O genio não é completo senão quando reune á faculdade de crear, o poder de coordenar as suas creações» [1]. E applicando este principio philosophico ao Romance, mostra o lado fraco de Walter Scott, que em toda a sua superioridade artistica não foi fecundado pelo influxo de uma synthese. De anno para anno essa synthese torna-se a maior

---

[1] *Histoire des Œuvres de Balzac*, pag. 50.

necessidade do espirito moderno, que se debate em um prolongado negativismo contra o regimen do passado, e espera a cada momento que lhe esbocem a nova construcção sobre que harmonise os seus sentimentos, opiniões e actos. O pensamento da *Comedia humana* é genial; Balzac funda-o na comparação da animalidade com a humanidade; assim como a fórma animal tem uma unidade de typo, em que as circumstancias do mundo exterior influem produzindo a variedade, tambem a alma do homem una no seu principio é modificada pelos diversos meios sociaes em que evoluciona. Aos trabalhos dos naturalistas, que estudam a animalidade em cada especie, em cada individuo, ás vezes resto de uma ordem já completamente extincta, faltava contrapôr-lhe uma relação, o estudo do homem moral primitivo por meio de uma analyse lenta e minuciosa, sobre as suas concepções, sobre os seus actos, sobre as suas paixões, funcções verdadeiras de tempo, da sociedade, do clima, do regimen e da profissão em que dispendem a vida. A obra de Balzac dividiu-se naturalmente em tres vastos cyclos: os *Estudos de costumes,* em que se agrupavam os factos produzidos sob a pressão do meio social; os *Estudos philosophicos,* em que se conflagram os principios, as leis da consciencia, a influencia externa das instituições ou interesses e opiniões systematisadas; e os *Estudos analyticos,* que Balzac não teve tempo de finalisar, e em que tirava as suas conclusões, aos quaes ligaria a *Pathologia da vida social,* a *Anatomia dos Corpos docentes* e a *Monographia da Virtude.*

A morte prematura de Balzac em 1849 não o dei-

xou assistir ao desenvolvimento completo das theorias da organisação, apresentadas por Darwin, em que a doutrina da selecção explica a transmissão das modificações produzidas na linha dos descendentes. Este novo aspecto lançou uma nova luz nos phenomenos moraes, de que se soube aproveitar o audaz escriptor Emilio Zola. O principio da hereditariedade organica é o mesmo que na hereditariedade psychologica. O avô do proprio Darwin, medico notavel do seculo passado, Erasmo Darwin, publicou em 1794 o celebre livro da *Zoonomia*, em que com uma certa audacia tentava estabelecer a synthese biologica; Haeckel notou esta circumstancia para fazer sentir o phenomeno da hereditariedade psychologica no sabio que conseguiu renovar as sciencias biologicas, retomando esses problemas desacreditados desde 1830. Carlos Darwin fôra levado á consideração d'estes problemas em consequencia da sua viagem no Beagle, impressionado pela distribuição dos povos que habitam a America meridional, e pelas relações que existem entre os habitantes actuaes e os habitantes extinctos d'este continente; no regresso a Inglaterra em 1837 começou a coordenar as suas notas, redigindo em 1844 sob fórma de memoria o primeiro esboço do seu trabalho. Assim como no fim do seculo passado, os grandes naturalistas independentemente e simultaneamente se acharam trabalhando nas deducções da taxinomia organica, a mesma circumstancia se repetiu no seculo presente, sendo este facto extraordinario o que provocou a publicação em 1859 do livro de Darwin sobre a *Origem das Especies*. Um outro naturalista inglez, Albert Russel Walace, em ex-

ploração scientifica no archipelago malaio, remetteu em 1858 á Sociedade Linneana de Londres um trabalho sobre a *Selecção natural;* Darwin, para não perder a prioridade das suas descobertas, de que eram conhecedores desde 1844 Lyell e Hooker, condensou a melhor parte das suas dissertações no livro da *Origem das Especies,* reservando para mais tarde a publicação da obra fundamental. As ideias de Darwin foram então confrontadas com as theorias de Lamarck, com vantagem para o profundo observador inglez. Huxley resume em poucas palavras as duas syntheses zoologicas: «Para Lamarck é um facto physiologico, que a acção faz augmentar a dimensão dos orgãos, que se atrophiam pela inacção; é tambem um facto physiologico, que as modificações produzidas se transmittem aos descendentes. Por consequencia, se vós mudaes as acções de um animal, mudaes-lhe a sua estructura, activando o desenvolvimento das partes novamente postas em uso, fazendo diminuir aquellas que não são mais empregadas; mas, modificando as circumstancias que rodeiam o animal, mudaes as suas acções, d'onde resulta que com a diuturnidade uma mudança de circumstancias deve produzir uma mudança de organisação. Por este motivo, todas as especies animaes são, segundo Lamarck, o resultado da acção indirecta de mudança de circumstancias sobre estes germens primitivos que se tinham produzido originalmente, segundo elle, por gerações espontaneas no seio das aguas do globo». Em seguida Huxley caracterisa a theoria de Darwin: «A hypothese darwiniana tem o merito de ser muito simples e facil de comprehender, e

os seus pontos principaes podem-se resumir em muito poucas palavras: todas as especies provêm do desenvolvimento de variedades saídas de troncos communs, pela conversão d'estas primeiras variedades em raças permanentes, depois em especies novas, pelo processo da *selecção natural*, processo essencialmente identico ao da selecção artificial, por meio do qual o homem dá nascimento ás raças dos animaes domesticos. Na natureza a *lucta pela existencia* substitue o homem e exerce, no caso da selecção natural, a acção que elle pratíca com a selecção artificial». Como nota Huxley, Lamarck não considerára a importancia do phenomeno da lucta pela existencia, facto positivo d'onde Darwin tira a maior somma de deducções. Entre as differentes objecções formuladas pelos biblicistas e pela sciencia official contra a theoria transformista, é a mais forte o facto evidente na natureza da persistencia dos typos das especies existentes: como poderiam os organismos transformar-se (e transformaram-se, como se prova pelos orgãos atrophiados ou sem destino, e pelas phases embryonarias) e suspenderem essa faculdade para se immobilisarem depois em typos definidos? Uma grande lei de movimento existe na natureza, que concilia esta antinomia apparente. Os movimentos, segundo a lei mechanica de Maupertuis, exercem-se no sentido da *menor resistencia;* uma vez formado o organismo na sua condição primeira, os movimentos materiaes procuram a sua direcção no sentido da maior facilidade, e d'aqui a formação de typos que se modificam ou *variam* com a acção do meio, ao qual se adaptam até que os movimentos materiaes alcançam o seu

equilibrio ou estabilidade. Portanto o *transformismo* não é uma consequencia da especie, mas sim a modificação operada pelos movimentos materiaes que procuram a sua direcção no sentido da menor resistencia; uma vez achada essa direcção, o movimento resiste ás variações accidentaes do meio cosmico, e assim a força que fazia com que os organismos se alterassem e se adaptassem, é a mesma que por seu turno coadjuva a estabilidade morphologica mantida pelo impulso da hereditariedade. Darwin revolucionou todas as sciencias biologicas, tirando-as da estreiteza descriptiva dos colleccionadores, e dando-lhes um ponto de vista deductivo. O seu methodo critico fez um novo progresso na logica, e a palavra *evolução* exprime o mais alto gráo de positividade mental, a ponto de para muitos espiritos se tornar a base de uma philosophia. Herbert Spencer applicou á Moral a theoria de Darwin. Ninguem encheu mais o mundo com a discussão das suas ideias, e comtudo ninguem viveu mais pacificamente concentrado no isolamento das suas meditações. Darwin é o verdadeiro typo do poder espiritual; a sua vida educa-nos tanto como a sua obra nos instrue.

A acção da obra de Darwin, resumida no seu livro a *Origem das Especies,* exerceu-se do modo mais geral e profundo na Europa pelas fecundas deducções que veiu suscitar na comprehensão do problema da vida subordinada á fórma da evolução organica. A Allemanha levou essas deducções ás superiores concepções de Haeckel na *Creação dos sêres organisados* e na *Anthropogenia,* e de Schleiger sobre a applicação da theoria transformista

aos phenomenos da linguagem. A obra de Darwin consiste principalmente na pasmosa accumulação de factos inductivos para estabelecer por deducção qual o caminho ou processo natural da origem e successão dos typos das especies. É o genio inglez posto em evidencia; tambem a grandeza de Newton, como o prova Lange, consiste mais na somma de factos accumulados para a lei da gravitação, do que nas deducções derivadas d'este facto fundamental. É como espiritos inductivos, que a Inglaterra apresenta escriptores como Bain, Spencer, Huxley, Tyndal, Groves, Thompson, que têm revolucionado pela sua critica dos factos concretos as sciencias physicas, biologicas e sociologicas.

Quando a Arte cria as grandes syntheses, o trabalho é mais de invenção; desapparece a analyse por falta de realidade. A *Divina Comedia,* o quadro do *Juizo Final,* ou o *Fausto* pouco tinham a pedir ao mundo exterior; bastava a comprehensão da lucta entre o papado e o imperio, e o esboço de um novo poder espiritual nas sciencias que se elaboravam, algumas observações de anatomia, e as ideias geraes da Philosophia da historia que despontaram no começo do nosso seculo, para darem ao genio o elemento sufficiente sobre que fundar cada uma d'essas obras primas. Na *Comedia humana,* as circumstancias exteriores, os accessorios, são tão vastos e innumeros como as leis moraes e os factos psychologicos ahi observados: primeiramente, a parte descriptiva, a topographia dos sitios em que colloca a acção, não fallando da influencia local sobre o caracter do individuo; a descripção minuciosa de cada particularidade, a rua, o

edificio, a época historica, a profissão, a technologia, os costumes, os successos que agitam a opinião do tempo; a cada typo a linguagem propria do estado e da situação, revelando o caracter, a phraseologia juridica, como em *Cesar Birotteau,* onde está concentrada a peripecia de uma fallencia; os processos da chimica, como na *Recherche de l'Absolu,* na allucinação de Balthazar Claës procurando realisar a crystallisação do diamante, tal como a descobriu Desprès; a theoria metaphysica da *vontade,* como no *Louis Lambert,* ou a questão do espiritismo como nos *Rugieri;* a philosophia da musica, como no *Gambara;* a philosophia da pintura como no *Un chef d'œuvre inconnu.* Todas as sciencias alli apparecem na sua actualidade, desde os principios da hydraulica, expendidos na *Peau de chagrin,* até á theoria da hygiene praticada no *Médecin de campagne.* Os consectarios moraes surdem mais pittorescos, mais audaciosos e verdadeiros do que uma improvisação de *Neveu de Rameau;* ás vezes a maxima fica implicita na acção, revelando-se o principio no seguimento fatal, como na *Double famille.* Obra de uma vasta synthese e de uma analyse infatigavel, parece feita por um cyclo de homens, como os Homerides, ou como os medicos da eschola de Cos personificados em Hippocrates, e não por um só homem, solitario, guerreado, atraiçoado, sem meios de fortuna e morto na pujança da edade. A vida da Italia, o genio hespanhol, a alma gauleza, a vaga melancholia do norte, as revoluções burguezas da Edade-média, a politica de Luiz XI e de Catherina de Medicis, Balzac conhece tudo, os vicios e todas as feições cara-

cteristicas de cada época, de cada instituição, de cada individualidade. É uma organisação feminina, quando escreve as *Cartas de duas jovens casadas;* tem a persistencia do galeriano quando esculpe o vulto do forçado Vautrin; conhece todas as delicadezas do sentimento quando desenha essas creaturas immaculadas e soffredoras, como Pierrette, Margarida Claës, Eva Mortsauf, M.me Hulot, La Chanterei, Constança Birotteau e Eugenia Grandet. Quem muito ha soffrido muito ha vivido, dizia Balzac. Quem, como na *Comedia humana,* viveu a vida de uma sociedade inteira, e a deixou descripta desassombradamente e em traços immediatos, como Tintoreto quando pintava ás varas, não admira que succumbisse aos quarenta e nove annos, porque na realidade tinha soffrido muito.

Cada romance de Balzac é uma these moral, um problema social proposto ou resolvido. Não escreve á ventura; os personagens agrupam-se, fallam, agitam-se, mostram-se influenciados pelo meio em que vivem, são de uma logica inflexivel em tudo o que fazem; a acção desdobra-se lenta, sem peripecias convencionaes, sem situações abruptas para produzirem emoções ou prenderem a curiosidade; tem o desfecho natural, que ás vezes fica suspenso, como que incompleto. Mas o que o leitor perdeu em interesse e diversão de meras exterioridades, ganha em sentir-se levado por uma força que insensivelmente vae concentrando em si e lhe dá a visão plena da realidade; vae-o pouco a pouco fazendo assistir aos grandes e silenciosos dramas da consciencia, sente-se tambem actor n'esse ambiente, e parece-lhe que está

lendo em todas as almas. Desde então, os movimentos dos personagens tornam-se secundarios; e o que é o elemento essencial em todos os romances objectivistas, em Balzac torna-se um accidente, uma cousa que se dispensaria, se elle não tivesse de dar a fórma pittoresca, tangivel, á these moral que propõe para resolver. Como os reagentes, que pela acção mutua que exercem entre si a distancias inapreciaveis revelam ao observador as leis chimicas que regem o mundo, tambem os personagens de Balzac encontram-se na lucta pela existencia, e todos esses conflictos na fórma de amores, processos, crimes, perfidias são actos accessorios em que se manifestam leis do mundo moral. Como no *Menage de garçon* resalta o typo ou expressão da maternidade, ainda em instincto animal e egoista! D'aqui provém a vida e eternidade dos typos de Balzac, em nada inferior á potencia creadora de Shakespeare. O *Père Goriot* é na sociedade moderna o mesmo que o *Rei Lear* no regimen heroico das lendas da Edade-média; a lei do sentimento é identica nas duas edades, a differenciação resalta dos meios para os typos. Onde o seu genio se encontra mais de perto com Shakespeare, é no estudo da paixão mais violenta do coração humano — o ciume. Para a sociedade do seculo XVI está o *Othello,* como para a sociedade moderna a *Duqueza de Langeais;* o Mouro de Veneza não vê no crime imaginario de Desdêmona um ultraje pessoal, não é um ludibrio do seu amor que elle procura vingar; a situação particular em que se acha o fez juiz em tamanha injustiça, e bem contra vontade tem de executar a sentença: «Eis aqui a causa, eis a causa, oh

minha alma! — Comtudo, eu não quero lacerar esta cutis mais alva do que a neve, lisa como o alabastro dos tumulos! Não obstante, é forçoso que ella morra; senão, atraiçoaria mais gente. — Rosa, quando te tiver colhida, já não poderei dar-te outra vez a seiva vital, e tens de emmurchecer. Quero ainda outra vez respirar o teu perfume na haste. Oh halito embalsamado, que persuadiria quasi á justiça a quebrar a sua espada! Mais um beijo; só este». E Othello procurava vencer a fascinação profunda d'aquella belleza para impôr-se com tremendo acto de justiça. É essa a causa, é essa a causa, oh pobre alma! Balzac tocou o mesmo pensamento na paixão do impetuoso Montriveau, não pela imitação do tragico, mas pela intuição viva que tinha das leis do mundo moral: «Não lhe pude dizer nada; em presença d'ella falta-me o tino. Antonietta ignora até que ponto é vil e desprezivel. Ninguem se atreve a desmascarar esta creatura a si mesma. Sem duvida, que terá ludibriado bastantes homens; hei de vingal-os todos». O resentimento pessoal desapparece diante do sentimento de justiça. Othello e Montriveau são dous sêres sinceros e verdadeiros, que amaram com um amor pouco prudente; eram ambos inaccessiveis ao ciume, mas pungido uma vez o coração, desfizeram entre as garras a creatura fragil que os prendia á vida. O instincto da sexualidade, como o affirma Robin, põe em jogo o instincto da destruição e a morte; esses dois organismos ingenuos obedeceram-lhes. A aria plangitiva do salgueiro, cantada por Desdêmona como um presentimento de morte, inspira a tristeza irreparavel da romanza franceza *Fleure du Tage,* dedilhada

por Antonietta no orgão de um convento de carmelitas onde se sepultára para sempre. Eram fracas para tanto amor; quebraram-se nas mãos dos apaixonados que se arrebatam á primeira suspeita ou á primeira contrariedade. Quando vêm a conhecer a innocencia e pureza d'ellas é tarde já, e a dôr irremediavel fórma uma das mais definitivas caracteristicas do moderno romantismo.

Merece percorrer-se essa immensa galeria: na *Missa do Atheo,* descreve Balzac com uma verdade que só a realidade mais dolorosa lhe teria revelado, as duras privações por que passam estes luctadores desajudados, a quem mais tarde acclamam o homem de genio. É a confidencia do medico Desplein, personificação talvez do celebre operador Dapuytrain; alli revela a hostilidade contínua e a guerra surda que as mediocridades declaram ao homem de talento: se elle um dia mostra um pouco de vivacidade, tomam-no como irascivel; se lhe dóe a cabeça está ameaçado de loucura; se se queixa que o expoliam das suas ideias, dizem que quer fazer monopolio da sciencia; se procura distrahir-se com um passatempo vulgar, clamam que é um dissoluto; se cala comsigo as suas privações, é orgulhoso; se julga os outros, pintam-no como intratavel. E o pobre homem de genio passa torturado, desajudado, sem treguas na sua lucta. Foi assim Desplein; uma alma do povo, um miseravel aguadeiro, com as suas economias de annos, é que espontaneamente o ajuda nos estudos, dotando inconscientemente a sociedade com um homem superior. Na *Paixão no deserto,* mostrou Balzac, como sabia tambem observar a natureza animal; como estudo moral tem a

verdade das *Lettres sur les animaux* de George Leroy, e como quadro é mais alumiado pelo sol do oriente do que todas as composições de Horacio Vernet, e do que as musicas de Felician David. O estylo brilha como as areias diamantinas do deserto; o sentimento que traduz é um pantheismo scismador embalado pelo silencio e pela luz, um deslumbramento de alma, um cansaço. A panthera mosqueada, que se encontra com o soldado francez perdido no Saharah desmente os argumentos de Mallebranche contra a alma dos animaes; parece uma Messalina pelo capricho, uma Brunhild pela força e virgindade, uma Medêa pelo ciume. Como a arte na sua perfeição póde idealisar a natureza bruta e animal, attingindo a unidade sympathica!

Criado e retemperado na lucta, os typos de Balzac são quasi todos athleticos; pobre, e debatendo-se nas vagas de uma sociedade, em que o novo poder temporal se esboça nos banqueiros, que exercem o perstigio dos milhões, elle espalha diluvios de ouro na sociedade que se agita na *Comedia humana;* em vez dos combates dos antigos heroes em volta da fortaleza de Illion, ou de Jerusalem, aqui, como o disse Taine, dão-se rijas batalhas em volta de uma herança, por um testamento, por um dote. Na *Correspondencia* de Balzac ha este mesmo fervor e desvairamento pela riqueza, nos planos industriaes, nas luctas com os livreiros, chegando a deixar no espirito a desconsolação. O typo que se eleva acima de todos é o do forçado Vautrin, verdadeira synthese da moderna anthropologia criminal; tem em si recursos infinitos, forças inauditas para resurgir do orco architecta-

do pelas leis sociaes. Um dia Vautrin encontra Luciano de Rubempré, typo de litterato frivolo, malleavel, adaptado á perversão jornalistica, alma vazia que nas *Illusões perdidas* sacrifica Eva e David, e o amor da familia ao seu egoismo de querer figurar no mundo. Foi facil o pacto entre o forçado e o folhetinista; Vautrin, transfigurado em abbade hespanhol Carlos Herrera, vae-lhe fornecendo o dinheiro preciso para Rubempré hombrear na alta sociedade, quer por via d'elle governar e dominar na esphera que lhe está interdicta. Que infamias praticadas pelo folhetinista, em quem Balzac synthetisou os jornalistas dissolventes que encontrou na sua passagem! De transigencia em transigencia em que Rubempré se acha envolvido, não sabendo manter-se na altura em que o collocára a mão invisivel do forçado, cae suicidando-se sob o peso da vergonha em uma enxovia. No *Début dans la vie* apparece um typo analogo; no *Pierre Grassu* personifica Balzac os artistas condecorados, plagiarios sem vergonha, que fazem da arte uma mercancia, e que falsificam a opinião do publico impondo-lhe á admiração o mediocre. Nos *Funccionarios,* com que perfeição descreve os erros da administração moderna, e a impossibilidade de fazer alguma cousa de grande e de util n'este tempo em que a acção se gasta em relatorios e votações. Na *Casa Nucingen,* mostra o abysmo que ameaça a sociedade pelo abuso do credito. Emfim, a quasi totalidade dos typos que esculpe, José Brideau, David, Rastignac, Cesar Birotteau, Chabert, Savarus, Montriveau, Claës, Pons, Smucke, são naufragos da vida que luctam para se sustentarem; Pierrette, Ursula

Miruet, Eugenia Grandet, Margarida Claës, são creaturas soffredoras, fortes pela resistencia, mas santas, vaporosas e puras como as imagens hieraticas dos retabulos da Edade-média.

A vida de Balzac inspirou as bellas paginas de Desplein, na *Missa do Atheo;* o episodio de uma das suas paixões amorosas, a catastrophe da *Duqueza de Langeais;* a galeria preciosa do *Primo Pons* era a mesma com que o romancista se recreava na sua mansarda quando trabalhava sem esperança; os projectos industriaes de David, nas *Illusões perdidas,* são tomados das especulações que emprehendera e com que se arruinára; as phantasias mysticas de *Luiz Lambert* representam o esforço de coordenação das suas especulações philosophicas. Exhausto pela lucta, succumbe a uma lesão cardiaca aos quarenta e nove annos sem ter sido apreciado, nem remunerado. As grandes crises politicas do seu tempo occuparam as attenções sérias, a ponto de passar desapercebida a melhor parte da *Comedia humana.* Quando Victor Hugo proclamou á borda da sepultura do desgraçado luctador, que os seus livros formavam um livro unico, luminoso e profundo, em que se moviam com agitação e terror, em um tropel desvairado, todos os factos da civilisação contemporanea, escripto em todas as fórmas e estylos, o publico julgou aquillo uma exageração do poeta e deixou passar. É uma profunda fatalidade da nossa natureza, é uma imperfeição no conjuncto das leis cosmologicas, é realmente a negação de toda a teleologia, que um organismo que attingiu um desenvolvimento superior, que uma intelligencia que se elevou ás

mais lucidas concepções, sejam truncados, eliminados como qualquer outro aggregado molecular que vae entrar em novas combinações. É a persistencia d'este absurdo na harmonia da natureza que faz com que protestemos pelo sentimento contra a morte, sobretudo quando ella representa uma perda constante e irreparavel para o progresso da humanidade. A morte dos grandes homens, quando ella é prematura, como em Bichat, em Mozart, em Raphael, em Bellini, assemelha-se ao naufragio em que se afundam riquezas incalculaveis, de que a sociedade humana ficou privada; quando a morte decepa os grandes homens já na velhice, depois de terem assentado em bases seguras a sua obra, e aberto ao pensamento um novo sulco, lamentâmos a brutalidade das forças que quebram sem vantagem esse raro instrumento de elaboração de ideias, e que inutilisam essas extraordinarias aptidões adquiridas, até ao dia em que por novos e contingentes ensaios sejam outra vez substituidas. E emquanto o regimen da traição e embuste do Segundo Imperio preparava novo material de observação para Zola, a reputação de Balzac ia de dia a dia a engrandecer-se, ultrapassando as fronteiras da França como pertencendo á Litteratura universal. Quando em França se começava a edição monumental da *Comedia humana*, apparecia em Portugal a primeira tentativa de traducção de um romance de Balzac com o intuito de modificar as fórmas de idealisação d'este genero litterario, e effectivamente manifestaram-se escriptores que estudaram as obras de Balzac e se orientaram por ellas, constituindo uma nova eschola do Romance realista; embora, como diz

Alexandre da Conceição, «mais com o sentimento do realismo moderno, do que com a sua comprehensão ordenada e consciente».

3. Michelet, e a moderna comprehensão da Historia

Um dos homens a quem este seculo mais deve o conhecimento das instituições do passado d'onde se deriva o presente, e portanto o criterio seguro para as transformações moraes e sociaes, o homem que mais profundamente soube tirar da historia os protestos contra a violação da consciencia e contra a perversão da energia social, e por isso o que mais nos incutiu a liberdade da critica e o vigor para a resistencia, foi sem hesitação Michelet. A França, com todos os seus caracteres de generosidade e enthusiasmo, acha-se representada do modo mais completo n'este nome; é isto o que significa o monumento que se erigiu em Paris a este escriptor, para o qual contribuiram os paizes mais afastados, como a Rumania, e os pensadores de todas as escholas. Não ignorando quanto a geração moderna, que despontára em Portugal, deve á iniciação historica e philosophica de Michelet, que veiu tirar a nossa mocidade da imbecilidade fradesca, dar-lhe lucidez e ironia, revelar-lhe os contrastes das cousas, ensinal-a a apaixonar-se pela justiça e a investir-se da authoridade do julgamento diante do marasmo de uma politica de expedientes sem plano nem aspirações, não podémos, sem faltar a um dever de gratidão, deixar passar esse momento sem nos associarmos

á contribuição internacional do monumento consagrado a Michelet.

Reunindo-nos para fazer uma conferencia sobre os trabalhos historicos e litterarios de Michelet, como reconhecimento de uma divida da nossa geração, em verdade o confessamos, mais estimariamos que contribuissemos para um monumento nacional, que as nossas palavras fossem proferidas ácerca de uma gloria portugueza; mas o espirito alimentando-se de ideias, é como as plantas que se desenvolvem no sentido d'onde lhes vem a luz. No meio dos desalentos da anarchia mental e politica, os que se apoiam nas noções positivas da sciencia, para não asphyxiarem em um meio dissolvente e atrazado, refugiam-se em espirito junto d'aquelles que pelas suas descobertas e pela affirmação dos grandes principios nos asseguram que a humanidade não retrocede. E Michelet é um d'esses que levou maiores consolações a muitos obreiros isolados no fundo de suas minas.

Á medida que a sciencia vae accentuando sobre a sociedade moderna o seu poder espiritual, como o unico meio de estabelecer o accordo e a paz das consciencias, pelo seu lado os costumes publicos vão-se modificando n'esse sentido, acceitando do modo mais sympathico as commemorações civicas dos grandes obreiros da evolução humana, em vez d'esses typos ignorados do kalendario que foram santificados por se haverem sacrificado a uma esperança egoista. A celebridade publica está cansada de preconisar as reputações estereis, e as paginas da historia e os monumentos das cidades já se não consagram só aos privilegiados do nascimento, nem aos que tiveram

a impassibilidade das estupendas carnificinas. Um nome ignorado pela sua época encerra muitas vezes o porque das fórmas da civilisação, e esse nome é tanto mais eloquente na sua significação quanto está ligado a noções novas, descobertas por um esforço individual, que vieram determinar na sociedade um movimento progressivo. É por isso que as nações inauguram hoje as festas civicas dos seus pensadores, como nos centenarios de Spinosa na Hollanda, de Voltaire em França, de Cervantes em Hespanha, de Camões em Portugal, e as cidades levantam monumentos aos seus iniciadores nos dominios da sciencia, da industria e da arte.

O nome de Michelet, o typo sublime do livre-pensador, apesar de ter sido a encarnação da bondade brahmanica, acha-se mais ou menos ligado a um appello de combate. E a sua situação perante o seu tempo dentro da sociedade a que pertence, a opposição racional da sua intelligencia fecunda diante da esterilidade dos governos filhos das publicas calamidades, são o modelo para todo aquelle que quizer mais alguma cousa do que servir os partidos, e visar ao imperio da liberdade na consciencia, e da justiça na humanidade. Michelet recusou-se sempre á participação da auctoridade; systematicamente desviado de toda a acção politica e da minima aspiração ao poder, não foi extranho a nenhum acontecimento do seu seculo, teve o raro dom das previsões sociologicas, como o provou presentindo a revolução de 1848, e o desastre da França em 1870, dois annos antes da precipitação dos successos. Esta situação especial de Michelet deve considerar-se como o modelo a seguir por to-

dos aquelles que vêem um pouco mais longe do que a sociedade em que vivem, e a quem compete dirigil-a, e que conhecendo as necessidades do seu tempo de um modo mais claro do que os governos de expediente, tambem incumbe suggerir-lhes pensamentos e intuitos. Tal é a situação de Michelet como homem de combate, situação que tanto mais nos assombra, porque não conhecendo a disciplina positiva de Comte, a inteireza dos seus sentimentos o levou a caminhar sobre essa linha traçada ao poder da sciencia no celebre opusculo de 1819 a *Separação geral entre as opiniões e os desejos* [1].

Os governos, reservando-se sempre de um modo intolerante e repressivo o privilegio das opiniões politicas, não reconhecem que os povos têm aspirações naturaes ácerca do modo como são administrados; os governos, n'esta direcção, fortalecem-se com o poder indiscutivel ou absoluto, e os povos uma ou outra vez manifestam as suas aspirações abafadas por violentas commoções, a que se chama a demagogia.

Como justo equilibrio entre estas duas forças empiricas e fataes, duas soluções nos apresenta a marcha da historia; uma é de conciliação, por meio da fórma material da opinião das maiorias, como vemos realisado no constitucionalismo, a outra é uma solução racional pela primeira vez proposta pela Philosophia positiva. Pelo confronto d'estas duas soluções é que se vê qual será a de-

---

[1] No 1.º Appendice do tomo IV da *Politica positiva*.

finitiva, e qual encerra as condições organicas da ordem. Preoccupados com a sua conservação propria, e tirando á actividade social para exploração do estado muitas fórmas de trabalho individual, os governos são por sua natureza estereis; é preciso uma opposição permanente para que os fecunde pela critica, ou para que os substitua pelo compromminisso de novas garantias. Mas todas as vezes que as opposições aspirarem ao poder, a sua critica ha de ser sempre viciada pela paixão partidaria, e os compromminissos hão de ser tanto mais seductores quanto illusorios. Onde, então, uma verdadeira opposição systematica mas desapaixonada, desinteressada na sua critica, e sem ser illusoria nos seus alvitres? Essa opposição existe, e tal é o destino da Sciencia em qualquer das suas especialidades. É assim que ella sahirá da theoria para a pratica effectiva como um poder novo, o poder consultivo e espiritual, complemento indispensavel de todo o poder temporal. Hoje são os governos, que contra toda a ordem philosophica, disciplinam as sciencias com programmas obrigatorios intervindo nos quadros da instrucção publica; mas quando um dia se conhecer a missão desinteressada e pacifica das sciencias, estas dirigirão os governos, revelando-lhes quaes os phenomenos sociaes estaveis, e cuja natureza é a *conservação*, e quaes os modificaveis, que sendo paralysados por força produzem a *revolução*. Michelet cumpriu com a maior intelligencia esta missão especial do homem superior; sendo um dos que mais agitou este seculo com as noções de justiça que fez penetrar na consciencia moderna, foi ao mesmo tempo o que menos participou da actividade po-

litica, em uma nação tantas vezes perturbada pelos retrocessos de um passado morto nas consciencias mas vigoroso no interesse de classes privilegiadas.

A vida de Michelet quasi que se deduz da data do seu nascimento; nasceu n'essa grande época em que o feto recebia a orientação cerebral que se encontra na maioria dos gigantes espiritos que fizeram a gloria da França; os principaes escriptores francezes nasceram pouco antes ou pouco depois da Revolução, e espontaneamente applicaram o espirito d'esse grande dia da humanidade ao desenvolvimento das sciencias, das lettras e da philosophia. Aqui as datas revelam-nos o poder do meio sociologico; em 1760 nasce Saint-Simon, o creador das theorias socialistas; em 1775 Ampère, o descobridor do electro-magnetismo; e em 1778 vem Paulo Luiz Courier, a encarnação mais esplendida do espirito francez, réo por ter tido senso commum na época da restauração; em 1780 nasce Béranger, o que arma o povo francez com as canções, mais poderosas que as proprias barricadas; em 1787 Guizot e Thierry, os dois reveladores das instituições romanas e communaes; em 1789 Victor Leclerc, o que mostrou como a França da Edade-média dominou o mundo pelas suas epopêas carlingianas e arthurianas; em 1790 nascem Lamartine e Villemain, o poeta da republica, e a litteratura attingindo o poder politico; em 1794 nasce Flourens, um dos creadores da physiologia experimental, e Delavigne, o poeta que se inspira da liberdade; em 1796 Mignet, em 1797 Thiers, e em 1798 essa constellação esplendida de Augusto Comte, George Sand e Michelet; são tres grandes nomes que symbolisam o espirito fran-

cez nas suas fórmas mais profundas. Comte dá á Philosophia a clareza implicita na propria linguagem da França, e mostra como pela marcha das sciencias o regimen revolucionario se tornou a evolução dominante; George Sand amplia a acção da arte tornando o romance uma fórma experimental da sociologia; Michelet liga a actividade da França á historia da humanidade, e serve a causa da justiça desde a democracia até á pedagogia, com a linguagem a mais vibrante e allucinadora que se tem fallado. Pittoresco na fórma, original no pensamento, profundo no sentimento, elle pertence em todo o sentido a esta geração de homens que deram ao seculo XIX a superioridade que ha de ter na historia, e que haviam nascido temperados pelas emoções orientadoras da Revolução franceza. Outros grandes nomes poderemos citar, sómente para bem definir esta acção do meio social que faceia os homens; indicaremos de passagem Balzac (1799), Bastiat, Littré e Burnouf (1801), Barante e Victor Hugo (1802), Quinet e Alexandre Dumas (1803), Tocqueville (1805), e Musset (1810). De dia para dia a França foi perdendo os obreiros d'esta extraordinaria phalange, e poder-se-hia antevêr que ficaria totalmente exhausta, entregue á admiração estulta dos preconisadores do aphrodisismo litterario, se os fundos desastres causados pelo Imperio lhe não viessem produzir a convulsão dolorosa que preparou a geração nova que tem de continuar a missão civilisadora da França. Este facto ha de tambem explicar-nos a morte de Michelet; se a França hoje não retrocede, se a burguezia se não precipita de novo nos braços do cesarismo, e em

vez de regenerar-se por uma educação geral não procura esquecer as suas desgraças nas grandes paradas do Campo de Marte e nos ruidosos festins, é porque a intelligencia publica avançou e os mais seguros progressos são os adquiridos pela intelligencia.

Michelet foi um dos obreiros mais activos d'este progresso pelo dom maravilhoso da vulgarisação das ideias justas, pela verdade das suas affirmações historicas, pela pureza brahmanica da sua vida, pela seducção surprehendente da sua palavra. Educado nos grandes dias da inauguração do ensino polytechnico, quando Laplace formulava de um modo inabalavel o *Systema do Mundo*, e Bichat creava a *Physiologia*, Lamark a *Philosophia zoologica* cincoenta annos antes de Darwin, quando David fazia renascer a magestade classica na Arte, Michelet fecundou-se n'essa corrente que o tornou grande como talento e como caracter. Filho de um modesto typographo, luctando com a miseria no periodo do Consulado, atravessando as crises dissolventes da Restauração e do segundo Imperio, o seu caracter passou intemerato, em uma época cuja doença moral, como definiu Littré, consistiu em contradicções de espirito e retratações. A linha inquebrantavel que uns sustentaram á custa de uma severa disciplina philosophica, elle manteve-a sem esforço pela segurança do caracter; é esta uma das altas qualidades que deu á sua linguagem o vigor persuasivo que estava n'elle mesmo. Depois de abafados os principios da Revolução pela Santa Alliança, a França luctou sempre pela sua liberdade; foi esse o sentimento que levantou a geração de colossos que ha pouco enumerámos,

phalange de athletas que nos mostram que nem só de pão vive o homem, mas d'essa aura vital, que é a actividade do pensamento. Épocas opulentas, como quasi todo o seculo XVIII em Portugal, mostram-se-nos absolutamente estereis, porque faltou a liberdade; assim no reinado de D. João V chovem milhões no erario real por effeito das pedrarias e ouro que vem das minas do Brazil; tudo se dispende em festas estrondosas, em monumentos sem ideia, em favores graciosos, em capellas e operas, mas não se póde indicar até 1750 um unico nome ligado a um pensamento progressivo, a uma obra nacional; sob a severa administração anachronica de Pombal, que renovou as theorias já decahidas de Sully, sob o intolerantismo de D. Maria I, sob a regencia somnambula de D. João VI, nenhum talento apparece que o meio o não asphyxie. Mas uma vez entregues os destinos dos povos á falta de plano, que é a anarchia pela dissolução, os desastres accumulam-se, e por fórma alguma conseguirá retemperar-se uma nacionalidade. Foi pelo regimen da instrucção que a decahida Allemanha pôde resurgir, e a sua instrucção a tornará digna da liberdade.

No meio das tentativas de retrocesso da politica européa, Michelet foi sempre um revelador das mais avançadas doutrinas; foi assim que elle soube incitar a actividade do pensamento que marasmava; vulgarisa os trabalhos esquecidos de Beaufort e de Niebuhr sobre a *Historia romana,* descobre o methodo e a synthese historica de Vico, fazendo conhecer a *Sciencia nova,* rehabilita a personalidade de Lutherò tornando legiveis os traços autobiographicos dos *Tischreden,* e por ultimo tira

da erudição inesgotavel de Jacob Grimm a profunda poesia dos costumes sociaes da raça germanica, nas *Origens do Direito francez*. Estes estudos foram a preparação do homem de combate, e lhe deram a intuição das cousas humanas com que fez da historia uma resurreição. Sobretudo foi a Vico, que elle fez reviver perante a sciencia moderna, que deveu a sua principal feição como interprete da historia; com elle aprendeu Michelet a lêr nos factos apparentemente accidentaes do passado; uma phrase incidente de uma chronica dá-lhe a physionomia de um personagem; um quadro, como o *Naufragio de Meduza*, de Gericault, revela-lhe a Restauração; um symbolo juridico dá-lhe a medida do respeito de uma instituição, finalmente elle tira a historia de todos estes vestigios inconscientes e por isso inviolavelmente verdadeiros. Foi em Vico que elle descobriu essa phrase do mais sublime individualismo — *A Humanidade é obra de si mesmo*, que o fez libertar as narrativas historicas dos designios providenciaes, e portanto attingir muitas vezes a segurança da disciplina positiva na concepção dos factos. Apesar de uma tendencia metaphysica do seu espirito, em parte proveniente da linguagem pittoresca e poetica, Michelet presentiu que a acção do homem era tambem modificada pela acção do meio social, biologico e cosmico; para elle a historia resume-se n'esta bella fórmula: *a lucta da liberdade contra a fatalidade*. Por isso, ao encetar a *Historia de França*, funda como mesologia a geographia moral, explica as raças e os caracteres individuaes como modificadores inconscientes da fórma da acção, e liga os successos aproximando-os pela

influencia mutua que exerceram. Foi este o pensamento fundamental da *Historia de França,* tornando esse paiz como a capital da civilisação do mundo moderno; o ponto de vista é audacioso, e póde bem julgar-se que o amor patrio o deslumbrou, fazendo-o forçar os factos para dar o primado á França. Não é assim; Michelet era justo, e por isso que tinha o dom da intuição antecipava as affirmações antes das provas accumuladas pelos processos lentos da erudição. É inquestionavelmente a França, depois da Grecia e de Roma, o centro d'onde irradiou toda a Civilisação occidental; da França partiu o movimento communal que se propagou a todos os paizes meridionaes, da Italia a Portugal, e por esse caminho é que os servos da gleba se tornaram povo, e o povo attingiu a participação politica nos parlamentos e ficou considerado como um Terceiro Estado. Sem os trabalhos de Thierry, de Guérard, de Beugnot, não se conhecia esta acção emancipadora da França. Sem os trabalhos de Raynouard, e de Frederico Diez não se conheceria como a Provença, ao alento das suas instituições municipaes, soube modular e escrever pela primeira vez a poesia nova do subjectivismo do amor, d'esse eterno sentimento egualitario e unificador que se tornou a base da sociedade civil; a poesia da lingua d'oc foi imitada na Inglaterra e na Allemanha, em Hespanha e Portugal, e foi essa poesia dos trovadores que se transformou por meio da contemplação philosophica do genio italiano no lyrismo de Dante, de Petrarcha e dos *Fieis do Amor.* Foi tambem do norte da França, como se viu pelo trabalho de compilação infatigavel de Lacurne de Sainte-Pelaye,

e pela critica de Gaston Paris e Léon Gauthier, que sairam essas energicas canções de gesta, que foram as epopêas da sociedade feudal, e que distrahiram a imaginação em todos os paizes; os troveiros divertiram com os seus *fabliaux* grotescos a pobre humanidade que saía da noite longa da servidão da gleba, e ensinaram-n'a a rir, a rir de todos os poderes tremendos, com essa extraordinaria proclamação: «Nous sommes hommes comme ils sont!» O riso desfez o pesadello da Edade-média; o riso surge do contraste das cousas, e este contraste gera a comparação e a critica, a emancipação mental. A melhor parte dos contos do *Decameron* de Boccacio, que esteve em França, pertence aos troveiros, e foram esses contos que protegeram os que os ouviram contra o terror da peste grande de Florença. N'esta época a lingua franceza era em todas as côrtes a linguagem da distincção senhorial; e os sabios, como Dante ou Bruneto Latini, ou a elogiavam ou escreviam n'ella os seus livros. Sem os trabalhos de Keller e de Du Méril não se comprehenderia esta influencia da França sobre a imaginação popular.

A Arte moderna, na sua fórma mais esplendida, é a Architectura gothica, das cathedraes populares, onde se faziam as assembléas communaes, onde se archivavam os contractos civis, e as cartas das garantias locaes; ali se levantava a torre que era a vigia das immunidades, ali o sino chorava os mortos e chamava os vivos na hora do perigo para acudirem ao rebate. Esta fórma da Arte com raizes tão profundas no desenvolvimento da sociedade moderna, é erradamente chamada gothica, pela persistencia

de uma denominação de desprezo culto; os modernos trabalhos de Renan, collaborando com Victor Leclerc, pozeram em evidencia os nomes francezes dos architectos que levantaram essa alva de cathedraes que ainda cobre a Europa, arte conhecida pelos coevos do seu esplendor pela designação de *francigena*. Ás Universidades francezas é que os grandes espiritos da primeira Renascença foram beber a sciencia, como Dante na rua de Fouarre: tal é a relação do quadro magistral de Victor Leclerc. As cruzadas partem da França e agitam o mundo como uma allucinação doente, mas para uma *acção commum*, e da França é que o riso, que em Rabelais ataca no *Pantagruel* a ambição real da monarchia universal, se repercute na Hollanda em Erasmo, na Italia em Ulric d'Hutten, na Inglaterra em Skelton, na Hespanha em Cervantes e em Portugal em Gil Vicente. Depois do seculo XVI, depois que o poder real não precisou mais do apoio do terceiro estado e se converteu em cesarismo, a França só influiu nas côrtes dos outros paizes, nos trajos ou modas, e na galanteria.

Ao fim de dois seculos de dissolução moral, a França tornou a assumir a direcção do progresso humano no memoravel dia da *Declaração dos Direitos do Homem*. Desmoronou-se o velho mundo catholico-feudal, e a França lançou a primeira pedra no edificio que se está erigindo; a Revolução franceza rehabilitada por Fichte e estudada por Kant, estendeu-se a todos os paizes, como se vê pelos seguros trabalhos de Sybel, e até ao morto Portugal, como se vê pelos papeis da Policia do intendente Manique.

Filho da Revolução, como observámos, Michelet fez reviver a tradição que se deturpava, restituindo a grandeza d'esse feito ao seu verdadeiro auctor, o povo. Esse trabalho é um livro inimitavel, cuja importancia só se póde medir pela acção que exerceu na Revolução de 1848, que se repercutiu em um movimento liberal em toda a Europa. A *Historia da Revolução franceza* foi a corôa da sua monumental *Historia da França;* no espirito da grande these que adoptára, era essa a cúpula suprema. Com a Revolução a França reassumiu o primado entre os povos.

Impressionavel como artista e como homem de bem, ao estudar a vida lugubre das classes servas da Edade-média, Michelet adoecia; testemunha do grande desenvolvimento das sciencias naturaes em volta de si, em relações pessoaes com os sabios do seu tempo, buscou nos estudos d'essas sciencias o refrigerio para a sua doença de espirito. Tal é a origem dos bellos livros *O Amor* e a *Mulher*, com que actuou sobre o nivel moral da sociedade parisiense, e dos livros o *Insecto,* a *Ave*, o *Mar,* a *Montanha,* nos quaes, sempre original e inexcedivel nos processos de colorista, lucta pelo estylo com os effeitos da propria realidade. N'estes livros elle presente os resultados mais assombrosos da sciencia; no *Insecto* retrata as forças transformadoras que elaboram o protoplasma, primeira condição da vida; na *Ave* descreve a adaptação da terra ao homem; no *Mar,* como as aguas são um organismo interrompido; na *Montanha,* como estes relêvos do nosso globo são a espinha dorsal que regula n'este corpo os ventos e a temperatura, segundo a varia-

ção dos limites das neves eternas. São verdadeiras obras de arte, que a sciencia ha de sempre considerar como productos de uma esthetica nova, e inspirações da realidade.

Professor do Collegio de França, Michelet foi destituido por uma pressão clerical; nos seus livros o *Padre, a Mulher e a Familia, Nossos Filhos,* e a *Feiticeira,* estão vibrados os golpes mais certeiros contra a influencia d'esse poder na sociedade, na familia e no ensino. Na *Feiticeira,* onde pinta ao vivo a negridão da sociedade feudal, mostra do modo o mais eloquente os perigos da sensualidade mystica do quietismo, no processo da Cadière; no *Padre,* como entre o marido e a mulher existe um traidor, o director espiritual; nos *Nossos Filhos,* como a criança não tem a receber noções forjadas e absurdas, mas sim a formal-as pela actividade espontanea do seu cerebro, como Pestalozzi descobriu pela experiencia. Era o golpe mais proficuo sobre a educação clerical, que se apoderava das crianças, e as atrophiava em um exclusivo humanismo, como no systema jesuitico.

A secularisação do ensino, tentada pelas nações mais civilisadas, como a Suissa e a Allemanha, a pedagogia baseada não no esteril e falso humanismo jesuita, mas no conhecimento da realidade da natureza, são o pensamento do livro saudavel *Nossos Filhos.* A influencia dissolvente do padre na familia, a criança captada antes de ter critica formada, a mulher fanatisada por mil escrupulos como esposa e como mãe, foram a revelação mais tremenda que Michelet fez á França; e é essa influencia

que ainda dilacera esse paiz generoso, como um virus que se infiltrou n'um organismo.

Á impressão recebida por Michelet diante das grandes descobertas das sciencias naturaes, foi analogo o deslumbramento pelas descobertas historicas do nosso século; essa emoção viva está palpitando a cada pagina do livro a *Biblia da Humanidade*. Não é uma synthese philosophica da historia, mas o quadro animado das velhas civilisações como a do Egypto, da India e da Persia, resuscitadas pela erudição moderna. A espontaneidade infantil da epopêa indiana do *Ramâyana*, deixa-o em uma seducção que lhe revela as allegorias incongruentes dos mythos esquecidos; o *Shanameh* levanta-lhe Fidursi, cujo ideal fôra fazer jorrar a agua na sua aldêa miseravel. Os nomes dos grandes obreiros Anquetil du Pérron, revelador do *Avesta*, de Hyppolite Fauche, que se sacrificou a traduzir o *Mahâbaratha*, de Burnouf, de Champollion, ficam aureolados de uma sympathia, que era em outros tempos apanagio dos martyres.

Em 1867 terminou Michelet a *Historia de França*, o pensamento da sua vida; elle julgava-se filho do seu livro. Teve a rara fortuna, a que allude com recolhimento, de chegar a um cume da vida que o deixou vêr o acabamento da sua obra, fortuna que faltou a Sismondi, e a outros tantos espiritos possantes. Mas a asphyxia do Imperio augmentava como a oppressão de um paroxismo; Michelet sentiu de longe a hora da catastrophe, preveniu-a, e foi o primeiro a soffrer esse desastre da civilisação europêa. Estava quebrada a alliança natural que ligava a Allemanha, iniciadora da liberdade de

consciencia, á França, iniciadora da liberdade civil e politica. Michelet, na sua intimidade santa com o assombro da erudição allemã Jacob Grimm, sentira a solidariedade entre os dois povos saudando a bandeira dos exilados allemães, que fluctuou no triumpho de 1848, e vencendo pelo genio de vulgarisação franceza a empreza enorme de traduzir as *Antiguidades do Direito allemão.* Na alliança das duas nações, junta com a unificação da Italia, Michelet via o concilio europeu completo para a obra consciente da paz do mundo. A declaração da guerra pela França era «a victoria futura da Russia sobre a Allemanha — sobre a Europa e sobre o mundo». Michelet não pôde resistir ao golpe d'esta fatalidade; em Florença, onde publicou o eloquente opusculo *A França perante a Europa,* e onde o victoriou a mocidade das escholas, ahi soffreu a congestão cerebral que lhe abreviou os dias. Contemporaneo dos maiores successos da historia moderna, tendo colligido das conversas dos personagens as phrases e anecdotas que revelavam o lado vivo dos acontecimentos, publicou ainda esses tres preciosos livros da *Historia do seculo XIX,* onde dissolve pela critica a lenda napoleonica na *Origem dos Bonapartes.* Com o mesmo criterio demonstrou Littré, como a impetuosidade irreflectida era o unico ponto em que consistia o genio militar de Napoleão.

As qualidades do estylo inimitavel de Michelet reapparecem esplendidas n'estes ultimos livros; o seu estylo era uma força, tinha a magia de um sexto sentido do amor, da liberdade e da natureza; é uma confidencia e um concerto, cujo thema eterno é a justiça. Comparavel

a elle, apresenta a Allemanha João Paulo Richter; a Inglaterra Thomaz Carlyle; nenhum porém tem esta lucidez do bom senso popular, esta serenidade de protesto de uma consciencia plena. João Paulo e Carlyle são videntes como Michelet; mas João Paulo procura calculadamente as relações mais intimas e imprevistas das cousas, inspirando-se de uma ironia constante que brota dos contrastes que não quer achar. Carlyle tem a allucinação do protesto, e nos seus epithetos, nas imagens com que reveste a ideia, falta-lhe o toque artistico, exagera o effeito, ultrapassa o natural. Apesar d'estas separações são os tres escriptores que melhor revelam o genio d'estes povos fecundos. A superioridade de Michelet, como artista, fez com que elle não fosse um philosopho, chegando comtudo aos mais positivos pontos de vista pelo sentimento. Hoje que a França, pelo advento do novo poder temporal da industria revive mais esplendida, e enfraquece com a sua paz serena os grandes exercitos que ainda a ameaçam, o espirito de Michelet tambem revive; é isto o que significa o monumento que se lhe erigiu em Paris, e esse mesmo espirito ha de illuminar sempre as gerações que se levantarem para aplanar as vias do progresso humano.

4. Vico, Hegel e Comte

A) Vico e o estudo das tradições poeticas. — Para que se tornasse possivel o problema da renovação da Litteratura, era necessario, como o comprehendeu Ampère, fundar primeiramente a *Historia litteraria;* mas

para que essa fundação fosse realisada em condições scientificas, deveria a critica explorar as fontes tradicionaes e populares da nação. Este facto ou principio capital confirma-se com a Litteratura allemã, uma das mais ricas da Europa, e a mais recente, produzindo-se pelo concurso de genios individuaes desde que elles comprehenderam os thesouros da tradição germanica, que no meado do seculo XVIII começaram a ser investigados. As Tradições são o elemento da Morphologia universal das Litteraturas, que se desenvolve — em fórmas da linguagem na personificação das cousas, ou *Tropos*, na apparencia tomada como realidade ou *Mythos*, na realidade objectiva modificada pela apparencia subjectiva ou *Lendas*, e no desenvolvimento dos themas mythicos abandonados ao automatismo popular ou *Contos*, que n'um periodo theocratico foram *Theogonias* e em uma época aristocratica *Epopêas*. Para comprehender estes documentos das primitivas concepções humanas, era preciso que a Psychologia das raças e civilisações fosse creada a par da renovação da physio-psychologia individual; que a Ethnologia ou a *Volkerpsychologie* (Psychologia dos povos) da eschola de Herbart renovasse o criterio da Philosophia da Historia. Esta nova intelligencia das tradições foi iniciada por Vico, quando alliou a Philologia e a Philosophia, base do methodo historico-comparativo, e eruditos de primeira ordem, como Jacob Grimm e Michelet, seguiram a sua orientação intuitiva. Vico, pela lucidez do genio, comprehendeu que a verdade das Tradições resultava da verdade dos processos psychologicos que as elaboravam, e pelos tro-

pos da linguagem emocional procuram recompôr as Faculdades poeticas.

Na traducção castelhana do livro *El Momo,* de 1598, por Agustin de Almazon, em uma especie de censura prévia Alexo de Vanegas affirma com uma luminosa intuição: «La Poesia es *una ficcion racional,* que sirve de cifra de alguna verdad natural, historial, ó moral». Vico, alliando a Philologia e a Philosophia, recompoz no seu livro da *Scienza Nuova* a *Sabedoria poetica das nações,* interpretando e agrupando a série das ficções racionaes, fundando assim o esboço das novas sciencias da Mythologia comparada, da Symbolica do Direito, da Morphologia litteraria, da Ethnologia e da Philosophia da historia. O livro segundo da sua obra, onde trata da *Sabedoria poetica,* tomando sabedoria como o conjuncto das crenças primitivas, encerra observações de tal fórma lucidas, que, apesar de todos os seus defeitos provenientes de uma época que luctava com methodos falsos, como as origens mechanicas da linguagem, da sociedade, das religiões, é força reconhecer que d'ali data uma revolução no criterio historico e uma nova comprehensão dos productos psychologicos. Vico, depois de alguns corollarios da logica poetica, escreve: «os *Tropos*... não são, como se tem julgado até hoje, uma engenhosa invenção dos escriptores, mas sim *fórmas necessarias de que todas as nações se servem na sua edade poetica para exprimirem seus pensamentos,* e que estas expressões na sua origem foram usadas no sentido proprio e natural». Compilemos todos estes factos da mais alta importancia que só aquelle grande genio pela primeira

vez comprehendeu; reduz a quatro todos os *Tropos,* que são, pela sua ordem de generalisação decrescente, a *Metaphora,* a *Metonymia,* a *Synedoche* e a *Ironia.* Vico discrimina estas gradações, ou ficções racionaes da expressão do pensamento:

«O mais brilhante (dos tropos) e por isso mesmo o mais frequente e o mais necessario, é a *Metaphora.* Ella só é admittida quando presta sentimento e paixão ás cousas insensiveis». É um estado mental, um modo de vêr as cousas do mundo exterior, uma faculdade cujos productos se revelam na mythificação ou personificação dos phenomenos e forças da natureza, na elaboração religiosa e legendar, persistindo ainda nas épocas de critica na linguagem vulgar figurada. Vico achou em todas as linguas vestigios d'este estado mental, como nas phrases latinas *luxuriare segetes, sitire agros,* d'onde tira a conclusão profunda: «Toda a Metaphora é o resumo (ou o vestigio) de uma fabula». Hoje diriamos mais rigorosamente, que é o ultimo resto de uma concepção mythica; e em certos casos espontaneos e frequentes na linguagem popular, é um resto do habito da personificação, cuja origem psychologica Vico resume n'este celebre aphorismo: *Homo non intelligendo fit omnia,* ou, segundo a sua propria traducção: «O homem ignorante toma-se a si mesmo por norma do universo». A poesia foi historicamente o ponto de partida das concepções geraes da intelligencia humana; no hymno 129 do decimo livro do *Rig-Veda* encontra-se esta clara noção da actividade poetica ou das ficções racionaes: «Sim, os poetas, meditando no seu coração, des-

cobriram o nexo (relação) entre as cousas criadas e o incriado» [1]. Vico analysa a particularisação d'estas vistas geraes, sobre que se formaram os systemas religiosos e artisticos.

Da *Metonymia* diz, que o facto de «comprehender a substancia pela sua fórma ou accidentes vem da incapacidade de abstrair da substancia os accidentes e a fórma». E conclue: «os de causa e effeito são outras tantas pequenas fabulas».

«A *Synedoche* foi empregada depois, á medida que se elevou das particularidades ás generalidades, e que se resumiram as partes para compôr os seus todos». — «Estas expressões não indicavam mais do que uma indigencia das linguas, e os grammaticos julgaram vêr n'ellas um esforço da Arte».

«A Ironia só podia ter origem em um tempo em que se reflectisse. Com effeito a *Ironia* consiste em uma falsidade reflectida, que toma os visos de verdade».

Ninguem viu tanto para dentro da elaboração da intelligencia e do sentimento humano no seu esforço para as fórmas da comprehensão logica, como Vico. A grande lei moral e historica formulada e confirmada por Jacob Grimm, que não ha uma unica mentira na poesia do povo, foi presentida por Vico, quando disse: «que os primeiros homens das nações pagãs *tendo a simplicida-*

---

[1] Apud Max Müller, *Essais de l'Hist. des Religions*, pag. 115.

de e a ingenuidade da infancia, as primeiras fabulas nada podiam conter de falso, e foram necessariamente, como têm sido definidas, *narrativas verdadeiras*». Sem a luz d'este criterio foi impossivel aos philosophos gregos interpretarem o passado, bem como aos eruditos da Renascença e do seculo XVIII, que não comprehenderam este estado subjectivo rudimentar da razão humana.

A *Metaphora*, a *Synedoche* e a *Metonymia* são tres categorias mentaes, por onde o homem na sua logica poetica creou as instituições primitivas.

Podemos exemplificar estas categorias poeticas pelas concepções historicas dos geroglyphicos, ou *ideographismo:* as partes *anteriores do leão* exprimiam na escriptura do Egypto a ideia de *prioridade;* a *vêspa*, a *realeza;* o *gyrinio*, a ideia de *centenas de milhar;* uma *pluma do abestruz*, a ideia de *justiça*. Pela synedoche, a *palpebra* designava o *olho;* a *cabeça do boi*, o *boi*. Pela metonymia, o *disco solar* era o signal do *dia*, o *brazeiro* representava o *fogo;* o *pincel*, o *tinteiro* e a *palheta* do escriba, a propria *escriptura*. Este vestigio dos primitivos processos da escriptura egypcia, derivados das concepções syncreticas, transformou-se com o tempo em outro systema de linguagem escripta, o *phonetismo;* sobre esta conversão diz Maspero: «No fim de um certo tempo, os symbolos despertaram no espirito do que os via traçados, simultaneamente com a ideia, a palavra ou palavras d'esta ideia, por consequencia, uma pronunciação; habituou-se a achar sob cada figura e sob cada symbolo uma ou muitas pronunciações fixas e habituaes que fizeram esquecer ao leitor o valor puramen-

te ideographico dos signaes, para não produzir sobre elle senão a impressão de um ou de muitos sons» [1]. Os alphabetos modernos são derivados d'este symbolismo primitivo, mas as concepções mythicas que não exprimem já, ainda se conservam nas locuções vulgares da linguagem.

Os phenomenos intellectuaes expostos por Vico, como caracteristico das épocas primitivas, reduzem-se para mais clareza ao seguinte quadro, sobre o qual procuraremos a explicação racional:

I. — METAPHORA Relação syncretica	*Inanimado* por animado. *Concreto* por abstracto. *Similhante* por assimilhado.
II. — SYNEDOCHE Relação discretica	*A parte* pelo todo. *Materia* pela fórma. *Determinado* por indeterminado.
III. — METONYMIA Relação logica	*Accidental* pelo essencial. *Effeito* pela causa. *Signal* pela cousa.

Pela simples inspecção d'este schema, vemos que na primeira categoria ha uma ignorancia profunda, o homem ainda não contrahiu o interesse da observação, as cousas mostram-se indistinctas, confunde-as facilmente, a ponto de aproximar as relações mais contradictorias,

[1] *Hist. ancienne des Peuples de l'Orient*, pag. 571.

desconnexas e repugnantes. Este estado de cahos ou confusão intellectual, esta impotencia de ratificar e discutir as proprias impressões, é ao que se chama o *Syncretismo;* não é um defeito, é antes um primeiro passo, que encerra as condições para os mais fecundos resultados [1]. As aproximações impensadas de *relações* produzem conhecimentos imprevistos, que collaboram para a formação de uma ideia. O *Syncretismo,* que em uma intelligencia moderna seria a negação da logica, uma incapacidade de comprehender o nexo dos factos ou das ideias, é nas épocas primitivas um movel da *invenção* permanente, e tem para o historiador a importancia de uma faculdade poetica. Já nas épocas historicas a fusão de certas raças, com habitos e religiões diversos, tem sido facil de operar-se pelo vigor em que ainda está a faculdade *syncretica.* A fusão entre Doricos e Jonicos, d'onde sahiu a civilisação grega, só se deu depois que confundiram as suas religiões pelo syncretismo. A Metaphora é a sua manifestação mais altiva, mais audaciosa; ella penetrou até ás linguas modernas, logicas e formulisticas, e nas creações da Arte das nações civilisadas é o principal colorido, o que traduz melhor a força do sentimento. Quando Vico affirma, que «*uma Metaphora*

---

[1] No nosso estudo da *Novellistica popular* mostramos como estes tres productos mentaes, a *Comparação por differença,* a *Comparação por analogia* e a *Comparação por plausibilidade,* se exprimem por meio de Fabulas, Contos, Epopêas e Parabolas. (*Contos tradicionaes do Povo portuguez,* tom. I, pag. XLVI).

é o vestigio de uma fabula» a expressão vulgar: «*os ventos andam desencadeados*», com que se caracterisa uma grande ventania, leva-nos então ao velho mytho de Eolo, obliterado através dos seculos emquanto á concepção religiosa e physica, mas tendo deixado a fixidez da primeira impressão. Esta fórmula de Vico é geral, e sobretudo evidente na linguagem; mas a sua contraria: «*uma Fabula é o desenvolvimento de uma Metaphora*», particularisa-se na creação dos Mythos religiosos, e mostra-nos como grandes genealogias theogonicas se formaram sobre diversos epithetos de uma mesma ideia. A juncção de *epithetos* oppostos e contradictorios dados a uma mesma divindade no enthusiasmo syncretico, acaba desde que a simples critica os separa pelas suas antinomias; separados, esses *epithetos,* que representavam uma entidade divina, desdobram-se em uma época theologica em outros tantos deuses, que só por um esforço intellectual se conciliam em uma theogonia.

O principal processo syncretico da Metaphora, o modo para nós impossivel, mas ainda usual entre as crianças, é o de comprehender o *inanimado pelo animado.* É por esta faculdade que o homem vivifica as forças da natureza, e lhes dá consciencia, e sobre que cria o seu primeiro culto, como no *naturalismo vedico.* Não é possivel impressionar-se com a leitura dos hymnos do Rig-Veda, amal-os, respeital-os, sem recompôr este estado syncretico do mundo primitivo; no Hymno ao fogo, *Agni* é a personificação, que no seu estado de chamma, accesa por Manu, está no lar assentado como um patriarcha, sabio, admiravel, forte e cercado de es-

plendores, crescendo debaixo das offerendas, etc. O poeta procura todas as relações possiveis das cousas que conhece já com a impressão que lhe deixa o aspecto do fogo. Mas não se contenta com isto; sensual emquanto á comprehensão, precisa palpar, e esse poder de comprehender *as cousas abstractas pelas fórmas concretas,* é propriamente o acto de reduzir a imagens, ou *imaginação.* É aqui que começam as creações morphicas, primeiramente buscadas na natureza como analogias, depois realisadas já com esforço artistico. O poder syncretico de comprehender o *assimilhado pelo similhante,* é o instincto da analogia, que faz achar a *relação* exterior e apparente das cousas para produzir o conhecimento d'ellas. Como no syncretismo transcendente de Fichte, em que o *Eu* é o unico conhecimento d'onde se parte para a intelligencia do Universo, o mesmo se dá no syncretismo das edades primitivas. Para comprehender os phenomenos exteriores, procura em si a *relação* de mera analogia que tem com elles, redul-os á sua propria imagem. Realisa o extraordinario aphorismo de Vico: *O homem ignorando, toma-se a si mesmo por norma do universo.* Servimo-nos de uma prova que é commum a todos os povos, nos abundantes vestigios de metaphoras que restam ainda nas linguas: *Cabeça* do monte, *braço* do rio, *bôca* da caverna, *garganta* do desfiladeiro, o *nariz* da chave, o *dente* da serra, o *olho* da planta; as medidas tomadas da *braça,* o *coito,* o *pé,* a *polegada;* os symbolos juridicos tirados das differentes partes do corpo humano; finalmente as religiões passando da sua divinisação naturalista para um periodo de *Anthropomor-*

phismo, isto é, em que a fórma humana presta a imagem para exprimir concretamente a concepção abstracta da divindade, são os resultados fecundos d'esta aberração logica do *Syncretismo.* O aphorismo de Vico «*Homo non intelligendo fit omnia*» resalta d'estes factos que nunca mais se tornaram a repetir no mundo; o *non intelligendo,* quer dizer, sem ter ainda o rigor exacto do raciocinio. Na eloquencia, por isso que se dirige ao maior numero, á multidão com os seus sentimentos e doenças de comicio, o orador emprega sempre as prosopopêas, restos da Metaphora no seu momento arrojado.

O poder de tomar a noção do inanimado por aquillo que é animado, do que é abstracto por meio de fórmas concretas, de conhecer o assimilhado por auxilio de analogias de similhante, só póde dar-se em uma época em que o homem esteja muito longe de ter consciencia dos seus processos logicos, e de poder corrigil-os. Porém esta audacia do *Syncretismo* modifica-se á medida que as relações com o mundo exterior se tornam mais extensas; dá-se ainda a confusão d'essas relações, mas não por meio de juxtaposições forçadas, nem por analogias apparentes; ha já um criterio analytico no modo de exprimir o *todo pela sua parte,* a *materia pela sua fórma,* o *determinado pelo indeterminado,* ou vice-versa. É n'este periodo do desenvolvimento da razão, que o homem cria o *Symbolo,* isto é, um objecto adoptado por convenção tacita, e já modificado artificialmente, para fixar o conhecimento deduzido de uma relação achada, e operar com esse conhecimento com a facilida-

de de uma instantanea referencia. O *Symbolo* é procurado e escolhido com condições que exprima ou suscite a lembrança de relações as mais geraes; este acto de determinação e de vontade tornaria o *Symbolo* o primeiro facto da actividade artistica do homem, se elle fosse *inventado* livremente. Mas o symbolo é creado pela urgencia de necessidades fataes, como são o nexo do Direito, base do facto social, como o perstigio da auctoridade, do culto, como a propriedade, que elle tem de revelar e fazer sempre presentes á multidão. As creações artisticas distinguem-se pelos caracteres de livres e desinteressadas; ao contrario, o Symbolo satisfaz provisoriamente uma necessidade, e desde que o homem procede com liberdade intellectual sacode de si essa dependencia material, lança fóra essa muleta, separando a expressão do pensamento da *imagem* com que se confundia.

O Symbolo é uma relação completamente humana e em todo o sentido uma creação: O *ramo,* que representa o campo para o effeito do contracto e da transmissão da propriedade, não se manifesta já sómente como planta com todas as suas qualidades mais intimas até onde as sciencias as podem analysar; tem mais um caracter, mais uma propriedade, que o homem lhe ligou; vê n'elle o nexo juridico tornado accessivel aos sentidos. Isto lhe dá a importancia de uma creação sem imitação da natureza, na maxima originalidade; a sciencia seria incompleta se não procurasse recompôr esta *relação* que tende a obliterar-se, mas o nosso seculo comprehendeu-o em Jacob Grimm, em Michelet, Reyscher,

Dümg e Chassang [1]. A Arte tem em vista descobrir *relações* novas das cousas, aproximal-as, interpretal-as; é, como diz Deschenelle: «a Natureza interpretada por uma intelligencia para as outras intelligencias». Portanto, a creação do *Symbolo* não é um facto artistico; mas desde o momento que como relação achada póde ajudar a interpretar outras *relações,* n'esse caso e só em uma época em que o Symbolo esteja extincto, é que serve de manifestação de Arte. Porque n'este estado, o perstigio que infunde, não é em consequencia da sua vitalidade, mas de se terem reproduzido as condições em que elle tinha vigor. Ao *Symbolo* como manifestação da Arte, chama Hegel *reflectido,* para o distinguir d'aquelle que é produzido fatalmente, a que chama *immediato;* mas sendo uma das condições da maior vida do Symbolo a sua impersonalidade, como póde elle ser produzido reflectidamente sem tomar logo um caracter de individualidade que o desnatura? Hegel dá como a mais clara fórma do *symbolo reflectido* a *Allegoria,* que pertence a civilisações avançadas, e que é para o Symbolo o mesmo que é a transcendencia para a immanencia.

A phase do *Syncretismo,* que corresponde a um conhecimento mais intimo do mundo, e que se prende ainda ás tendencias da Metaphora e da Synedoche, mas que denota já uma certa generalisação baseada em re-

---

[1] Na *Poesia do Direito,* publicada em 1865, iniciámos em Portugal estes novos estudos.

lações achadas pela critica, é a Metonymia; sob este nome se designa o poder de conhecer o *essencial pelo que lhe é accidental,* a *causa pelo seu effeito,* o *signal pela cousa que representa.* O primeiro facto revela-nos já um grande passo para attingir maior numero de conhecimentos; parte de uma *hypothese,* que é como um valor incognito que pelo decurso da operação intellectual se ha de tornar conhecido. O segundo facto é já consequencia de uma lei logica, e ao mesmo tempo indica uma continuidade de observação. O terceiro facto corresponde a accordos de vontade individual, como são na logica os postulados, na vida real as convenções; demais, o signal em vez da cousa é já uma simplificação racional, que tende a tornar-se abstracta, do mesmo modo que a Arithmetica se simplifica na Algebra, facilitando assim maiores descobertas. Todas estas faculdades ainda existem, mas de um modo já rudimentar, na intelligencia cultivada; são ellas ainda que dirigem o trabalho do artista, e o levam a esse estado de inspiração, quando podem coexistir em um mesmo cerebro com a educação critica das épocas scientificas. Quando se dá este justo equilibrio, é ao que Schelling chamava — *genio.* É por isso indispensavel o estudo das faculdades poeticas, isto é, a reorganisação do estado intellectual primitivo, para poder analysar bem a obra do que é dignamente artista. O *periodo syncretico* poucos elementos presta á philosophia da Arte como livres e desinteressados; mas é o seu estudo o que melhor prepara para a comprehensão dos problemas que se realisam n'esta ordem de creações humanas.

A fórma mais perfeita do conhecimento, ou a Mathematica, funda-se sobre o processo *comparativo,* cujo typo é a equação, quer na fórma algebrica ou na de funcção. Os processos comparativos de *maior,* e de *egual,* continuam-se nas sciencias biologicas nos processos de *similhança, differença,* e *contraste,* por meio dos quaes se descobrem as fórmas geraes individualisadas. Como este processo se emprega em factos sociologicos, cujo factor principal é o tempo, assim se chamou a este methodo propriamente desenvolvido do criterio mathematico, *methodo historico-comparativo.* São maravilhosos os seus resultados applicados ás religiões, ás linguas, ás litteraturas, ás fórmas sociaes, e só pelo poder do methodo é que estes phenomenos inconscientes foram subordinados a novos corpos de sciencias. Outras fórmas de equação se continuam nos processos exclusivamente psychologicos ou da racionalidade, e por assim dizer as *ideias* não são mais do que equações de sensações por *particularidade* ou *generalidade* e por *analogia,* processo rudimentar e imperfeito como o calculo das *proporções* na mathematica.

É aqui que cabe a observação da imperfeição da linguagem humana com relação ás necessidades mentaes. A linguagem humana da *palavra* não póde exprimir sem longos e diffusos periodos as concepções abstractas da philosophia; esta incapacidade provém da sua origem. O homem articulou sons, pelo estimulo das necessidades organicas, na remotissima época em que se separou da animalidade; formou palavras, agglutinadas e flexionaes segundo os processos generalisadores de uma

psychologia inconsciente, cujas noções se baseavam todas na *analogia*. A expressão artistica servindo-se exclusivamente da *imagem* e equivalencia, mostra-nos o quanto foi possivel desenvolver este elemento tão erroneo do criterio, e a linguagem figurada, os sentidos translatos, metaphoricos, dubitativos e ironicos, tambem revelam a necessidade de revolucionar a linguagem humana para exprimir necessidades mentaes peculiares de uma mais abstracta civilisação. No criterio da equação psychologica preponderou sempre a comparação da *particularidade* concreta; as palavras as mais abstractas ainda hoje conservam os typos e as noções concretas d'onde sahiram: assim Justiça é o *jus* ou o summo da cerimonia primitiva; Deus é o *devas*, o luminoso; profano deriva-se do bosque sagrado o *fanum;* e comtudo hoje essas noções abstractas já não acham nos costumes a dependencia do symbolo material do summo, do fetichismo da luz e do bosque sagrado. Ha necessidade de desenvolver a linguagem da especulação mental, como a humanidade desenvolveu a linguagem das necessidades concretas; sob o regimen scientifico moderno já se creou a linguagem algebrica, a nomenclatura chimica e a taxonomia botanica, zoologica e crystalogica, mas estes modos de exprimir são artificios particulares a cada sciencia e não um meio de operar com a abstracção. Se a equação racional se fez desde a origem da linguagem por meio da comparação de particularidades concretas, a nova linguagem deve servir-se da comparação dos elementos de *generalisação* dos factos, e pela sua fórma schematica dispensar as

phrases e a sua dependencia do apparelho grammatical, combinando pela posição todos os resultados de um longo encadeamento deductivo. É esta a linguagem de *Diagramma.*

Pela dependencia das *imagens* para a expressão das emoções, e dos *signaes* para o encadeamento dos raciocinios, se vê experimentalmente como os estados de consciencia são, como o affirmou primeiramente Herbart — *representações.* É a relação entre o objecto e a representação que define as fórmas da mentalidade subjectiva, e a sua verdade, conforme uma conserva sempre um relêvo inferior á outra. Na concepção artistica a representação tende sempre a exceder o objecto representado ou mesmo a substituil-o; é por isso que os genios que possuem um extraordinario poder de representação têm visos de desequilibrio mental.

Do estado mental do syncretismo resultaram creações poderosas, que serviram de manifestação ás concepções da Humanidade, taes como a Linguagem (Falla = *Fabula;* Palavra = *Parabola*) e os Mythos. Nenhuma intelligencia individual era capaz de produzir estas duas fecundissimas fórmas de expressão.

Entre os philologos modernos a noção do *Mytho* confundiu-se muito tempo com a da Linguagem; a difficuldade de os distinguir proveiu de que o Mytho e a Linguagem são factos simultaneos embora independentes, que mutuamente se explicam. Max Müller foi levado a considerar o *Mytho* como uma doença ou degenerescencia da *Linguagem.* O Mytho é a expressão de uma concepção synthetica, subjectiva e espontanea,

e por isso traduz sentimentos abstractos, comprehensões totaes, taes como as religiosas, e satisfaz uma necessidade superior áquella que provocou a Linguagem, que é sempre particular e só se generalisa á custa dos sentidos figurados.

Os *Mythos* foram absorvidos pelos sentimentos mais vastos e imperiosos das épocas primitivas da Humanidade, e tornaram-se religiosos porque esta era a necessidade moral dominante na época do seu apparecimento. Os *Mythos* são como radicaes da linguagem symbolica e metaphorica, susceptiveis de degenerações populares, como acontece aos dialectos vulgares; a sciencia moderna [1] determinou sobre a evolução historica as phases da degeneração dos *Mythos,* que podemos resumir no seguinte schema:

Os corpos celestes, (inanimados) que se movem, tornam-se.....	*animados:*	PERSONIFICAÇÃO
e os seus actos são.....	*notados:*	MYTHO
Estes actos, quando.....	*narrados:*	LEGENDA
tomam um caracter.....	*nacional:*	EPOPÊA
e successivamente um caracter...	*domestico:*	CONTO

Diante d'estes resultados do criterio comparativo e da filiação historica, achamos confirmado o pensamento de Littré: «As leis do desenvolvimento da imaginação não deixam de ser effectivas, e ellas esperam um histo-

[1] Gubernatis, Ap. *Novelline di Santo Stephano.*

riador que seja para ellas o que foi Augusto Comte para as Sciencias» [1].

As descobertas dos monumentos tradicionaes e litterarios de cada povo vêm justificar esta importante previsão, habilitando pela superioridade do methodo a que qualquer espirito mediano faça a determinação positiva das leis da imaginação.

O facto da Linguagem tambem determina uma fórma syncretica da concepção; consideradas as linguas comparativamente na sua marcha, ellas caminham do polysynthetismo para a flexão analytica. A palavra, no monosyllabismo chinez é um *Signal;* nas linguas semiticas é um *Tropo* ou figura que tende á *Allegoria;* na linguagem dos aryas tem uma natureza *symbolica,* que facilmente perde o seu caracter particular para se tornar o germen de um *Mytho* [2].

A religião não é um facto do espirito humano, de uma natureza particular e independente; é a phase causalista da actividade psychologica, que não póde ser estudada isoladamente. Não se póde começar esse estudo a não ser pelo *mytho,* isto é, por uma concepção poetica geral; nos *dogmas* encontra-se já o trabalho de syntheses philosophicas; na parte *cultual* e no sacerdocio é que se concentram as caracteristicas do facto religioso, que se continúa na fórma das litteraturas nacionaes, como Epopêas, Lendas e Contos. Por isso Müller considera a ori-

---

1 *Littérature et Histoire,* pag. 124.

2 D'Echestein, *Études sur la Grammaire des Vedas,* pag. 11.

gem do facto mythico como uma degeneração da palavra, e outros consideram as creações religiosas como aberrações do processo scientifico.

E assim como os phenomenos da vida se distinguem por uma manifestação *statica,* ou a estructura, que se observa no individuo e nos explica a variedade dos organismos, e por uma manifestação *dynamica,* ou a transmissibilidade da vida dentro do typo da especie que se não perde nas suas modificações; o mesmo se dá na Psychologia, em que a parte statica é a estructura do cerebro, e a parte dynamica a somma das aptidões logicas accumuladas na evolução da Humanidade.

A Biologia é o auxiliar indispensavel para os estudos d'esta parte statica do mundo subjectivo, como a Historia é que reune os phenomenos dynamicos em que se manifesta o Eu collectivo; o volume, circumvoluções, e quantidades de phosphoro da massa encephalica correspondem a um certo gráo de racionalidade no individuo, como um certo numero de instituições, uma vez produzidas, transmittem e perpetuam a civilisação na Humanidade.

A Historia é este processo logico da filiação, por onde se estuda a phenomenalidade do Eu collectivo; os factos, que constituem o seu dominio só têm o valor de uma *funcção,* em virtude da qual se póde passar para as causas que os produziram ou para os effeitos que provocaram.

Á medida que o Eu psychologico se desenvolve, a individualidade, antes restringida ao egoismo, adquire o

sentimento *altruista* que torna mais immateriaes as suas manifestações e o relaciona com o Eu collectivo, ou a immortalidade na especie; e assim como a energia vital se desenvolve pela divisão do trabalho physiologico, a energia intellectual é conseguida pelo exercicio especial das differentes aptidões logicas individuaes, que se concentram n'esse poder da racionalidade do Eu collectivo ou Humanidade.

Esta concepção do mundo subjectivo sob estas duas bases, psychologica e sociologica, só podia dar-se n'uma época em que existissem constituidas as duas sciencias da Biologia e da Historia. Por estes dois poderosos auxiliares se realisará a grande reforma da extincção do fetichismo das altas individualidades, conhecendo-se que tudo é evolução lenta; e por consequencia ficará libertado o meio sociologico d'essas influencias perturbadoras (Napoleões, etc.) e estabelecida a egualdade humana pelo conhecimento que tem cada individuo da parte que lhe compete no organismo social.

b) Hegel e a comprehensão das creações esthetic as. — Seguindo os processos da mentalidade metaphysica, Hegel dividiu a Philosophia da Arte segundo as phases por onde a *ideia* do Bello vae sendo realisada na sua antithese *fórma;* d'ahi tres momentos: 1.º) quando essa ideia está envolta na complexidade das fórmas mal definidas, nascendo d'este desaccordo as creações estupendas a que chamou *Arte symbolica;* 2.º) em que a ideia se contém harmonicamente nas fórmas que a exprimem, produzindo assim uma impressão de serenidade

e quasi de voluptuosidade a que dá o nome de *Arte classica;* 3.º) em que o desenvolvimento da ideia é tal que as fórmas, sempre materiaes e limitadas, não a podem conter e só servem para alludir vagamente, de um modo fragmentado e como em sentido de reticencias, caracterisando-se por uma impressão de mal estar moral e de melancholia, a que chama *Arte romantica.*

Para fundar esta divisão dos cyclos da Arte era preciso admittir a entidade subjectiva do Bello, subsistindo sempre em ideia nitida e definida na intelligencia humana, tendo o trabalho do homem consistido unicamente em procurar os meios exteriores que a natureza lhe fornece para conseguir por meio de tentativas infantis chegar a representar á sua consciencia essa Ideia. A mentalidade positiva procede de outro modo; e o proprio Hegel, querendo dar a este dogmatismo abstracto a prova da realidade, foi á historia procurar a evolução das creações morphicas da industria, tomando-a, como factos artisticos. Localisou a Arte symbolica no periodo *oriental,* a Arte classica no periodo *hellenico,* e a Arte romantica no sentimento *christão.* Mas em todos estes periodos das civilisações da Humanidade, ario-persas, helleno-italicas e romano-germanicas, ou mesmo nas civilisações mais remotas e isoladas como as egypto-phenicias e assyro-babylonicas, existem caracteres communs provenientes de um mesmo estado rudimentar da impressão artistica não reflectida e da sua relação habitual com o symbolo mal idealisado. Hegel estudou o symbolismo oriental mas não applicou esse trabalho a outros povos; isso lhe provaria que a base da sua divisão era arbitraria. Quando

vêmos a epopêa da India reproduzir-se em todas as suas phases litterarias de um modo analogo na Persia, na Grecia, na Scandinavia e em França, só pelas mesmas condições do syncretismo intellectual [1], conclue-se d'essa fatalidade de manifestação que as verdadeiras caracteristicas da Philosophia da Arte só podem ser procuradas na *evolução historica* e não em categorias subjectivas.

Pelas considerações da evolução historica se irão

---

[1] Apresentamos aqui esses factos em um rapido schema, que deixa vêr a origem e desenvolvimento d'essa fórma poetica :

I. Periodo mythico	Chaldêa — *Hymnos accadicos.* India — *Vedas.* Persia — *Avesta.* Grecia — *Hymnos orphicos.* Scandinavia — *Eddas.* Bretanha — *Cantos gaelicos.*
II. Periodo epico	Chaldêa — *Nanrutu.* India — *Mahabharata* e *Ramayana.* Persia — *Shanamch.* Grecia — *Illiada* e *Odyssea.* França — *Gestas cyclicas.* Bretanha — *Santo Graal.* Allemanha — *Niebelungen.*
III. Periodo lendario e novellesco	India — *Os Puranas* e *Pantchatantra.* Persia — *Tutinamch.* Grecia — *Contos milesianos.* França — *Os Fabliaux.* Bretanha — *Mabinogium.* Germania — *Titurel.*

descobrindo os factos de ordem statica revelados pelas modificações da raça, do clima, da nacionalidade, e successivamente remontando-se das fórmas particulares (monumentaes, decorativas ou expressivas) até á *Psychologia da impressão artistica,* facto positivo de todos os phenomenos do bello. A impressão artistica é mais do que uma passividade agradavel, é uma receptividade sensorial que nos leva a achar novas relações entre a natureza cosmica e moral, e essas relações não são apreciaveis por meio dos processos scientificos. E como o artista na sua mais alta inspiração nada mais póde do que descobrir as *relações* mais intimas das cousas, concluimos que só poderá existir Arte, na accepção philosophica da palavra, sómente nas épocas em que o homem tiver explorado em volta de si todas as relações immediatas que lhe vão alargando a esphera dos seus conhecimentos, isto é, a Arte só poderá apparecer em épocas historicas, como producto de uma emotividade que procura tornar-se consciente, e por isso sendo até certo ponto um poderoso estimulo scientifico.

Das phases por que passa a intelligencia humana, desde a inducção natural até ao criterio scientifico, é que deduziremos os periodos capitaes da Arte:

I. Periodo das relações syncreticas. (*Arte statica*). Caracterisado pela falta de criterio para julgar as proprias impressões, e pelo poder de acceitar como natural ou realidades as relações mais desconnexas ou apparencias das cousas. É uma audaciosa invenção, em que se criam simultaneamente *Theogonias, Linguagem, Mythos, Symbolos, Direito, Lyrismo* com intuito cultual,

Epopêa como primeira tentativa historica e o *Drama* destacando-se da cerimonia liturgica. A elaboração é anonyma, ou melhor, tradicional.

II. Periodo das relações discreticas. Caracterisado pelo poder de reproduzir voluntariamente a impressão artistica; prepondera o individualismo, e as fórmas até aqui achadas espontaneamente adquirem um canonismo dogmatico, já pelo perstigio da *tradição* d'onde derivam, já pelo habito da *imitação*, que se exerce especificamente. Quasi todas as litteraturas têm seculos *academicos*, em que se formulam as regras do gosto, em que se impõem rhetoricas, e em que a obra de arte é produzida dentro dos moldes convencionaes pela protecção faustosa de um principe. O merecimento d'esta phase está na importancia dos processos analyticos, embora extranhos á Arte e sem fim scientifico; n'estas condições a Arte é um luxo de civilisação e esterilisa-se na minucia do processo.

III. Periodo das relações concretas. (*Arte dynamica*). Caracterisa-se por um novo estado mental provocado pelas noções positivas; n'este periodo, que agora começa, o homem conhecendo que vive pelas sensações, adquirirá pela educação artistica uma maior receptividade sensorial, produzindo livremente as impressões mais profundas, mais delicadas, vivendo não só a vida de individuo, como tambem a da generalidade humana pelo sentimento altruista e pela tradição historica. N'este periodo, a Arte existe como um complemento das Sciencias, submettendo as sensações a um fim racional. Augusto Comte formulou estes intuitos da Arte: «As faculdades

estheticas são, em certa fórma, intermediarias das faculdades moraes e das intellectuaes; o seu fim as liga a umas, o seu meio ás outras. Actuando conjunctamente sobre o espirito e sobre o coração, o seu desenvolvimento deve tornar-se um dos agentes que nós podemos conceber como mais importantes da educação intellectual e moral. Nos rarissimos casos em que a vida mental do individuo foi submettida a um exercicio exclusivo, as Bellas-artes tendem a acordar a vida moral longo tempo descurada ou desprezada; e, para a grande maioria da gente, o effeito inverso não é menos salutar. N'estes a vida intellectual está atrophiada pela actividade affectiva, e o desenvolvimento esthetico, além da sua importancia propria e permanente, serve de preambulo indispensavel ao seu progresso mental» [1]. Resumindo este pensamento: a Arte corrigirá os habitos da analyse contrahidos pela actividade scientifica; e inversamente, é um estimulo de necessidades intellectuaes dando aos sentimentos pelo desenvolvimento da vida moral o caracter altruista. Quando Miguel Angelo cantava no seu primeiro soneto, que o artista não possuia concepção ideal que o bloco de marmore não contivesse inclusa em si, e que pertencia á mão dirigida pela intelligencia o descobril-a, formulava o destino da Arte moderna; porém com a differença, que o bloco informe é o homem, que tem impli-

---

[1] *La Philosophie positive,* condensée par Miss Martineau, t. II, pag. 262.

cita em si a perfectibilidade que ha de descobrir todo o individuo moral em uma éra de normalidade.

Esboçaremos a traços largos as relações intimas da Arte com a Sciencia e com a Moral. Assim como o trabalho da razão (*ratio*) consiste em estabelecer a continuidade das sensações recebidas de um modo intermittente ou discontinuo, d'onde resulta o conhecimento, a Arte, exclusivamente synthetica, tira das sensações parciaes uma impressão total, descobre o effeito geral recompondo os elementos desconnexos da analyse scientifica na idealisação. Se o trabalho racional se faz pelo estabelecimento de relações entre sensações diversas, a concepção artistica faz-se pelo mesmo meio buscando relações mais particulares entre a imagem concreta que ha de equivaler á sensação e que ha de reproduzil-a voluntariamente na impressão. Ambos estes processos conduzem ao conhecimento; um é logico, o outro esthetico; um é o exercicio da intelligencia e o outro da imaginação. Estas duas faculdades acham-se confundidas na evolução primitiva do espirito humano, como se vê pela dependencia mutua da noção abstracta desprendendo-se da expressão concreta e da generalisação d'esta até chegar a exprimir as ideias abstractas. É por isso que, a par da classificação hierarchica de Comte sobre o encadeamento das Sciencias, torna-se necessario o completar esse trabalho do dominio da Intelligencia procurando as nórmas do desenvolvimento ou leis da Imaginação. Pela paleontologia da linguagem e pela psychologia ethnologica sabe-se que as primeiras noções humanas foram expressas pela fórma concreta de Mythos; e pela marcha

das sciencias conhece-se que, começando na observação inductiva, chegaram ás deducções, isto é, a converterem-se de concretas em abstractas. Porém as sciencias, uma vez chegadas ás generalisações abstractas, só se tornam verificaveis na comprovação concreta. Para dar toda a clareza a estas transformações das noções humanas, reduzil-as-hemos á fórma de diagramma, deixando aqui um primeiro esboço das leis da Imaginação:

I. CONVERSÃO DO CONCRETO EM ABSTRACTO PELAS NOÇÕES SUBJECTIVAS			II. CONV. DO ABSTRACTO EM CONCRETO
a) Phase espontanea:	*b*) Phase empirica:		*c*) Phase racional:
Mythos	Epopêas nacionaes Lendas Contos		*Litteraturas*
Religiões	Cosmogonias	Theologia Metaphys.	*Philosophias*
	Cultos	Superstições Theatro hieratico	
Poesia	Symbolismo (Arte) Linguagem figurada Fabulas (Moral)		*Scieneias*

No moderno estado mental a intelligencia e a imaginação não são antinomicas; sem imaginação não se descobrem os meios para a verificação experimental nem se produzem as hypotheses sugestivas; sem a critica da sensação não se chega a provocar a impressão artistica.

Arte e Sciencia são os dois processos do conhecimento integral, ambas procuram relações das cousas, ambas produzindo estimulos de vontade; e como se conhece o Bello, ou o effeito da impressão esthetica, senão pelo accordo ou unanimidade das vontades individuaes, da mesma fórma que o assentimento racional?

Pelos nossos sentidos recebemos a *apparencia;* pelo nosso raciocinio percebemos a *realidade;* a relação entre estes dois extremos do conhecimento é a verdade. Pelo trabalho reflectido sobre as visualidades da *apparencia* chegamos a corrigir a observação e a descobrirmos que a *realidade* só se nos mostra por meio de um esforço intellectual. Primeiro que o homem na sua evolução historica chegasse a estabelecer esta equação sobre a qual fundou a sciencia, exerceu a sua actividade unicamente sobre a *apparencia.* Esta miragem da sensação deu origem á concepção poetica do universo [1], á explicação dos phenomenos pelas mythologias, á expressão das noções pelas metaphoras na linguagem, a acceitar o phantastico como natural. A primeira *realidade* percebida pela intelligencia serviu de base sobre que assentou todo o trabalho da observação; pela marcha da existencia, determinada a ideia de regularidade e de ordem, incutida pela continuidade a noção do normal, toda a manifestação phantastica se desvaneceu. Foi como se se levantasse os véos que encobriam as cousas, foi a su-

[1] Diz Plinio: «Quem *cosmon* Graeci, nomine ornamenti appellaverunt, eum nos a perfecta absolutaque elegantia, *mundum* ».

blime *revelação*. As *apparencias*, que mentiam á credulidade, submetteram-se á critica; as apparencias que agradavam permaneceram e foram o primeiro nucleo da elaboração artistica. Uma vez adquirida a força, o movimento não se póde sustar; a vida historica dos povos e das civilisações tem consistido em tornar as revelações uma demonstração, em explicar a apparencia, em mostrar e descobrir toda a realidade. A sciencia tem por fim eliminar a *apparencia* dando-nos a plena *realidade;* a primeira é um elemento, um subsidio; a ultima um resultado. Mas estes dous termos só se separam por artificio para se comprehenderem; a apparencia pertence á subjectividade da *sensação*, a realidade pertence á subjectividade da intelligencia. É preciso submetter estes dous termos á liberdade; pelo trabalho submettemos a realidade ao seu typo racional; falta pois introduzir na sensação organica um caracter livre, e só o poderemos fazer quando a reproduzirmos voluntariamente e a communicarmos calculadamente tornando a passividade uma contemplação activa. Tal é o fim da Arte. É por isso que depois de chegarmos á disciplina scientifica do seculo XIX, ainda pertence á Arte um complemento necessario na obra do desenvolvimento humano. O caracter da ideia artistica deduz-se d'aqui: quando na nossa receptividade a *apparencia* e a *realidade* se confundirem, não ha liberdade na sensação, não ha o gozo consciente. Isto caracterisa a natureza da Impressão artistica, a qual só póde existir em um estado de desenvolvimento critico da Humanidade. Aquelle que impressiona por meio de objectos ou imagens tirados de uma crença do-

minante, não faz a obra de arte; aquelle que toma como realidade immediata o effeito de uma situação ideal tambem não percebe, nem goza a concepção do artista. Em ambos os casos a Arte depende de uma alta cultura ou educação scientifica.

As relações da Arte com a Moral ajudam-nos a explicar melhor as condições especiaes da Impressão artistica; como se sabe pelo moderno criterio comparativo, a noção moral deriva de um instincto organico, e é pela conversão dos instinctos espontaneos em vontades reflectidas que se faz essa generalisação racional naturalmente imposta ao assentimento unanime. A impressão artistica tem tambem uma origem organica; mas só quando ella se discute, e a sensação se repete voluntariamente e se communica com uma intensidade calculada, é que então essa passividade agradavel se torna um meio de unificação sentimental ou de unanimidade affectiva. A Arte é o conhecimento d'esta categoria de impressões reflectidas, que, como a racionalisação dos instinctos na Moral, estimula os actos altruistas. O *costume* e a *tradição,* tão analogos entre si pela sua natureza statica, são os elementos concretos sobre que se constituem a *Moral* e a *Arte;* esta elaboração é evolutiva e historica, e por isso, quer collectivamente, ou segundo as condições sociologicas, quer individualmente, ou segundo as condições psychologicas, a Arte e a Moral são dous capitulos da philosophia do sentimento, sendo as faculdades estheticas, como primeiro descobriu Augusto Comte, o nexo entre as faculdades intellectuaes e affectivas. Assim como se desenvolve o senso moral, o *senso esthe-*

tico tem tambem a sua evolução historica na civilisação humana; nas sociedades selvagens e esporadicamente nos grandes criminosos o senso moral não se revela, e sobretudo nas naturezas infantis é que se observa o despontar gradual da racionalisação dos instinctos. Da mesma fórma se manifesta o senso esthetico, e por isso só se poderá comprehender a caracteristica da Impressão artistica, procurando nas lendas tradicionaes a sua origem sensorial ainda em estado de syncretismo espontaneo. Dos factos sociologicos, que fatalmente influem na formação das concepções individuaes escolhemos os que pela sua tendencia altruista apparecem como thema na Arte de todos os povos: pelo *Amor* podemos conhecer a idealisação da selecção sexual; pelo *Valor*, a idealisação da personalidade; pela *Honra* a idealisação do costume na collectividade social. A arte antiga apresentanos estes sentimentos em um syncretismo espontaneo, syncretismo que ainda sobrevive no senso esthetico popular impossibilitando-o de perceber a livre Impressão artistica.

N'este estado primitivo de syncretismo, dá-se uma confusão entre a realidade dos phenomenos naturaes e as impressões do organismo. O homem toma os seus modos de vêr phantasticos como realidades, como sabemos pelas ideias do systema do mundo, pela ideia da configuração da terra, etc.; e ao mesmo tempo reduz a realidade ás condições da sua intelligencia, como nas religiões sidericas, taurebólicas ou ophiolátricas. É preciso que a impressão seja discriminada da realidade, e que mutuamente se expliquem, para poder dar-se

creação artistica. O Bello, nas épocas philosophicas, é uma impressão consciente, que póde ser livremente produzida, e que serve para descobrir o sentido da realidade e interpretal-a. É isto o que significa o problema da verdade na Arte. A impressão directa da realidade é sempre particular e pessoal, e passa mais ou menos desapercebida segundo o maior ou menor interesse que ella desperta; no Bello, essa impressão torna-se desinteressada, e além d'isso, pelo facto de ser interpretativa, é sempre geral no seu effeito. Quando se recebe a impressão e simultaneamente o conhecimento do que ha n'ella de voluntario e livre, dá-se a sensação artistica. Quando a impressão, apesar de ser produzida pelos recursos da maior liberdade, é recebida como uma realidade fatal, o que devêra ser um effeito do Bello não é mais do que uma sensação animal que não póde ser modificada pela intelligencia. Foi n'este segundo caso que o homem recebeu as manifestações do Bello em estado de immanencia. Temos exemplos d'este syncretismo das impressões e da realidade em épocas já de civilisação, e que nos explicam o problema. Conta-se que na tragedia de Eschylo, as *Eumenides,* a scena em que apparecem as Furias com cabellos desgrenhados, que são madeixas de serpentes, uivando e seguindo Orestes, causava uma tal impressão que as mulheres abortavam e as crianças marasmavam-se com o susto. D'estas tradições, colligidas pela primeira vez na *Vita Aeschyli,* diz Patin: «por terem sido muitas vezes repetidas, nem por isso são menos certas». (*Trag. greg.*, I, pag. 369). Tanto o artista como o publico estavam no mesmo es-

tado syncretico; Eschylo servia-se de symbolos religiosos que estavam ainda em plena vitalidade, e que produziam uma impressão involuntaria; faltava-lhes o desinteresse indispensavel dos recursos da arte. O publico, em parte surprehendido por este abuso de effeitos, não via n'elles mais do que a realidade immediata; a sua impressão não podia ser discutida. Assistia á figuração de um dogma, e não a essa harmonia de impressões em que se sabe o que o artista teve no intuito, e em que somos levados voluntariamente a concordarmos com a sua ideia. Assim como um corpo pela trepidação acha o seu equilibrio, assim por uma série de impressões que acceitamos, somos levados a uma emoção que nos identifica na mesma comprehensão d'aquelle que se propoz este fim. Estes factos nos levam a precisar a verdadeira noção do Bello, que anticipamos aqui, reservando a sua demonstração para depois. Como creação humana, o Bello é o ponto aonde as vontades individuaes se encontram em accordo commum, independentemente de uma convenção prévia. Sem a fatalidade logica de uma conclusão de raciocinios, sem o interesse bilateral que produz a harmonia do contracto juridico, pelo Bello chega-se ao mesmo resultado final da verdade ou da justiça. Por isso, quanto mais se realisa esse accordo, desligado de toda e qualquer convenção, tanto mais profundo é o effeito do Bello; é como a graça espontanea, que não precisa ser explicada, e que se destroe sob qualquer commentario. Os romanos, que se não caracterisam por uma Arte original, mostram-nos pela scena de Lauréolo, executado sobre o pal-

co, a incapacidade de achar prazer fóra da realidade immediata.

A anecdota do cacho de uvas pintado por Zeuxis, aonde vinham picar os passaros, ou a da toalha de Apelles, definem-nos que o problema da *imitação* na Arte, não era então o bastante para o effeito da realidade que se interpreta, mas a cópia da realidade pela materialidade servil. No seculo XVI, Marlow, auctor do drama o *Fausto* inglez, é perseguido por o tornarem responsavel das palavras que elle põe na bocca do seu heroe. Cervantes comprehendeu profundamente este syncretismo da impressão e da realidade, que se dá nas naturezas ingenuas, quando collocou o seu heroe D. Quixote assistindo a uma representação dos titeres de Mestre Pedro. Estava o cavalleiro da Triste Figura attento a vêr como Gayfeiros raptava sua esposa Melisendra, que estava captiva dos mouros, e como estes se alarmavam e o seguiam; n'isto D. Quixote confunde a sua impressão com a realidade, e começa ás cutiladas contra os bonifrates: «Viendo y oyendo pues tanta morisma y tanto estruendo Don Quixote parecióle ser bien dar ayuda á los que huian, y levantandose en pie, en voz alta dixo: *No consentiré yo, que en mis dias y en mi presencia se le haga supercheria á tan famoso caballero y á tan atrevido enamorado como Don Gayféros: detencos, mal nacida canalla, no le sigais, ni persigais, si no, commigo sois en la batalla.* Y diziendo y haciendo desenvaynó la espada, y de un brinco se puso junto al retablo, y con acelerada y nunca vista furia comenzó á llover cuchilladas sobre la titerera morisma, derribando

á unos, descabezando á otros, estropeando á este, destrozando á aquel, y entre otros muchos, tiró un altibaxo tal, que si maesse Pedro no se abaxa, se encoge e agazapa, le cercenara la cabeza con mas facilidad que si fuera hecha de massa de maçapan. Daba voces maesse Pedro, diziendo: *Detengase Vuesa Merced, señor Don Quixote, y adrierta que estos que derriba, destroza e mata, no son verdaderos moros, sinó unas figurillas de pasta: mire, peccador de mi! que me destruye y echa á perder toda mi hazienda.* Mas no por esto dexaba de menudear Don Quixote cuchilladas, mandobles, tajos y rebezes como llovidos». (*Quixote,* Part. II, cap. XXVI). São factos d'esta natureza, que nos revelam o alcance da these philosophica da obra de Cervantes. Por ultimo citamos mais alguns factos com authenticidade historica, como o effeito da representação do *Othello* em Hamburgo contado por Otto Müller: «as portas dos camarotes abriam-se e fechavam-se, saía-se ou se era levado sem sentidos, e assegura-se que muitas senhoras de Hamburgo, por terem assistido a esta peça, soffreram os mais lamentaveis accidentes. A peça terminou diante de um publico silencioso; a impressão da catastrophe foi tão profunda, que depois de baixar o panno, não se ouviu applauso algum. Cada qual deu-se pressa de sahir, como alliviado de um grande peso». (*Charlotte Ackermann,* pag. 233, 235, ap. Victor Fournel). Em uma representação da *Merope* de Voltaire, no momento em que mademoiselle Du Mésnil, que desempenhava esta parte, levantava o punhal para matar Egistho (act. III, sc. 4) levantou-se uma voz soluçante, dizendo d'entre a

multidão: «Não o mateis, que elle é vosso filho». (V. Fournel, *Curiosités dramatiques,* 236). Como estes, ha infinidade de factos, cada qual mais pittoresco e ingenuo, já risiveis, já desastrosos, nas capitaes aonde existe a mais alta civilisação. É d'aqui que partimos para caracterisar esse periodo syncretico em que a identificação da impressão com a realidade não era um facto excepcional, anecdotico, mas um estado moral commum. A importancia d'este facto vê-se no aferro de um povo ás suas tradições; Goëthe observou que as crianças quando ouvem um conto, exigem quando lh'o narram novamente, que se conformem rigorosamente com a primeira impressão que receberam; consideram como falso e errado tudo quanto não é igual á versão primitiva. Temos praticamente observado este phenomeno. Isto mostra a importancia profunda das tradições populares, emquanto á ethnologia; mas tambem serve para se conhecer que ellas não pertencem á litteratura senão como fundo sobre que assentam as creações artisticas.

Vimos como da parte do espectador se podia dar o syncretismo da impressão com a realidade; mas o que é mais extraordinario é que esse phenomeno caracteristico das épocas primitivas se dá ás vezes tambem no proprio artista, que chega a tomar as proprias impressões a que dá fórma, como a exacta realidade: o poeta veneziano Carlo Gozzi, que inventou o drama *fiabesco,* vivia por fim entre as entidades feéricas das suas magicas, umas vezes julgando-se perseguido pelos genios, outras vezes protegido pelo modo como os tratára nos dramas. Sob este aspecto as *Memorias* de Gozzi são inte-

ressantissimas. Balzac tambem chegou a tomar os personagens da *Comedia humana* como realidades, e as situações dos seus romances como collisões fataes d'aquella sociedade formada por elle.

D'estes phenomenos primitivos deduzem-se dous factos capitaes: — Da parte dos artistas, em que a concepção perdia o caracter de liberdade, achamos explicado o phenomeno da *inspiração*, tomado como uma fatalidade divina: Isaias canta os threnos politicos, porque um anjo lhe tocou com uma braza de lume na bocca, e lhe fez comer o livro aonde estavam as verdades que proclama. Os poemas primitivos começam com uma invocação religiosa; nos poemas da Edade-média, o troveiro abre e fecha a sua gesta, dirigindo-se á Virgem ou a algum santo local. — Da parte do publico, em que a impressão se não discute, somos levados a analysar a natureza do *pathos*, isto é, o fundo emocional d'onde se tiram as idealisações da Arte. No periodo do syncretismo o *pathos*, ou a passividade agradavel, está acima da vontade e da liberdade; não offerece por consequencia as verdadeiras condições para a creação artistica. O *pathos* é um verdadeiro soffrimento, ou *paixão*, no sentido primitivo da palavra. A *paixão* de Jesus e a *paixão* de Hamlet, explicam-nos estes dous momentos, separados por um immenso progresso. As diversas phases do *pathos*, sobre que se fundam as obras de arte, são: o *Amor*, o *Valor* e a *Honra*; analysados estes sentimentos dentro do periodo do syncretismo, em todos elles se reconhece um caracter de fatalidade, que se não deixa discutir, e muito menos, reproduzir livremente.

Do AMOR. — Na edade heroica o amor é uma inferioridade; é uma força divina, que ataca de preferencia o fraco. A mulher não conhece essa graça preciosa e social do pudor, e é a que obedece mais promptamente á fatalidade do organismo, e se arremessa para o heroe, provocando-o, tentando-o, entregando-se-lhe sem rodeios. O amor é como uma vertigem orgiastica, que arrebata as bacchantes, uma allucinação que se aproxima da morte. Ferir-se de amor, era o mesmo que ter recebido com o ferro o sumo venenoso de uma planta, ou bebido, como Tristão, o philtro magico da fascinação. Nos poemas antigos, que ainda pertencem ás épocas do Syncretismo, o amor apresenta todos estes caracteres. No *Schah-Nameh,* a filha do rei de Turan, a bella Tehminé vae ter ao leito de Rustem; o heroe prefere a ella o seu corcel ligeiro Raksch; é tambem a mulher de Putiphar, na Biblia, que se sente louca por Joseph. Mr. Ampère explica o facto pela inferioridade da mulher na civilisação oriental, mas não é admissivel esse caracter privativo, porque tambem na civilisação grega encontramos o amor allucinado do fraco, no arrebatamento de Sapho por Phaon, de Phedra por Hypolito, de Biblis por Cauno, de Medêa por Jason. Nas Canções de Gesta da Edade-média, e nas Novellas de cavalleria, apparece egualmente este amor primitivo, que para nós seria indecoroso e inconveniente, e que não é mais do que o impulso invencivel da espontaneidade natural. A repetição d'este facto caracteristico em differentes civilisações, mostra-nós que elle pertence a estados analogos da natureza humana, aos *ricorsi* das diversas edades, como

dizia Vico. No *Fierabras*, Floripar, a filha do emir Balan, é descripta como violentamente apaixonada pelo heroe francez Gui de Bourgogne, a ponto de lhe declarar o seu amor, e de jurar-lhe que se fará christã para o desposar. Quando Floripar fecha na sua camara os paladins francezes que estavam prisioneiros, e sabe que ali está Roland, lança-se a seus pés, dizendo: — Gloria a vós, destemido cavalleiro; tomae-me em vossa guarda. (Roland ergue-a)— Senhores cavalleiros, daes-me todos a vossa palavra, de me fazerdes um serviço junto de Carlos Magno, que eu reclamo de vós? — Sim, respondeu Roland, em nome dos outros: o que pedis? — Eu peço por esposo, disse Floripar, um cavalleiro, que eu vi bravo e formoso sob as armas; elle chama-se Gui de Bourgogne. — Vós tendes o que desejaes, tornou Roland; aqui está Gui de Bourgogne a tres passos de vós. — Desposae-me então immediatamente, cavalleiro. E depois de Roland unir com seriedade heroica as mãos do cavalleiro e da filha do Emir, Floripar prosegue: — Louvado seja Deus; agora tenho aquillo que eu mais queria no mundo, e far-me-hei voluntariamente baptisar por causa d'elle. Aonde havia troveiro obscuro que soubesse penetrar estes recessos da consciencia humana? É esta a verdade, sabida pela tradição dos que viveram proximo d'essas edades de infancia. Abaixo mostraremos como Shakespeare se elevou á mesma comprehensão da natureza pela intuição philosophica. No poema de *Amis et Amiles* dá-se uma situação identica; a formosa Belissant entrega-se ingenuamente a Amiles: — Bom senhor Amile, disse a franca mesquinha, eu vos offereci

no outro dia o meu serviço dentro da minha camara, desnudada, em camisa... Senhor, eu não quero outro senão vós; uma noite em vosso leito me esconderei, todo o meu coração vos entregarei em abandono. (v 612, 628). Amiles recusa sempre, conhece o perigo de ter a cabeça cortada se tocar na filha do rei, mas afinal condoe-se d'aquelle violento impulso que a arremessa para elle. É preciso ter respirado a aragem forte e agreste d'essas epopêas da Edade-média, para achar aqui a verdade mais clara do que nas conveniencias das épocas burguezas. Como Bellissant é tambem a Luziane no *Aiol de Saint-Gilles*. Mas na celebre novella de *Amadis de Gaula*, que pertence já ao seculo XIV, ainda apparece o vestigio do amor e da tradição primitiva na paixão de Briolanja por Amadis. O novellista submette a fidelidade do cavalleiro a uma terrivel prova: Amadis vae vingar a morte do pae da joven princeza Briolanja, e depois de ter castigado o usurpador, restitue-a no throno de seu pae. Briolanja reconhecida, enamorada pelo garbo do paladim e pela gentileza do seu porte, declara-lhe o grande amor que tem por elle, e a vontade de se metter com elle no seu leito. As aventuras passadas para provarem a fidelidade de Amadis por Oriana deverão cahir ante esta situação? Vasco de Lobeira, que pertencia a uma época de refinamento sentimental, fez com que Amadis não accedesse á paixão de Briolanja; porém o principe D. Affonso de Portugal mandou-lhe corrigir este episodio, condoído pela sorte da formosa Briolanja, que depois teve dous filhos de um só ventre gerados por Amadis. Este facto, notavel na historia litteraria, não é menos

importante na Philosophia da Arte; o principe D. Affonso de Portugal representa aqui a impressão syncretica confundida com a realidade, e incapaz de julgar-se por ella as obras de arte. O que mais assombra é encontrar em Shakespeare, na *Julietta e Romeo,* esta mesma comprehensão do amor; Julietta declara o seu amor ao formoso Montaigu: «Bem sabes que o véo da noite occulta a minha face; a não ser assim, tu a verias córar de rubor virginal, causado pelas palavras que me ouviste proferir esta noite. Eu queria conter-me nos limites da reserva. Queria negar as palavras que já disse... mas, deixemos os subterfugios! Amas-me? Eu sei que me vas dizer: Sim! e eu confio na tua palavra. Não me faças juramentos. Querido Romeo, se me amas, dil-o, sê franco; se pensas que me venceste muito cedo, eu comporei um semblante severo, eu me farei intratavel para dar-te um Não; mas unicamente para te provocar a me requereres de amor; de outro modo seria incapaz d'isso: bem conheço, bello Montaigu, que amo muito e o meu porte deve parecer-te leviano; mas, fia-te em mim, cavalleiro, tu me has de achar mais sincera do que aquellas que têm a habilidade de affectar esquivanças. Podia ter mais recato, confesso-o, se me não tivesses surprehendido o segredo da minha leal ternura; perdoa-me, e não attribuas a minha pouca resistencia á leviandade do meu amor; attribue-a á noite, que me fez trahir esse mysterio». (Act. II, sc. 2). Depois da creação artistica a natureza apparece ainda mais eloquente; uma pobre reclusa de um mosteiro de Beja, no seculo XVII, apaixona-se por um expedicionario francez, e é ella que diz: «pareceste-

me amavel antes de me teres dito que me amavas...» (Carta IV). Marianna escrevia isto no momento do naufragio de todas as suas esperanças.

É este o sentimento indomavel do amor primitivo, o que predominou no periodo do syncretismo; era uma allucinação sagrada que produzia o terror e a morte, e portanto não podia inspirar a obra de Arte, serena e reflectida por isso que é livre. Era como a tunica de Nessus, que se envolvia no corpo do heroe, e o abrasava em uma chamma occulta, e que em um accesso de desespero o fazia procurar o descanço sobre a grande pyra funeral. É isto o que está representado no mytho de Hercules, o typo do heroe, que se atira ás chammas, desesperado nas ancias causadas pelo amor de Djanira.

Do VALOR. — Primeiro que este sentimento fosse o resultado reflectido de uma convicção moral, que se manifesta na acção que o determina, tomou-se unicamente como a força material, considerada sob aspectos terriveis ou divinos, conforme as circumstancias em que era empregada. A força era um dote ou perstigio superior, que nada tinha de individual ou de épico. N'este periodo fixar os caracteres do *heroe*, é fazer a historia da *Força*. Quanto mais antigos são os documentos da consciencia humana, mais a *Força* se aproxima da manifestação do mal; no Ramâyana, o forte é considerado em uma escala abaixo do homem; é o macaco *Hanumàt*, monstruoso, extranho á perfeição. Eis como este heroe apparece retratado na estupenda epopêa de Valmiki: «Aquelle que além vês, de pé como um elephante embriagado para os combates; que em sua colera póde agitar até o mar

sómente com a sua força, é esse mesmo macaco que triumphou outr'ora de Lanka, e que já viu Sita: vê-o outra vez diante d'estes muros, com esses olhos que o tinham visto antes d'este dia. É o primogenito de Keçari ou, como dizem, é o filho do Vento. Chamam-lhe Hanumât, e foi elle quem transpoz o mar. É impossivel pôr obstaculo ao seu caminho, do mesmo modo que é impossivel deter o vento na carreira. Um dia, quando era novo ainda, assim que viu o sol que se alevantava, atirou-se para elle; é facto certo; abriu uma vereda que percorre até tres mil yodjanas: — Eu hei de agarrar o sol, dissera elle, e o sol não girará mais sobre mim. — Tinha assentado esta resolução na sua mente, e já a sua força o cegava de orgulho. Mas sem agarrar o sol, o nume o mais invencivel dos sêres para os Dânavos, Rishis e os proprios deuses, caiu sobre a montanha detraz da qual surge o astro que dá a luz. O macaco de corpo válido, precipitado contra o viso do rochedo ahi ficou com uma queixada meio partida; desde então ficou sendo chamado Hanumât. A sua força, suas fórmas e a robustez são cousas impossiveis de descrever». Eis o retrato do primeiro *heroe,* ainda rudimentar na fórma humana, levado por um capricho brutal, incapaz de comprehender o ridiculo, e, na sua fórma grotesca, de uma magestade augusta, que sobre elle derrama a profunda bondade dos poemas da India.

Hercules, no mundo grego, está já acima de Hanumât; mas a *força* é temida, e para a destruir, é preciso crear-lhe trabalhos a vencer, e aonde encontre uma ruina inevitavel. Hercules é forte e por isso odiado; primo-

genito, tornam-no filho segundo pela sua simplicidade; seu irmão Eurystheo, covarde e abjecto, para o perder, pede-lhe o javali de Eurymantho, e elle traz-lh'o amarrado, com a impassibilidade de quem fez o que se pedia. As tradições retratam-no ainda negro e feio, mergulhado na brutalidade, mas ao abrasar-se no seu amor de justiça sobe á pyra e exclama que vae sentindo que se torna um deus. No poema de *Antar,* que retrata a vida aventurosa dos desertos da Arabia, o heroe é negro; creado desde a infancia com Abla, como vencer a repugnancia da tribu da donzella? Só á custa das maiores valentias, dando-lhe a supremacia, enriquecendo-a, é que a alcança, e á maneira do Cid, é ainda o seu cadaver que defende a tribu de Ales.

Pela força do syncretismo, que reune as mais oppostas relações, o typo do *heroe,* inferior ao homem, recebe um caracter divino, por isso que realisava a justiça na sua acção. Quasi sempre o heroe era filho de uma virgem, isto é, *parthenio;* a sua força provinha tambem da circumstancia maravilhosa da virgindade do corpo. O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, no syncretismo da sua comprehensão, imitava a virgindade do typo novellesco de *Galaaz,* para ser forte como elle. Nas epopêas, Achilles é filho da deusa Thetis, Eneas da deusa Venus, Sigurd tem por ascendente o deus Odin, Brunhild é uma walkyrie. As armas do heroe correspondem á sua natureza divina: a espada de Achilles é forjada por Vulcano, a de Sigurd é forjada por Mimer dos restos da que pertencera a Odin; ou fabricadas por anões maravilhosos, ou encantadas, como a *Joyeuse,* a *Flam-*

berge, a *Durandal*, a *Belizarda*, a *Courtain*, a *Furbert*, e a lança *Argail*. Os seus cavallos são encantados, como o cavallo Bayard, que quando escarvava no chão parecia que tocava uma lyra, como o *Alforne*, *Brabicant*, *Bridedor*, *Frontin*, *Braiffort*. A natureza divina do heroe está por si revelando o processo syncretico como os deuses das theogonias receberam uma elaboração historica com que vieram depois a constituir as epopêas; a prova mais palpavel está no facto de se encontrar em muitas litteraturas as fórmas lyricas dos hymnos religiosos que foram os elementos primarios das epopêas, como os *Vedas*, para o *Mahùbhàrata* e *Ramâyana*; o *Avesta*, para o *Schah-Nameh*; os *Eddas*, para os *Niebelungens*. Desde que o heroe toma essa feição historica, elle ha de representar a defeza do territorio commum, a Patria; a impressão do caracter divino permanece, mas por esta conciliação do typo real ou historico com o legendario ou mythico, o heroe defende a sua raça, mesmo além da morte. Elle regressa do mundo das sombras para acudir á patria; na poesia scandinava são os *Einheriar*; na Grecia, Harmodius resurge para essa defeza, como Ogier le Danois, o rei Arthur, Sigfried, Frederico Barba-roxa, S. Thiago nas luctas da Peninsula christã, ou D. Sebastião o Desejado, entre o povo portuguez. Mas ao lado do heroe ia o *Companheiro*, o que comia o mesmo pão, que lhe modificava a impetuosidade fallando-lhe a linguagem *vernacula* do senso commum, por meio de rodeios indirectos, por Apologos. Segundo Vico, Esopo representa esta missão do *Verna*; o Apologo é uma creação poetica, mas a ne-

cessidade que o provocava, exclue d'elle o caracter artistico do desinteresse e da livre concepção sem um fim particularisado. Quando Mnenio Aggrippa applicava o Apologo da lucta entre os membros que não queriam trabalhar para o estomago, a situação difficil em que se achava para convencer a plebe romana a voltar para a cidade não lhe deixava a liberdade intellectual para achar a harmonia da relação que elle queria fazer comprehender. O *Verna,* como representava o bom senso do fraco, acompanhou o desenvolvimento da rasão, creou a força das maiorias, e um dia a relação de dependencia entre o companheiro e o heroe inverteu-se, n'essa popularidade ridicula de *Quixote* e de *Sancho.*

Da honra. — O esforço com que o homem se determina em uma repentina e imperiosa collisão de deveres, confunde-se n'este periodo com a força physica. O esforço da determinação, denominado pelos moralistas *virtude,* é expresso no sanskrito pela palavra *vira,* que significa propriamente o heroe, e no latim *vir* é uma transformação de *vis,* a força. *Ver* ou *fear,* dos gaulezes, e *fir,* dos irlandezes, designam simultaneamente o forte e o heroe. *Wehre,* é o nome da raça dos fortes, o mais honroso dos ramos indo-europeus. Como a força era o fundamento do direito, a confusão da honra com a força leva a equiparar a honra ao direito. Na Edade-média a *honra,* era o logar aonde se gozava a garantia civil, e em que o fidalgo tinha o solar independente. Na pena de banição, ser posto fóra da sua *honra,* era conduzir o sentenciado para fóra dos limites do territorio aonde se achava garantido pela lei. Quando pela organi-

sação social da Edade-média a terra era o caracteristico do homem livre, d'onde veiu a maxima altiva de *Nul terre sans seigneur,* o facto de chamar a um homem *Sans terre* era a maior affronta que se lhe podia dirigir. Era negar-lhe a sua *honra.*

Todos estes symbolos estavam muito vivos e revestidos de respeito, para serem livremente interpretados pela arte; não podiam ser objecto d'ella. Uma época de syncretismo vive em plena poesia, mas sem consciencia d'essa relação mais intima em que está com a natureza; sentem o *Bello* na sua *immanencia,* mas por isso mesmo não o podem reproduzir conscientemente.

A emoção do *Sublime,* sobre o qual Kant fez observações fragmentarias mas sempre justas, pertence tambem ao estado syncretico. O *Sublime* é a sensação instantanea produzida pelos grandes phenomenos naturaes, em que a impressão se aproxima o mais possivel da realidade, e em que as relações suscitadas não recebem uma explicação prompta, isto é, em que a emoção excede os recursos da expressão. É como um susto que se torna agradavel. Kant exemplifica o *Sublime,* dizendo: «o aspecto de uma cordilheira de montanhas com os cumes cobertos de neve e entestando com as nuvens, a descripção de uma tempestade, ou o retrato que nos faz Milton dos infernos, fazem nascer em nós uma sensação mesclada de horror». Diz mais: «o *Sublime* toca... o que sente o sublime em toda a sua força, tem ar sério, ás vezes atonito e fixo... ás vezes este sentimento é acompanhado de horror e tristeza». Exemplica o *Sublime terrivel* com os desertos medonhos de Chamo na Tartaria.

É este o que pertence á phase do syncretismo, e tambem está fóra da Arte. Kant indica os factos mas não dá a explicação; todos os caracteristicos do *Sublime* observados por este philosopho, mostram-nos que a realidade é imponente, que a sensação em logar de ser recebida é incutida, e que a impressão é de tal fórma forte que não dá tempo a ser discutida. N'estas condições sentirá mais o *Sublime* o que estiver em um maior estado de rudeza. O Sublime chegou até ás épocas de creação artistica e é uma das suas mais altas manifestações; mas á medida que a civilisação avança, a concepção do Sublime vae-se tornando excepcional. Nos grandes seculos da pintura italiana só um homem consegue produzir a impressão do *Sublime,* — é Miguel Angelo. O seu Moysés é realmente sublime, mas as palavras que lhe dirigia, quando ao feril-o com o escopro, lhe dizia — *Falla!* mostram o syncretismo que se passava dentro d'aquelle cerebro que acceitava a impressão como realidade. Os ditos celebres de Miguel Angelo retratam bem este estado moral; dizia que, quando lia Homero, sentia-se alto de dez covados, e chamava á egreja de Santa Maria Novella *mia sposa.* Em Goëthe encontramos o modo como elle traduzia a Mendhelsson a impressão do *Sublime,* que lhe deixavam as *Sonatas* de Beethoven: — «Parece-me que vem a casa abaixo». Pelo que ha de espontaneo na producção do *Sublime,* elle ha de apparecer fatalmente nas raças sombrias e violentas; o Livro de *Job,* entre os hebreus, a divinisação do mal na Persia, mostram-nos uma tendencia particular nos Semitas para o Sublime. Nas raças indo-europêas, o Saxão é o que

mais exagera as paixões, o que se sente mais á vontade na catastrophe, o que provoca as collisões mais inopinadas e urgentes; os maiores tragicos são inglezes, como Marlow, Webster, Greene, Shakespeare, e mesmo Byron no seu lyrismo.

Todos estes elementos aqui discutidos não produzem a ideia do *Bello* na intelligencia, mas collaboram por uma Synthese affectiva na creação da unidade moral da sociedade, e no vinculo commum da nacionalidade; sómente depois de fixadas estas bases, é que se encontram as condições para realisar-se livremente o Bello com os caracteres peculiares á raça que o descobre.

Na sua obra *L'Avenir de la Science,* Renan, insistindo sobre a importancia da alliança entre a Philologia e a Philosophia, presentida por Vico, para a verdadeira comprehensão da humanidade, põe em relêvo o impulso novo devido a Hegel determinando o fim ideal d'este sêr collectivo: «Se ha um resultado adquirido pelo immenso desenvolvimento historico do fim do seculo XVIII e do XIX, é que ha uma vida da humanidade, como ha uma vida do individuo; que a historia não é uma vã série de factos isolados, mas uma tendencia espontanea para um fim ideal. Que o perfeito (o *estado normal* na linguagem de Comte), é o centro de gravitação da humanidade, como de tudo o que vive. O titulo de Hegel á immortalidade será de ter primeiro do que ninguem expresso com uma perfeita nitidez está força vital e em um sentido pessoal, que nem Vico, nem Montesquieu, alcançaram, e que o proprio Herder apenas va-

gamente imaginára» [1]. A concepção d'esta existencia collectiva, dando logar á investigação de uma *psychologia da humanidade,* ao passo que ia criando os elementos para uma nova Philosophia das Litteraturas, fixava tambem o criterio definitivo e seguro para a Historia das Litteraturas: «Desde que a Humanidade é concebida como uma consciencia que se faz e se desenvolve, ha então uma *psychologia da humanidade,* como ha uma psychologia do individuo» [2]. E uma vez reconhecida a importancia do novo problema, têm de ser estudados separadamente os estados moraes primitivos, as creações anonymas ou inconscientes, os caracteres geraes das épocas, d'onde resultam as altissimas revelações dos genios individuaes. Renan descreve admiravelmente as consequencias d'este ponto de vista humano, um dos mais elevados aspectos da sciencia moderna: «O mais alto gráo de cultura intellectual é aos meus olhos — o *comprehender a humanidade.* — Ora, esta intuição verdadeira da humanidade, que no fundo não é senão critica, sómente a sciencia historica e philologica a podem dar. O primeiro passo da sciencia da humanidade, é distinguir duas phases no pensamento humano: a *edade primitiva,* edade de espontaneidade, em que as faculdades, na sua fecundidade creadora, sem se considerarem a si mesmas, pela sua tensão intima, attingem um objecto que ellas não tinham visado; e a *eda-*

---

1 *Op. cit.,* pag. 172 (4.ª ed.).

2 Ibid., pag. 174.

de de reflexão, em que o homem se considera e se possue a si proprio, edade de combinação e de peniveis processos, de conhecimento antithetico e controvertido». (*Ib.,* pag. 259). E accentuando a importancia psychologica d'esta edade primitiva, explica amplamente: «A historia primitiva, as epopêas das edades espontaneas, as religiões, as linguas, não terão sentido senão quando esta grande distincção se tornar moeda corrente. Os enormes erros de critica, que se commettem, de ordinario, apreciando as obras das primeiras edades, provêm da ignorancia d'este principio e do habito em que se está de julgar todas as edades do espirito humano pela mesma craveira». (*Ib.,* pag. 260). E depois de mostrar que a chronologia historica não explica os estados do espirito humano, como se vê na similaridade dos caracteres de espontaneidade entre a antiguidade e a Edade-média, conclue: «A theoria do primitivo do espirito humano, tão indispensavel para o conhecimento do proprio espirito humano, é a nossa grande descoberta, e introduziu na sciencia philosophica dados profundamente novos». (*Ib.,* pag. 264). «Se alguma cousa póde fazer comprehender o alcance da critica e a importancia das descobertas que se devem esperar d'ella, é seguramente o ter explicado pelas mesmas leis Homero e o *Ramâyana,* os *Niebelungen* e o *Schah-namch,* os *Romances do Cid* e as canções de Gesta, os cantos heroicos da Escossia e da Scandinavia». (*Ib.,* pag. 265). Por ultimo, Renan descreve os resultados d'esta critica universal, com que caracterisa o estado mental do seculo XIX: «Ás duas phases do pensamento humano correspondem effe-

ctivamente duas fórmas de Litteraturas: *litteraturas primitivas,* jactos nativos da espontaneidade dos povos, flores rusticas mas naturaes, expressões immediatas do genio e das tradições nacionaes; — *litteraturas reflectidas,* bem mais individuaes, e para as quaes as questões de authenticidade e de integridade, impertinentes quando se trata de litteraturas primitivas, têm a sua plena significação. Assim se acham collocados nos dois pólos do pensamento poemas que se costumava collocar ao lado um do outro, como a *Illiada* e a *Eneida*». (*Ib.,* pag. 265).

Mas n'este immenso trabalho de renovação mental, mais do que nunca se torna urgente a união da Philologia com a Philosophia; quando no fim da Edade-média a Philosophia se exercia sobre entidades nominaes, fóra das realidades concretas do mundo exterior, a rasão humana construindo o universo com argumentos caíu na inanidade do scholasticismo; hoje, a critica exercendo-se exclusivamente sobre os factos (*nihil praeter facta*), decompoz as velhas syntheses religiosa e social, e acha-se impotente para recompôr a synthese objectiva compativel com o estado actual da consciencia moderna. Torna-se urgente a união dos dois processos. Renan reconhece a importancia da Philologia, que elle identifica com a erudição: «D'onde provêm tantas vistas novas sobre a marcha das Litteraturas e do espirito humano, sobre a poesia espontanea, sobre as edades primitivas, senão do estudo paciente dos mais áridos detalhes? Vico, Wolf, Niebuhr, Strauss, teriam enriquecido o pensamento com tantos aspectos novos, sem a mais minuciosa

erudição?» (*Ib.*, pag. 136). Mas estas séries de factos, esta *silva rerum* é que são o elemento real systematisado pela Philosophia: «A união da Philologia e da Philosophia, da erudição e do pensamento, deveria ser portanto o caracter do trabalho intellectual da nossa época». (*Ib.*, pag. 135). Eis definida a missão do seculo XIX, por um espirito liberto de todos os systemas, por uma organisação de humanista suggerido pelos mais luminosos aspectos das cousas; elle caracterisa assim essa Philosophia, que tem de fecundar-se pela critica: «A verdadeira philosophia é a sciencia da humanidade, e a sciencia de um sêr em perpetuo *devenir*, não póde ser senão a sua historia. A historia não curiosa mas theorica do espirito humano, tal é a Philosophia do seculo XIX. Ora este estudo não é possivel senão pelo estudo immediato dos monumentos, e estes monumentos não são abordaveis sem as investigações especiaes da philologia». (*Ib.*, pag. 132). E de argumento em argumento, Renan chega á conclusão suprema sobre que assenta a Philosophia positiva: «a Historia é a verdadeira Philosophia do seculo XIX» [1].

---

[1] *L'Avenir de la Science*, pag. 271. Transcrevemos aqui as palavras com que Augusto Comte abre a sua Dynamica social: «O seculo actual será principalmente caracterisado pela irrevogavel preponderancia da historia, em philosophia, em politica, e mesmo na poesia. Esta universal supremacia do ponto de vista historico constitue ao mesmo tempo o principio essencial do positivismo e o seu resultado geral». *Politique positive*, t. III, pag. 1.

c) Comte, sua disciplina mental e a systematisação do regimen revolucionario. — A creação de uma Philosophia não é um capricho de originalidade individual; é um balanço geral das concepções de uma época ou de uma edade, é o consensus de uma civilisação formulado abstractamente pelo esforço intellectual de um pensador. Existiu, como observou Spencer, um estado mental de unanimidade dos crédulos, a cuja synthese religiosa Comte chamou *estado theologico;* como existiu um estado mental de dissentimento dos criticos que procuraram a explicação dos phenomenos fóra da sua realidade, e que elle denominou *estado metaphysico.* Os theologos explicavam o universo por uma vontade divina ou *Causalismo;* os metaphysicos, dissentindo das fórmas particulares d'essa causa das causas, explicavam o universo pelo seu destino providencial ou *Finalismo.* Historicamente verifica-se o conflicto d'estes dois estados mentaes no fim da Edade-média: no seculo XIII, quando a Europa estava sob a direcção da Egreja, e a consciencia humana se apoiava sobre a synthese da *Graça,* começou um trabalho de dissidencia critica determinado pela descoberta da *Logica* de Aristoteles, e pela elaboração dialectica os espiritos foram levados para as theorias metaphysicas do Nominalismo, do Realismo e do Conceptualismo, dissolvendo-se os dogmas em um livre exame que chegava até á heresia. Este estado mental não foi passageiro; disciplinou-se na organisação das Universidades e no ensino secular, com um evidente caracter de emancipação intellectual ou revolucionaria. E esta crise dos espiritos aggravou-se com a crise social da entrada

do proletariado na sociedade civil moderna, e decadencia successiva da auctoridade do poder feudal, que sem destino para a sua actividade guerreira se exercer, viu uma lei impessoal surgir dos codigos romanos e ser applicada pela realeza como fundamento da sua soberania. É esta dupla crise que se denomina historicamente dissolução do regimen catholico-feudal, crise que se prolonga por uma fórma espontanea nos seculos XIV e XV, e systematicamente desde o seculo XVI, até á explosão temporal da Revolução franceza. Eis o trama fundamental da historia moderna da Europa, que consiste em um longo processo de transformação revolucionaria, tendente a refazer a nova synthese mental, que os humanistas do seculo XVI, os criticos do seculo XVII, os encyclopedistas do seculo XVIII e os metaphysicos do seculo XIX não conseguiram realisar; e a reorganisar a nova synthese social, que as Revoluções dos Paizes Baixos, da Inglaterra e da França, e os sophismas das cartas outorgadas não souberam comprehender, por attribuirem as forças da collectividade á intervenção das individualidades, e considerarem incompativeis entre si os phenomenos de Ordem ou conservação, com os phenomenos de Progresso. Se a nova synthese se não fez ainda, persiste portanto o regimen revolucionario, de incoherencia doutrinaria e de desorientação politica, de que é preciso saírmos. Tal foi o problema philosophico e politico como Comte o deduziu da historia moderna da Europa; e a *synthese positiva* constituida por elle, merece bem este nome por ser uma resultante de factos concretos, por ser impessoal, e por corresponder ao estado troponomico da conscien-

cia humana. Que importa que alguns espiritos, que nunca estudaram a obra genial de Comte, a considerem um systema philosophico particularista, se elles reconhecem o facto historico da crise revolucionaria, que ainda se prolonga, e aspiram a uma solução final e positiva ou de normalidade? Para condensar em poucas palavras a crise intellectual da Europa na decomposição da sua velha synthese, e a necessidade de determinar uma nova base de concordia pelos resultados finaes das Sciencias concretas, transcrevemos aqui as palavras de Renan, tão injusto para Comte, mas valiosas por estar desprevenido de qualquer doutrina: «No estado actual, uma extrema critica é uma causa de enfraquecimento physico e moral; no estado normal, a sciencia será mãe da força. A sciencia, não se tendo manifestado até hoje senão na fórma critica, não se concebe que ella possa vir a ser um mobil potente de acção. Dar-se-ha isto portanto, desde o momento em que ella tiver creado no mundo uma convicção egual áquella que produziu outr'ora no mundo a fé religiosa. Todos os argumentos tirados do passado para provar a impotencia da philosophia nada provam em relação ao futuro; porque o passado não foi senão uma introducção necessaria á grande éra da rasão» [1]. Para que a rasão produza a unanimidade das convicções por fórma que exclua a já impossivel unanimidade dos crédulos, é preciso que exerça sobre as Sciencias uma disciplina de subordinação tendente ao esta-

[1] *L'Avenir de la Science*, pag. 74.

*

belecimento das leis geraes ou verdades verificaveis. Porque é que os sabios da Renascença não fizeram essa synthese? Porque lhes faltava a sciencia da *Physica,* embora as verdades da *Mathematica* e da *Astronomia* os levassem a substituir o imperio da Graça pela concepção aristotelica da Natureza. Porque não fundaram os sabios do seculo XVII e XVIII essa synthese mental? Porque a uns, faltava-lhes a creação da *Chimica,* e aos outros faltou-lhes a systematisação da *Biologia,* e pela falta do criterio da continuidade historica o conhecimento da sciencia dos phenomenos sociaes ou a *Sociologia.* Da marcha historica do pensamento europeu é que se deduz a fórma da Philosophia positiva, cuja genealogia doutrinaria mostra a sua alta segurança e irrevogavel opportunidade. A synthese objectivista de Aristoteles passa da civilisação da Grecia para a Edade-média por via dos Arabes, e inspira os primeiros esforços de disciplina mental em S. Thomaz, Rogerio Bacon e Dante; a Renascença nada mais fez do que tomar um conhecimento directo das obras da antiguidade classica, e crear o regimen critico da philologia, e levada essa critica até ao extremo negativista do libello *Quod nihil scitur,* é por ella que Francisco Sanches estabelece a transição da Edade-média para o seculo XVII, em que o chanceller Bacon, Descartes e Leibnitz retomam o problema da systematisação de um novo estado de consciencia. As noções absolutas da theologia transformavam-se pela metaphysica no deismo que embaraçava a reconstrucção positiva, e pela primeira vez a eliminação d'esse elemento subjectivo fez com que Fontenelle e

Diderot se tornassem os intermediarios do seculo XVII e XVIII, em que o criterio racional, natural e social são renovados por Hume, Kant, Condorcet, De Maistre, Bichat, Gall e Adam Smith. A explosão temporal da Revolução franceza veiu complicar o problema da crise intellectual, e embaraçar o advento da Synthese positiva entrevista por Turgot, Burdin e Saint Simon. Duas cousas tornavam quasi impossivel a realisação da nova synthese: emquanto aos phenomenos mentaes era necessario inverter o velho methodo psychologico, partindo do estudo do mundo exterior ou da objectividade, para o mundo moral da subjectividade, seguindo o caminho inverso da eschola escosseza; e em segundo logar, tornava-se urgente organisar o regimen encyclopedico, relacionando as Sciencias pelo seu encadeamento dogmatico, formulando a philosophia de cada uma, para com todas essas philosophias objectivistas construir a grande Philosophia geral positiva.

Pertence á eschola de Locke o grande principio, em que estava implicito o germen das ulteriores escholas philosophicas: — que o objecto do conhecimento, ou o mundo exterior, existe por si e independente do espirito que impressiona. Isto vinha destruir a concepção geral da Philosophia, então exclusivamente subjectiva, e mostrar a necessidade de introduzir na especulação philosophica esse imprescindivel elemento objectivo. É sob este facto que começa a lucta intellectual para a creação de uma nova Philosophia, propriamente universal. A tradição metaphysica, em Berckeley, procurou desfazer-se da dependencia d'esse elemento objectivo, que a forçava a ra-

tificar as suas affirmações gratuitas e a eliminar as suas hypotheses. Berckeley sustentava que o elemento objectivo só era conhecido por via da sensação subjectiva, e portanto, que o mundo exterior só existia accidentalmente sob a fórma a que o reduziam as nossas sensações, e que a realidade era uma representação mental. Uma objecção d'esta ordem só podia provir e ser acceite por uma concepção do Eu independente do mundo exterior, anterior a elle, e com conhecimentos innatos por tal fórma geraes, que por uma simples deducção ou raciocinio *à priori* reconstituisse o conhecimento do mundo exterior. Hume fez a critica triumphante d'esta miragem mental, sendo os seus argumentos systematisados e completados por Kant na *Critica da Rasão pura,* e na *Critica da Rasão pratica.* Kant não construiu a synthese positiva, deixou apenas uma disciplina mental criticista, e por isso fragmentaria. E como o trabalho indispensavel da correlação das Sciencias não estava feito, a concepção da subjectividade tomou novos desenvolvimentos nas theorias do *individualismo* de Fichte, da *identidade* conciliadora de Schelling, e da *synthese ideal* de Hegel. Foi a grande éra da metaphysica allemã, que se extinguia no seu ultimo clarão. A marcha das sciencias experimentaes foi mostrando que uma tal concepção se contradizia e refutava a cada nova descoberta.

A positividade dos processos de cada Sciencia era simplesmente um methodo, e um methodo não é uma Philosophia, mas um instrumento para a organisar; emquanto isoladas, as Sciencias só poderam constituir a pura methodologia especial, mas o seu successivo appa-

recimento historico (*Mathematica* e *Astronomia* no seculo XVI, *Physica* no seculo XVII, *Chimica* no seculo XVIII, e *Biologia* e *Sociologia* no seculo XIX) é que foi provocando o estabelecimento das suas relações dogmaticas. Uma vez determinadas estas relações, estava fundada a Philosophia particular de cada Sciencia. Produzidas estas syntheses parciaes, que começaram á medida que as sciencias de *inductivas* que eram foram exercendo o criterio *deductivo,* como fundar então uma Philosophia geral? Desde o momento em que se podessem submetter os phenomenos subjectivos ou psychologicos e moraes á positividade das Sciencias cosmologicas, e reconhecer a sua dependencia e harmonia com os phenomenos do mundo exterior, tinha-se por este meio achado a unica base para uma synthese positiva do universo, ou a Philosophia geral. Quando Augusto Comte previu as leis da Sociologia, e demonstrou que todas as leis geraes da Mathematica, da Astronomia, da Physica, da Chimica e da Biologia se exerciam por uma complexidade crescente nos phenomenos sociologicos, mais complicados e particularisados do que todos os outros anteriores, então o criterio positivo passou a ser mais do que um methodo, do que uma generalisação das Sciencias, e tornou-se a expressão de um novo estado de consciencia, isto é, a constituição definitiva da Philosophia geral.

A obra de Comte surgiu principalmente do influxo do meio social, em que persistia a situação revolucionaria do Occidente; emancipado de todo o supernaturalismo aos treze annos de edade, os seus primeiros trabalhos tiveram por objecto os planos de reorganisação social,

que o levaram a investigar a marcha da historia moderna da Europa. D'essa investigação resultou o conhecimento claro do phenomeno de dissolução do regimen catholico-feudal, e da necessidade de fundar um novo *poder espiritual* que substituisse os dogmas, e um novo *poder temporal* que substituisse os privilegios pessoaes. Da comprehensão nitida da marcha da Civilisação occidental, Comte deduziu uma corrente revolucionaria *intellectual,* que fazia a anarchia dos espiritos, e uma corrente *social,* que actuava nas fórmas politicas das nacionalidades, que attingiam o progresso á custa de convulsões. Assim na elaboração da Philosophia positiva, que procurava systematisar a prolongada revolução occidental, em que faltou a preponderancia essencial do sentimento ou da convergencia *affectiva,* Comte começou por instituir o novo regimen mental no *Curso de Philosophia positiva,* e fundou o esboço do regimen social no *Systema da Politica positiva.* A morte não o deixou formular a systematisação suprema do regimen affectivo, que comprehenderia um tratado de Moral e de Esthetica. Estas são as tres partes da gigantesca construcção philosophica do seculo XIX; Comte descreve os contornos geraes da sua empreza, que a maior parte dos discipulos desconhece: «Naturalmente dedicado, quasi ao sahir da infancia, a proseguir com todas as minhas forças a immensa regeneração social profundamente annunciada pelos meus precursores revolucionarios, tive a vantagem de sentir sufficientemente desde logo, que este nobre destino de toda a minha vida exigia antes de tudo uma forte preparação scientifica. Depois de ter completamen-

te satisfeito a esta difficil condição fundamental, por uma longa continuidade de esforços ao mesmo tempo espontaneos e systematicos, eu dirigi desde logo os meus primeiros trabalhos pessoaes para a reorganisação espiritual das sociedades modernas, unica base sólida de uma verdadeira renovação ulterior do seu systema politico propriamente dito. Mas o proprio curso d'esta operação inicial conduziu-me logo a reconhecer — que uma tal empreza social ficaria necessariamente prematura emquanto ella não assentasse sobre uma plena systematisação abstracta de todas as nossas concepções reaes, segundo a qual a rasão commum seria préviamente submettida á gradual iniciação mental que eu tinha préviamente experimentado, e da qual eu julgára até então poder assim dispensar essencialmente o publico. Obedecendo a uma tal convicção, tive de suspender logo no seu principio a minha grande elaboração politica, para consagrar a primeira parte da minha vida publica á fundação de uma verdadeira philosophia, base indispensavel de todos os trabalhos ulteriores de renovação social. — A sua terminação conduzia-me desde logo, segundo o plano natural do conjuncto da minha vida publica, a retomar sobre esta sólida base, a minha elaboração primitiva da reorganisação social que tinha annunciado... Tal devia ser o curso geral da minha evolução philosophica, inevitavelmente dividida em duas grandes épocas, uma acima de tudo *mental*, em que o ponto de vista social não domina senão como principal fonte de systematisação abstracta, a outra eminentemente *social*, em que se trata emfim de reconstituir, segundo uma sã doutrina

prévia, a vida moral da Humanidade. — A reorganisação espiritual das sociedades modernas, em que a minha mocidade vira apenas uma operação unica, decompõe-se necessariamente em duas emprezas successivas, conforme as duas faces simultaneas mas distinctas da nossa existencia moral, segundo se considera a systematisação das idéas ou a dos sentimentos, dupla preparação indispensavel á systematisação final dos *actos* humanos» [1]. Depois de explicar os motivos que o levaram a elaborar a Synthese mental antes da social, Comte define o triplice caracter da verdadeira Philosophia do seculo XIX: «a nova Philosophia corresponde egualmente aos tres grandes aspectos da vida humana, o pensamento, o sentimento e a acção; por conseguinte ella comporta tres modos equivalentes de apreciação fundamental» [2]. É uma Philosophia integral formada por tres Syntheses, a especulativa, a affectiva e a activa, tendo cada uma a sua parte na realisação do estado normal da humanidade.

a) *Systematisação mental.* — Da simples observação da crise revolucionaria do Occidente emquanto á dissolução do regimen catholico, e creação successiva do predominio das Sciencias experimentaes, Comte reconheceu que na consciencia humana se realisava a preponderancia do criterio objectivo sobre o criterio subjectivo. D'aqui resultou que a systematisação d'esta tendencia o levou a caracterisar os estados mentaes da collectividade humana, em que as noções ficticias são substituidas pelas

---

[1] *Testament*, pag. 380.

[2] Ibid., pag. 290.

abstractas e por ultimo pelas concretas; tal é o fundamento da *Lei dos tres estados,* reconhecida por outras designações por Ampère, Spencer e mesmo por alguns contradictores. Á dispersão das Sciencias especiaes, pelo regimen critico da intelligencia individual, Comte acudiu com o estabelecimento da *hierarchia theorica* ou Classificação dos Conhecimentos humanos, cujo encadeamento é unanimemente reconhecido como definitivo. N'esta hierarchisação das Sciencias foi levado a determinar o nexo entre os phenomenos cosmologicos e moraes, e portanto a descobrir como as sociedades humanas estão tambem sujeitas á observação scientifica e á previsão philosophica. Foi assim que lançou as bases da nova sciencia da physica social ou Sociologia.

b) *Systematisação social.* — Pelo exame da grande revolução occidental, Comte viu que com a decadencia do poder feudal coincidia o advento do proletariado na sociedade moderna, e a dignificação do trabalho livre. A laboriosa transformação social da Europa complicava-se com o imperio das doutrinas metaphysicas, e pela intervenção inconsciente das monarchias que se tornaram absolutas. Successivas revoluções sociaes foram definindo ora as noções da *soberania nacional,* ora o principio individualista do *suffragio,* ora a *egualdade civil.* As crises succedem-se com intensidade crescente, desde a Revolução dos Paizes Baixos e luctas do Protestantismo, até á Revolução da Inglaterra sob Cromwel, e á Revolução franceza. Parecia que o progresso era incompativel com a ordem. O espirito revolucionario, actuando ainda nas mais formosas intelligencias, era a consequencia da

impossibilidade de harmonisar esses dois elementos da existencia social. Por uma falta deploravel de uma sã theoria historica da Civilisação da Europa, é que uns ficaram admirando sentimentalmente a Revolução franceza, como origem de todos os progressos modernos, e outros a odiaram organisando um systema de retrocesso, de que as Cartas constitucionaes são o ultimo liâme. A Revolução franceza foi apenas a crise local de um profundo phenomeno geral; conhecel-a, mas não para reproduzil-a, sim para continual-a. É essa continuação o objectivo de uma Politica positiva conduzindo ao estado normal da Humanidade.

A solidariedade das nações occidentaes, que durante a Edade-média se manifestava pela unidade de crença e pela identidade de cultura *mental,* não podia deixar de revelar-se em alguma crise *social* passada em qualquer estado, que devia de fatalmente influir no conjuncto europeu. Vê-se esta intima relação transparecer em todos os abalos, que desde o seculo XIV até ao seculo XVIII se denominam na historia com os nomes de revolução dos Paizes Baixos, revolução da Inglaterra e Revolução franceza. Todos estes movimentos são connexos, e resultantes das mesmas causas de *decomposição* e de *reorganisação,* que foram transformando na Europa o regimen catholico-feudal em uma systematisação gradual da liberdade de consciencia, da liberdade politica e da liberdade civil.

A Revolução franceza, sobre cuja crise local e violenta se completou já um seculo, não póde ser bem comprehendida desde que não fôr relacionada com este as-

sombroso conjuncto de movimentos, em que a parte superior da Humanidade, a Europa, se foi emancipando da direcção do regimen theologico ou ficticio, e do governo pessoal e arbitrario dos chefes privilegiados pelo accidente do nascimento.

A maior parte dos escriptores da historia e da polemica politica tomam a Revolução franceza como um facto isolado, filiando-o quando muito no negativismo dos Encyclopedistas, representado pelas duas escólas de Voltaire e de Rousseau; outros contentam-se em narrar os dramas terriveis ou sanguinarios quer da defeza nacional ou da pressão robespierriana. Amesquinham inconscientemente esse grande phenomeno social, lançando á conta dos individuos iniciativas que não tinham, e, condemnando os crimes e as catastrophes, vêem-se obrigados a glorificar no todo o que parcialmente detestam, por isso que a acção exercida em todos os Estados da Europa e na determinação das bases *mentaes* e *sociaes* do mundo moderno é da mais clara evidencia. Commemorar a Revolução franceza, é julgar syntheticamente esse phenomeno social em que começa o computo da Edade moderna. A humanidade na sua marcha progressiva muda de syntheses, ou de systemas de concepções geraes em que assentam as opiniões, os sentimentos e os interesses; essas mudanças fazem-se por uma evolução natural de decomposição de um passado que se esgota, e de recomposição de novos ideaes que vão fundar a nova concordia.

A passagem das sociedades theocraticas para as aristocraticas effectuou-se nas civilisações antigas com con-

flictos organicos ou revoluções que a Historia não consigna, porque esta observação do homem sobre a sociedade não estava ainda criada, ou os phenomenos sociaes eram attribuidos á intervenção das altas individualidades ou instituidores. Na passagem do regimen aristocratico para a democracia, estes abalos ou revoluções são melhor conhecidos, e o seu exame leva-nos á determinação de leis sociologicas que actuam sobre os individuos, e á comprehensão de um destino ou *estado normal* que as sociedades procuram estabelecer como condição do seu desenvolvimento e bem-estar.

Todas as revoluções que se succederam na Europa até á grande crise da Revolução franceza, e de que ella é a consequencia final, foram essencialmente democraticas, como que definindo a nova constituição da sociedade, procurando concepções e interesses conducentes á verdade positiva e á actividade pacifica. A Europa é verdadeiramente o mais bello campo de observação sociologica, porque desde o fim da Edade-média ella é um organismo completo, em que as fronteiras nacionaes em nada separam emquanto á communhão de espirito nas idéas estheticas, scientificas e philosophicas. É uma grande e bella Confederação moral, cuja situação tende para uma acção commum, sendo a falta de comprehensão d'este destino a causa da esterilidade politica em cada estado que se confina nos seus interesses locaes.

A França é a nação que mais nitidamente se tem preoccupado do pensamento de uma acção commum; é isto o que lhe dá a alta hegemonia que, depois de Roma, exerce entre os povos da Europa, e tambem o motivo

dos heroicos sacrificios e desgraças de que tem sido victima. A Revolução franceza teve para essa nação humanitarista todas as dolorosas perturbações de um regimen que se desmorona, mas a Europa é que teve as vantagens da nova construcção iniciada n'essa tremenda crise local. Emquanto se não conhecesse a marcha historica da Europa na sua intima solidariedade, e separada do particularismo nacional, a Revolução franceza havia de ser julgada como um phenomeno local, e avultariam os actos negativos de destruição. Não admira que os historiadores tenham evitado o ponto de vista geral, restringindo-se á parte descriptiva, uns para exaltarem tudo por um *radicalismo anarchico,* outros para condemnarem, por um *conservantismo instinctivo.*

A unidade da historia da Europa é composta pela uniformidade das mesmas épocas, que orientam a vida de cada estado. A Edade-média, em que dominou geralmente o catholicismo pela unanimidade da crença, findou no seculo XIV; d'ahi até ao seculo XVIII a Europa, transformando a sua synthese social ou systema de doutrinas, entra em uma crise de decomposição ou phases revolucionarias, que mutuamente se ligam como expressão de uma aspiração commum, que dirige os esforços da recomposição. É assim que este regimen revolucionario, umas vezes apresenta o caracter *social,* outras o caracter *mental,* mas em que sempre a sociedade civil tende para definir-se como democratica. Eis a caracteristica d'essa longa crise, que apresenta tres phases fundamentaes: a primeira foi espontanea, e determina-se pela Revolução da Hollanda; a segunda foi no protestantismo, que come-

ça na Allemanha e se accentua na Revolução de Inglaterra; a terceira foi deista, começando pela livre critica encyclopedista e tomando corpo na Revolução franceza. Todas estas manifestações provinham da mesma causa, e por isso as suas revindicações foram progressivas. Os interesses do proletariado foram constituindo o novo direito civil pela acção dos jurisconsultos, e a actividade militar deixando de ser uma garantia da ordem.

A synthese theologica deixou de ter a acquiescencia dos espiritos, e a rasão procurou por um trabalho de investigação scientifica emancipar-se da contemplação das *causas* para entregar-se á observação das *leis*. Esta dupla alteração foi chamada no campo social — revolução, e no campo religioso — heresia. É esta relação que faz com que essas revoluções apresentem ora a preponderancia do aspecto social, ora a do aspecto religioso, mas no fundo sempre simultaneos.

Os dois poderes, *espiritual* da Egreja e *temporal* das realezas feudaes, sentiam que a marcha dos acontecimentos os dissolviam; a lucta de reacção foi systematica, e o esforço de recomposição não tinha bem clara a concepção normal que lhe désse fórma. Na dissolução do papado ou poder espiritual pelo Protestantismo, a Egreja fortificou-se pela politica inquisitorial e pelo jesuitismo, que se apoderou do ensino e do confissionario para comprimir o espirito individualista. Na decomposição do poder temporal da realeza, as monarchias fortificaram-se com os exercitos permanentes, sendo arrastadas a aventuras de conquistas e a luctas de interesses dynasticos ou de familia.

As guerras de religião no seculo XVI, sob a direcção da casa de Austria, foram a consequencia da liga dos dois caducos poderes que se defendiam a todo o transe; a Hespanha, a Italia e a Allemanha estavam debaixo do mesmo sceptro que dirigia a conflagração para o retrocesso da Europa. Foi a politica franceza, que pela paz de Westphalia dissolveu esta tremenda liga das forças conservadoras. Mas, imbecilisado pela devassidão, pela velhice e pela direcção dos jesuitas, Luiz XIV destruiu os planos racionaes da politica franceza, acabando pela revogação do Edito de Nantes com a liberdade de consciencia e mandando arrasar as egrejas e confiscar os bens dos protestantes. Um milhão de industriaes e commerciantes emigra de França, e vae criar a industria da Suissa e da Allemanha do norte, vae criar a actividade scientifica da Hollanda, que então se tornou o fóco luminoso do pensamento europeu, e vae criar a industria e a marinha da Inglaterra, com que ella se torna uma potencia de primeira ordem! É d'esta catastrophe da liberdade de consciencia, que se espalham os germens que produzem em menos de dois annos a Revolução da Inglaterra sob Guilherme de Orange, em que o poder politico se estabelece como expressão da vontade nacional, e em que a opinião publica intervem directamente na acção governativa.

Quando se estuda o seculo XVIII em França, isto é, a elaboração mental dos Encyclopedistas, que antecedeu a convulsão social da Convenção, é na Inglaterra que se procura o fio conductor d'esta corrente, que começa nas relações dos escriptores e philosophos inglezes com o

Club de L'Entresol; mas a França continuava a obra, que os seus elementos dispersos tinham levado para outras sociedades; e mesmo a Revolução da America, prolongamento da civilisação europêa, se por seu turno veiu a influir no momento da crise franceza, ella era a resultante d'essa lucta tenaz do individualismo protestante, que alli depois de vencido se tinha refugiado.

A crise franceza rebenta em 1789, em França, mais avançada do que as outras que a precederam; já não é protestante nem acceita a monarchia. Porém o seu negativismo ainda se envolve no vago deismo, e n'um individualismo subversivo, que a levam ao Terror e ao esgotamento das forças, para cahir pouco tempo depois sob um despota militar, que restaura o catholicismo e as caricatas hierarchias do feudalismo.

A Revolução franceza achava-se dirigida por tres escholas, que pela diversidade das suas doutrinas actuaram quer na sua acção negativa de subversão, ou no seu trabalho reconstructivo, como a surprehendente defeza nacional e a organisação da instrucção publica. A eschola de Voltaire consistia n'uma critica dispersiva, em que atacava os dogmas religiosos, mas acatava a soberania monarchica; a eschola de Rousseau queria o egualitarismo, e impunha á sociedade um Deus naturalista e ideologico; a eschola de Diderot queria a reorganisação da sociedade sem Deus, isto é, sem a ficção explorada pelo corpo sacerdotal, e sem reis, isto é, sem a intervenção militar da força.

Em todo o movimento social, que constitue a trama da historia da humanidade, ha uma corrente de decom-

posição d'aquellas instituições transitorias, a que vae faltando a opportunidade, e um esforço de construcção d'aquelles novos elementos progressivos que se vão definindo. Em nenhuma época se deu mais claramente este facto do que no seculo XVIII; o antigo poder espiritual da egreja, como disciplina e como doutrina, entrou na sua plena dissolução; e o antigo poder temporal do feudalismo militar ou aristocratico viu-se supplantado pelo numero e pela força das classes trabalhadoras. N'esta agitação febril de um seculo, que orientava as intelligencias com as grandes descobertas da physica, da chimica e da biologia, e que suscitava a dignidade politica com a fundação da Republica da America, a dissolução do regimen catholico-feudal operou-se por lados diversos: tres doutrinas preponderaram na insurreição dos espiritos, mas todas tres com um caracter mais ou menos negativo: — Voltaire é o epigone dos que pensavam separados do theologismo e consideravam as religiões um embuste sacerdotal, mas acatava a realeza como uma necessidade e garantia de ordem; Rousseau detestava a desigualdade aristocratica, base d'essa outra iniquidade affrontosa, a realeza, mas não queria a sociedade sem Deus, um Deus naturalista e vago como equilibrio da auctoridade na terra; Diderot, mais franco e logico no seu criticismo, entendia que era tempo de reorganisar as sociedades humanas sem Reis nem Deus. Voltaire demolia o Altar e fortificava o Throno; Rousseau pulverisava o Throno e repintava com um deismo sanguinario o Altar; porém Diderot, acceitando a acção negativa que lhe impunha a corrente do seculo, atirava Throno e Altar para o intermundio dos ferros-ve-

lhos. Elle mesmo ao conhecer a indole scientifica da sua capacidade mental, e a necessidade philosophica do seu espirito para formar a synthese de todos esses elementos que affirmam a superioridade do seculo XVIII, viu que a sua missão era mais negativa do que reconstructiva, e definiu-se em uma simples phrase, dizendo da sua acção demolidora: *Je n'ai pas donné ma mesure.* Isto é: Eu não mostrei aquillo de que sou capaz.

E, comtudo, a sua influencia enche todo o seculo XVIII; bastava esse poder de coordenação e de conciliação, com que no meio da tendencia dispersiva do negativismo critico, elle consegue ligar todos os espiritos, todas as capacidades em um esforço simultaneo, a *Encyclopedia*, onde pela primeira vez se fórma a synthese objectiva das sciencias, e onde o industrialismo moderno sae do empirismo tradicional para transformar-se pela technologia. Durou trinta annos esse esforço de vontade, em que Diderot venceu as incompatibilidades de humor de uns, a inercia de outros, o temor de muitos, sempre ameaçado com a Bastilha, e não poucas vezes vendo que os jesuitas falsificavam o seu trabalho de connivencia com o editor da *Encyclopedia.* Diderot dispersava em fragmentos nas conversas da sociabilidade dos salões do seculo XVIII aquellas idéas scintillantes que reunidas dariam uma definitiva synthese philosophica; nos livros dos espiritos mais emancipados d'esse seculo, lá está o seu traço genial, como nas obras do barão de Holbach, de Helvetius e de Raynal.

Era um sol fecundante; a Arte deveu-lhe suggestões de primeira ordem, dirigindo pelas suas criticas espiritos

como Chardin, Fragonard, Falconet, Vernet, Houdon, Greuze e Grétry; ou transformando o drama antigo aproximando-o da natureza, creando esse typo romantico adoptado por Sedaine, Lessing, Goëthe e Schiller. A mesma acção que imprime á Arte e á Sciencia, leva-a tambem para a Philosophia, cuja doutrina social foi admiravelmente comprehendida por Condorcet, e levada á pratica na acção politica de Danton.

Emquanto Voltaire propaga esse scepticismo frivolo e sem destino, a que chegam todos os espiritos superficiaes; emquanto Rousseau se tornou o oraculo do radicalismo descabellado, dos terroristas de 93 e dos anarchistas de todas as agitações, Diderot é o unico espirito que reconhece a necessidade de uma acção constructiva, e embora não exercesse directamente essa missão, o seu trabalho n'este sentido é que o collocou em condições de influenciar do modo mais profundo sobre a grande pleiade dos pensadores do seculo XVIII, e do seculo presente na consagração do dia 30 de julho o considerar como o cooperador consciente da sua emancipação.

Reorganisar a sociedade sem Deus nem Reis, disse elle: as sciencias eliminaram essa causa ficticia, abandonando os problemas de principio e finalidade; e as sociedades pela democracia industrial e pacifica vão eliminando esses restos da organisação militar antiga que se chamam os reis. Diderot traçou o sulco; desenhou a orbita da transformação social, com a nitidez de um globo luminoso que atravessa o espaço.

Todas estas escólas se representam na acção revolucionaria: a de Voltaire em Mirabeau, sem fé na transfor-

mação social; a de Rousseau, em Robespierre, que decretando o deismo estabelece a base do retrocesso; e a de Diderot, que produz o grande genio activo de Danton, que estabelece a defeza da nação sobre a liga conservantista da Europa, e o espirito theorico de Condorcet, que filia a Revolução á marcha geral da humanidade. A incoherencia de doutrinas é que fez com que a synthese nova não fosse realisada pela Revolução, e que um seculo passasse sobre ella sem que o seu programma se cumprisse. No emtanto, o trabalho scientifico e industrial é assombroso, e é esta a condição para que a geração que nos vae succeder leve á pratica a constituição politica normal, para que a humanidade tende.

c) *Systematisação affectiva.* — Na transição do mundo antigo para a sociedade feudal, o *sentimento,* quer na fórma religiosa do christianismo, quer na fórma heroica da cavallaria, serviu de apoio a essa transformação profunda da existencia humana. Não aconteceu assim na transição da Edade-média para a éra moderna; as modificações da mentalidade, com o aspecto subversivo de insurreições *intellectuaes,* e as reformas *sociaes* com os abalos de explosões temporaes, tornaram longa e intensa a revolução occidental, porque lhes faltou a necessaria presidencia do *sentimento.* Porém esse delirio chronico dos dialecticos e ideologos, e dos demagogos radicalistas teria embaraçado o advento do progresso moderno, se as manifestações espontaneas da existencia affectiva não sustentassem as condições naturaes da ordem. N'esta revolução que vem do seculo XIII ao seculo XVIII, e que ainda embaraça a reorganisação da sociedade, póde-se

verificar o grande principio formulado por Comte: *les sentiments soutiennent seuls l'ordre occidental* [1]. É na creação das Litteraturas meridionaes, produzidas pelas novas nacionalidades, que brilha a força unificadora do sentimento, dando a todas ellas a expressão das mesmas emoções e das mesmas aspirações; perante o documento affectivo das Litteraturas, a Europa, retalhada pelas luctas religiosas e pelos odios politicos, é uma confederação moral, em que todas collaboram para uma harmonia superior da consciencia. Sobre este facto, conclue Gaston Paris: «A historia litteraria do mundo moderno é a da influencia dos povos uns sobre os outros, e da sua successiva hegemonia: é umas vezes um, outras vezes outro, que encontramos iniciando a evolução que outros têm de realisar em seguida» [2]. É verdadeiramente um concurso affectivo. E emquanto na Europa, a começar no seculo XIII, irrompem a dissolução do dogma catholico e as luctas communaes, a França pela universalidade da sua litteratura realisa uma completa hegemonia moral. Foi esta grande verdade historica sustentada pela forte erudição de Victor Le Clerc, no *Discurso sobre o estado das Lettras e das Bellas-Artes durante o seculo XIV em França* [3]. Littré, apreciando as conclusões do trabalho do sabio critico, aproximou-as das vistas philosophicas de Augusto Comte, de que são uma comprova-

---

1 *Catechisme positiviste*, pag. 25.

2 *La Poésie du Moyen-Age*, pag. 34.

3 *Histoire littéraire de la France*, t. XXIV.

ção plena. É admiravel esta concordancia da lucidez do critico com a justeza da synthese do philosopho. Transcrevemos as palavras de Littré: «Um erudito afamado, o homem que na Europa melhor conhece a historia litteraria da Edade-média (e é sobretudo de idéas que aqui se trata), M. Le Clerc, dá como conclusão do seu grande *Discurso,* que o seculo XIV é caracterisado pelo *enfraquecimento da antiga unidade catholica, e pela dissolução proxima da sociedade feudal.* Estes dois termos abrangem toda a revolução moderna no seu começo. O que torna notavel este encontro entre o philosopho e o erudito, é que este não recebeu nenhuma influencia d'aquelle. Quando os documentos lhe passaram pela mão, quando os classificou e interpretou, a luz que elles projectaram foi decisiva, e o caracter do seculo appareceu-lhe na sua realidade. Aquelles que, lendo o philosopho, duvidarem da certeza do seu ponto de vista, não têm mais do que compulsar o *Discurso* do erudito; aquelles que, lendo o erudito, quizerem saber a ligação theorica das differentes partes da Edade-média, podem recorrer ao philosopho» [1]. Pela obra de Victor Le Clerc vê-se como os productos da imaginação franceza, cantos lyricos provençaes, gestas heroicas frankas, e novellas amorosas da Bretanha alimentaram o sentimento europeu, acordando o genio esthetico na Italia, na Hespanha, na Allemanha e na Inglaterra, de Portugal á Scandinavia. Escreve Le Clerc: «Sob esta especie de republica christã, da qual

---

[1] *Etudes sur les Barbares et le Moyen-Age,* pag. 373.

uma fé commum tinha feito e perpetuado a unidade, a França dos seculos XII e XIII teve um ascendente, que esta não readquiriu mais assim tão completo quando esta unidade foi quebrada, e que as diversas nações, trabalhando de ora em diante cada uma para o seu destino e sua gloria á parte, se disputaram com uma emulação que ainda dura, um primado que ellas outr'ora pareciam reconhecer em um só povo. D'onde vinha este perstigio? Dil-o-hemos em poucas palavras: a França tinha antes de tudo conquistado as almas por um attractivo que depois se lhe contestou, pela poesia. Deixemos com effeito todos os seus outros meios de influencia e de auctoridade, alguns grandes reis, exercitos bellicosos, expedições longinquas, escholas afamadas por toda a parte, os seus theologos, os seus philosophos, os seus historiadores; lembremo-nos sómente que ella teve poetas, poetas em lingua vulgar, que foram comprehendidos e imitados immediatamente pela Inglaterra, Italia, Allemanha, paizes scandinavos e no Oriente». Littré completa este bello quadro da preponderancia affectiva da Litteratura franceza quando as linguas romanicas começavam a ser escriptas: «Foi todo este grupo que deu o seu applauso aos cantos vindos da França. Muitas d'estas poesias perderam-se; o que ainda resta depois de um longo olvido, reapparece hoje á luz. Póde-se formar um juizo. Vê-se bem que lhes falta o genio individual, que imprimisse pelo estylo o cunho da immortalidade; mas não lhes falta um genio collectivo que soube satisfazer ao ideal do tempo, e crear uma variedade de heroes, de heroinas e de situações tão vivas na nossa imaginação como as mais

bellas da antiguidade» [1]. Esta creação de uma unidade sympathica na Europa fez com que as novas litteraturas se fossem succedendo na sua impulsão hegemonica; a Italia tira dos rudimentos trobadorescos o bello lyrismo petrarchista, e dos *fabliaux* as graciosas novellas que preludiam o romance moderno; Portugal inicia as fórmas da novella cavalheiresca em prosa tiradas dos themas amorosos da Tavola-Redonda; a Hespanha influe na França pelo romance picaresco e pelas comedias famosas; a Inglaterra, em De Foe, Richardson e Fielding, cria o romance moderno, e a Allemanha determina pela elaboração dos seus elementos tradicionaes a corrente do Romantismo, em que a Edade-média condemnada pelo negativismo encyclopedista é idealisada pela elaboração esthetica do seculo XIX. Não ha aqui uma decadencia, mas sim um concurso successivo para a creação de uma Litteratura universalista, que, realisando pelo sentimento a unidade sympathica da Europa, coadjuve o advento da futura unidade synthetica pelo imperio das verdades positivas, e a unidade synergica pelo regimen da actividade pacifica da industria. Concluimos com Littré no seu bello estudo sobre a obra de Le Clerc: «A substituição de um ponto de vista geral a um ponto de vista particular, de um interesse geral a um interesse particular, esclarece tudo e domina tudo. Assim uma mesma noção superior rege a historia politica e a historia litteraria das nações occidentaes, e não é um dos menores fructos da Edade-

---

[1] *Etudes sur les Barbares*, pag. 447.

média o achar ahi a origem e os primeiros fundamentos» [1]. O conhecimento da marcha da revolução occidental leva o espirito a prevêr o seu desfecho em uma éra de normalidade; essa solução prevista pela intelligencia philosophica, e aspirada pela actividade industrial, só poderá realisar-se pela cooperação do sentimento. É esse o supremo ideal que se apresenta aos artistas, aos poetas, aos litteratos, que malbaratam o poder da expressão esthetica nos contrasensos de uma desorientação, que se denomina *fin de siècle.*

FIM DO VOLUME I

---

1 *Etudes sur les Barbares,* pag. 453.

INDICE

Pag.

reliminar..... v

troducção: *A dissolução do Romantismo e a depressão do espirito nacional*..... 1

§. I — Relação do regimen parlamentar com o Romantismo..... 6

1.º — Almeida Garrett..... 25

2.º — Alexandre Herculano..... 45

§. II — A intervenção armada de 1847 e o Ultra-Romantismo..... 64

§. III — A geração sem protesto e o sentimento de Patria..... 100

LIVRO I

Os Ultra-Romanticos

Cap. I — Rebello da Silva..... 117

Cap. II — Mendes Leal..... 174

Cap. III — Soares de Passos..... 205

Cap. IV — Camillo Castello Branco..... 240

LIVRO II

Dissolução do Ultra-Romantismo

Pag.

Cap. I — *Origens doutrinarias da Eschola de Coimbra*.. 287

1.º — Victor Hugo..... 298

2.º — Balzac e o naturalismo no Romance..... 313

3.º — Michelet e a moderna comprehensão da Historia..... 346

4.º — Vico, Hegel e Comte..... 363

A) Vico e o estudo das Tradições poeticas..... 363

B) Hegel e a comprehensão das creações estheticas..... 383

C) Comte, sua disciplina mental, e a systematisação do regimen revolucionario..... 417

Braga, Theophilo
As modernas idèias na
litteratura portugueza

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9050
B7
1892
v.1

Braga, Theophilo
As modernas ideias na
litteratura portugueza

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 04 13 015 7